

MESTRADO

ARQUITECTURA

Proposta de monografia sobre
a obra completa do arquitecto
Germano de Castro Pinheiro
[1913–1992]

Germano de Castro Pinheiro

M

2015



Os meus sinceros agradecimentos,

*ao Professor Doutor Luís Soares Carneiro pela constante disponibilidade e orientação,
à família do arquitecto pela troca de ideias e pelo apelo à memória,
à Mónica pela colaboração ao longo de todo este tempo,
ao Artur pelo motivado contributo nesta recta final,
aos meus pais e irmãos pela responsabilidade de ter escolhido este caminho,
à Mafalda pelo apoio e pela compreensão da ausência,
à Mafaldinha e à Matilde por me darem a motivação necessária para não desistir.*

ÍNDICE

RESUMO / ABSTRACT

I Parte

1. Introdução	
1.1 Motivações na escolha do tema	11
1.2 Objectivos	12
1.3 Objecto de Estudo	14
1.4 Metodologia de Investigação	15
1.5 Estrutura do trabalho	18
2. Biografia	
2.1 Nota introdutória	20
2.2 Biografia	21
2.3 O escritório de Germano de Castro Pinheiro	23
2.4 Personalidade	26
3. Contextualização Histórica	
3.1 Nota sobre abordagem à obra	29
<i>Anos 20 e 30</i>	31
<i>Anos 40</i>	33
<i>Anos 50</i>	38
<i>O caso do Porto</i>	41
<i>Anos 60</i>	43
<i>Anos 70</i>	44
4. Leitura do Conjunto da Obra	45
5. Conclusão	54
BIBLIOGRAFIA	56
LISTA DE IMAGENS	61

ÍNDICE

II Parte

1. Obras Seleccionadas

1.1 Casa de Chá Bom Doce (1938)	69
1.2 Casa Bento Amorim (1940).....	77
1.3 Sede da Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil (1950)	85
1.4 Blocos Nova Sintra (1950)	95
1.5 Colónia Balnear (1951)	101
1.6 Bairro Caixa Têxtil (1951)	107
1.7 Posto Médico de Santo Tirso (1955)	117
1.8 Posto Médico de Negrelos (1955)	125
1.9 Posto Médico de Vizela (1960)	133
1.10 Casa do Castanhal (1960)	139
1.11 Fábrica de Confeções (1960)	147
1.12 Posto Clínico de Beja (1961)	153
1.13 Conjunto Quintas e Quintas (1963)	159
1.14 Posto Médico de Vila do Conde (1964).....	167
1.15 Centro Paroquial de Caxinas (1967).....	175
1.16 Casa Abílio Quintas (1969)	181
1.17 Maresia (1972)	189
1.18 Casa José Abel Nogueira (1977)	197
1.19 Edifício Rua Marechal Saldanha (1983)	203
1.20 Impetus (1987)	209

III Parte

Catálogo de Obra Completa	215
--	-----

CRÉDITOS DE IMAGENS	264
----------------------------------	-----

ANEXOS

<i>Entrevista (excertos) ao arquitecto Nuno Portas</i>	268
<i>Entrevista (excertos) ao arquitecto Alexandre Rodrigues</i>	274
<i>Cronologia</i>	279
<i>Tabela de Referência da Obra (excerto relativo a Material de Arquivo)</i>	292

RESUMO

PT

Na presente Dissertação aborda-se a obra completa do arquitecto Germano de Castro Pinheiro [n.1913, Figueira da Foz – m.1992, Vila do Conde], realizada entre o final da década de 30 e a década de 80 do século XX, por se considerar ser relevante no panorama arquitectónico português deste período. Este conjunto, formado por cerca de duzentos projectos, acrescenta um fragmento histórico original ao contexto em que se insere, assim como apresenta um valor arquitectónico próprio que justificam a sua análise.

Este documento será o primeiro esboço na preparação da monografia deste Arquitecto, agendada para ser publicada no início do ano de 2017, pretendendo-se por esta via restituir um espaço histórico no actual panorama cultural, assim como conferir-lhe um carácter público disponibilizando todo o seu espólio para consulta em entidade pública.

O trabalho do arquitecto Germano de Castro Pinheiro adquiriu com o passar do tempo um lugar de anonimato, fruto da existência de muito poucos documentos de suporte ou de divulgação da sua obra, como sucedeu a outros autores dessa época, motivo pelo qual se pretende agora tirar partido do acesso privilegiado que se tem ao seu espólio para dar resposta ao interesse que se identificou existir pelo conhecimento da sua obra, reconhecendo a importância que esta teve à sua época.

A história elege as suas referências nos diversos momentos em que vai sendo construída e o arco temporal agora abrangido encontra-se já amplamente estudado, esperando-se, contudo, que este contributo possa pela sua relevância e originalidade trazer a este último uma nova perspectiva.

O processo de realização desta dissertação abrangeu principalmente as áreas da arquivística e da história, tendo-se desenvolvido as duas em paralelo e a duas escalas, a do conjunto da obra completa e a do projecto singular.

À primeira foi importante conferir-lhe uma arrumação que permitisse que o actual documento não tratasse apenas uma temática específica, mas antes que o mesmo possa servir outras leituras e outros estudos, tratando e inventariando todos os elementos que foi possível reunir, descobrindo-se neste processo a metodologia e versatilidade do arquitecto Germano de Castro Pinheiro.

A escala do projecto singular obrigou a uma análise mais aprofundada de cada caso, resultando na escolha de um conjunto de obras de maior interesse e que se poderão entender pelo seu destaque como o caso de estudo desta dissertação, sendo que deram origem ao capítulo das Obras Seleccionadas. Esta escolha irá também espelhar-se na futura monografia, tornando-se este o conteúdo principal da mesma por se considerarem ser os projectos de maior interesse para um público abrangente, o que pesou também na forma como são apresentados.

Organizaram-se os demais projectos em forma de catálogo, Parte III, possibilitando assim a existência de novas leituras que sirvam de suporte de diferentes teses ou ao estudo de outras temáticas. Os restantes conteúdos necessários até à sintetização agora apresentada irão estar

presentes pontualmente na definição da linha estruturante de toda a parte I, assim como na leitura global que se propõe sobre o trabalho.

No seu todo procurou-se que o trabalho não se encerrasse no passado, mas antes que se apresentasse como um diálogo entre a interpretação do contexto histórico da época e uma visão realizada *a posteriori*, isto é, beneficiando de um conhecimento geral da evolução desta obra assim como da arquitectura portuguesa e dos respectivos movimentos dos quais fez parte.

Conclui-se hoje que o conjunto da obra do arquitecto Germano de Castro Pinheiro se apresentou sobretudo por um forte sentido pragmático justaposto ao seu apurado sentido estético assente no seu tempo e contexto, podendo-se por esse motivo sugerir que do seu conhecimento se poderá retirar uma aprendizagem na disciplina da arquitectura.

ABSTRACT

ENG

This Dissertation presents the complete works of the architect Germano de Castro Pinheiro [b. 1913, Figueira da Foz - d.1992, Vila do Conde - Portugal], focusing on his creations between the late 1930's and the 1980's. This period of time is considered to be the most relevant within the Portuguese architectonic panorama. This ensemble, formed by roughly two-hundred projects, adds an original historical fragment to the context in which it was born, while presenting its own architectonic value which justifies its study.

This document will be the first draft for the presentation of the monograph from this architect, which is expected to be published by the beginning of the year 2017. The aim is to bring light to this architect's work in the current cultural panorama and, through providing full information on his collection, to make it accessible to public consultation.

The work of the architect Germano de Castro Pinheiro acquired in the course of time a place of anonymity, as a result of lack of documents related to his work that would attest his ownership and disseminate his productions. This fact was common to other authors of his time. Taking advantage from having privileged access to his documents and work, while considering the notorious interest of knowledge of this architect's endeavor, it is now time to counteract the anonymity and acknowledge his importance.

History elects its own references in the diverse moments of its construction and the time frame now being focused on has already been extensively studied, nevertheless it is expected that this dissertation can bring relevant and original facts in order to enable a new perspective.

The process of realization of this dissertation covered mainly the areas of archival research and history, having developed both in parallel and in two different levels: one of the complete works and other of the singular projects.

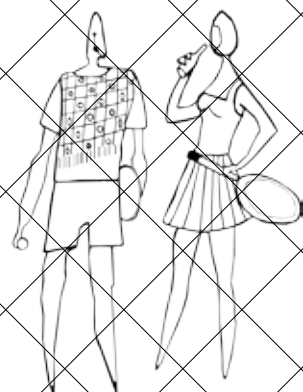
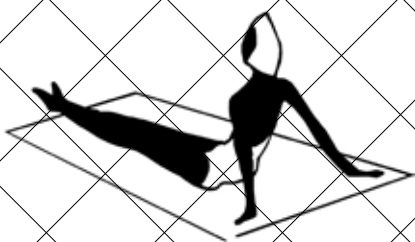
To the first level it was important to give it a certain format that would allow not focusing on one single specific theme, on the contrary to give it a wider perspective to encourage other readings and other studies. Through the analysis and the inventory of all the elements possible to gather, one may discover the methodology and versatility of the architect Germano de Castro Pinheiro.

Regarding the level of the singular projects - this has demanded a more meticulous in-depth analysis of each case, resulting in the selection of a set of works of great interest. These may well be considered the case study of this present dissertation, having originated the chapter "Selected Works".

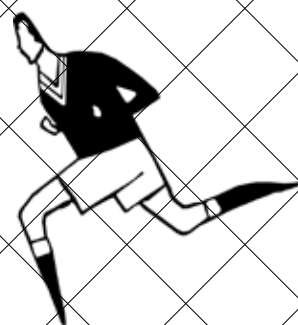
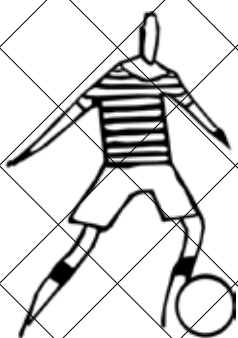
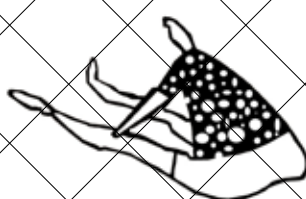
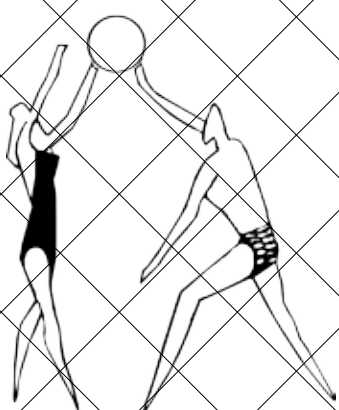
This choice will also mirror itself in the future monograph, becoming this the main content of this work, since these specific projects are the ones of greatest interest to a comprehensive public, which has also weighed on how they are presented.

The remaining projects were listed as a catalogue, Part III, enabling new readings and bearing in mind that this may serve to support different theses or the study of other topics.

All other relevant contents until the hereby presented synthesis will be present along Part I, as well as in the global reading of this work.



PARTE I



PARTE I

1. Introdução

1.1 Motivações na escolha do tema

«Escolha do tema – ele escolheu-me!»

A iniciativa e motivações na escolha do tema/objecto desta Dissertação são de génese afectiva, embora rapidamente transpostas para uma exigência profissional, requerida quer pela densidade do espólio como pelo desafio proposto de abarcar a obra completa nesta análise. A minha licenciatura foi terminada em 2006 com o compromisso “informal” familiar de continuar a investigação sobre a obra do meu avô, na altura no formato de Prova Final e apenas com a informação que já estava acessível, até à publicação de um documento capaz de dar a conhecer o seu trabalho. Esta dissertação aborda a totalidade do espólio, considerando a partir daqui estarem reunidos os elementos necessários para a edição de uma Monografia, cujos conteúdos serão seleccionados a partir deste documento com aprovação científica.

No contexto estritamente pessoal, este momento acaba por ser enriquecedor num percurso já estabilizado na prática da Arquitectura, introduzindo-lhe uma pausa e trazendo assim um desafio provocador de novas formas de reflexão sobre o objecto arquitectónico, introduzindo novas metodologias de análise e de explanação de problemas através da escrita. Encara-se também este como um tema ligado à prática por possibilitar a descoberta de um conjunto de projectos que hoje se analisa com um distanciamento temporal, revendo as mesmas temáticas de hoje mas num contexto cultural diferente, que permita perceber a complexidade do exercício de projecto se pensado ao longo da sua duração no tempo.

Se por um lado se arranca com a tranquilidade de saber que o tema será um contributo original e inédito para a história da arquitectura portuguesa num dos seus períodos mais marcantes, por outro sente-se uma acrescida responsabilidade no sentido em que o mesmo seja cientificamente relevante e cuidadoso para que possa verdadeiramente tornar-se uma pequena peça desse contexto.

A abordagem à obra completa de Germano de Castro Pinheiro permitiu sedimentar algumas ideias de arquitectura a partir da forma como se lê e interpreta o percurso de um autor e o conjunto da sua obra completa, assim como aferir o curso da história segundo um novo referencial, um referencial do qual a obra do arquitecto Germano passa a ser parte integrante e interferente.

1.2. Objectivos

Nesta Dissertação propõe-se uma reflexão assente no tratamento documental dado à obra completa do arquitecto Germano de Castro Pinheiro, aqui pela primeira vez reunida e organizada com vista à futura publicação de uma Monografia que torne acessível e conhecido este conjunto de projectos.

Este objectivo principal, comum a esta Dissertação e à Monografia que virá a ser publicada, concretiza-se pela recolha e tratamento de toda a informação existente sobre o trabalho do arquitecto Germano de Castro Pinheiro conferindo ao seu espólio um sentido e dimensão histórica, enquanto conjunto pertencente à Arquitectura Portuguesa do século XX, tornando-o disponível para consulta o que possibilitará por essa via novas leituras críticas ou futuras investigações. O desafio na proposta de uma organização e interpretação da obra completa de Germano de Castro Pinheiro está em partir se quase exclusivamente de elementos de génese arquitectónica, obra construída ou peças desenhadas, e daí procurar delinear matrizes sobre o seu trabalho sem que existam dados sobre qualquer referência teórica que lhes tenha sido orientadora.

A divulgação deste conjunto de projectos permitirá tornarem-se parte integrante de um referente mais amplo de transformações que se deram entre a década de 40 e a década de 80 do século XX, época a que pertencem e que circunscreve um período particularmente marcante para a arquitectura portuguesa.

Todavia é importante assinalar que Dissertação e Monografia não constituem um mesmo documento, sendo que a continuidade entre os dois não reside no facto de serem *fac-similados*, mas em tirarem reciprocamente partido da génese de cada um de forma criteriosa. Ambos partilham um mesmo objecto de análise, um mesmo objectivo principal, assim como o capítulo dedicado às principais obras, mas a forma como se organizam e apresentam os conteúdos serão forçosamente diferentes dadas a natureza e finalidade de cada um. Na definição de intenções torna-se assim necessário separar o que faz parte do trabalho académico especializado na área de arquitectura e o que fará parte de um projecto editorial que se destina a dar a conhecer um conjunto de obras arquitectónicas a um público geral e não necessariamente especializado. O capítulo referente às *Obras Seleccionadas* será o tronco comum entre estes dois documentos por ser na verdade o mais importante e original conteúdo científico de ambos os trabalhos. O capítulo foi concebido com esse propósito, desde logo na definição dos critérios de escolha das obras que o compõem e que se entendeu serem as mais representativas do conjunto de obra em análise, tendo por isso apostado nas componentes gráficas e de análise que permitissem uma leitura mais aprofundada dos projectos. A partir deste eixo comum, a Dissertação apresenta as vertentes envolvidas num trabalho de tratamento em primeira mão de um vasto espólio, dando conta de todo o processo envolvido na reunião, definição de critérios de catalogação e organização de documentos com vista a atribuir-lhe unidade e consequentemente formular uma análise crítica à obra arquitectónica que representa.

A Monografia irá usufruir desta abordagem sistemática tirando partido dela na apresentação dos conteúdos, seleccionando os de maior destaque e relevância para o leitor, fazendo

acompanhar as obras por três textos críticos, um do autor e dois outros por convidados especialista na área da arquitectura e história. Estes textos de autor permitirão abrir novas perspectivas sobre a obra arquitectónica de Germano de Castro Pinheiro procurando deixar o testemunho sobre o interesse que acarreta no panorama da arquitectura portuguesa.

Esta Dissertação tem objectivos delimitados pela sua natureza académica, pelo que se procurou fixar neste documento uma síntese que seja indubitavelmente um reflexo do processo envolvido na abordagem ao espólio, os princípios definidos na sua organização de modo a servir de base de divulgação e consulta da obra de Germano de Castro Pinheiro. Procurou-se definir uma posição clara do autor desta investigação e valorizar a missão de divulgação do objecto de estudo. A leitura crítica tem por isso requisitos fundamentais que passam por conferir uma unidade e posicionamento histórico de um vasto conjunto de projectos arquitectónicos, assumindo-se perante a pessoa e o arquitecto em análise uma proximidade evidente, facto que se pretende não sobrepor à fundamentação do trabalho.

Se no início desta Dissertação se poderia estar tentado a fazer uma colagem do objecto de estudo a um determinado estilo ou movimento marcante da época em que foi projectado, cedo se percebeu que este vasto conjunto de trabalhos de que é formado não poderiam ser engavetados num ou em mais estilos estanques entre si. A obra arquitectónica do arquitecto Germano de Castro Pinheiro não corresponderia a uma expectativa de estilo, pelo que enveredar pelas leituras mais padronizadas poderia tornar-se redutor ou simplesmente uma interpretação pré-concebida e forçada dos verdadeiros princípios que orientaram o processo de cada projecto. Conscientes desse risco procurou-se que o exercício de análise se afastasse de rótulos, sabendo naturalmente à partida que o contexto histórico seria uma das características que tiveram influência na obra deste arquitecto, mas que sobretudo importaria percebê-la nas suas particularidades, na forma como evoluiu e os princípios sobre os quais assentou o desenho do arquitecto.

A realização da Monografia, com acertos de conteúdos e de processo que vão para além da conclusão desta Dissertação, será um elemento fundamental de acesso à obra por possibilitar a consulta a todos os interessados que possam assim importar este exemplo para outros bocados da (sua) história, integrando-o junto com outros arquitectos e discutindo-o noutros contextos que não sejam os circunscritos nesta investigação. Nesse sentido o projecto editorial deverá servir como um veículo de mais fácil e amplo acesso do que a presente Dissertação. A colocação do espólio para consulta numa instituição de referência é um processo que se encontra em curso, com o objectivo de o retirar do *atelier* onde agora se encontra e transportar para o conhecimento público o seu valor através de um tratamento e catalogação especializadas, representando este passo um elemento adicional articulado com a Monografia. Desta futura parceria resultará o tratamento de arquivo especializado, que se traduzirá numa melhor preservação da qualidade do próprio suporte, no melhoramento das digitalizações disponibilizadas e numa organização normativa e perceptível para qualquer entidade científica.

Sem se querer estar a cometer alguma imodéstia, este conjunto de documentos (Dissertação, Monografia e Espólio) esgotará o material disponível para investigação sobre este

arquitecto e a sua obra, circunscrevendo a sua matéria-prima existente. O material disponível no início desta investigação era de facto muito reduzido e apenas conhecido a partir do arquivo da despesa daquele que foi o principal *atelier* de Germano de Castro Pinheiro no Porto. Para além deste material, havia alguma curiosidade sobre o que se poderia encontrar nas diversas entidades licenciadoras, o que, como se veio a revelar, acabou por ficar acima das expectativas, tendo a boa colaboração estabelecida com Câmaras Municipais e Arquivos sido fundamental na cedência de material, original e até à data desconhecido, sem quaisquer reservas.

1.3 Objecto de Estudo

A presente Dissertação tem como objecto de estudo a obra completa do arquitecto Germano de Castro Pinheiro, ambicionando por esse motivo abarcar todo o espólio existente, arquivo pessoal, familiar, camarário, construído, memória, fotográfico e publicações. Tratando-se de uma informação até à data desconhecida e dispersa, a própria definição dos limites deste “objecto de estudo” foi durante grande parte do trabalho uma incógnita que só quase no final se acabou por decifrar, resultando num conjunto de projectos muito superior ao inicialmente previsto.

Embora não existam meios de afirmar com exactidão que o conjunto de obras atribuídas ao arquitecto Germano de Castro Pinheiro se encontram aqui esgotadas, por não se conhecer nenhuma listagem de toda a sua extensão, está-se em crer que os cerca de duzentos projectos identificados estarão próximos desse objectivo. A concretização da Dissertação esteve dependente desta capacidade de definir e dar consistência ao objecto de estudo de tal forma que possibilitasse uma arrumação e análise sustentadas.

Circunscrevendo-se a obra completa, que aqui se estrutura em catálogo organizado cronologicamente, escolheu-se um conjunto de projectos representativos de todo o conjunto e que se julgou serem de maior interesse, resultando num “sub-objecto” apresentado mais em pormenor no capítulo *Obras Seleccionadas*. Contudo, não será intenção de através desta selecção inibir qualquer outra possível leitura ou abordagem de investigação, aceitando-se inclusivamente que remetam para outro tipo de propostas organizativas, mas antes oferecer um panorama qualitativo geral da obra. Através desta selecção procurou-se sobretudo ir de encontro às características arquitectónicas mais significativas que fazem o projecto se destacar e que constituíssem o princípio para a uma análise contextualizada e desenvolvida.

1.4 Metodologia de Investigação

No seguimento da vontade de definir o objecto de estudo, o primeiro passo na abordagem ao trabalho teria de ser conhecer e reunir toda a informação que se sabia ter ficado omissa¹ para além da existente no próprio arquivo do escritório, com a qual já havíamos trabalhado, abrindo múltiplas frentes possíveis de recolha, explorando todas as fontes.

Esta pesquisa acabou por revelar uma densidade de documentos cuja gestão seria uma componente fundamental no processo de trabalho e representaria uma fatia temporal muito significativa na investigação. Este trabalho arquivístico, de natureza diferente do objectivo inicialmente proposto, possibilitou (re)definir o objecto de estudo e construir uma aproximação à obra completa do arquitecto Germano de Castro Pinheiro, até então inexistente por se encontrar dispersa e desconhecida, sendo a sua unidade resultante exclusiva deste processo de investigação.

Assim, a pesquisa desenvolver-se-ia paralelamente entre o tratamento do arquivo do escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos e a pesquisa em arquivos externos.

O primeiro identificava cerca de 80 projectos num total de 120 rolos de processos, assim como uma listagem aproximada de alguns desses desenhos e processos. Aí encontraram-se grande parte dos projectos que se considerariam mais significativos da sua obra, pelo que esse constituiu um ponto de partida de grande importância e solidez. O processo de registo estendeu-se por cerca de cinco meses, desde o reconhecimento e identificação dos projectos, cruzando elementos tão diferenciados como as listagens existentes com os desenhos “anónimos” e as obras construídas que já se conheciam, até ao necessário tratamento fotográfico das peças desenhadas.

O segundo conjunto, os arquivos públicos, representavam uma via totalmente por explorar, logo seriam uma constante fonte de novos projectos à medida que o seu acesso se tornava possível e seriam trabalhados, exigindo uma constante reavaliação metodológica sobre o processo de definição do objecto de estudo. Este necessitava de sistematizar a documentação e informação proveniente de diversas fontes arquivísticas, existente em formatos e locais variados, tentando sintetizá-la num sistema de organização que permitisse posteriormente cruzar e comparar as diferentes obras.

Em síntese, não se tratando de um processo sequencial mas antes de uma articulação constante entre as diversas fases, poder-se-ia referir os seguintes passos:

Consulta e recolha de arquivo existente directamente relacionado com o autor em estudo (Arquivo profissional; Arquivo Familiar; Arquivos Históricos e Municipais); seguindo-se a análise e interpretação desta documentação; sistematização dos diferentes dados referentes aos projectos; levantamento desenhado e fotográfico da selecção de edifícios; composição de textos descritivos e de enquadramento da obra e do autor; ensaio sobre o posicionamento da produção face às práticas contemporâneas da obra; pesquisa em bibliografia de referência na área da arquitectura moderna e portuguesa, história e ciências sociais através da consulta de livros, monografias, artigos de revistas de referência em torno da época em estudo, catálogos e

1. Após a realização da Prova de Licenciatura na FAUP em 2006 intitulada *Germano de Castro, um percurso na Arquitectura*.

exposições e a criação de uma cronologia do autor e dos acontecimentos que se consideraram mais relevantes.

Em relação ao tratamento da documentação física dos projectos, será de realçar numa primeira fase a necessidade de se proceder a um registo fotográfico de uma parte substancial dos desenhos, como forma única de se ultrapassar a dificuldade de manusear esta informação contida em papel de grande formato, permitindo organizar uma primeira base de dados gráfica dos projectos. Mais tarde e após uma selecção de duzentos desenhos mais representativos, estes foram então digitalizados com alta qualidade.

Como complemento e forma de aprofundar o contexto em que se desenvolveu esta actividade, realizaram-se algumas conversas, em forma de entrevista, recolhendo depoimentos junto de fontes individuais que de alguma forma estiveram próximas de Germano de Castro Pinheiro, quer no aspecto profissional como pessoal. Estas constituíram uma importante matéria aglutinadora do trabalho, dando consistência à leitura e reconhecimento das diversas fases, evidenciando pontos relevantes na sua vida e transversais aos seus projectos.

Destacar-se-iam naturalmente as conversas com os familiares, seus filhos, mas principalmente a riquíssima entrevista com o antigo colaborador e arquitecto Alexandre Rodrigues, o seu contemporâneo Arquitecto José Carlos Loureiro e ainda o arquitecto Nuno Portas que dirigiu a Revista *Arquitectura* à data da publicação de capa e artigo sobre o Centro Médico-Social de Negrelos projectado por Germano de Castro Pinheiro em 1955.

As fontes institucionais com as quais se desenvolveram colaboração permitiram a identificação e confirmação de informação relativa aos projectos, o acesso a peças desenhadas originais e a identificação de uma quantidade significativa de projectos desconhecidos no início deste trabalho. Entre as fontes institucionais contam-se pesquisas principalmente junto das câmaras municipais e respectivos arquivos históricos, entre os quais devemos aqui destacar o Centro de Memória de Vila do Conde pela importante colaboração e apoio a esta investigação, assim como arquivos fotográficos entre outros descritos nas Fontes Arquivísticas deste trabalho.

A bibliografia consultada nesta fase de recolha podia mais facilmente circunscrever-se ao período histórico em que incide, procurando-se elementos que na época terão sido relevantes e que permitiriam definir um posicionamento da obra. Foi também consultada a biblioteca do arquitecto Germano de Castro Pinheiro de forma a poder-se reconstituir potenciais influências de projectos e autores, nacionais ou internacionais, percebendo-se os seus interesses numa fase inicial.

Após essa abordagem e tendo como pano de fundo uma compreensão formada sobre a obra em estudo partiu-se para a reunião de bibliografia que permitisse dar corpo e dimensão histórica ao percurso deste arquitecto em análise, consolidando o contexto da produção da sua obra.

Processo

A recolha de documentação constituiu um processo de diversos constrangimentos pelo facto de se encontrar dispersa, por vezes degradada e nem sempre reunir os elementos considerados fundamentais. A primeira fase da investigação teve como prioridade a identificação dos elementos considerados fundamentais para análise dos projectos que permitiriam a confirmação da autoria e a interpretação do projecto arquitectónico. Considerou-se prioritário o registo sistematizado da origem dos desenhos, data de projecto ou de construção, local do projecto, cliente, colaboradores, estado e conservação actual da obra, tipologia e sistema construtivo. Os desenhos técnicos foram neste âmbito peças-chave, que juntamente com Memórias Descritivas e Termos de Responsabilidade foram solicitadas cópias digitais após a análise dos processos de obra submetidos nas respectivas câmaras.

A pesquisa realizada originou uma recolha crescente de documentação sobre os projectos, adquirindo novas peças desenhadas, fotografias, textos e também histórias, dando corpo à investigação sobre um objecto de estudo inicialmente inexistente enquanto unidade identificada. A gestão da informação recolhida em diferentes tipos e suportes foi condensada em dois documentos de trabalho: Fichas de Obra e Tabela das Obras. A cada projecto foi atribuído um código, a Ficha de Obras sintetizava informação escrita segundo parâmetros transversais, enquanto que a Tabela permitia relacionar dados sobre a obra e os elementos em arquivo permitindo uma visão geral do objecto de estudo.

No conjunto de projectos construídos procurou-se identificar a localização de forma a poder registar o seu estado actual e, caso fosse possível, visitar o espaço para recolher novos elementos. O contacto com a obra de Germano de Castro Pinheiro é muito anterior à realização deste trabalho, algumas das obras encontram-se por isso mais exploradas, tendo favorecido o entendimento e interpretação tanto no contexto de projecto isolado como no contexto da sua inserção na obra completa do arquitecto.

O volume de documentação não correspondeu sempre a processos de projecto completos ou pelo menos com os elementos considerados importantes para uma análise mais detalhada. Tendo estabelecido níveis de abordagem segundo uma hierarquia criada para os cerca de duzentos projectos, estas omissões e constituíram um obstáculo sobretudo nos projectos que se pretendiam aprofundar a análise.

A reunião da obra completa permite traçar um percurso, criar critérios para o seu entendimento e evidenciar e sintetizar as características mais relevantes em diferentes registos consoante o tema em que se coloque a tónica, seja no percurso do arquitecto, no contexto ou nas características de obras concretas. Produziu-se assim um documento de síntese da informação recolhida em formato de catálogo, não pretendendo condicionar qualquer investigação futura aos critérios de escolha realizada, mas antes que seja apenas um elemento de trabalho.

O espólio correspondente à obra do arquitecto Germano de Castro Pinheiro, não estando exposto na sua totalidade nesta dissertação, referindo aqui à totalidade de desenhos técnicos e documentos escritos, por motivos de critério anteriormente referidos, considera-se

uma importante parte do trabalho o processo em curso para tornar o espólio disponível para consulta numa instituição².

1.5. Estrutura do trabalho

A estrutura apresentada nesta tese não pretende reflectir o encadeamento da investigação nem a importância ou duração de cada fase do trabalho desenvolvido.

A estrutura adquiriu a forma que se entendeu mais apropriada para alguém que, pela primeira vez, toma contacto com a obra de Germano de Castro Pinheiro, procurando guiá-lo por uma gradual aproximação ao tema.

O suporte físico da Dissertação, organizado em dois volumes, procura possibilitar uma relação dinâmica entre a escala do conjunto da obra completa e a escala individual da obra vista isoladamente, entre a análise teórica e a consulta dos desenhos técnicos dos projectos.

A *Biografia* foi considerada um elemento essencial na apresentação por dar a conhecer o autor da obra em estudo como por conferir uma dimensão pessoal e afectiva ao seu percurso. Tratando-se do levantamento completo da obra de um arquitecto e não focado exclusivamente num determinado projecto, entende-se necessário que se conheça a pessoa por detrás do trabalho, expondo-se assim de uma forma ampla a vida do Germano de Castro Pinheiro através dos elementos mais analíticos mas também através da compilação de histórias avulsas a partir das quais se reconstrói uma época passada. No processo de realização do capítulo dedicado à *Biografia* o retrato é visto como a aproximação ao universo pessoal e profissional na qual se salienta a componente humana do arquitecto.

O capítulo *Contexto Histórico* aborda o período temporal em que se insere a obra, desde o final dos anos 30 até aos anos 80, ao longo do qual se deram importantes transformações e por isso dispõe de ampla bibliografia. Seguindo a mesma abordagem que na apresentação das obras, a análise histórica desenvolve-se cronologicamente por assim se considerar possível um encadeamento geral de acontecimentos capaz de ancorar as referências mais intermitentes que directamente dizem respeito às obras. Assim, no caso particular desta Dissertação, a obra e o arquitecto em estudo constituem o referencial a partir do qual se perspectivou a história, procurando por essa via construir um enquadramento vocacionado para a interpretação tanto das condicionantes como das referências projectuais que possam ter existido. Trata-se essencialmente de propostas e interpretações extraídas do contacto com espólio, uma vez que não existem referências teóricas ou arquitectónicas concretas delineadas pelo arquitecto Germano de Castro Pinheiro. O texto encontra-se acompanhado por imagens que localizam temporalmente a obra e proporcionam um primeiro contacto com a mesma. Este capítulo recorre às já muitas reflexões escritas sobre este período e a partir delas inicia num percurso que visa passar por episódios, locais, instituições ou programas que se cruzem com a obra em análise.

2. De momento encontra-se aberta a negociação nesse sentido com a *Casa da Arquitectura* que representa uma referência na área e desde logo confirmou o interesse em adquirir este espólio.

Na *Leitura do Conjunto da Obra* encontra-se uma apreensão total da obra, procurando traçar e entender um percurso e uma forma de pensar a arquitectura que não se circunscreva a nenhum projecto em concreto mas naquilo que podemos encontrar de comum entre eles. É por isso uma proposta de leitura geral, capaz de agrupar temáticas de projecto com base em tendências que possam ter sido mais ou menos intencionais por parte do arquitecto, mas que independentemente disso nos aproximam da sua metodologia seja ela intuitiva, intencional e/ou racional. É por isso um capítulo com uma matriz mais livre, no sentido em que não segue uma ordem cronológica ou outra na apresentação das obras, sendo por isso um espaço na Dissertação onde se permitiu vaguear pelo conjunto da obra e avançar com uma série de relações entre os diferentes projectos.

No capítulo das *Obras Seleccionadas* avança-se para descrição e análise de um conjunto de vinte projectos que constituem casos de estudo nesta investigação e que formam o conteúdo principal proposto para a Monografia. A selecção de projectos é por um lado resultado da análise e do contacto com conjunto da obra completa e por outro representa o conjunto de obras mais relevantes e de maior interesse para a divulgação da obra do arquitecto Germano de Castro Pinheiro. Isto é, são projectos que por si só adquirem qualidades e enquadramento válidos, podendo isoladamente serem apresentados. Embora haja uma margem sempre subjectiva neste tipo de avaliação e selecção de projectos, considerou-se que as restantes obras poderiam adquirir relevância mediante abordagens temáticas de outra natureza e que aqui não se pretendeu esgotar. As temáticas mais evidentes que se afiguram como possíveis de apresentar poderiam passar por obras realizadas para a Caixa de Previdência, Casas de Pescadores, ou de ordem programática como estudos sobre a habitação unifamiliar de determinado período. Todas estas dariam origem certamente novos agrupamentos de projectos, todavia não foi intenção desenvolver uma especialização desse género uma vez que se considerou que essas leituras afastariam do verdadeiro percurso e metodologia do arquitecto Germano de Castro Pinheiro, mas considera-se em aberto essa possibilidade de apropriação do trabalho.

O *Catálogo* apresenta por ordem cronológica toda a obra atribuída ao arquitecto Germano de Castro Pinheiro e identificada até ao momento de conclusão deste trabalho.

Como complemento do corpo de Dissertação apresentam-se alguns documentos que serviram de ferramenta de trabalho, que dão sinal da extensão e do processo de trabalho tais como a *Cronologia* e o *Tabela de Referência* da Obra.

2. Biografia

2.1. Nota introdutória

Se existe uma característica que imediatamente sobressai quando se inicia uma conversa sobre a pessoa e arquitecto Germano de Castro Pinheiro é a sua qualidade humana. Antes de se falar sobre a sua obra já se contaram outras histórias que mostram quase sempre uma empatia com a sua personalidade, mesmo tratando-se de clientes que não raras vezes preservaram uma amizade.

Esta biografia pode ser considerada como complemento à investigação realizada, podendo ser tida como uma curiosidade que visa trazer uma outra perspectiva à factual recolha e tratamento do espólio, e permita traçar em paralelo à sua obra um entendimento sobre o seu método de trabalho e o sentido eclético da sua arquitectura.

O processo de recolha da informação biográfica foi-se construindo complementarmente às visitas realizadas às suas obras, a casa de familiares, ou em conversa com outros intervenientes no percurso de Germano de Castro Pinheiro tais como clientes e antigos colaboradores que em suma contribuíram para a construção deste personagem que tentaremos dar a conhecer nas variadas vertentes da sua vida. A biografia estabelece-se assim essencialmente a partir da reunião e cruzamento de testemunhos, baseados em memórias que pela circunstância da passagem do tempo ou de a mesma estabelecer em muitos casos ligações emocionais ao “tema” fornecem dados imprecisos e por vezes vagos, com excepção naturalmente de alguns factos relatados que se prendam com datas, locais ou similares, mencionados segundo fontes de carácter rigoroso. Nesse sentido destaca-se com especial valor informativo a entrevista realizada com o arquitecto Alexandre Rodrigues, pela circunstância de ter colaborado alguns anos no gabinete, mas em especial pela forma como reviveu esta memória na entrevista e possibilitou um muito interessante e próximo relato do que seria a vida de Germano de Castro Pinheiro nas suas rotinas profissionais.

Os clientes tidos como fontes mais próximas ao processo criativo descreveram muitas vezes de forma mais emotiva episódios decorrentes do bom entendimento que tiveram com ele, assim como da sua satisfação com o trabalho realizado, sendo esse tomado como um valor fundamental para a sua obra na qual a figura do cliente constituiu elemento muito valorizado no seu processo de projectação.

O objectivo desta nota biográfica é a de conferir uma dimensão humana e um enquadramento cronológico da vida do arquitecto autor do conjunto de obras e projectos em análise. Procurou-se simultaneamente reunir uma série de dados, biográficos e históricos, que possam também constituir um interface de relação com outras temáticas, aproveitando-se a circunstância para juntar alguns episódios que, mesmo dentro de um princípio de veracidade, carecem de elementos que os suportem mas que foram consideradas relevantes.

2.2. Biografia

Germano de Castro Pinheiro, autor do conjunto de obra em análise nesta dissertação, é natural da Figueira da Foz nasceu a 10 de Abril de 1913 na Figueira da Foz. Formou-se em arquitectura no ano de 1943 pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, após a obtenção do seu diploma académico estabeleceu escritório no Porto e morada em Vila do Conde onde faleceu a 3 de Agosto de 1992 aos setenta e nove anos de idade. Enquanto arquitecto reuniu, ao longo de mais de cinquenta anos de exercício da profissão, um conjunto assinalável de obra construída fundamentalmente na região do litoral Norte de Portugal.

O arquitecto Germano forma-se por vocação às artes e ofícios que cultivou de forma espontânea nas mais variadas actividades manuais e artísticas que manteve ao longo da sua vida. A sua origem familiar não tinha relações conhecidas com a arquitectura, foi filho de Irene de Castro professora de profissão e de Germano de Sousa Pinheiro aspirante de finanças. Cedo se mudou para o Porto, aquando da colocação profissional da mãe nesta cidade enquanto professora de deficientes auditivos, facto determinante já que o ambiente portuense e a crescente actividade cultural terão correspondido aquilo que era o seu interesse. Aqui estudou desde a primária³ até ingressar em 1931 no curso especial de arquitectura.

Em 1937, com 23 anos de idade, casa-se com Maria Flores Torres⁴ com quem teve sete filhos. Em 1943 muda-se com a família para Vila do Conde para a Avenida Júlio Graça, passando depois para a Avenida Bento de Freitas e finalmente para a sua residência definitiva na antiga Rua Barão do Rio Ave⁵.

A partir de 1938, possivelmente em sequência da sua primeira encomenda e ainda enquanto estudante, estabelece sociedade com o arquitecto Fernando Tudela⁶ com quem projecta o edifício “Ao Bom Doce” em Vila do Conde

3. Nos seus estudos passa pelo colégio Garrett, frequentou em seguida a Escola Comercial de Oliveira Martins (1929). Em 1930 passa a residir na Rua de Santa Catarina nº 1099 no Porto e inscreve-se a 27 de Setembro do mesmo ano no curso de Arquitectura da Faculdade de Belas-Artes do Porto. Em 1931 reside na Rua Fernão Magalhães nº 50, tendo realizado no ano lectivo findo o 1º ano do curso preparativo com destino ao curso especial de arquitectura.
4. De seu nome completo Maria Adelaide de Castro Flores Torres foi herdeira e proprietária de uma das mais importantes casas de renda de bilros existente entre 1906 e 1974 e fundada pela sua mãe. Esta actividade tinha uma presença permanente na vida doméstica uma vez que o atelier de rendas estava sediado na casa onde residia o arquitecto, herdada pela sua mulher.
5. Actualmente corresponde à Rua 25 de Abril.
6. Fernando Tudela formou-se como arquitecto em Maio de 1946, pertenceu à Organização dos Arquitectos Modernos ODAM. Destaca-se entre a sua obra o projecto para a Igreja Santo António das Antas.



Figura 01. Fotografia de Germano de Casto Pinheiro na praia, Vila do Conde, s/data



Figura 02. Germano de Castro Pinheiro na sua infância ao lado da sua mãe, s/data



Figura 03. Fotografia de casamento de Germano de Castro Pinheiro com Maria Flores Torres



Figura 04. Fotografia da casa de Germano de Castro Pinheiro, antiga Rua do Barão do Rio Ave, Vila do Conde



Figura 05. Capa de trabalho identificado na biblioteca de Germano de Castro Pinheiro considerada como possível parte do trabalho de CODA (no qual constam apenas medições técnicas)

e a Casa Bento Amorim⁷. Sobre esta parceria com o arquitecto Fernando Tudela, sob o nome de G.E.A., Gabinete de Engenharia e Arquitectura, com sede na Rua de Santo António no Porto, não existem registos que permitam abordar a sua origem, como se desenvolveu ou quando terminou.

Nos princípios dos anos 40 trabalha como arquitecto da Companhia Mineira do Norte de Portugal⁸ para a qual terá realizado um conjunto de bairros operários mas sobre os quais não foi possível averiguar e recolher documentação. Apesar deste facto não se encontrar muito aprofundado constituiu uma informação relevante por ter por um lado permitido desenvolver a sua experiência na prática da arquitectura acompanhando desde logo um complexo trabalho de campo assim como terá contribuído para uma estabilidade financeira importante num momento de início de carreira e vida familiar⁹. Contando já com um currículo profissional significativo, estagiou entre 30 de Maio de 1943 e 10 de Junho de 1945 no escritório do arquitecto Aucúndio dos Santos¹⁰.

Obteve o Diploma de Arquitecto a 1 de Setembro de 1945 aprovado com a classificação de 15 valores com o Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto com a proposta “Construção de um Cineteatro numa Cidade do Norte do País”. As peças desenhadas nunca foram consultadas uma vez que não se encontram nos arquivos da FAUP nem da FBAUP, estas peças poderiam constituir um elemento importante, sobretudo numa análise monográfica como aqui se trata, capaz de estabelecer uma ponte entre a actividade académica e a prática profissional. Em relação a este elemento do CODA foi esgotada a sua procura entre os arquivos pessoais e profissionais à disposição neste trabalho tendo localizado um volume escrito remetendo para um projecto de Cineteatro, sem referência ao CODA, não sabendo se constituiu um elemento final de entrega e o qual é essencialmente composto por um descritivo técnico com base no modelo de caderno de encargos.

Em 1946 é-lhe entregue a primeira encomenda por parte da Caixa de Previdência da Indústria Têxtil para a “Pensão Pão de Açúcar”¹¹ na Rua

7. Cedido pelo proprietário para Posto de Turismo, função que se mantém até a actualidade, foi na década de 60 local onde onde Germano de Castro Pinheiro exerceu o cargo de Presidente da Comissão de Turismo.
8. De acordo com essas declarações e ao que foi possível apurar o arquitecto Germano terá desenvolvido este trabalho na Mina de Rio Frades, aberta em 1920 é das mais antigas minas de exploração de volfrâmio em Portugal. Segundo o sítio digital “Rotas do Volfrâmio na Europa – Memória dos homens e património industrial” é referido que «É a partir de 1942 e até finais de 1944 que a Companhia Mineira do Norte de Portugal realiza os mais importantes investimentos na região.» Este período coincide com o momento de colaboração do arquitecto Germano nesta companhia. (in “Minas de Rio de Frades.”)
9. Esta informação baseia-se na entrevista informal realizada ao arquitecto Alexandre Rodrigues.
10. Pelo escritório de Aucúndio dos Santos passaram figuras relevantes como Arménio Losa.
11. Ver nota sobre este projecto no Catálogo.

Ramalho Ortigão no Porto, seria o primeiro projecto de um total de dezasse- te que viria realizar neste âmbito até ao ano de 1971. A Caixa de Previdência foi sem dúvida um dos principais promotores da obra do arquitecto Germano pela possibilidade de desenvolver e concretizar projectos para equipamentos públicos em território alargado, tendo-se especializado em Postos Clínicos. Entre numerosos projectos alguns não se terão realizado, entre esses tomamos nota de um hospital, sobre o qual existe apenas uma planta esquemática de organização, assim como um outro projecto destinado à construção de uma torre para sede das Caixas de Previdência em Portugal, que iria ser feita no Porto e a propósito do qual o arquitecto Alexandre Rodrigues menciona: «Era uma torre de vinte e cinco andares, e que nos estava entregue o projec- to e que estava previsto no Plano Director da Cidade. Não se desenvolveu porque entretanto desistiram, era para ser no centro da Praça de Velásquez, aquele edifício redondo era um enquadramento daquela torre. Também urba- nisticamente parece que não era muito correcto fazer essa torre no meio da Praça, mas estava prevista no Plano Directo do Auzelle.»¹² Sobre este últi- mo não existem elementos desenhados que possam ilustrar a ideia de projec- to no entanto não se tratou do único do género já que desenvolveu uma proposta para a Sede da Caixa Sindical de Viana do Castelo em 1971, projecto este também não construído e correspondendo possivelmente a uma fase de desinvestimento da Caixa de Previdência.

2.3. O escritório de Germano de Castro Pinheiro

Sem uma data exacta e interpretando a partir dos registos e rótulos dos projectos, iniciou a sua actividade por conta própria no início da década de 50 abrindo escritório na antiga Rua de Santo António¹³ no Porto, inicial- mente denominado de G.E.A., Gabinete de Engenharia e Arquitectura, que mais tarde passa a Germano de Castro Pinheiro Arquitectos. A localização não deixou de ter relevância na sua actividade por se tratar de um espaço que estabelecia um ponto de paragem frequentado por diversas personalidades no percurso entre a cota alta e a baixa da cidade do Porto. Nas décadas de 50 e



Figura 06. Rótulo do Gabinete de Engenharia e Arquitectura formado pelos arquitectos Germano de Castro Pinheiro e Fernando Tudela

12. Para a praça Velasquez (Plano Auzelle Volume II) é proposto um “grande edificio de 24 pisos” destinado a produzir “um efeito vertical” substituindo a “composição horizontal” da proposta anterior. E o Plano acrescenta que a “realização de um grande edificio de habitação no Porto justifica-se neste local excepcional pela ampla panorâmica e perspectivas e sobretudo pela localização distanciada de monumentos históricos – todos situados a poente desta localiza- ção – e por isso não alterando os efeitos da silhueta tradicional da aglomeração.” “Os volumes das outros edificios são condicionados por esta opção fundamental. Os estudos de insolação foram feitos com a máxima precisão para localizar sem interferências os edificios de alturas e orientações diferentes entre os quais se desenvolve um vasto jardim central que passerelles conectam com o sector comercial.” (os textos em itálico são da revista *Urbanisme*) (“Do Porto e não só.”)

13. Actual Rua 31 de Janeiro.

60 colaboram no escritório os arquitectos Arnaldo Araújo¹⁴, Ricardo Figueiredo assim como Eduardo Figueirinhas¹⁵, Alexandre Rodrigues¹⁶, estes dois últimos desenvolveram, sobre orientação do arquitecto Germano e a partir de projectos do seu escritório, o seu Concurso de Obtenção do Diploma de Arquitecto. Em 1968 entra para o escritório o filho e arquitecto Germano de Castro Torres Pinheiro. O escritório muda posteriormente as suas instalações para a Rua Clemente Menéres.

O desenvolvimento autónomo da sua profissão foi acompanhado por diversas outras actividades, Germano de Castro Pinheiro era, sem dúvida, um homem simples mas de ampla visão, de aguçado sentido de curiosidade. Para além da sua actividade como arquitecto, que sempre lhe tomou parte principal da sua vida profissional, desenvolvia de forma invulgar e autodidacta uma série de actividades nas quais por algum motivo depositavam nele um interesse principalmente a fotografia e a marcenaria, mas também jardinagem, culinária e coleccionismo, actividades enriquecidas pelo aprofundar dos seus conhecimentos a partir também das suas viagens.

O escritório e o seu modo de funcionamento ficou pautado pelo bom trato que Germano de Castro Pinheiro mantinha com colaboradores e clientes¹⁷, assim como pela sua perspicácia e objectividade na resolução e formulação de propostas. É conhecido que valorizava o cliente enquanto parceiro de desenvolvimento de projecto, esta relação estabelecia-se por mútua contribuição na qual o cliente respeitava o projecto em desenvolvimento e o arquitecto revelava permeabilidade às ideias dos cliente e colaboradores. O seu trabalho diário desenvolvia-se por norma no estaleiro de obra e era dedicado no essencial ao acompanhamento da construção, reservando um momento de síntese e modificações ao final do dia já no seu escritório em que presencialmente revia com os colaboradores e registava em desenho ao estirador projectos e alterações prioritárias.

Os desenhos rigorosos eram por norma desenvolvidos pelos colaboradores, os casos das casas de pescadores em Vila do Conde foram uma excepção à qual o arquitecto Germano fazia questão de se dedicar, tratando-se de projectos de legalização e revestidos de uma carga social e pessoal, pela ligação que mantinha em Vila do Conde enquanto Presidente da Comissão de Turismo e pela proximidade à população e ao levantamento das suas necessidades de melhoramento. Eram soluções que o arquitecto desenvolvia no estirador de forma expedita com base numa tipologia que na sua essência se encontrava consolidada e reconhecida.

14. Arnaldo Araújo manteve após esta colaboração no escritório um reconhecimento do valor da obra do arquitecto, viria mais tarde a sugerir ao arquitecto Nuno Portas, que dirigia então a Revista Arquitectura, o projecto do Posto Médico de Negrelos de 1955. Foi assim publicado na capa e em artigo no número 62 da mesma revista em 1958.
15. CODA apresentado em 1960 intitulado «Um posto clínico para a Federação de Caixas de Previdência», desenvolvido sobre o posto médico de Santo Tirso.
16. CODA apresentado em 1965 intitulado «Uma habitação», apresentado o projecto para a Casa do Castanhal, um dos projectos que o arquitecto Germano de Castro mais tinha tido gosto em desenvolver por se tratar de uma obra total, desenvolvida desde a implantação até ao desenho e escolha de mobiliário
17. É a este propósito referido em entrevista pelo arquitecto Alexandre Rodrigues: «Normalmente quem fazia os painéis lá para o escritório era o pintor Júlio Resende, ele colaborou em vários projectos. Tanto que o seu avô até deve ter um quadro oferecido pelo pintor Júlio Resende. Esses projectos de parceria partiam do arquitecto Germano de Castro, ele conhecia pessoas muito influentes- Era amigo do Presidente das Caixas de Previdência. Era muito bem relacionado. Esses projectos eram por encomenda, não eram por concurso.»

Em 1957 o arquitecto Germano de Castro integra a Comissão de Turismo de Vila do Conde participando como vogal e a partir de 16 de Fevereiro 1960 toma posse como vereador no lugar de Presidente da Comissão Municipal de Turismo¹⁸ e na qual exerce um trabalho relevante na promoção da região assim como permitiu um profundo conhecimento do seu município fomentando a prestação de serviços sociais enquanto arquitecto, nomeadamente no melhoramento das condições das casa de pescadores. A partir de 1964 terá sido convidado a presidir igualmente a uma Comissão Local de Vila-condenses que pretendiam levar a cabo melhoramento na vila, convite representativo do reconhecimento do seu trabalho.

18. Da participação activa e empenhada do arquitecto Germano de Castro Pinheiro enquanto membro desta Comissão salientam-se os seguintes temas abordados: Requisição de diversos trabalhos gráficos com a finalidade de divulgar Vila do Conde; Concessão de apoios financeiros a outras entidades locais; Promoção de parcerias entre serviços ligados ao Turismo quer a nível local, regional, nacional e internacional; Resolução de exploração do Parque de Campismo de Vila do Conde; Promoção e apoio à organização das Festas de São João assunto que tem grande relevo na actividade da Comissão; Proposta de Construção de uma Piscina Municipal; Comunicados à Câmara Municipal de Vila do Conde de assuntos de melhoramento da vila.



Figura 07. Germano de Castro Pinheiro com a família na Praia da Figueira da Foz, s/data



Figura 08. Bandeira da Casa Flores Torres em forro de tafetá, cetim e fio dourado

2.4. Personalidade

Na medida em que a vertente de arquitecto se coloca como foco é interessante interpretar a reciprocidade existente e a convivência entre o exercício da arquitectura e actividades de interesse a que se dedicava. A marcenaria e a fotografia foram talvez as que mais directamente interferiram na sua obra. A primeira terá sido impulsionada pelo facto de sua mulher ter herdado muitas imagens de Santos em estado de degradação, porém o exercício da sua profissão enquanto arquitecto não terá deixado de impulsionar esse gosto já que em toda a obra é visível um enorme cuidado com o pormenor no trabalho com a madeira.

Quanto à fotografia, esta permitia-lhe um olhar atento à sua envolvente, nos dois gabinetes em que trabalho situados na Rua de Santo António¹⁹ e na Rua Clemente Menéres teve uma câmara escura onde revelava e ampliava as suas fotografias. Há memória dos inúmeros slides que fazia dos seus passeios com a família aos fins-de-semana, em que fazia questão de mostrar Portugal e, não poucas vezes, as suas obras. Estas eram visitadas também noutra contexto, mais profissional, e com ele fazia gosto de levar sempre um dos filhos que, por acordo, se iam revezando. É com pena que muito pouco disso chegou aos dias de hoje.

A sua actividade cultural manifestava-se de diversas formas, desde o seu envolvimento no importante negócio de família das Rendas de Bilros da Casa Flores Torres²⁰, passando pela hospitalidade para tertúlias que acolhia em sua casa, onde se jogava xadrez, *bridge*, onde se cantava o fado (tendo lá estado o cantor José Afonso e o Engenheiro Napoleão Amorim) e onde o próprio tocava guitarra e violão. Nestas alturas, assim como nos dias de festas populares e religiosas, era sabido pelos mais próximos que as suas portas estavam sempre abertas. Deslocava-se regularmente a Lisboa para se manter a par dos espectáculos, com gosto bastante ecléctico tanto assistia tanto a actuações eruditas como de cariz populares, sobretudo romarias. O seu gosto pela leitura está denunciada pela sua vasta biblioteca, procurava por essa via estar a par das

19. Actual Rua 31 de Janeiro no Porto.

20. A este propósito o arquitecto Alexandre Rodrigues refere: «A sua avó era professora primária, mas ela tinha uma escola de rendas de bilros. O arquitecto Germano de Castro chegou a fazer desenhos de rendas de bilros para lá para a escola. Um dos trabalhos que foi encomendado para uma das filhas, suponho que, do Conde de Riba D’Ave, era o trabalho mais difícil de rendas de bilros que era o trabalho que se chamava jogo a americana. Era uns individuais para a mesa de jantar, e fazia-se um de meses a meses lá na escola, um pano de 40cm por 30cm. E o desenho era do seu avô, era absolutamente extraordinário esse trabalho.»

inovações tecnológicas²¹. Viajou para Londres e às Canárias, salientando a viagem que realmente o marcou foi realizada em 1949 viajando de num Standard Vanguard, junto com a mulher e alguns casais amigos tendo estado em Espanha, França, Áustria, Suíça e Itália e Alemanha. Esta seria uma experiência marcante na sua vida e que viria a relatar com muita frequência.

Para além destas actividades é sabido que desenvolvia jardinagem na qual tinha por hábito procurar, encomendar e plantar espécies de flores consideradas exóticas na época, com predilecção por orquídeas. As plantas condimentares vinham no seguimento do seu interesse pela culinária e das quais, mais uma vez encomendava ou comprava nas suas regulares idas a Espanha ou, mais tarde, a Paris; a pesca que praticava nos momentos de lazer e cujo maior interesse estava na construção das canas e dos chumbos; e ainda a filatélica e numismática constituíam um prazer que ia cultivando ao longo dos seus calmos serões caseiros.

Todos estes interesses fizeram dele um homem atento e conhecedor, de mente aberta. Talvez por isso e pela paixão que entretanto já nutria pela cidade que o acolheu, foi convidado pelo então Presidente da Câmara de Vila do Conde, Dr. Silva Ramos para ser Vereador da Cultura e Turismo, por volta dos anos 60.

Reconhecendo a importância da identidade de um povo, sobretudo em Vila do Conde onde se fixou, se envolveu e desenvolveu funções enquanto Presidente da Comissão de Turismo, participou activamente fazendo com que algumas tradições abandonadas fossem retomadas, como as festas de S. João e as corridas de cavalos, assim como tomou a iniciativa de recorrer aos serviços de Pedro Homem de Melo (professor e advogado, mas tendo-se notabilizado como poeta popular e como estudioso do folclore português) para efectuar o levantamento dos trajes típicos de Vila do Conde e Caxinas. Reconhecendo a potencialidade da cidade enquanto zona balnear promoveu a construção do parque de campismo. Daqui se pode concluir o seu forte espírito de iniciativa. O entendimento territorial, cultural e também social que tinha de Vila do Conde e que marcaram a sua profissão, tendo sido aí que se realizaram partes significativa dos seus projectos.

Do decorrer destas actividades paralelas e da sua profissão, Germano de Castro Pinheiro pôde reunir um leque de amigos notáveis, alguns dos quais se distinguiram na cultura do Porto e do país, e que em muito contribuíram para o desenvolvimento da sensibilidade com que observava e vivia o seu quotidiano. Dividiam com ele a efervescência cultural da primeira metade do séc. XX, entre outros, Júlio Resende, Pádua Ramos e Arnaldo Araújo.

21. A família recorda a existência de um gravador, com bobine de fio metálico, trazido do Canadá por um Comandante de um bacalhoeiro, na altura só usado na Emissora Nacional que, no entanto, foi prontamente substituído quando apareceram os primeiros gravadores de fita magnética.



Figura 09. 1922, Pavilhão de Honra de Portugal na “Exposição Internacional do Rio de Janeiro”, Arquitectos Cottinelli Telmo, Carlos Ramos e Luís Cunha

Numa época em que a “liberdade” tinha um significado diferente do de hoje e que para alguns ainda era um privilégio, está-se em crer que este cidadão do mundo tirou o máximo partido dos grandes debates que pautaram a época, o que se retira como consequência que também na Arquitectura a sua posição teria de ser de interesse e de reflexão. O arquitecto Alexandre Rodrigues refere a propósito da sua personalidade: «Acho que era de facto uma pessoa muito interessante, o arquitecto Germano de Castro era de facto uma pessoa muito interessante, muito inteligente, muito desenrascado, era uma pessoa típica da sua época. Eram muito poucos arquitectos, no Porto eram meia dúzia com escritório, e o arquitecto Germano era um deles que toda a gente conhecia, toda a gente conhecia o arquitecto Germano de Castro.»



Figura 10. 1925, Café de Unie, Roterdão, Arquitecto JJP Oud



Figura 11. 1928, Villa Savoye, Poissy-sur-Seine, França, Arquitecto Le Corbusier

3. Contextualização Histórica

3.1 Nota sobre abordagem à obra

Verificou-se à partida deste estudo a necessidade de enquadramento das obras e consequente análise do contexto em que foram produzidas, interpretando estas intercepções e tendo como fio condutor a obra completa do arquitecto em estudo, numa abordagem recíproca entre o contexto e o percurso do arquitecto. Considerou-se assim importante nesta abordagem:

- fazer pontes com períodos da história recente da arquitectura que possam ajudar a interpretar o momento que o arquitecto em estudo passava em cada um dos seus projectos e não pretendendo realizar mais um estudo sobre uma época que está já por ela amplamente estudada.
- ajudar o autor a reviver este período antes de partir para esta investigação, permitindo entender e interpretar dentro de determinado contexto uma obra que vista aos dias de hoje poderia erradamente ser-lhe retirada a sua importância, dado que à época revelou ser experimental rompendo com as práticas tidas como comuns.

Referindo-se precisamente a esse carácter singular da obra em estudo o arquitecto Nuno Portas refere em conversa sobre o Germano de Castro Pinheiro, “numa altura em que a produção arquitectónica era muito menor e em que a informação não circulava como nos dias de hoje, estas (referindo-se ao Centro de Saúde de Negrelos) eram as obras que nós íamos ver”²².

O período sobre o qual vai incidir esta análise contextual coincide com o período de produção da obra em estudo, entre a década de 40 e finais dos anos 80 do século XX, o qual foi de grande riqueza para o crescimento e consolidação da arquitectura portuguesa, conforme identificado e estudado por inúmeros autores, facilmente reconhecível pela ampla bibliografia de abordagem. Assim, será de notar que, por este último motivo, o que se pretende não é trazer um esclarecimento adicional a esta temática, mas antes ajudar à leitura do percurso pessoal deste Arquitecto, fazendo pontes entre a obra em estudo e o seu contexto temporal, metodológico e arquitectónico.

Sabe-se agora que a obra de Germano de Castro Pinheiro possui por si só um carácter heterogéneo e que a relação da sua obra arquitectónica com a



Figura 12. 1925, Maison Dessau, Arquitecto Walter Gropius. É de notar que algumas características deste projecto são partilhadas com o Posto Médico o arquitecto Germano de Castro o teve como uma referência. O Posto Médico de Vizela é um dos projectos em que mais claramente o arquitecto assume uma linguagem abstracta.



Figura 13. 1928, Garagem Comércio do Porto, Arquitecto Rogério de Azevedo

22. Excerto retirado de entrevista concedida pelo arquitecto Nuno Portas no âmbito da realização da Monografia de Germano de Castro Pinheiro, realizado no Porto em 6 de Fevereiro de 2015



Figura 14. 1933, Instituto Pasteur, Porto, Arquitecto Keil do Amaral

época em que foi produzida estabelece-se mais no domínio da intuição, reconhecendo-se nos seus projectos grande pragmatismo na forma como responde às exigências do sítio e às necessidades do programa, mas ao mesmo tempo indo de encontro a uma modernidade funcional sem integrar correntes de vanguarda dominantes ou valores pré-definidos.

Assim este capítulo propõe-se a expor esse referente de transformações que aconteceram no contexto da arquitectura portuguesa na medida do que se considerou pertinente e relevante para este estudo, tratando-se de uma narração selectiva e pontual através de exemplos escolhidos.

Tem-se como objectivo identificar contextos que poderão ter influenciado o conjunto de obra tida aqui como objecto de estudo, assim como aqueles que tendo sido relevantes no curso da história, intencionalmente não cativaram a Germano de Castro Pinheiro ao qual se reconhece um percurso próprio. Procurar-se-á identificar pontualmente obras de outros arquitectos que possam ter constituído uma referência de projecto, ou que, pela sua encomenda ou contexto similar, possam apresentar propostas comparáveis.

Não será o objectivo desta análise retirar qualquer conclusão que possa circunscrever todo este conjunto de projectos a determinada corrente de época ou a um determinado estilo, embora se identifique agora como uma “obra única” esta na verdade compreende variadas experiências e por um longo período temporal. Tais conclusões seriam forçadas, pois muitas foram as interpretações e variações decorrentes neste período no domínio da arquitectura, percebendo-se hoje os múltiplos e contraditórios sinais dessa época que reflectiam as dúvidas e hesitações de um contexto que estava longe de se poder apelidar de claro.

«A arquitectura portuguesa, resultando de um processo empírico que dificilmente se distancia do senso comum, foi sendo coincidente com os interesses operativos do sistema, convicta e coerente, contraditória e ambígua quanto a ele. A lógica da sua continuidade está, sobretudo, no manuseamento da diversidade das linguagens, no carácter temporário e local dos consensos e não no objectivo único da persistência de um idêntido nacional.»²³

Esta citação representa em grande medida o entendimento que se construiu em torno deste conjunto de obras e do percurso do seu arquitecto, pelo que ao longo do trabalho se procurará neste sentido respeitar esse carácter diverso que lhe é reconhecido.

23. (COSTA, 1988, p. 4)

Anos 20 e 30

O período académico pelo qual passou Germano de Castro merece aqui referência inicial, assim como se assinala o estado de arte nesse momento de entrada para o curso em 1930, ou seja a herança cultural do início do século XX para que deste modo se entenda a profunda transformação que se operou neste período em análise até à década de 80, confrontando o desfasamento dessas transformações em Portugal com o contexto internacional.

Naturalmente se inicia o estudo assinalando o princípio do século XX com o surgimento do Movimento Moderno na Europa.

«O Movimento Moderno nasce e desenvolve-se, na viragem do século XX, a partir da articulação de um trio de vectores: técnica, forma e ideologia. (...) Novos materiais e técnicas construtivas (com destaque para o ferro e o betão armado) conduziram a uma experimentação e inovação formais (tendencialmente abstractas e ancoradas no referente metafórico ou literal da máquina) que por seu turno potenciariam a concretização de um novo projecto de sociedade (socialista ou democrática).»²⁴

Este movimento Europeu pouco influencia a actividade cultural e artística em Portugal nesta fase, sendo que apenas já na década de trinta o mesmo produzirá efeitos na sociedade portuguesa.

«À margem de uma Europa cuja sociedade sofre profundas alterações, Portugal, com uma indústria incipiente, produzirá no século XIX uma arquitectura de suporte de modas estilísticas superficiais ou subsidiárias da construção. Está longe a coerência atingida nas realizações do período pombalino, fruto de um pensamento urbanístico e de uma concepção arquitectónica que reciprocamente se viabilizam.»²⁵

Nos anos que precederam um momento de efectiva transformação, ainda no início do período académico de Germano de Castro Pinheiro na ESBAP, parecia haver um desfasamento entre a arquitectura e a sociedade, sendo que a primeira permanecia no romantismo das formas sem reflectir as mudanças decorrentes da industrialização, demonstrando assim uma incapacidade de renovação no modo de projectar e na linguagem arquitectónica. Segundo Nuno Portas²⁶, para esta estagnação concorreram três factores que desde meados do século XIX se tinham instalado:

24. (BRITES, 2009, p. 32)

25. (FERNANDEZ, 1988, p. 11)

26. (PORTAS, 1973)

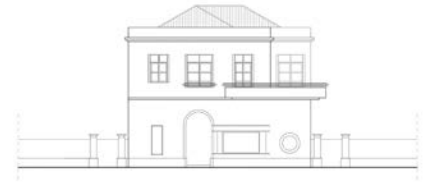


Figura 15. 1938, Casa de Chá 'Ao Bom Doce', Vila do Conde (desenho do autor)

Em primeiro lugar verificava-se uma debilidade do ensino académico sentida pela prolongada ausência de trabalhos teóricos e críticos no domínio da arquitectura, segundo, um forte indício para a manutenção de uma tradição de gosto burguês que, dada a desconsideração social do arquitecto e à falta de alternativa, tendiam para soluções de contorno geralmente importados das academias de Belas-Artes estrangeiras e por último, não raras vezes, acabavam mesmo por optar por adjudicar a encomenda a arquitectos estrangeiros.

O peso da inércia académica favoreceu em larga medida o consequente atraso não só no domínio das intervenções arquitectónicas mas também na ausência de propostas de ordem urbanística, é disso sintomático a afirmação do início do século XX na qual a sociedade dos Arquitectos Portugueses refere que “em nenhum país civilizado é tão deficiente e ilógico o ensino dessa grande arte que marca o estado da civilização dos povos.”²⁷

É crescente a consciência do papel determinante que a arquitectura exerce no percurso da civilização, tanto no plano da organização das cidades e construção de infra estruturas colectivas, como da perspectiva higienista no plano moral e político na gestão de recursos e organização dos territórios. Esta consciência ter-se-á aivado, e este é o terceiro ponto, perante a vontade de contribuir para um melhor rumo das relações sociais, após cenários de uma grande afluência da população rural às cidades, à medida que se constatava a problemática social do crescimento urbano e se tornavam evidentes as exigências de manutenção e de ordem.

«No que diz respeito ao universo da cultura arquitectónica, é o momento de fazer as contas com a modernidade e de retomar, agora com consciência social, o projecto moderno. O que dá sentido à integração da dimensão ideológica do Movimento Moderno, que tinha escapado à geração modernista, para quem a modernidade correspondia exclusivamente a uma expressão resultante dos novos materiais, usados como simples gramática. É neste contexto que se assume finalmente a dimensão ética e moral do Movimento Moderno. E, assim se cumprindo plenamente o novo ideário.»²⁸

Essa progressiva tomada de consciência traz um significado não apenas circunscrito ao seu tempo, mas antes de carácter muito mais amplo, uma vez que se entende ser o motivo para o nascimento da profissão de Arquitecto em Portugal nos moldes comparáveis aos dias de hoje, acrescentando-se também uma dimensão ideológica pelo envolvimento da sociedade civil, da política e das ciências.

«Paul Rabinow - Isto significa que a arquitectura não pode, por si própria, resolver problemas sociais?»

Michel Foucault - Eu penso que pode e produz efeitos positivos quando as intenções libertadoras do arquitecto coincidem com as práticas reais das pessoas no exercício da sua liberdade.»²⁹

27. (PORTAS, 1973)

28. (C. A. Tostões, 2004, p. 125)

29. (FOUCAULT, Março 1982)

Sustenta-se aqui a ideia de que não são os arquitectos que, através da sua mudança de visão e actuação, alteram todo o paradigma da sociedade, mas antes esta última que produz um reflexo no exercício da profissão, consolidando a ideia que as questões do habitar, da forma da cidade e do território são um campo em transformação. Da mesma forma a obra de Germano de Castro Pinheiro acaba também por ser um reflexo desta problemática, transpondo-a em exclusivo para o campo da produção do objecto arquitectónico, deixando de parte a questão da longa ausência do ensaio e exercício urbanístico em Portugal, mesmo em períodos tidos como de grande produção teórica.

Como forma de consubstanciar a leitura deste progresso no panorama da Arquitectura Portuguesa ira-se utilizar como linha orientadora a revista *Arquitectura*. Esta, iniciada em 1927, acompanha temporalmente toda a obra de Germano de Castro Pinheiro e acredita-se estar perante uma ferramenta que, de forma muito concreta, acaba por fazer um retrato do estado da classe dos arquitectos. Nesse sentido destaca-se as renovações editoriais, a primeira em 1947 em que entra o grupo ICAT (Iniciativas Culturais Arte e Técnica), que tinha como figura principal o arquitecto Keil do Amaral, e em 1957 a renovação dos princípios editoriais que passariam a estar menos vocacionados para o moderno e mais para a divulgação de projectos dentro de uma proposta de reflexão e continuidade da arquitectura portuguesa, modelo por vezes apelidado da “terceira via”. No ano seguinte de assinalar a integração de Nuno Portas na direcção da revista. Aceitando-se como referido que as obras que integram a publicação são representativas do panorama arquitectónico nacional, salvaguarda-se apenas que do ponto de vista mais específico do Norte de Portugal, a mesma está até finais dos anos 40 muito circunscrita aos projectos na grande Lisboa, como fica perfeitamente evidente na peça editorial “Intercâmbio Profissional”:

Anos 40

Os anos 40 são aqui entendidos como um período charneira na produção arquitectónica em Portugal, este período corresponde ao início da actividade profissional de Germano de Castro Pinheiro, ainda enquanto estudante e em pleno período de mudanças de paradigma. Disso são reflexo as suas duas primeiras obras. Remetendo para um panorama geral podemos dizer que em Portugal se reconheceu nesta década de um esvaziamento cultural académico reconhecida até meados da década de 30, para uma visão crítica no qual se debate a temática do moderno, que impulsionava o activismo entre arquitectos. Acabava-se o período de que falava Ana Tostões cuja génese está em toda a evolução do século XIX:



Figura 16. 1940, Casa Bento Amorim, Vila do Conde



Figura 17. 1941, Bairro Habitacional, Argentina, Richard Neutra (imagem retirada da biblioteca Germano de Castro Pinheiro)



Figura 18. 1951, Bairro da Caixa Têxtil, Germano de Castro Pinheiro (comparação com Fig. 17)



Figura 19. 1948, I Congresso Nacional de Arquitectura

«O fim da guerra, com o despertar das democracias e uma oposição revigorada pela derrota do fascismo na Europa, desenha um tempo de agitação cultural, que torna o final da década de 40 particularmente significativo na reflexão da arquitectura moderna em Portugal. A partir de 45 processa-se uma cisão na vida nacional que a arte em certa medida reflectia e propunha. A euforia da libertação aproximou as pessoas e uma consciência de geração marcou os jovens de então, tanto no domínio estético como cívico.»

Jovens arquitectos formam uma reacção à arquitectura do Estado Novo, como refere Nuno Teotónio Pereira esta classe profissional toma“(…) *consciência da sua importância na sociedade e da parcela de poder que podiam usar para influenciarem as decisões no sentido de se abrir caminho para novos rumos*”³⁰

A actividade do Ministério das Obras Públicas coordenado pelo Ministro Duarte Pacheco [1900–1943] entre 1933 e 1943 coincidiu com um período de grande impulso pelo elevado número de obras que mandaram executar e que acabaram por servir de propaganda de um ambicionado estilo nacional, ironicamente apelidado de “*português suave*”.

Abrir caminhos significava também contornar a imposição de um estilo nacional, como refere expressamente Ana Tostões,

«(…) a arquitectura dita nacional que a ditadura de Salazar, a exemplo de outros regimes totalitários, utilizava como instrumento de inculcação ideológica para fortalecer o seu poder. Uma arquitectura marcadamente cenográfica que, por ter sido desejada, programada, promovida e, quando necessário, imposta pelo regime, merece bem a designação de “*arquitectura do Estado Novo* (…))».³¹

Neste sentido surgiram grupos activos social e profissionalmente, em Lisboa o I.C.A.T. (Iniciativas Culturais Arte e Técnica, fundado em 1946 e activo até à década de 50) vocacionado para a dimensão multidisciplinar da prática Arquitectónica e à qual esteve ligado desde a fundação o arquitecto Keil do Amaral [1910–1975], e no Porto surge em 1947 o ODAM – Organização dos Arquitectos Modernos – grupo formado por arquitectos do Porto com o objectivo de divulgar os princípios do movimento moderno.

Os desenvolvimentos desta fase tem influência mais directa quando particularizamos a zona Norte onde Germano de Castro, coincidindo com a conclusão do curso na ESBAP e com o início da sua prática profissional,

30. (PEREIRA, 1996, p. 255)

31. (c. A. TOSTÕES, 2008, p. 45)

acompanhou de perto e com algumas iniciativas comuns o grupo ODAM. Nesta época a revista *Arquitectura* dá sinais no Norte como era realmente um caso à parte.

«(...) Porto constituía um caso à parte. Talvez pelo facto de o Estado estar mais afastado e ainda porque o grosso do trabalho nos escritórios era de origem privada, com uma parcela mínima de encomenda oficial. Ali o curso da produção moderna não tinha sofrido a interrupção que ocorreu em Lisboa, desde os primeiros modernistas, e irrompia em força com a nova geração ainda no final dos anos 40.»³²

O intercâmbio profissional realizado ao Norte por parte da comunidade de arquitectos dá sinal do interesse da arquitectura nessa região:

«A visita, que decorreu num ambiente de extrema cordialidade e franca camaradagem, acabou por constituir para os visitantes – deve dizer-se sem rodeios – uma «inesperada» lição de arquitectura contemporânea. Realmente só «vivendo de costas» se compreende que possa ser «inesperado» o conhecimento das obras de oficiais do mesmo ofício, que trabalham num mesmo país, a 300 e poucos quilómetros de distância.

Mas, por um lado, a falta de revistas da especialidade nas duas cidades e, por outro, certa rivalidade, repudiada pela maioria, mas latente, têm mantido desde sempre afastados os profissionais duma classe que tanto carece do convívio e da discussão dos seus problemas.»³³

Neste contexto uma geração de Arquitectos mais informada e consciente do seu papel como profissionais formava uma resistência ao estilo defendido pelo regime, nesta altura muito desenquadrada dos modelos internacionais e que apresentava um carácter quase rural. A esse propósito se enuncia o manifesto publicado em 1949, “Exposição dos Arquitectos do Porto ao Presidente da C.M.P” na revista *Arquitectura* nº32, o qual o arquitecto Germano de Castro Pinheiro assina em conjunto com outros 43 ³⁴ contrapondo a ideia de imposição, por parte da Câmara Municipal, de um estilo portuense que os arquitectos deveriam respeitar.

O 1º Congresso Nacional de Arquitectura decorre em 1948, num contexto naturalmente condicionado pelo sistema político da época, mas em particular por estar enquadrado na exposição “Quinze Anos de Obras Públicas”, evento realizado com o patrocínio do

32. (PEREIRA, 1996, p. 256)

33. Intercâmbio Profissional in *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*, 2ª Série, nº 19, JAN. 1948, p.05.

34. Artigo “Exposição dos Arquitectos do Porto ao Presidente da C.M.P”

Os arquitectos que assinaram o texto foram: Cassiano Barbosa, António A. Leone, Fernando Tudela, Cruz Lima, Mário Bonito, Mário Barbosa, António Neves, Delfim Amorim, Marques Araújo, Fernando Campos, António Matos Veloso, Agostinho de Almeida, Eugénio Alves de Sousa, João Andresen, Sequeira Braga, Limpo de Faria, Moreira Júnior, Eduardo Matos, Carlos Loureiro, Oliveira Martins, M. Marques Aguiar, Manuel Rodrigues, Dias da Costa, Viana de Lima, Arménio Losa, Fernando Moura, Alfredo A. Magalhães, Adalberto Gonçalves Dias, Benjamim do Carmo, António Nascimento, Júlio Afonso, Fernando Barbosa, Jerónimo Reis, F Pitrez, Fernando Ferreira, Lobão Vital, Germano de Castro, Manuel Júlio, Aucíndio dos Santos, Santos Malta, Agostino Ricca, Manuel Paulo, Fernando Eurico, Gil da Costa, Celestino Castro.

governo com o objectivo de enaltecer o próprio regime e o trabalho do Engenheiro Duarte Pacheco no ministério das Obras Públicas. Apesar disso, o congresso haveria de ser dominado por uma nova geração de arquitectos, os mesmos que se tinham organizado no ICAT e ODAM, que de forma confiante procuraram fundamentar a dimensão social da profissão e sobretudo reivindicar uma autonomia disciplinar da profissão de arquitecto. Esse consenso e espírito de unidade que vinha já sendo fomentado entre arquitectos, encontrou neste congresso um ambiente também ele propício para que se formalizassem as diferentes afinidades em grupos que sob várias vertentes apresentaram os seus trabalhos, potenciando exposições e publicações. A partir daqui constituir-se-iam também futuras unidades de debate, aprofundando questões relevantes pelas quais se mobilizavam no domínio da prática mas também do ensino e da intervenção social e política.

O congresso reuniu perto de cento e cinquenta arquitectos que se propunham a debater e resolver as questões da arquitectura no seu tempo, tendo-se para isso focalizado os trabalhos em duas temáticas, “A Arquitectura no Plano Nacional” e o “Problema Português da Habitação”.

No primeiro tema abordou-se, de forma mais abrangente, as questões relacionadas com uma condigna posição profissional desta classe na organização do País, sendo que para isso ter-se-ia de resolver os problemas identificados na formação, a necessidade de entregar exclusivamente a arquitectos a encomenda de projectos e a problematização de situações inerentes à Arquitectura, assim como não se poderiam “(...) continuar a importar através da imitação de elementos decorativos do passado (...)”³⁵ por imposição de uma vontade de uma arquitectura tradicional.

O segundo tema, apesar de ter sido abordado em menor número, debruçou-se sobre o papel do arquitecto como transformador do mundo e da arquitectura como dispositivo do contexto social que acabariam por se tornar centrais a todo o congresso.

Desde 1946 que as questões da Habitação assumiam um papel de destaque na problematização do construído, fruto das necessidades decorrentes da deslocação em massa das populações, altura em queé lançado ao abrigo das Federações de Instituições da Previdência Social o Decreto-Lei nº 35.611 de 25 de Abril as Habitações Económicas, um programa nacional de realização de obras sociais no domínio construção. Eram já visíveis os primeiros sinais de uma:

«situação habitacional, que só ficou a ser melhor conhecida na sua verdadeira extensão com o 1º inquérito às condições de habitação, realizado com o recenseamento populacional de 1950, viria exigir novas medidas que pudessem ultrapassar o quadro muito restrito dos “bairros”, inaugurados com solenidade, mas que eram uma gota de água face ao volume das carências detectadas.»³⁶

35. (c. A. TOSTÕES, 2008, p. 65)

36. (PEREIRA, 1938, pp. 11–12)

O programa de Habitações Económicas foi desde cedo orientado pelo arquitecto Nuno Teotónio Pereira onde exerceu função de consultor entre 1948 a 1972, tendo este último descentralizado a execução de cada projecto através de rede de técnicos “regionais”, princípio que viria a prevalecer ao longo de 25 anos [1946–1972]. Na base desta promoção estava uma procura por soluções arquitectónicas para habitação de renda controlada que, através de dispositivos espaciais de organização da vida comunitária e dos agregados familiares, resolvesse eficazmente propostas de dimensões mínimas para o maior número de pessoas. Assim seria neste “ (...) domínio da habitação que se revelam as maiores inovações, quer no âmbito dos programas quer na sua conceptualização espacial.”³⁷

O espaço doméstico será repensado nas suas múltiplas valências o que levará a uma justaposição do programa da habitação unifamiliar *versus* a construção em altura plurifamiliar. Esta era tida, por oposição/evolução ao programa do pré-guerra “Casas Económicas”, como mais vanguardista, assim como o modelo mais económico. Este foi assim aplicado por convicção e de uma forma experimental principalmente nos grandes edifícios da grande Lisboa ou em contextos marcadamente urbanos. A este propósito o arquitecto Nuno Portas escreve, ainda no decorrer deste programa de Habitações Económicas, “Justificou-se, com exclusivismo, o grande bloco, por causas urbanísticas um tanto precipitadas (...) opondo-o com orgulho ao que foi simplesmente classificado como casa ‘burguesa’ esgotando-se o tema da casa (...)”³⁸

Tratando-se naturalmente de uma referência de carácter genérico, levanta-se ainda assim a questão sobre em que medida o programa de Habitações Económicas possibilitou um laboratório que permitisse uma reflexão aliada à prática sobre o tema da casa, ou se fruto de uma tendência estilística a mesma se terá perdido.

Este programa, em conjunto com a regulamentação que permitiu às diferentes caixas de previdência utilizarem os seus fundos próprios na construção de Casas de Renda Económica, produziu resultados em todo o País e pela mão de diversos arquitectos. Deste conhecem-se vários projectos e experiências marcantes deste período, tanto na reduzida escala urbana como na proposta em torno da célula habitacional, mas por outro lado é um facto que a sua produção se realizou dentro de um determinado contexto do qual será dificilmente mensurável a medida em que este potenciou ou condicionou as soluções finais.

Não se tendo a real percepção deste fenómeno na sua totalidade, seguramente se pode assim dizer que a produção arquitectónica da Federação das Caixas de Previdência se tratou de um caso de grande importância no contexto nacional, e do qual o Germano de Castro Pinheiro também fez parte com projectos para Posto Clínico e Habitação que tomam grande importância no conjunto da sua obra.

Este organismo semi-público, Federação de Caixas de Previdência - Habitações Económicas, dependentes do Subsecretariado de Estado das Corporações e da Previdência Social viria a ser responsável em Portugal pela construção de importantes edifícios de habitação, através da implementação de um sistema que utilizava os excedentes contributivos gerados

37. (A.TOSTÕES, 1997, p. 51)

38. (PORTAS, 1959)

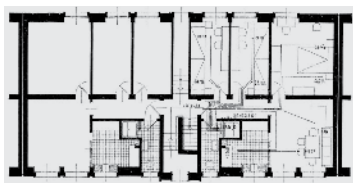


Figura 20. Miguel Jacobetty, estudo para o Bairro de Alvalade da Federação das Caixas de Previdência, Habitações Económicas. Este estudo estabilizou uma unidade mínima de habitação que veio a ser tida como referência para outros projecto similares.

pelos descontos dos trabalhadores para a previdência social, respondendo assim à falta de entusiasmo do sector privado em dar resposta aos programas do governo. Estes visavam a construção de casas de renda económica que depois alocavam segundo determinados regulamentos, salvaguardando primeiramente os trabalhadores das classes contributivas, mas dentro destes também a “boa conduta moral, cívica e profissional”³⁹ dos próprios através de processos de selecção.

Para além da vertente habitacional, algumas destas Caixas de Previdência construíram também edifícios específicos para a prestação de serviços de saúde aos seus associados, como são exemplo os postos clínicos, colmatando deficiências estruturais numa sociedade que estava ainda atrasada quando comparada com outros países europeus.

Mais uma vez a Revista Arquitectura traça este percurso que temos vindo a analisar de uma forma evidente, a mudança de capa na 2ª série para uma grelha racionalmente ortogonal sobre a qual se dispõem elementos modernos evocando o arquitecto Le Corbusier [1887–1965] pondo em evidência que o sentido modernista na arquitectura portuguesa era incontornável e ambicionava participar dessa odisseia internacional.

São nota destes tempos os diversos textos dos Arquitectos que colaboravam na revista, como o bem conhecido da autoria de Keil Amaral, que de certa forma resume a fase de transição até agora descrita e situada nos anos 40:

“O caso, concretamente, é que a arquitectura portuguesa dos últimos tempos – ou a arquitectura feita em Portugal nos últimos tempos, se preferirem – é uma coisa sem coerência, sem vida, sem ideal, sem fogo, aquele fogo sagrado que as grandes épocas e os grandes movimentos insuflam nos seus artistas e estes transmitem às suas obras. O aparato de fachada e o recurso a um pitoresco fácil e a absurdas sínteses «moderno-barroco-alvenaria-cimento armado» generalizam-se dia a dia, e o carácter a um tempo aparatoso e absurdo das recentes construções que temos erguido tornou-se já um lugar comum.”⁴⁰

Anos 50

Passado a década de transição, os anos 50 iniciam-se com um evento marcante, a exposição do grupo ODAM no Ateneu Comercial do Porto em 1951 tida como a manifestação mais importante deste grupo.

Os anos 50 apresentam-se como um período de grande experimentalismo por parte dos Arquitectos, que perante a encomenda da Habitação exploraram formas, usos e uma nova dimensão espacial.

39. (TAVARES, 2003, p. 151)

40. (AMARAL, 1947, p. 52)

Havia nos Arquitectos um profundo sentimento de mudança aliado a uma crença que estes poderiam intervir neste novo mundo:

«É que para nós, a gente nova, acreditávamos que havia um mundo novo em gestão, mais belo e equitativo e que tínhamos um papel a desempenhar nele: uma Função Social. Trabalhávamos com muita convicção acerca disso e um entusiasmo transparente. Julgávamos que íamos ajudar muita gente a viver melhor.»⁴¹

Por se tratar de uma aculturação tardia, esta apresenta no contexto português logo à partida duas vertentes:

A primeira em linha com os ideais mais radicais do Movimento Moderno internacional, assente na Carta de Atenas, a segunda utiliza a tradição nacional, procurando percebê-la e interpretá-la de forma a actualizá-la, libertando-a de um compromisso estético antiquado.

Um exemplo paradigmático da primeira visão é o Bairro das Estacas em Lisboa, projecto dos arquitectos Formosinho Sanchez (1922–2004) e Ruy Jervis d’Athouguia (1917–2006). Esta série de implantação perpendicular ao eixo da via, em contraponto aos inicialmente previstos quarteirões, “De um modo consciente, reivindicava a importância dos valores da topografia, da insolação, do programa, das zonas verdes úteis, da racionalidade e do funcionalismo”⁴², inclusivamente na forma como se colocavam no terreno, apoiando-se em pilotis libertando o rés-do-chão para uma contínua plataforma verde.

A segunda linha fazia uma apropriação crítica e uma síntese que se esperava entre estas duas dimensões do ser internacional e do ser local, situadas entre a ambição de participar no progresso da sociedade moderna e o apelo em dar continuidade a uma herança de património através da sua reinterpretação, no sentido de encontrar formas de expressão moderna projectadas com sentido de autenticidade e adaptabilidade ao local, propondo modos diversos de continuidade, uma hipótese que viria a ser chamada de *terceira via*, enunciada por Fernando Távora e apontada por Keil do Amaral ao propor avançar com o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa iniciado em 1955, que levaria à publicação em 1961 do livro *Arquitectura Popular em Portugal*, o resultado mais notável deste material de investigação.

41. Francisco Keil do Amaral in (A.TOSTÕES, 2015, p. 285)

42. (A.TOSTÕES, 1997, p. 73)



Figura 21. Capa da Revista Arquitectura n.º20

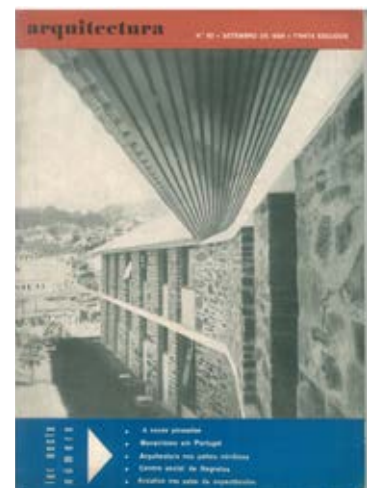


Figura 22. Capa da Revista Arquitectura n.º 62, Projecto do Centro Médico-Social de Negrelos do arquitecto Germano de Castro Pinheiro.



Figura 23. 1951, Colónia Balnear em Vila do Conde, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro

«[O Inquerito] traduz uma renovada atitude que resulta de uma nova visão da arquitectura, questionando-se o moderno no seu próprio seio e na sua vertente de racionalidade, com a ideia de que a arquitectura popular é também ela racional (...).»⁴³

Aí os arquitectos encontraram um fundamento metodológico inteligível e facilmente deduzível pelas imagens de levantamentos e textos que acompanham esse trabalho, que em grande medida contribuiu para superar a migração avulso de elementos de génese tradicional.



Figura 24. 1951, Bairro da Caixa Têxtil, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro, @Tiago Casanova

«contra a arquitectura internacional, [e ensaiaram] conciliar a arquitectura erudita com a tradição popular, num determinado contexto e como resposta a ele. (...) Tratava-se de encontrar uma identidade nacional e cultural autêntica a dignificar, como forma de luta contra a falsa identidade nacional saída de 26 e contra um internacionalismo na linha do progresso (...).»⁴⁴

Sobre estas duas posturas que se evidenciaram permaneceu no entanto uma permanente ambiguidade que viria a tornar-se com o tempo mais consistente, como nos relata o Arq. Nuno Portas



Figura 25. 1951, Posto Médico de Santo Tirso, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro. @Tiago Casanova

«(...) os primeiros heróis desta nossa história confessam mais tarde que eles próprios tinham demasiadas dúvidas na questão do moderno e da tradição. É um facto que não souberam aprofundar essa questão, quer teorizando – como fizeram os italianos num contexto afim – quer experimentando – como o fizeram holandeses e nórdicos com outra tradição e pragmatismo.»⁴⁵

Como exemplo de arquitectos que primeiramente iriam espelhar nas suas obras em diferentes contextos esta conciliação entre o moderno e o vernáculo, e que se notabilizariam também por esse motivo, dever-se-á referir Fernando Távora, Keil do Amaral e Nuno Teotónio Pereira.

Esta terceira via encontrava-se já em exploração no Brasil, disso é prova o catálogo “*Brasil Builds*”, resultante da exposição realizada em 1943 no Museum of Modern Art de Nova Iorque comissionada por Philip Goodwin, que retrace a emergente arquitectura brasileira produzida por arquitectos de talento que desde logo se evidenciaram nesta edição como Lúcio Costa [1902–1998] e Óscar Niemeyer [1907–2012].

43. (A. TOSTÕES, 1997, p. 162)

44. (COSTA, 2007, p. 62)

45. (PORTAS, 1973, p. 188)

«Muito antes do advento do governo Vargas, em 1930, apareceram no Brasil os primeiros ensaios de arquitectura moderna. De início modesto, coincidindo o movimento com uma verdadeira febre de construções, generalizou-se rapidamente. Quasi que da noite para o dia, mudaram-se as feições de grandes cidades como Rio e São Paulo, onde a novidade tivera o acolhimento mais entusiástico.»⁴⁶

O caso do Porto

Remetendo agora concretamente para a forma como este contexto se repercutiu no Porto, no sentido de uma consolidação de um campo ideológico que tende progressivamente a abandonar as tendências oitocentistas poder-se-ia assinalar neste cenário de ensino no Porto, ainda que no seguimento da tradição e formação francesa e numa primeira fase com o arquitecto Marques da Silva [1869–1947] que será reconhecido pela qualidade da sua obra construída, embora do ponto de vista da continuidade do seu legado será na sua actividade docente que fará sentir uma maior influência junto das seguintes gerações, tal como no seu seguimento o arquitecto Carlos Ramos [1879–1969] que neste caso marca definitivamente um rumo actual na Escola Superior de Belas Artes do Porto onde ingressou em 1940 e da qual foi director entre 1952 e 1967, trazendo para a academia as questões modernas junto de uma geração que também ela se mostrará mais activista e com sentido crítico no domínio da arquitectura mas também da política e do entendimento das respostas às necessidades sociais. Disso serão prova os temas e a forma como são abordados os *Concursos para Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA)*, que se tornam particularmente relevantes nesse período.

A geração que então acaba de se formar no Porto no ambiente académico mais profícuo das últimas décadas em Portugal, manifesta a intenção de criar alternativas às “duas falsas saídas que ao longo dos triste anos 40 dividiram irremediavelmente os arquitectos portugueses: a ‘cenografia nacionalista’ e o ‘estilo internacional’”⁴⁷, referindo-se à incapacidade de deduzir ou experimentar as suas lógicas de metodologia e de contornar uma mera aplicação directa dos sinais exteriores mais controversos, alheios a uma lógica de relação e apropriação e nos quais elementos tradicionais e locais não figuram senão como tópicos passadistas.

É contudo de referir que as publicações e a procura de referências exigiam uma postura proactiva da parte dos arquitectos uma vez que não se encontravam generalizadas ou vulgarizado o seu acesso, sendo para além disso exigível que o contacto com essas referências não se ficasse por uma análise

46. (GOODWIN, 1944, p. 81)

47. Nuno (Afonso), 2006, p. 56)



Figura 26. 1955, Posto Médico de Negrelos, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro

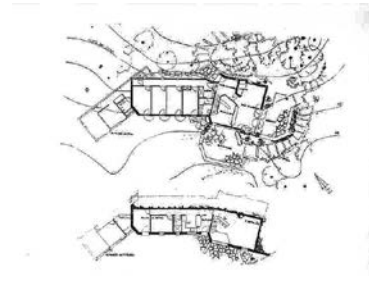


Figura 27. 1957–59, Casa Praia das Maças, Arquitectos Teotónio Pereira e Nuno Portas. Este projecto tem semelhanças com o projecto do Posto Médico de Negrelos, tendo o próprio arquitecto Nuno Portas referido essa questão notada, tanto na organização da planta como na linguagem formal, numa entrevista realizada no âmbito deste trabalho.



Figura 28. 1955, Sede da Caixa Têxtil, Porto, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro



Figura 29. CASA DE OFIR 1957



Figura 30. 1960, Casa do Castanhal, Maia, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro



Figura 31. 1960, Posto Médico de Vizela, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro



Figura 32. 1960, Fábrica de Confecções, Póvoa de Varzim, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro

epidérmica, mas procurasse uma apreensão profissional da informação através do olhar de arquitecto.

Esta dialéctica entre tradição e modernidade constituem incontornáveis pólos de debate entre a classe de arquitectos, tornando-se quase omnipresente no debate arquitectónico:

Por um lado a questão do diálogo com a arquitectura vernacular e com a tradição que constituí um domínio conotado com a procura do Estado na criação artificial de uma identidade nacional, através da sugestão de um falso arquétipo de casa portuguesa apoiando-se em orientações da arquitectura fascista italiana do regime de Mussolini e nos trabalhos teóricos que o arquitecto Raul Lino tinha vindo a desenvolver e que convergiam com este espírito através da promoção de um regionalismo que recorre a elementos pitorescos desprovido na sua composição final de um sentido ou identidade genuínos.

Em 1947 Fernando Távora no seu “O Problema da Casa Portuguesa” define já essa problemática pela clara distinção que aponta entre as autênticas referências vernáculas que devem ser apreendidas e entendidas, por oposição a um formalismo tradicionalista suportado pelo então regime.

Por outro lado, a aceitação do moderno como modelo de construção da civilização e do seu desenvolvimento, utilizando o potencial dos novos materiais e de uma nova expressão formulada com referência na obra de Le Corbusier e nos encontros proporcionados pela organização dos Congressos Internacionais da Arquitectura Moderna (CIAM) decorridos entre 1928 e 1956. Propunha-se a multidisciplinariedade projectual, retomando-se o problema da habitação no domínio social, procurando-se a standardização através da normalização de soluções e materiais no domínio construtivo e definindo uma identidade e autenticidade da obra arquitectónica no domínio da expressão plástica.

Procurando entender as repercussões sociais destes debates em torno da forma do espaço a partir da confrontação deste dois elementos, moderno e tradição, encarados como pólos opostos foram geradores permanentes de vias sem saída tanto no debate como na sua proposta formal. O moderno entendido e desenvolvido dentro de uma negação histórica e a tradição encarada como retorno dessa mesma história resultaram ambas em correntes estereis, onde sobressaiu a ambiguidade presente na proposta do espaço como suporte e formulação de relações sociais, assim como apenas reduzido à sua materialidade e linguagem.

No caso do contexto português, a opção pelo moderno debatia-se com os seu contexto político, o crescente número de arquitectos qualificados que se fazia notar era confrontado por vezes com a opção de ter que superar ou alinhar com este estilo nacional nos domínios da encomenda Pública que, após a morte de Duarte Pacheco, tendeu para abrandar passando para o

domínio da construção de privados, conservando ainda assim uma resistência propostas que conferissem uma expressão moderna aos edifícios. Na realidade, como nos referiu Fernando Távora em 1953, em Portugal não se desenvolveu, à parte de algumas obras notáveis, uma identidade moderna portuguesa como se pretendia, à semelhança da grande referência que foi o caso brasileiro. A este propósito Ana Tostões refere que “De um modo geral, a arquitectura portuguesa dos anos 50, que temos vindo a analisar nos seus aspectos mais eruditos e inovadores, parece caracterizar-se pela heterogeneidade das influências e dos modelos utilizados (...).”⁴⁸

Se numa primeira fase a interpretação dos modelos se mostra mais epidérmica, esta tende a ganhar densidade e complexidade, até mesmo um sentido próprio com o desenvolvimento da encomenda gerada no campo da habitação, assumindo nos edifícios uma presença mais assertiva e sóbria nas formas.

No final dos anos 50, acompanhando o fim do período de adaptação ao novo panorama político do pós-guerra, a revista *Arquitectura* sofre também uma alteração de imagem, coincidindo com a entrada do arquitecto Nuno Portas (n.1934). As capas passam a divulgar em destaque a produção nacional, utilizando projectos que integram os conteúdos de cada edição, com particular interesse numa selecção de obras nas quais é possível delinear essa dialéctica entre tradição e a actualidade moderna. Trata-se de uma reconciliação com a história que, decorrendo em simultâneo com o trabalho de campo das equipas do Inquérito à *Arquitectura Popular*, contribuiu para que se valorizasse os aspectos mais eruditos da expressão arquitectónica, debruçando-se sobre as suas questões de coerência formal, construtiva e estilística.

Procuravam-se também as ferramentas que pudessem funcionar como dispositivos antropológicos e sociais, como que adivinhando as duas décadas que se seguiriam onde a arquitectura esteve em destaque na relação entre o Arquitecto e o habitante, e o recurso a métodos participativos apoiados em experimentações de carácter teórico, como viriam a ser os trabalhos de Bernard Rudofsky “*Architecture without architects*” (1964), John F. C. Turner “*Housing by people*” (1976) e Christopher Alexander “*A pattern language*” (1977).

Anos 60

A par da génese mais participativa e social da própria *Arquitectura*, nas décadas de 60 e 70 assiste-se também a um grande crescimento do número de arquitectos em Portugal, o que em parte viria a ser responsável por uma fragmentação da classe que via assim perder-se o sentido de unidade demonstrado anos antes na altura do Congresso de 1948.

48. (A.TOSTÕES, 1997)

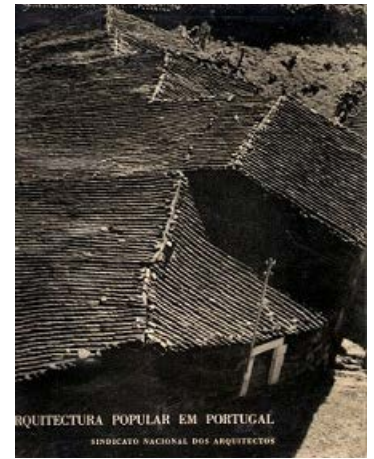


Figura 33. 1961, *Arquitectura Popular em Portugal*, Capa do 1º Volume da 1ª edição



Figura 34. 1964, Posto Médico de Vila do Conde, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro



Figura 35. 1977, Casa Abel Nogueira, Póvoa de Varzim

Torna-se notória uma individualização da prática arquitectónica remetida para o domínio do escritório dos arquitectos, sendo a excepção a mobilização de uma geração ainda jovem e mais activa publicamente em torno dos programas habitacionais, em conjunto com alguns recém-formados arquitectos.

Anos 70 e 80

Portugal viria a ter a ter uma acção particularmente significativa com o processo do SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Local) formulado a partir do decreto-Lei pelo então Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, o arquitecto Nuno Portas, logo após o 25 de Abril de 1974, um programa vocacionado para o problema da habitação definindo através de uma política de actuação, na qual o Estado concedia apoio técnico, orientado para as populações mais carenciadas, mas com capacidade de auto-organização que juntamente com as brigadas de apoio técnico e financiamento público projectaram e construíram novos bairros de realojamento dotados de infra-estruturas e condições de habitabilidade promovendo o direito à cidade, contornando por completo o hábito de realojamento periférico.

Se o Moderno apresentava em si contornos concretos e racionais, embora a forma como se formalizava nos diversos projectos se tenha mostrado vasta, a partir dos anos 70 a produção arquitectónica tendeu para uma desagregação da prática arquitectónica, da relação entre arquitectos e multiplicação de referências. O Pós-Moderno reveste-se de idiosincrasias permanecendo longe de uma definição consensual.

4. Leitura do Conjunto da Obra

No decorrer do trabalho de arquivo que se foi realizando no sentido de descobrir, organizar e arquivar toda a informação disponível deste Arquitecto e da sua obra, a primeira impressão que se tira do conjunto é que este é bastante heterogéneo, quer no tipo de programas que abrange, mas principalmente na formalização estilística e arquitectónica das várias propostas, tornando-o bastante eclético. Sobre esta matéria é muito interessante retomar-se a ideia obtida da entrevista ao Arquitecto Nuno Portas, em que este relata como nessa época esta diversidade era habitual: “Fazia Parte! Os arquitectos, nessa altura, de resto, tinham de ser muito flexíveis. Eram muito poucos. Os padrões eram os mesmos de sempre: o regime, os presidentes de câmara... era tudo a mesma coisa!”⁴⁹

Desse conjunto mais amplo, há projectos que se destacam, como já referido pelo seu carácter mais erudito e de vanguarda, e que deram origem ao capítulo das Obras Seleccionadas, sendo assim, na verdade, essa escolha o primeiro esboço desta leitura crítica.

Recaindo principalmente sobre esse grupo tentar-se-á por temáticas propor leituras possíveis, mas sem querer dessa forma estar a fechar assuntos, tratando-se apenas de uma possível visão do autor.

Para melhor se perceber o enquadramento no qual surgem estes projectos e obras, desde cedo se tentou clarificar qual o papel do arquitecto Germano de Castro Pinheiro, o personagem principal da estória, na sociedade e no restrito grupo de arquitectos da sua época, procurando-se dessa forma legitimar e justificar algumas opções e escolha de soluções de cada projecto.

Um arquitecto anónimo

A verdadeira percepção sobre qual o papel deste arquitecto no meio em que se inseria é, a esta distância temporal, já muito difícil de apurar com toda a certeza, pelo que são os pormenores nos relatos obtidos ou as poucas histórias que ainda se conhecem que trazem alguma luz sobre este assunto. Conclui-se hoje que este arquitecto, como figura activa, é um personagem que, apesar de não ter chegado a ver o seu nome continuado nos meios de divulgação, tinha um importante peso e reconhecimento na sociedade, quer como arquitecto no círculo da cidade do Porto e entre os seus pares, como na sociedade em toda a zona norte definida pelo seu tecido industrial e comercial.

Considera-se nesta matéria o testemunho mais relevante o obtido pelo arquitecto Nuno Portas, quando este diz que Germano de Castro Pinheiro “era dos arquitectos que se queria conhecer, de quem se iam procurar e visitar as obras. Quer dizer, sabia-se que eles existiam e que eram eles os importantes, mas simplesmente não havia a divulgação de hoje.”⁵⁰

Esta tentativa de perceber previamente qual o *engagement* cultural do personagem de estudo é muito importante porque será sempre a melhor sustentação a uma análise qualitativa sobre a sua obra e sobre as opções estilísticas de cada projecto, uma vez que esta nunca deverá

49. Em entrevista ao arquitecto Nuno Portas, Porto, Fevereiro 2015

50. Citação livre de uma conversa no ano de 2004 que acabaria por dar origem ao interesse na realização da Prova Final sobre o arquitecto Germano de Castro Pinheiro.

ser feita aos olhos das modas dos dias de hoje, mas antes dever-se-á procurar fazê-la à luz do seu tempo, do seu contexto histórico.

O Manifesto de 1949 será nesse sentido um sólido indicador deste posicionamento crítico que agora se procura desenhar, uma vez que tratando-se do único escrito conhecido assinado pelo arquitecto Germano de Castro Pinheiro, mesmo sendo uma iniciativa colectiva, ele traz dois dados de relevo; Por um lado é muito definidor de um posicionamento teórico, por outro transporta o arquitecto para o núcleo de maior relevância dos arquitectos da chamada Escola do Porto. Infelizmente não se sabe em que contornos existiu essa aproximação, quem terá feito inicialmente esse contacto, mas percebe-se assim que estes movimentos não lhe seriam alheios e que talvez a sua não participação noutras iniciativas seja apenas o resultado da sua autonomia económica em conjunto com a sua personalidade que evitava as concessões de grupo, queria ser livre. Esta última característica é aliás muito salientada pelo Engenheiro Napoleão Amorim, personalidade muita próxima a vários intervenientes do panorama arquitectónico desta época, que dessa forma justifica também o seu afastamento dos meios editoriais, que hoje se sabe ter contribuído para o seu desconhecimento.

Outro episódio que se considera importante no posicionamento cultural e arquitectónico de Germano de Castro Pinheiro, aconteceu quando em 1948 existiu um Intercâmbio Profissional que trouxe os arquitectos do Sul, ligados à revista *Arquitectura*, a visitarem obras na zona Norte. Apesar do texto que relata essa visita não referir todos arquitectos autores das obras visitadas, está-se em crer que quando este refere a “cordoaria mecânica”, sabendo-se que passaram pela Póvoa de Varzim, estará a referir-se à Fábrica Quintas e Quintas que tinha sido realizada pelo arquitecto Germano de Castro Pinheiro. ⁵¹

“Dos três dias que durou a viagem, dois foram quase integralmente preenchidos com a visita a edifícios do mais variado carácter e volume, mas de idêntico interesse. Não só no Porto como em Póvoa de Varzim, Fão, Esposende e Viana do Castelo.

Seguindo o percurso cuidadosamente estudado pelos arquitectos do Porto, os de Lisboa tiveram ocasião de ver várias habitações colectivas e individuais, uma fábrica de seda artificial e uma outra de cordoaria mecânica, grande cinema Batalha e a maravilhosa estância balnear, turística e desportiva ainda em realização na extensa zona do pinhal compreendida entre a foz do Rio Cávado e o mar.” ⁵² Este episódio em particular é bastante ilustrativo da ideia defendida que Germano de Castro Pinheiro não é um arquitecto anónimo, porque se trata de uma visita organizada por arquitectos e para arquitectos, que engloba obras que ainda hoje são de grande relevo pela sua qualidade arquitectónica, e não sendo de menosprezar a importância da mesma quando está em causa a recepção desta comitiva ligada ao centro do poder.

Estas informações pontuais acabam por ser para esta investigação as únicas ancoragens ao contexto da época, uma vez que, como já se referiu, a principal dificuldade encontrada não está

51. Esta ideia foi também corroborada pelos proprietários desta fábrica, ainda a mesma família que está por isso muito ligada ao local, que não teve dúvida em afirmar que cordoaria nos anos quarenta seria sem dúvida a Quintas e Quintas, e que arquitectonicamente este edifício seria na Póvoa de Varzim o de maior relevo, num contexto que nessa altura era muito pobre.

52. Intercâmbio Profissional In: “*Arquitectura: Revista de Arte e Construção*”. – 2ª Série, nº 19 (JAN. 1948), p.05.

no reconhecimento da qualidade dos projectos, mas antes na falta de referências qualitativas à sua época e na quebra do (re)conhecimento que daí resultou nas actuais gerações de arquitectos, acreditando-se contudo que Germano de Castro Pinheiro não era um “arquitecto anónimo”.

Abordagem ao programa

Na obra em estudo, em diversos projectos se podem observar singularidades na adaptação ao programa proposto ao nível da planta e da sua organização, incluindo-se aqui também as particularidades de cada cliente. Germano de Castro Pinheiro valorizava muito as ideias e necessidades de cada Cliente e presume-se que aí também estivesse a solução para que cada projecto ganhasse o seu próprio interesse, a sua autonomia como projecto singular. Contudo estas adaptações não se traduziram em opções de ruptura, mas antes de consolidação de ideias, ao mesmo tempo que as reformulava em função das características da encomenda. Julga-se por um lado, que a falta de ligações a fundamentos teóricos, escritos ou verbais, teria sempre como consequência um maior desprendimento do arquitecto na altura de começar um novo projecto, ao contrário de outros arquitectos conotados com determinadas ideias, independentemente do juízo que se possa fazer, mas por outro nota-se em todo o seu percurso uma coerência no processo de projectar e na forma como resolve as condicionantes de cada projecto, que será aparentemente regido por uma intuição erudita. O arquitecto utilizava as ferramentas que dispunha para com facilidade mexer nas formas da Arquitectura, introduzindo-lhes dispositivos espaciais por vezes fora para além dos usos normais à época.

Havia esta noção da prioridade “nr.1” número um ser cumprir com a função de cada novo projecto, e que cada espaço seja também o reflexo dessa harmonia entre o programa e o edifício como objecto arquitectónico. Esta vertente é muito clara quando se faz a incursão e o estudo da habitação unifamiliar do arquitecto, onde os relatos são na primeira pessoa e são sempre de uma grande empatia com o autor e como este conseguiu nos mais diversos exemplos concretizar uma qualquer ideia que parecia ser só daquele cliente. Esta situação é por exemplo visível na moradia Rui Faria (1973)⁵³, quando o cliente orgulhosamente descreve a zona de estar íntima da habitação como sendo uma área desenvolvida em conjunto. Este espaço que se poderá considerar único, é na verdade um receptáculo de pé-direito duplo, onde se organizam numa espiral ascendente desde a chegada as diferentes zonas de estar da família; espaço de televisão, espaço de costura e zona de estudo. No âmbito das moradias unifamiliares destacar-se-iam também as soluções encontradas nos casos das construções à face da Nacional 13⁵⁴, criando um espaço de chegada e de recato onde este habitualmente não existia, cumprindo assim o programa de uma casa que se pretendia de grande conforto e em que as condições à face da rua não poderiam oferecer. Numa vertente mais social, o projecto do Bairro Caixa Têxtil e das suas células mínimas modulares, que estão na base das variações de tipologia em todo o conjunto e que é decorrente da investigação em torno das áreas mínimas habitacionais, cujas qualidades espaciais provenientes da sua relação com o exterior e com as

53. Casa Rui Faria, p.252 do Catálogo

54. Casa do Castanhal, p.231 do Catálogo

habitações vizinhas será apenas perceptível em visita ao local. Pretendia-se criar um modelo funcional gerador de novas relações domésticas, em que um espaço comum surge como polo agregador da casa, contrariando as lógicas da habitação burguesa existente.

Na esfera dos programas de uso público, destacar-se-ia o centro de saúde de Santo Tirso e o detalhe da configuração dos seus gabinetes, assunto desenvolvido nas Obras Seleccionadas.

O cuidado na implantação

A implantação na obra de Germano de Castro Pinheiro seria uma temática muito explorada e desenvolvida pelo próprio, talvez a primeira de todo o projecto, percebendo-se o cuidado com que em determinados casos, quando a paisagem ou o programa assim o exigiam, a mesma foi tratada. O Bairro Caixa Têxtil será um exemplo desta abordagem às condicionantes, na sua escala mais macro, porque tratando-se de um conjunto de habitações dispostas em dez bandas a sua disposição está condicionada pelo natural declive do terreno, utilizando-o para estruturar e direccionar implantação das linhas construídas, que assim se agarram a uma direcção numa zona que, à época, não tinha outras referências ou condicionantes construídas. As galerias, utilizando o desnível existente, parecem descolar do chão. Também utilizando a estratégia de implantação como ferramenta de integração do construído em zonas sem referências, o Centro de saúde de Negrelos com o seu posicionamento e volumetria, (re)força ainda mais a curva da estrada nacional, criando uma tenção entre o observador que ali circula, ou simplesmente resguardando o edifício trazendo-o mais para o interior num gesto de continuidade. A utilização do conjunto rochoso de grandes dimensões existente no terreno como ponto de ancoragem para o desenvolvimento do edifício, não pode ser vista como uma casualidade, mas antes como uma intenção muito forte e caracterizadora do Arquitecto por trás deste projecto.

A implantação será também utilizada como dispositivo de preparação do visitante para o edificado, construindo desde logo a temática da chegada, como por exemplo na Casa do Castanhal onde se acede por um percurso ascendente aproveitando as condições do terreno, para a partir daí desenvolver todo o percurso. Seguindo-se o caminho adoçado ao terreno aproveitando como guia a vegetação existente, já na chegada à habitação o próprio espaço de resguardo não deixava de ter as condições necessárias, sem deixar de estar inserido no tema geral do edifício. Outros exemplos desta procura por conjugar a natureza existente com o construído são os projectos da Colónia Balnear ou do Centro de Saúde de Vila do Conde, onde se considera que a mesma é bastante explorada e cuidada.

O aprofundamento de cada tipologia

Considera-se que, sem sombra de dúvida, a componente mais consensual de todos os projectos que se teve a oportunidade de recolher para este trabalho, é a qualidade tipológica das soluções encontradas para cada nova encomenda. Com excepção de alguns projectos que fogem do âmbito mais abrangente da disciplina, como por exemplo os licenciamentos das casas de pescadores, cada solução apresenta sempre espaços de excepção que de alguma forma estão a ir de encontro a uma necessidade, tornando-se dispositivos activos na utilização dos edifícios. Encontra-se sempre um grande cuidado nas soluções apresentadas, por um lado no programa doméstico no tratamento dos espaços íntimos, com zonas que se distanciam sem deixar de estar ligadas, como são exemplo as lareiras inseridas em pequenos espaços adoçados às zonas de estar. Também na forma como organiza o programa, o arquitecto Germano de Castro Pinheiro explora e estende as propriedades do espaço principal de distribuição, tornando-o muitas vezes também numa zona de estar, numa espécie de solário ou jardim de inverno, como se encontra novamente na Casa do Castanhal ou simplesmente como zona da sala mas demarcada por uma cota superior, moradia Abílio Quintas. No programa doméstico das moradias unifamiliares, em quase todas se percebe uma modernidade na forma como se desenvolvem em planta, libertando-se de ideias e hábitos mais tradicionais, resultando em casas que ainda hoje nos parecem adequadas aos modos de estar dos dias de hoje.

Nos programas públicos também se podem perceber pequenas particularidades de cada projecto, que denotam esse cuidado em ir de encontro a determinado programa aprimorando o melhor cumprimento de cada função. Como exemplo, será de referir os gabinetes do Centro de Saúde de Santo Tirso, neste caso tratando-se inclusive de uma ferramenta com fortes implicações na leitura do alçado e na percepção do volume, o Bairro Quintas e Quintas que se desenha criando espaços singulares numa malha em que existe a repetição de um módulo, ou o Bairro da Caixa Têxtil quer pelo desenho de todas as zonas de circulação, como pela forma utilizada para resolver as células mínimas de habitação.

Também de especial interesse é a planta do centro de Saúde de Vizela, muito bem desenhada nos elementos que a compõem, planos maciços, pilares e vidro, como nas proporções que nos remetem para exemplos mais corbusianos. Infelizmente estes desenhos cuidados, complementados por perspectivas de projecto, acabaram por não lhes ser feita justiça pela obra construída que apresenta um elemento na cobertura que é omissos em todos os registos, estragando-lhe as suas proporções.

A transposição destas diferentes soluções programáticas para a construção, utilizadas nas diferentes tipologias, acaba também ela por ser bastante diversificada e de grande interesse.

Materialidade e linguagem

A materialização em obra construída dos diferentes projectos do arquitecto Germano de Castro Pinheiro, acaba por seguir, como já foi dito, diferentes linguagens ao longo do tempo, mas principalmente conforme o cliente.

As suas primeiras obras são as mais comprometidas com a sua época e com a cultura académica, visível no desenho das fachadas e pela organização tipológica, sendo assim talvez dos casos menos interessantes, mas também pela própria representação das peças desenhadas em linha com o grafismo da escola francesa das *beauxarts*. As primeiras três obras de Germano de Castro Pinheiro, que foram realizadas em parceria com outros arquitectos, dão também sinal do seu tempo e da dicotomia patente entre acompanhar a vanguarda e simultaneamente se defrontarem com modelos conservadores. No final dos anos trinta ainda seriam poucos os exemplos portugueses que saíssem dessa mesma linha, como também nos diz Ana Tostões:

«Quer, já no final da década de 30, por Viana de Lima (1913-1990) na corbusiana casa da Rua Honório de Lima que anuncia panfletariamente um assumido radicalismo moderno e uma informação actualizada com a contemporaneidade internacional, que só seriam retomados ao longo dos anos 50, como se verá. Tratava-se da primeira vez que assumia entre nós uma referência tão clara ao ideário formal e construtivo do Movimento Moderno. Como referiu Pedro Vieira de Almeida, esta casa representou uma arquitectura “sem compromissos impostos, sugeridos ou aceites” que não fossem os que resultavam da leitura corbusiana.»⁵⁵

Mesmo reconhecendo-se esse carácter eclético do conjunto da obra de Germano de Castro Pinheiro, nela existe sempre uma grande coerência formal e no uso dos materiais, mesmo quando sabemos estar a falar de uma pedra “exagerada” rústica. Como nos diz Ana Tostões sobre Adolf Loos, este afirma nos seus escritos na passagem do século XIX para o XX que:

«cada material tem a sua própria linguagem formal e nenhum pode falar uma língua estrangeira. Porque as formas são elaboradas a partir das possibilidades de utilização e do modo de obter cada material. (...) Nenhum material tolera que se violente o seu registo formal.»⁵⁶

No caso dos Postos Médicos projectados para a Caixa de Previdência considera-se haver uma matriz comum nos casos de Santo Tirso (1955), Negrelos (1955), Beja (1961) e Vila do Conde (1964). Estes projectos partilham princípios de composição de vãos estreitos que são conceptualmente interrupções nos panos estruturais, sendo que estes últimos são aparentemente muros suporte das lajes de piso que aparecem marcados na fachada. Ainda que variando entre si na escolha de materiais e cores que partem de um princípio de adaptação ao lugar e por isso se particularizam nesse ponto, a composição é coerente com a escolha dos materiais para cada função, quer seja o betão, a pedra, cerâmico ou vidro. Formalmente a materialização

55. (Tostões, 2004, p. 114)

56. (Tostões, 2015, p. 82)

da obra cumpre o conceito proposto, nestes casos no sentido de uma modernidade regionalizada percorrendo os caminhos para o que viria a ser chamada a 3ª via.

Ainda nesta temática dos alçados, os projectos Fábrica de Confecções [1960] e Impetus [1987] constituem, cada um a seu modo, projectos particularmente interessantes nos quais os elementos da fachada ganham tridimensionalidade projectando-se além do plano principal do edifício no qual estes elementos se mostram dinâmicos e de grande expressividade. São também um exemplo de continuação de um processo experimental do seu tempo, utilizando o programa “sem cliente” como tela para a contemporaneidade!

Quando o programa a propor é o da moradia unifamiliar, percebe-se que há no arquitecto Germano de Castro Pinheiro uma substancial alteração na abordagem a cada projecto, quer na sua formalização como na sua materialidade. Esta diferenciação será de notar logo desde o início do seu percurso em dois projectos contemporâneos, quando desenhou o estabelecimento comercial Casa de Chá Bom Doce [1938] e a Casa Dr. Bento Amorim [1940].

De referir será também o singular uso das meias varas de madeira como material de revestimento da fachada da Casa Abílio Quintas [1960] que lhe conferem uma forte expressão plástica, em conjunto com a marcada presença do volume que define a entrada e se assume como um elemento adicional à composição da volumetria da casa.

O uso do reboco como material plástico e único da fachada não é no conjunto dos projectos seleccionados do arquitecto Germano de Castro Pinheiro uma opção usual, sendo que normalmente aparece em panos que se articulam com outros materiais de carácter mais vincado e que acrescentam um sentido compositivo, mas será de referir a sua utilização no edifício Maresia [1972], onde o arquitecto utiliza a maior abstracção do reboco para explorar e valorizar a forma do objecto. Trata-se de um edifício composto por uma grande pala vertical colocada a norte, que emita os pára-ventos, abrigando uma forma que parece esculpida de uma massa, também ela recortada em arestas e que apresenta um elemento tridimensional saliente pousado. O conjunto resulta assim bastante rico, explorando a linguagem da forma proposta e utilizando as características do reboco como elemento unificador e de consistência.

Quando em 1987 o arquitecto Germano de Castro Pinheiro volta a ter uma encomenda de um programa de serviços, a ampliação dos escritórios da fábrica Impetus [1987], a escolha pelos materiais de fachada já recai no desenho de uma grande frente envidraçada e numa composição que é novamente muito do seu tempo, resultando num edifício marcadamente pós-moderno, que procura um efeito estético, resultando sem dúvida numa construção que se destaca do restante edificado e que transporta uma imagem de modernidade para o conjunto fabril.

O cliente

Julga-se ser nesta fase possível afirmar que Germano de Castro Pinheiro condicionava a linguagem de cada projecto em função não só do programa, e consequentemente o desenho dos seus alçados, procurando ir de encontro ao que melhor se adaptasse a cada caso, mas principalmente a cada cliente. Olhando para o conjunto, hoje somos tentados a dizer que Germano de Castro Pinheiro, salvo poucas excepções, produziu uma arquitectura que queria que fosse de vanguarda nos programas “sem cliente”, mas que perante a necessidade de cumprir o pedido de uma moradia unifamiliar parece ceder à vontade de estilo dos clientes, hipotecando qualidades formais e linguísticas que lhe reconhecemos desde cedo! Será esta cedência uma convicção que a sua obra não se poderia sobrepor aos desejos do cliente e proprietário, ou seria apenas uma questão de não conseguir transpor as suas ideias a estes últimos?

O caso do Bairro de São Mamede é um exemplo desta dicotomia; tratando-se de um programa de habitação, mas de uma encomenda “sem cliente”, Germano de Castro Pinheiro utiliza uma linguagem moderna, recorrendo a coberturas planas, a elegantes galerias de laje de betão que se dissolvem contra o chão numa pequena escada que resolve o acesso vertical. Este exemplo e as excepções existentes no conjunto das Obras Seleccionadas das moradias mais propositivas, são um indício que a opção referida não seria uma escolha estilística, mas mais provavelmente a sensibilidade do arquitecto para ir de encontro ao gosto do seu cliente .

A partir de meados da década de 70 a sua encomenda passa maioritariamente para o sector privado, sobretudo para encomendas de habitações e blocos habitacionais, desenvolvendo predominantemente a sua actividade profissional no exercício da relação com o utente. Esta circunstância talvez seja ainda mais um reforço nesta escolha por uma imagem mais tradicional que mimetiza soluções da Arquitectura Popular, menos erudita, em conjunto com o conformismo de querer satisfazer o cliente.

3ª via

No texto *Responsabilidade de uma novíssima geração – o movimento moderno em Portugal*, publicado na revista *Arquitectura* n.º66, em Nov./Dez. de 1959, o arquitecto Nuno Portas aponta para uma necessidade de síntese e é entendido que a selecção de projectos que a revista *Arquitectura* vinha apresentando desde a sua entrada para a Comissão Directiva em 1957 tinham o propósito de apontar essa síntese. Essa síntese viria a consolidar de uma forma intuitiva em projectos de habitação, sejam eles de carácter particular ou institucional, uma síntese entendida enquanto formalização da já enunciada terceira via na arquitectura portuguesa. Neste contexto, em 1958 a publicação da revista *Arquitectura* n.º62 utiliza como capa o Centro Médico-Social de Negrelos, projectado nesse mesmo ano pelo arquitecto Germano de Castro Pinheiro. A análise efectuada no artigo de apresentação deste projecto tende a salientar o carácter de escala quase doméstica dada a sua identidade local, construída com base numa implantação e volumetria em harmonia com o lugar e com o recurso a materiais locais. Os postos clínicos realizados pelo arquitecto Germano de Castro Pinheiro teriam um grande destaque no contexto urbano, mas também cultural, onde se inseriam trazendo uma linguagem moderna, mas que hoje reconhecemos como de síntese.

Não será alheio a esta circunstância a edição do catálogo ‘Brasil Builds, Architecture New and Old 1652-1942’ editado em 1943, que se sabe ter feito parte da biblioteca do arquitecto, e onde é evidente a leitura da continuidade estabelecida com a herança colonial e arquitectura vernácula através do primeiro capítulo que ilustra exemplos de urbanismo coloniais, fazendas e igrejas, mas também construções mais pobres, misturadas com o repertório brasileiro do Estilo Internacional. Esta publicação viria a exercer uma forte influência na nova geração dos arquitectos portugueses formados na década de 40 que se iniciariam num tardo-modernismo. O primeiro exemplo do arquitecto Germano de Castro Pinheiro será construído em ambiente urbano nos anos 50, no Porto na Rua de Miguel Bombarda, Sede da Caixa de Previdência da Indústria Têxtil do Porto.

*«E nesse contexto, nos anos 1950, entra uma nova geração na escola, ao mesmo tempo em que há uma relativa abertura do governo, que não podia mais se apoiar em Hitler e Mussolini. E começa a chegar para nós o trabalho do Le Corbusier (1887-1965), depois do Walter Gropius (1883-1969) e, a certa altura, chega o Fernando Távora (1923-2005) na faculdade com um livro embaixo do braço chamado “Brazil Builds”. E aquilo foi uma coisa impressionante, mudou tudo. Os desenhos do Niemeyer, com curvas, o Lucio Costa... foi um sobressalto no nosso círculo.»*⁵⁷

57. Álvaro Siza em entrevista ao Folha de S.Paulo, <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/02/1737194-fiz-por-merecer-mas-tive-sorte-diz-mais-importante-arquiteto-portugues.shtml>

05. Conclusão

Por todo o trabalho desenvolvido pensa-se ser seguro dizer que Germano de Castro Pinheiro era sem dúvida um arquitecto do seu tempo!

Da ampla informação agora disponível e disponibilizada, os relatos na primeira pessoa acabam por se tornar peças marcantes, em particular a realizada ao arquitecto Nuno Portas pela sua densidade histórica e profundo conhecimento desta época, ou a do arquitecto Alexandre Rodrigues pela forte ligação emotiva que automaticamente se sente existir ao arquitecto Germano de Castro Pinheiro, ao mesmo tempo que nos dá uma visão experimentada do que era o contexto da produção arquitectónica à época no Porto.

*«Acho que era de facto uma pessoa muito interessante, o arquitecto Germano de Castro era de facto uma pessoa muito interessante, muito inteligente, muito desenrascado, era uma pessoa típica da sua época. Eram muito poucos arquitectos, no Porto eram meia dúzia com escritório, e o arquitecto Germano era um deles que toda a gente conhecia, toda a gente conhecia o arquitecto Germano de Castro.»*⁵⁸

Dos momentos de realização de uma encomenda para um cliente institucional resultam as obras de Germano de Castro Pinheiro que facilmente se identificam como parte integrante do panorama de produção arquitectónico português, juntando-se à sua melhor e mais erudita arquitectura. Esta ideia será confirmada pela descrição realizada na reportagem sobre o Centro de Saúde de Negrelos na Revista Arquitectura em 1958 que realça exactamente esta característica.⁵⁹

Contudo, a sua participação não manifestava uma vontade de mimetismo das “novas tendências” ou de uma reinvenção da arquitectura, mas sim o desejo de algo novo que resultasse do saber adquirido, da continuidade e da tradição, valorizando a relação com o contexto envolvente, a prevalência dos sistemas construtivos e a vivência espacial do utente. Esta consistência teórica facilmente se retira da análise da obra construída em conjunto com as peças desenhadas existentes, identificando-se o percurso e a metodologia do seu autor. Os seus edifícios resultavam assim depurados de qualquer ornamentação de carácter popular, dando lugar a uma linguagem mais crítica, mas mantendo uma intencional expressividade local.

Também no percurso de Germano de Castro Pinheiro se identificam certas problemáticas que seriam transversais neste período à maioria dos arquitectos, como a questão da prevalência de um estilo nacional ou a adopção de um estilo internacional, ou mesmo a questão da experimentação com espaço doméstico, a que se juntava uma maior abertura para os domínios da sociologia e da antropologia. Como resultado pode-se afirmar que ao longo das seis décadas onde se insere este conjunto de projectos em análise, prevalece um sentido estético ecléctico,

58. Em entrevista ao arquitecto Alexandre Rodrigues, Porto, Fevereiro 2015

59. “O centro médico-social de Negrelos, como aqui se documenta, apresenta características que o destacam da orientação como das realizações que para o mesmo fim a Federação das caixas de Previdência tem levado a efeito em outros pontos do País. Com efeito, a confiança dada ao arquitecto autor do projecto, sobretudo na Delegação do Norte, permitiu a criação de uma obra original, que alia à adequação aos fins requeridos uma visão arquitectónica moderna, não isenta de respeito pela tradição local. *In* (R.M., 1958, pp. 24-29)

mais vocacionado para o exercício da prática profissional, ordenado pela variação e adaptação de cada projecto ao lugar, ao programa e, com especial importância, ao cliente. Cada projecto obedece não a um estilo pessoal, mas a uma intuição na relação da obra com as suas circunstâncias imediatas e próximas, conseguindo por essa via antes uma continuidade das formas e dos espaços. Parece não ter existido uma pretensão assumida de integrar qualquer corrente ou modo de fazer preconcebido, mas antes uma abordagem à obra segundo princípios gerais da Arquitectura. Cada oportunidade traduzia-se num processo de aprendizagem que era construído a partir da forma arquitectónica que, com um sentido crítico, procurava sintetizar as problemáticas do projecto e da Arquitectura.

Naturalmente que esta reflexão estava também embebida dos próprios princípios da época o que faz com que em cada caso se reconheça também uma continuidade histórica que, não se tratando dos seus exemplos mais paradigmáticos, enriquece o estudo da Arquitectura Portuguesa.

Chegando-se ao fim destes dois momentos, toda a fase de descoberta de um espólio e da sua sintetização numa dissertação, espera-se poder olhar para o resultado produzido com surpresa, não de quem desconhece como se chegou a determinado fim, mas com a surpresa de quem temeu não ser capaz de acabar o que se tinha começado.

Só assim se poderá ter satisfação no trabalho realizado, sabendo-se que, fruto das motivações pessoais do autor e da sua proximidade às pessoas, das condicionantes da perda de uma memória que não é física e da desactivação do sítio original do espólio, provavelmente este é o fechar de um ciclo de investigação; o fechar da descoberta do Arquitecto Germano de Castro Pinheiro.

Agora, fica o material que se (des)arrumou, que se descobriu, que nos encontraram, que se tratou, que se produziu e que se deixou ficar, na esperança que possa contribuir para futuras visões mais abrangentes.

BIBLIOGRAFIA

Afonso), (editor João. (2006). IAPXX – Inquérito à Arquitectura Portuguesa do Século XX em Portugal In Ordem dos Arquitectos (Ed.).

AMARAL, Francisco Keil. (1947, Jul. e Agosto). Maleitas da arquitectura nacional *Revista de Arte e Construção*.

BRITES, Joana. (2009). Movimento moderno: de resposta universal a hipótese de século. *Revista Estudos do Século XX*.

COSTA, Alexandre Alves. (1988). *Prefácio*. In Sérgio FERNANDEZ (Ed.), *Percurso, Arquitectura Portuguesa 1930/1974*: Faup publicações.

COSTA, Alexandre Alves. (2007). *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa : outros textos sobre arquitectura portuguesa* (2º edição ed.). Porto: Faup Publicações. Do Porto e não só. Retrieved from http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/05/os-planos-para-o-portodos-alma-das-aos_20.html

FERNANDEZ, Sérgio. (1988). *Percurso, Arquitectura Portuguesa 1930/1974*: Faup Publicações.

FOUCAULT, Michel. (Março 1982). Space, Knowledge and Power. *Revista Skyline*.

GOODWIN, Philip L. . (1944). *Brazil Builds : architecture new and old : 1652–1942* (3ª ed. Rev. ed.). Nova Iorque: Museu de Arte Moderna.

Minas de Rio de Frades. Retrieved from Rotas do Volfrâmio na Europa – Memória dos homens e património industrial website: <http://routesofwolfram.eu/pt/patrimonio-industrial.html> Retrieved from <http://routesofwolfram.eu/pt/patrimonio-industrial.html>

PEREIRA, Nuno Teotónio. (1938). As casas Económicas 1947–1969. *Jornal dos Arquitectos* (nº16,17 e 18).

PEREIRA, Nuno Teotónio. (1983). As casas Económicas 1947–1969. *Jornal dos Arquitectos* (nº16,17 e 18).

PEREIRA, Nuno Teotónio. (1996). *A Federação de Caixas de Previdência – 1947–1972*.

In FAUP publicações (Ed.), *Escritos (1947–1996, selecção)*. Porto.

PORTAS, Nuno. (1959). Conceito da Casa em pátio como célula social. *revista Arquitectura*.

PORTAS, Nuno. (1973). A evolução da Arquitectura Moderna em Portugal, uma interpretação. In Bruno ZEVI (Ed.), *História da arquitectura Moderna* (Vol. volume 2). Lisboa: Ed. Arcádia.

PORTAS, Nuno. (2008). *Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação* (2ª ed. ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

R.M. (1958). Centro médico-social de Negrelos. *Revista Arquitectura*.

RODRIGUES, Alexandre. (2015, 11 de Fevereiro) *Entrevista/Interviewer: Germano de Castro Pinheiro*. Porto.

TAVARES, Maria Fernanda. (2003). *Federação de Caixas de Previdência – Habitações Económicas: Um percurso na História da Arquitectura da Habitação* (Tese de Mestrado), Lisboa.

TOSTÕES, Ana. (1997). *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*: Faup publicações.

TOSTÕES, Ana. (2015). *A idade maior: cultura e tecnologia na arquitectura moderna portuguesa*: FAUP Publicações.

Tostões, Coord. Ana. (2004). *Arquitectura Moderna Portuguesa: os Três Modos, em Arquitectura Moderna Portuguesa 1920–1970*. Lisboa: IPPAR.

TOSTÕES, coord. Ana. (2008). *1º Congresso Nacional de Arquitectura: [relatório da comissão executiva, teses, conclusões e votos do congresso]*. : Ed. facsimil. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

REVISTAS E ARTIGOS

REVISTA ARQUITECTURA, 1ª, 2ª e 3ª edição

REVISTA ARQUITECTURA n.º62, *Centro Médico-Social em Negrelos* [projecto do arq. Germano de Castro Pinheiro, capa de edição], Lisboa, p.24–29 ARQUITECTURA, n.º32, 1949

REVISTA ARQUITECTURA n.º32, *Exposição dos Arquitectos do Porto ao Presidente da C.M.P.* [texto conjunto no qual se integra o arq. Germano de Castro Pinheiro], Lisboa, p.2–3

REVISTA DE ARTE E CONSTRUÇÃO, 2ª Série, n.º 17 e 18, JUL e AGO. 1947

REVISTA DE ARTE E CONSTRUÇÃO, 2ª Série, n.º 19, JAN. 1948

COELHO, António Baptista, *Sobre o Bairro de Alvalade de Faria da Costa: um exemplo bem actual de sustentabilidade urbana e residencial*, Infohabitar 132, <http://infohabitar.blogspot.pt/2007/03/sobreobairrodealvaladedefariada.html>, consultado em 24/02/2015

MATOS, Madalena Cunha, *Para o Maior Número: sobre a Federação de Caixas de Previdência* [entrevista ao arquitecto Nuno Teotónio Pereira], *Jornal dos Arquitectos* n.º204, Janeiro/Fevereiro 2002, p. 35–39

PEREIRA, Nuno Teotónio, *As casas Económicas 1947–1969*, *Jornal dos Arquitectos* n.º16, 17 e 18, Março Abril e Maio de 1983, p.11–124

TAVARES, Maria, *Um Percurso na Habitação em Portugal: o caso da FCP-HE*, Infohabitar 182, <http://infohabitar.blogspot.pt/2008/02/um-percurso-na-habitao-em-portugal.html>

FONTES ARQUIVÍSTICAS

Centro de Documentação da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

- Projectos de Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) n.ºs 016, 208, 219, 252 e 299.

Arquivo da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto

- Processos dos alunos Germano de Castro Pinheiro; Eduardo Figueirinhas e Alexandre Rodrigues.

Arquivo do escritório Germano de Castro Pinheiro, Lda.

- Processos de vários projectos.

Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto

- Licença de Obra n.º 8322/1951, Caixa 3–6, Rua de Nova Sintra.

Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto

- Licenças de Obras n.ºs 362/1948; 196/1951; 495/1952; 655/1971; 656/1971 e 657/1971.

Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner (Vila Nova de Gaia)

- Processos de Obras Particulares n.ºs 67410; 72453.

Arquivo Histórico da Póvoa de Varzim

- Licenças de Obras n.ºs 2255/66; 3113/66; 3343/69; 3349/69; 4948/72; 6840/77; 7672/79; 8036/79; 8490/79; 8942/80; 8974/81; 10160/83; 10317/84;

Biblioteca da Ordem dos Arquitectos

- Consulta bibliográfica:
- MATOS, Madalena Cunha, *Para o Maior Número: sobre a Federação de Caixas de Previdência* [entrevista ao arquitecto Nuno Teotónio Pereira], *Jornal dos Arquitectos* n.º204, Janeiro/Fevereiro 2002, p. 35–39
- PEREIRA, Nuno Teotónio, *As casas Económicas 1947–1969*, *Jornal dos Arquitectos* n.º16, 17 e 18, Março Abril e Maio de 1983, p.11–124

Centro de Memória de Vila do Conde

- Licenças de Obras n.ºs 621/46; 81/47; 934/47; 969/47; 1017/47; 1029/47; 1041/47; 2135/47; 248/48; 24/49; 25/49; 28/49; 59/49; 240/49; 218/50; 4445/50; 43/53; 46/53; 137/54; 137/54; 140/54; 506/61; 1065A/61; 128/62; 130/62; 154/62; 155/62; 157/62; 237/62; 405/62; 406/62; 441/62; 442/62; 443/62; 444/62; 445/62; 516/62; 517/62; 643/62; 708/62; 727/62; 1012/62; 1022/62; 1754/62; 4134/62; 11/63; 40/63; 178/63; 489/63; 655/63;

658/63; 476/63; 488/63; 776/63; 170/64; 689/64; 692/64; 316/64; 815/64; 874/64; 256/74;
339/68; 210/72; 449/77; 185/79; 1092/93;

- Base fotográfica AMVC n.ºs 6531 FA-27; 11078 FA-2312; 11079 FA-2313; 11080 FA-2314; 11082 FA-2316; 15849 FS-3426; 20421 FA-4217; 20505 FA-4236; 26917; 30566; 21740 FA-4445; 64600 T-5679; 64659 T-5759;
- Livro de Actas da Comissão de Turismo n.º 5 [1951–1979].

Centro Português de Fotografia

- Base de dados do espólio fotográfico de Domingos Alvão - Casa Alvão: Fotografia com referência PT/CPF/ALV/004706

Câmara Municipal de Matosinhos em parceria com MatosinhosHabit

- Processo do Bairro da Caixa Têxtil

Câmara Municipal e Arquivo Municipal de Santo Tirso

Câmara Municipal de Braga

Câmara Municipal de Beja

Câmara Municipal de Vizela

ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

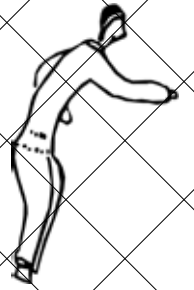
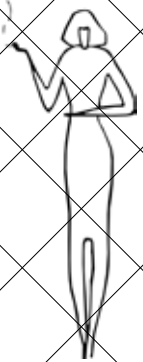
- Clientes e fontes de encomendas de obras; Arquitectos e colaboradores que exerceram ou contactaram profissionalmente com o autor em estudo (Arq. José Carlos Loureiros; Arq. Alexandre Rodrigues; Eng.º. Napoleão Amorim; Arq. Nuno Portas) e Família do arquitecto Germano de Castro Pinheiro [1913–1992].

ÍNDICE DE IMAGENS

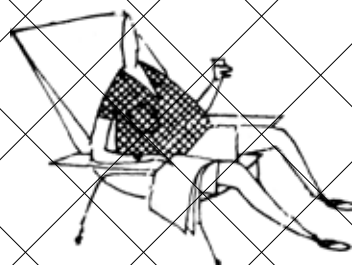
- Figura 01.** Fotografia de Germano de Casto Pinheiro na praia, Vila do Conde, s/data, pág. 21
- Figura 02.** Germano de Castro Pinheiro na sua infância ao lado da sua mãe, s/data , pág. 21
- Figura 03.** Fotografia de casamento de Germano de Castro Pinheiro com Maria Flores Torres, pág. 21
- Figura 04.** Fotografia da casa de Germano de Castro Pinheiro, antiga Rua do Barão do Rio Ave, Vila do Conde, pág. 21
- Figura 05.** Capa de trabalho identificado na biblioteca de Germano de Castro Pinheiro considerada como possível parte do trabalho de CODA (no qual constam apenas medições técnicas), pág. 22
- Figura 06.** Rótulo do Gabinete de Engenharia e Arquitetura formado pelos arquitectos Germano de Castro Pinheiro e Fernando Tudela, pág. 23
- Figura 07.** Germano de Castro Pinheiro com a família na Praia da Figueira da Foz, s/data, pág. 26
- Figura 08.** Bandeira da Casa Flores Torres em forro de tafetá, cetim e fio dourado , pág. 26
- Figura 09.** 1922, Pavilhão de Honra de Portugal na “Exposição Internacional do Rio de Janeiro”, Arquitectos Cottinelli Telmo, Carlos Ramos e Luis Cunha , pág. 28
- Figura 10.** 1925, Café de Unie, Roterdão, Arquitecto JJP Oud , pág. 28
- Figura 11.** 1928, Villa Savoye, Poissy-sur-Seine, França, Arquitecto Le Corbusier , pág. 28
- Figura 12.** 1925, MaisonDessau, Arquitecto Walter Gropius. É de notar que algumas características deste projecto são partilhadas com o Posto Médico o arquitecto Germano de Castro o teve como uma referência. O Posto Médico de Vizela é um dos projectos em que mais claramente o arquitecto assume uma linguagem abstracta. , pág. 29
- Figura 13.** 1928, Garagem Comércio do Porto, Arquitecto Rogério de Azevedo , pág. 29
- Figura 14.** 1933, Instituto Pasteur, Porto, Arquitecto Keil do Amaral , pág. 30
- Figura 15.** 1938, Casa de Chá ‘Ao Bom Doce’, Vila do Conde (desenho do autor) , pág. 31
- Figura 16.** 1940, Casa Bento Amorim, Vila do Conde , pág. 33
- Figura 17.** 1941, Bairro Habitacional, Argentina, Richard Neutra (imagem retirada da biblioteca Germano de Castro Pinheiro) , pág. 33
- Figura 18.** 1951, Bairro da Caixa Têxtil, Germano de Castro Pinheiro (comparação com Fig. 17), pág. 33
- Figura 19.** 1948, I Congresso Nacional de Arquitectura, pág. 34

INDICE DE IMAGENS

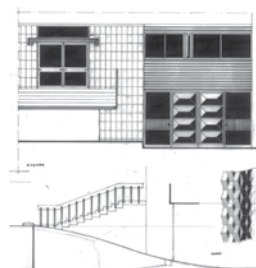
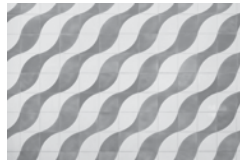
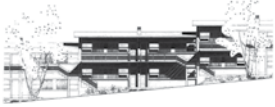
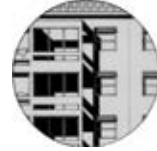
- Figura 20.** Miguel Jacobetty, estudo para o Bairro de Alvalade da Federação das Caixas de Previdência, Habitações Económicas. Este estudo estabilizou uma unidade mínima de habitação que veio a ser tida como referência para outros projecto similares, pág. 38
- Figura 21.** Capa da Revista Arquitectura nº20, pág. 39
- Figura 22.** Capa da Revista Arquitectura nº 62, Projecto do Centro Médico-Social de Negrelos do arquitecto Germano de Castro Pinheiro, pág. 39
- Figura 23.** 1951, Colónia Balnear em Vila do Conde, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro , pág. 40
- Figura 24.** 1951, Bairro da Caixa Têxtil, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro, ©Tiago Casanova, pág. 40
- Figura 25.** 1951, Posto Médico de Santo Tirso, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro. ©Tiago Casanova, pág. 40
- Figura 26.** 1955, Posto Médico de Negrelos, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro, pág. 41
- Figura 27.** 1957–59, Casa Praia das Maças,Arquitectos Teotónio Pereira e Nuno Portas. Este projecto tem semelhanças com o projecto do Posto Médico de Negrelos, tendo o próprio arquitecto Nuno Portas referido essa questão notada, tanto na organização da planta como na linguagem formal, numa entrevista realizada no âmbito deste trabalho, pág. 41
- Figura 28.** 1955, Sede da Caixa Têxtil, Porto, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro, pág. 41
- Figura 29.** CASA DE OFIR 1957, pág. 42
- Figura 30.** 1960, Casa do Castanhal, Maia, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro, pág. 42
- Figura 31.** 1960, Posto Médico de Vizela, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro, pág. 42
- Figura 32.** 1960, Fábrica de Confecções, Póvoa de Varzim, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro , pág. 42
- Figura 33.** 1961, Arquitectura Popular em Portugal, Capa do 1º Volume da 1ª edição, pág. 43
- Figura 34.** 1964, Posto Médico de Vila do Conde, Arquitecto Germano de Castro Pinheiro, pág. 43
- Figura 35.** 1977, Casa Abel Nogueira, Póvoa de Varzim, pág. 43

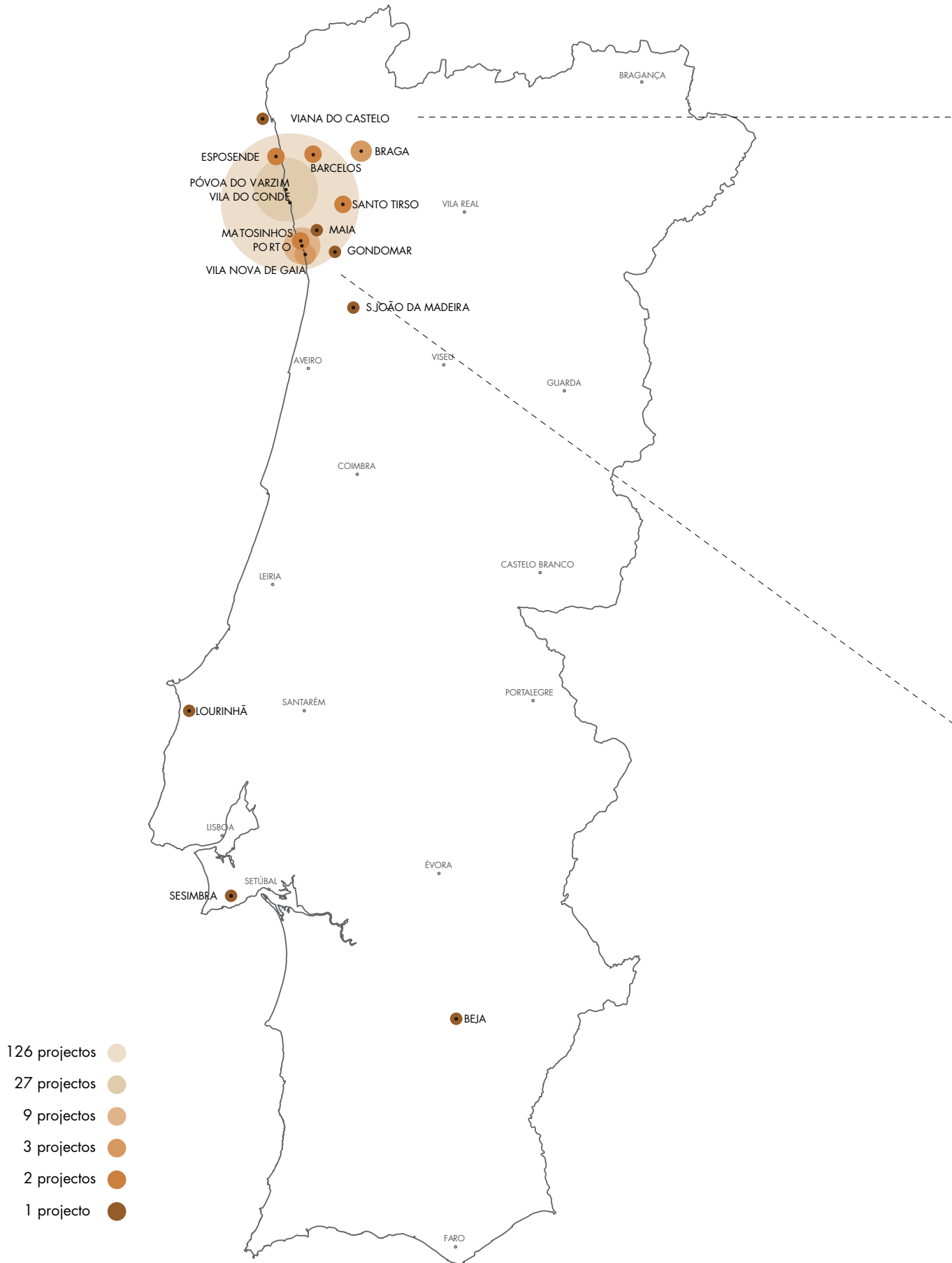


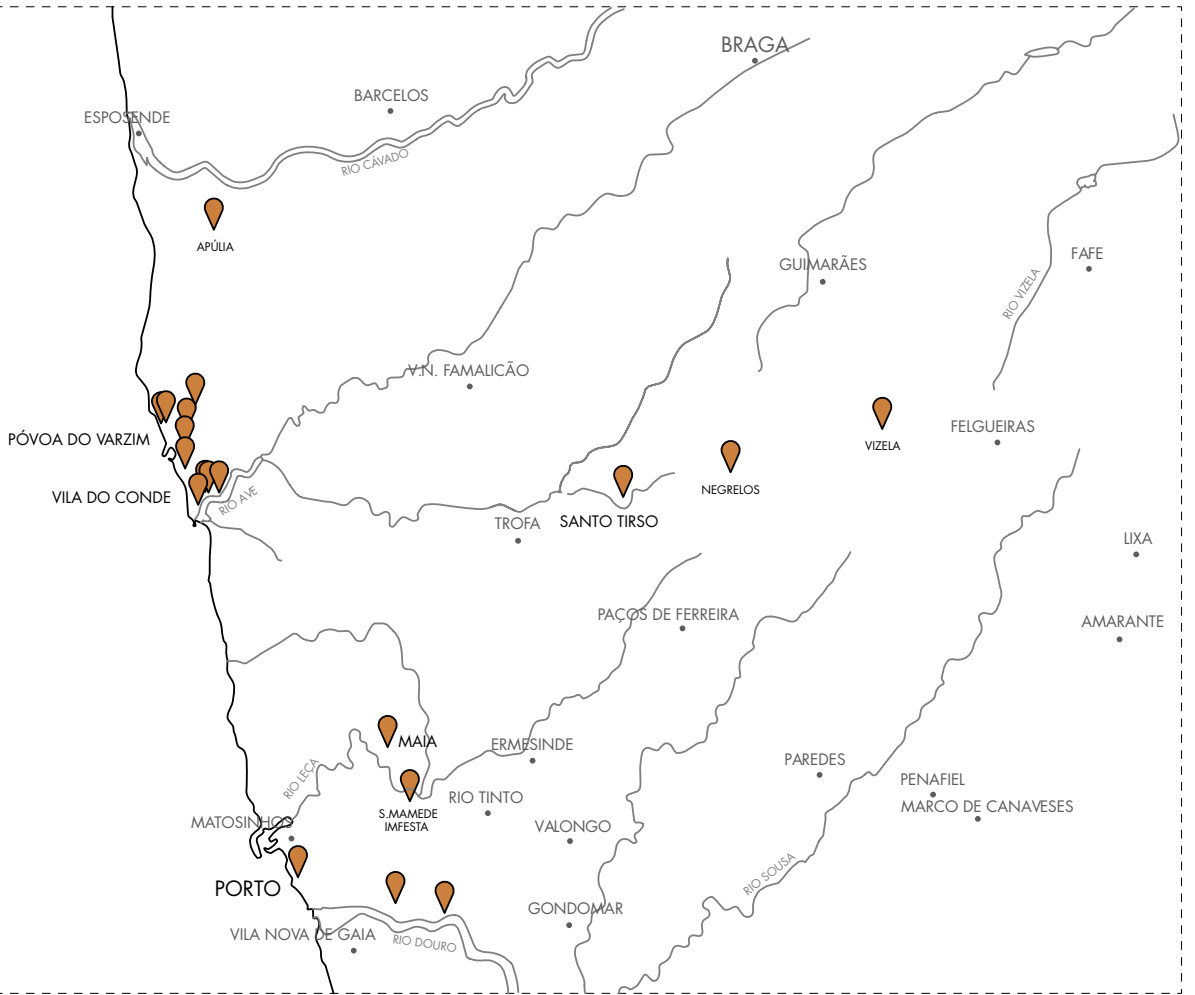
PARTE II



OBRAS SELECCIONADAS









CASA DE CHÁ BOM DOCE

1938



CASA DE CHÁ BOM DOCE 1938

LOCAL: Avenida Dr. João Canavarro, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Comércio (Salão de chá)

CO-AUTOR: arq. Fernando Tudela

ESTADO: Construído / Muito Alterado no Piso Térreo

Figura 01. Alçado Norte
Foto de época
Arquivo familiar



O projecto do salão de chá “Ao Bom Doce” de 1938 é a primeira obra projectada pelo arquitecto Germano de Castro Pinheiro. É em parceria com o arquitecto Fernando Nápoles Tudela com quem funda a sociedade “E. Arquitecto” que o arquitecto Germano inicia a sua prática profissional com 25 anos de idade, ainda enquanto estudante de arquitectura em Vila do Conde cidade onde estabelece a sua morada e onde viria a realizar uma parte significativa da sua obra.



Figura 02. Livro de honra
Fotos de época da inauguração
Arquivo familiar

Figura 03. Germano de Castro Pinheiro
(à dir.) e Fernando Tudela na obra
Arquivo familiar

Figura 04. Alçado Sul
Foto de época
Arquivo familiar

O projecto partiu com a responsabilidade de renovar a marca “Bom Doce”, conforme solicitado pelo cliente, através da construção de um edifício novo no centro de Vila do Conde. Localizado numa das suas principais avenidas, uma zona consolidada composta por edifícios de construção e aspecto nobre, o projecto terá sobressaído entre esta envolvente pela depuração da sua fachada de elementos decorativos e reforçada pela composição geométrica da sua volumetria. O volume principal de planta regular e dois pisos fazem frente de rua orientado para sudeste, acrescentando para norte um pequeno volume mais estreito e adoçado ao principal no qual se encontra uma escada que liga a cota do pátio ao primeiro andar com uma pequena varanda no seu comprimento. Compacto e branco, os vãos dispensam qualquer adorno ou sinal do seu modo construtivo, rompem a fachada conformando um contraste e uma composição de sombras. A varanda da fachada principal é o elemento que marca a excepção destacando-se da restante volumetria projectando-se sobre a rua e rematando numa curva. A composição utiliza a subtilidade da sombra em pequenas saliências e reentrâncias, e remata com um friso de linhas rectas, que transita para a platibanda um elemento clássico de remate do topo da composição do edifício e que permite também ocultar a



Figura 05. Desenho de Germano de Castro Pinheiro na inauguração
Arquivo familiar

cobertura inclinada na perspectiva da cota peão. Na inauguração foi destacado o desenho e organização dos espaços interiores, por proporcionarem diferentes ambientes e escalas.

O ar “moderno” dos espaços foi salientado pelos convidados no livro de honra da inauguração do edifício em 1938 e pelos artigos de jornais locais, recebendo elogios que remetem quase sempre para os espaços, ambientes e características arquitectónicas do edifício. «O acto decorreu brilhantemente, tendo usado da palavra vários oradores, que, enaltecendo o arrojo da iniciativa,



Figura 06. Recorte de jornal local com artigo Novas Instalações «Ao Bom Doce»

louvaram com entusiasmo o talento criador do novel arquitecto Sr. Germano de Castro Sousa Pinheiro – a quem se deve a planta e a «maquete» da construção e que solícitamente acompanhou e orientou as obras desde princípio ao fim. Germano Pinheiro – um artista de raça, de temperamento – faz parte da Sociedade de Arquitectos «Crup», cuja sede é no Porto, e com o magnífico edifício de que fica doravante dotado vila do Conde, iniciou praticamente a sua carreira, e de uma forma auspiciosíssima.»¹ Este salão de chá constitui um espaço nobre em Vila do Conde e viria a ser ampliado em 1968 dando resposta à crescente afluência, desta vez com projecto do arquitecto Cassiano Barbosa, tendo neste processo sofrido alterações nas fachadas principais e no seu interior de modo a «obter uma maior capacidade para o salão de chá criou-se um corpo em rés-do-chão adossado ao edifício.»²

Actualmente o edifício encontra-se em bom estado de conservação na parte exterior estando ocupado por um Banco, não correspondendo no interior ao projecto original dadas as sucessivas alterações.

1. Retirado de recorte de jornal local, arquivado no escritório, notícia “Novas Instalações «Ao Bom Doce», sem data.
2. Cassiano Barbosa in Memória Descritiva, 29 de Março de 1968, Porto, p.1 e 2

Não foi possível localizar o processo do projecto original realizado pelo arquitecto Germano de Castro Pinheiro nos arquivos de Vila do Conde nem no restante espólio, pelo que se apresenta uma cópia do projecto de ampliação realizado pelo arquitecto Cassiano Barbosa em 1968 no qual é possível verificar as alterações introduzidas ao projecto original. Tratando este caso como uma excepção, optou-se por apresentar estes elementos que, embora não tendo sido realizados pelo arquitecto Germano de Castro, foram os que permitiram a reconstituição da proposta original de forma a possibilitar uma leitura do projecto.



Figura 07. Estado actual do edifício

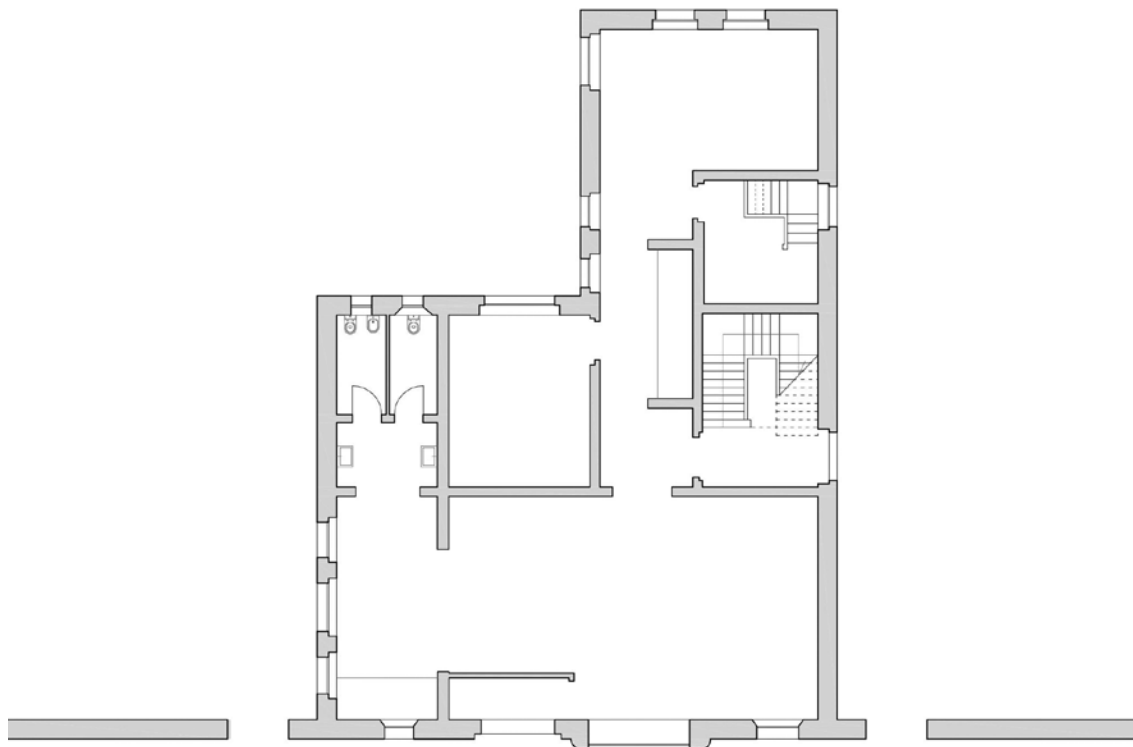


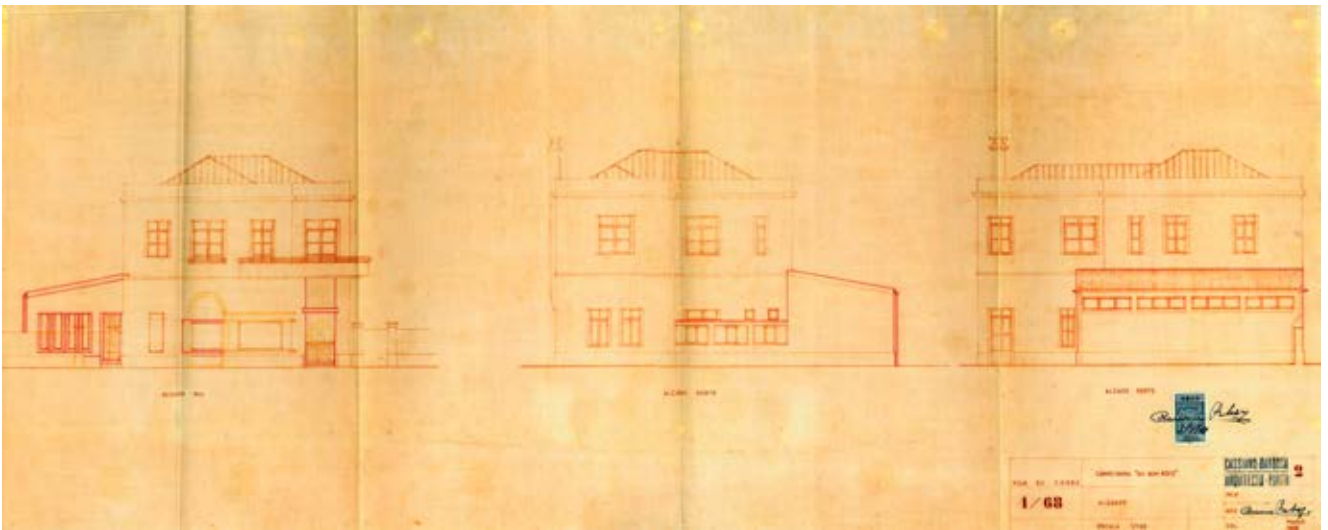
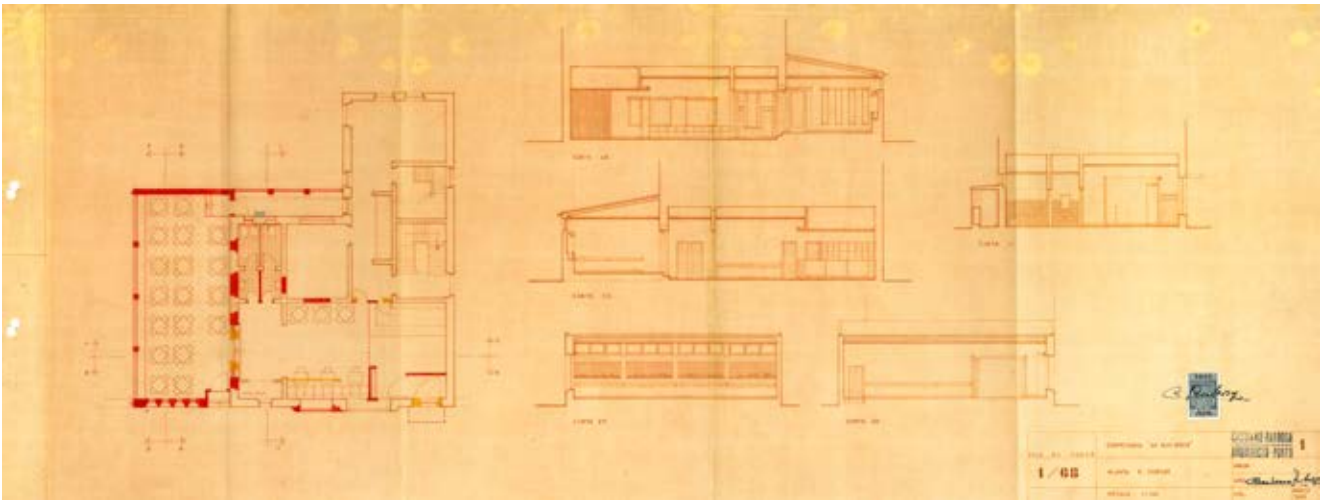
Figura 08. Vista poente a partir da rua
Foto de época
Arquivo familiar

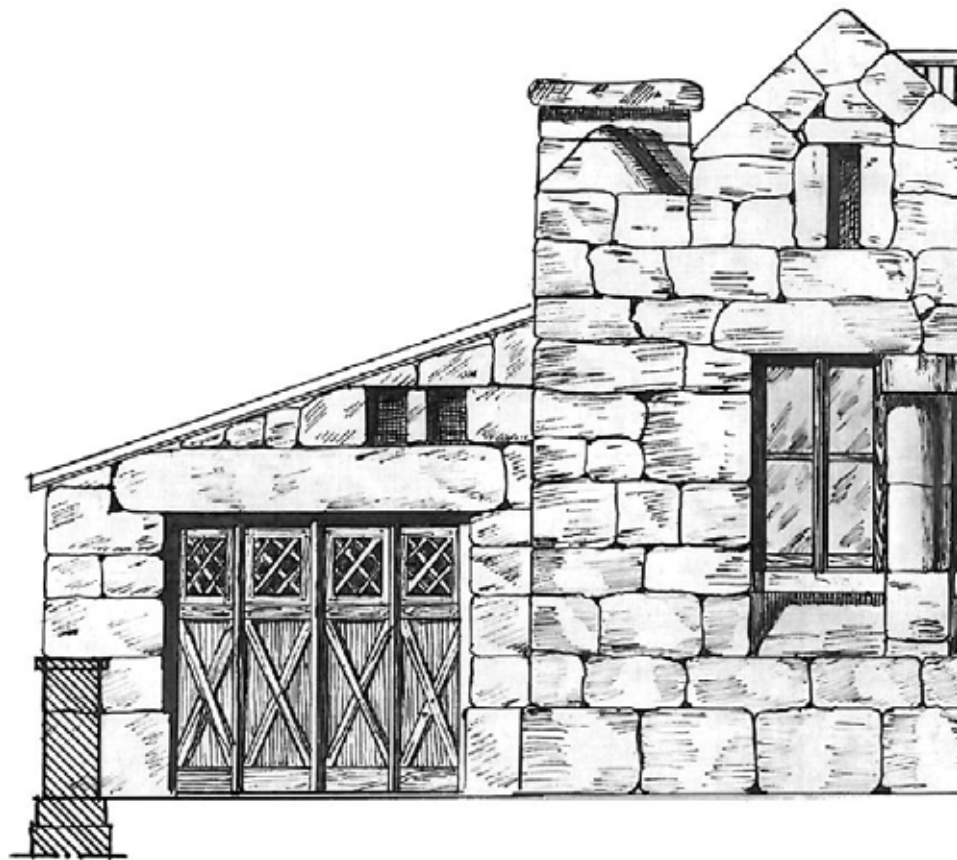
Peças Desenhadas:

- 1- Planta rés-do-chão (reconstituição do autor)
 - 2- Alçado principal (Sul) (reconstituição do autor)
 - 3- Planta rés-do chão e cortes
- Projecto de ampliação, arquitecto Cassiano Barbosa
- 4- Alçados
- Projecto de ampliação, arquitecto Cassiano Barbosa

Desenhos do autor a partir de elementos de arquivo
Arquivo do Centro de Memória de Vila do Conde

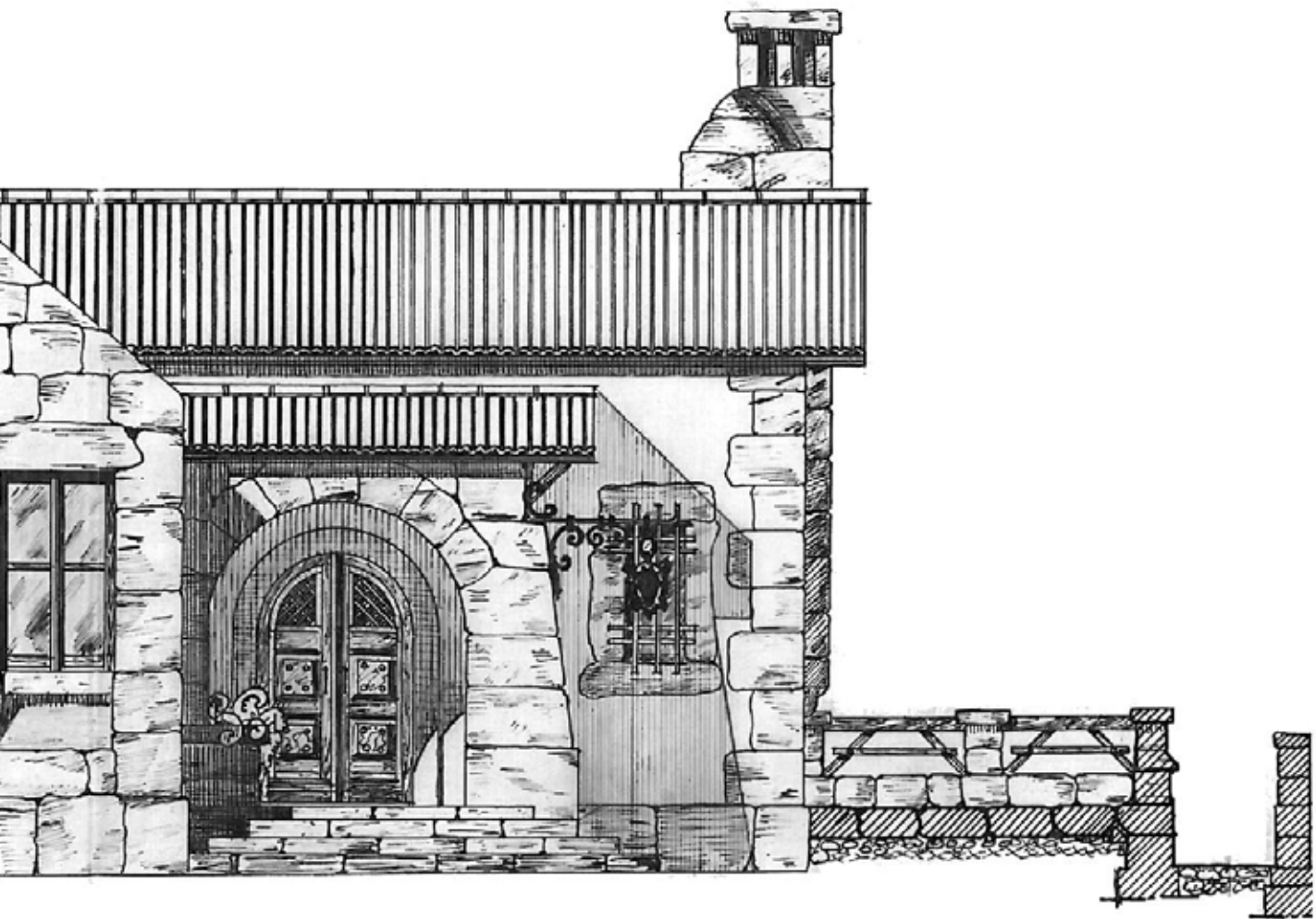






CASA BENTO AMORIM

1940





CASA BENTO AMORIM

1940

LOCAL: Rua 25 de Abril, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Casa de férias / Habitação Unifamiliar

ENCOMENDA: Bento Amorim

CO-AUTOR: Fernando Tudela

ESTADO: Construído / Bom estado de conservação



Figura 09. Alçado Norte
Foto de época
Arquivo familiar

O terreno onde se implanta este projecto pertenceu a familiares de Germano de Castro Pinheiro, sendo a sua localização contígua à casa onde residiu, e foi adquirido por Bento de Sousa Amorim em início da década de 30. Este encomendou a Germano de Castro Pinheiro o projecto de uma casa de férias para o local. O cliente, figura relevante da história de Vila do Conde onde foi presidente da Câmara Municipal ¹, opta por ceder o edifício para fins de utilização pública e em benefício do concelho, tendo acolhido a Sede do Clube Assembleia 1º de Dezembro e em meados dos anos 50 o posto de turismo que prevalece actualmente com a mesma função. Curiosamente, Germano de Castro Pinheiro virá a exercer o cargo de Presidente da Comissão de Turismo nestas instalações na década de 60.

Este projecto foi realizado em co-autoria com o arquitecto Fernando Tudela com quem tinha projectado dois anos antes o salão de chá “Ao Bom Doce”. Estes dois projectos remetem para referências distintas entre si, o primeiro, de 1938, evidencia-se no seu contexto pela originalidade moderna das suas formas e por uma imagem mais contemporânea sem adornos ou elementos decorativos, o segundo, de 1940, dá sinal das influências que remetem para uma tradição do passado recente e para as referências mais académicas, debruçadas no desenho de fachada enquanto elemento simbólico ao estilo das influências da escola francesa.

Sendo o programa inicial do projecto destinado a casa férias procura reforçar um sentido pitoresco através das cantarias aparentes e pelo recurso à vegetação, e indo provavelmente ao encontro do gosto do cliente, proprietário da Quinta de Castro, que herdou do seu pai Bento Rodrigues de Sousa, Barão do Rio Ave, a Quinta de Castro. ²

1. Entre 1930 e 1932, tendo regressado em 1939
2. «em 1967 é vendida a quinta ao Estado com o objectivo de se desenvolver uma instituição agrícola oficial. No conjunto, ficou o assento de lavoura para o Museu e Arquivo Histórico do Entre Douro e Minho e área de exploração para a Estação de Hortofloricultura e a Pecuária.» (informação retirada do site do Arquivo Municipal do Porto, <http://pesquisa.adporto.pt/details?id=971135>).

Figura 10. Vista sobre entrada principal
© Tiago Casanova



Figura 11. Alpendre da entrada principal
© Tiago Casanova

Esta mudança de linguagem, “estilo”, ou pelo menos a não utilização de uma linguagem moderna relativamente ao primeiro projecto realizado pelo arquitecto Germano de Castro, se deve ao pedido expresso pelo cliente tendo a vontade e gosto do cliente sido, neste caso, determinante no processo, não deixando por isso de constituir uma obra de referência, tanto pelo seu desenho e composição como pela forte expressividade.

A implantação da casa resulta num volume organizado em “L” disposto no centro do terreno de planta regular. O espaço envolvente à casa é ajardinado com sebes, uma vedação e muros que marcam o limite. A Nascente do terreno encontra-se o acesso para automóveis.

A entrada principal dá-se do lado Norte na fachada virada para a rua e está marcada por um arco junto ao volume saliente. A distribuição no piso de rés-do-chão é para dois quartos, uma suite e quarto de banho de serviço com um acesso vertical a eixo com entrada. No piso 1 encontra-se um programa de carácter mais lúdico, próprio de uma casa de férias, e de serviços, acedendo-se através da sala de bilhar a um corredor de distribuição para um quarto, pequeno escritório orientados a Norte, wc de serviço e cozinha orientados a Sul e Poente.

O sistema construtivo é composto por paredes em alvenaria de pedra, lajes com vigas de madeira e cobertura tradicional inclinada de duas águas. No volume saliente a pedra é aparente, no restante edifício é apenas a cantaria aparente na transição para os vãos e na intercepção dos planos, desenhando o cunhal sendo o pano de parede restante rebocado a branco.

Actualmente encontra-se em bom estado de conservação, sendo apenas de notar pequenas modificações realizadas na compartimentação interior. No conjunto da obra de Germano de Castro Pinheiro esta trata-se de um obra singular que reflecte a ambiguidade dos arquitectos desta época, entre as referências de uma arquitectura vocacionada para o futuro e a prevalência de referências tradicionais.

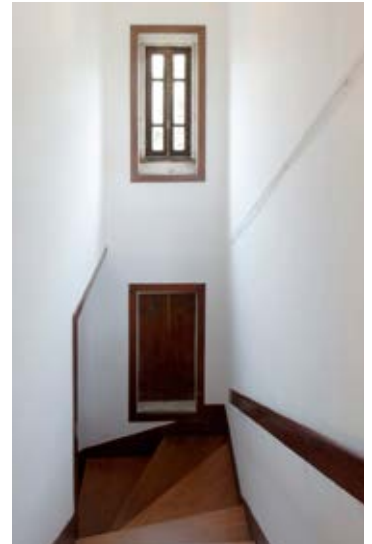


Figura 12. Vista da escada interior
© Tiago Casanova



Figura 13. Vista da lareira
© Tiago Casanova



Figura 14. Vista sobre a frente Sul
© Tiago Casanova

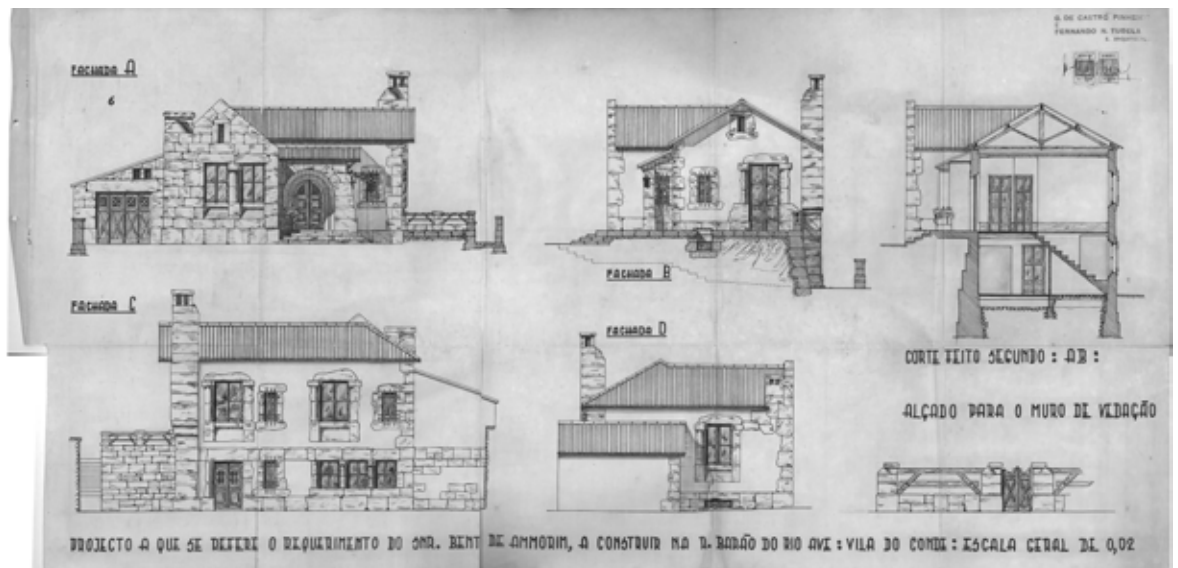
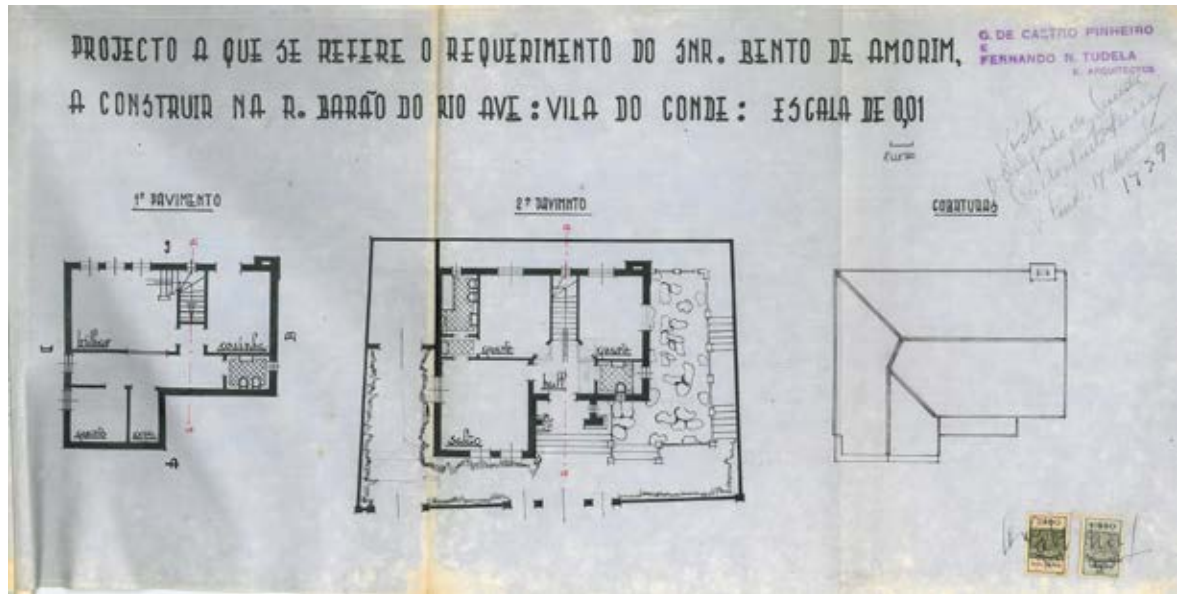


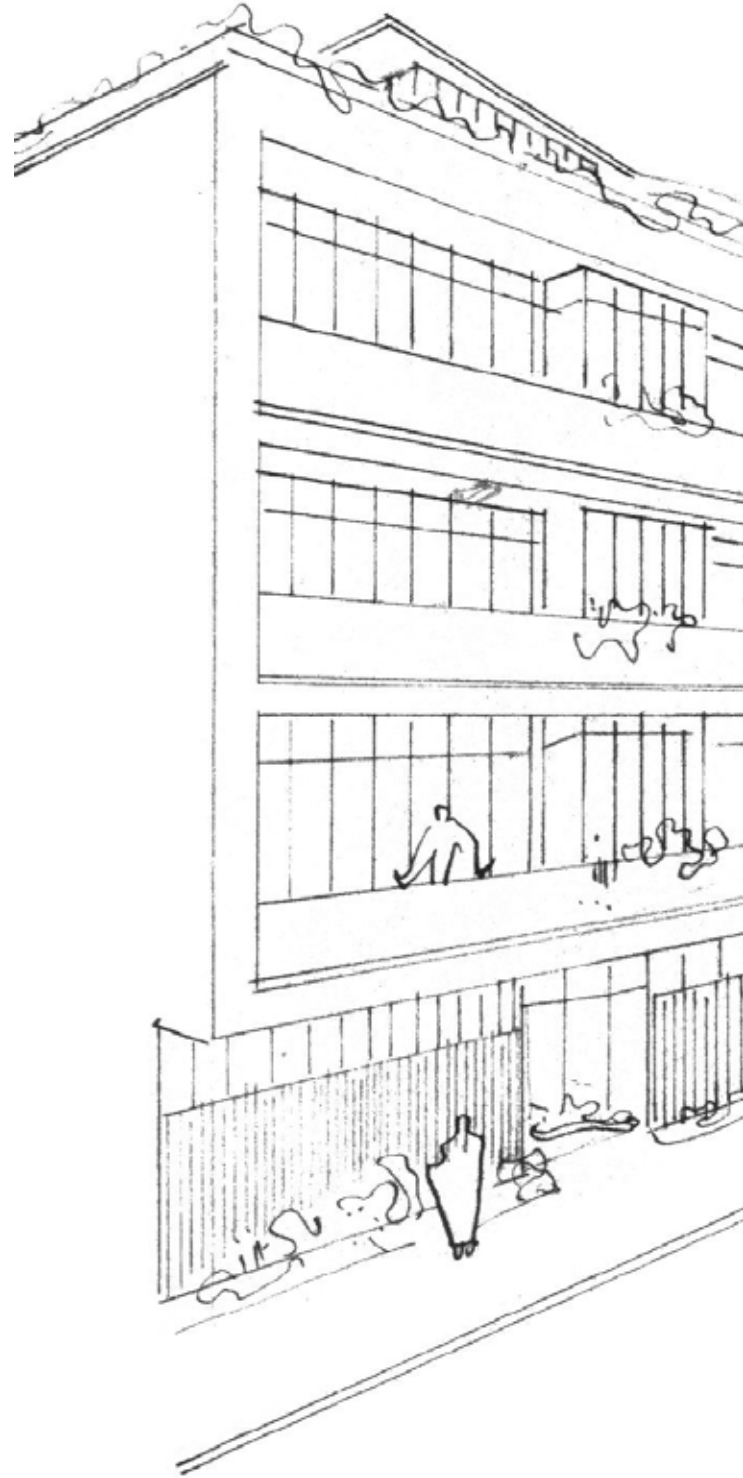
Figura 15. Vista sobre alçado Norte
© Tiago Casanova

Peças Desenhadas:

- 1- Plantas dos três pisos
- 2- Alçados e corte

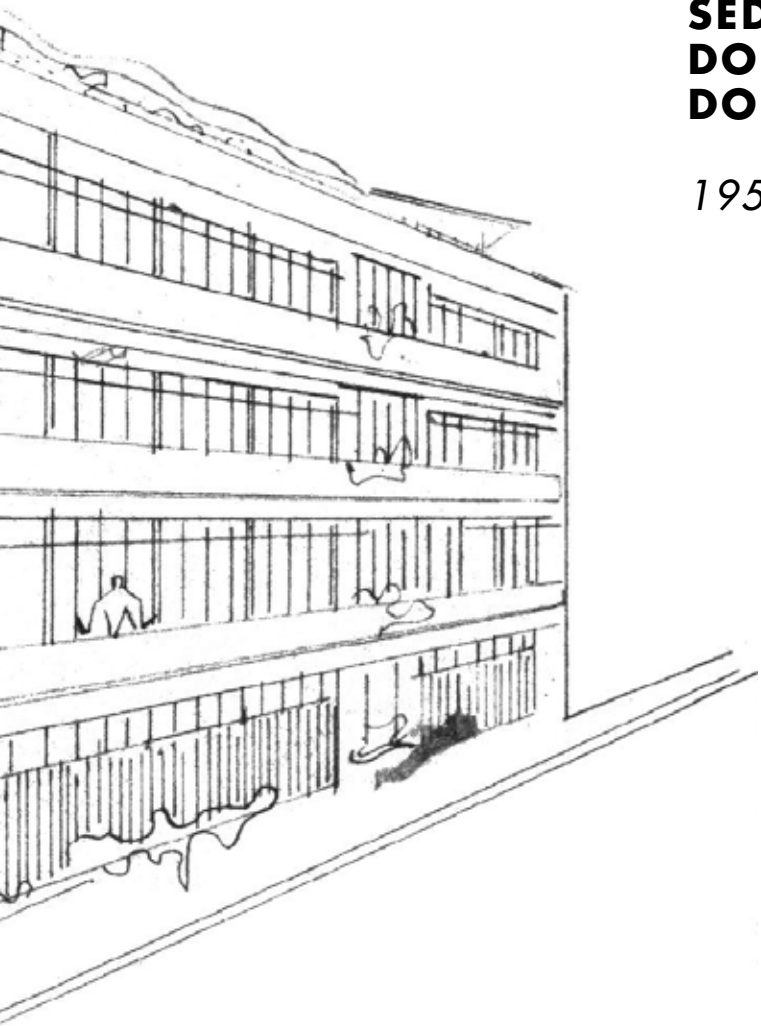
Arquivo do Centro de Memória de Vila do Conde

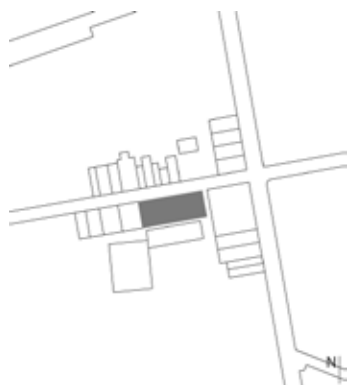




**SEDE DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA
DO PESSOAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL
DO PORTO**

1950





SEDE DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA DO PESSOAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DO PORTO 1950

LOCAL: Rua Miguel Bombarda, Porto

TIPOLOGIA: Serviços /Habitação

ENCOMENDA: Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil

ESTADO: Construído / Alterado



Figura 16. Vista a partir da rua
(Nascente)
Estado actual

Este projecto resulta de uma das diversas encomendas da Caixa de Previdência ao arquitecto Germano de Castro Pinheiro, tratando-se neste caso de um edificio destinado a receber as instalações da Sede da Caixa Têxtil no Porto, incluindo uma área reservada a habitação para arrendamento.

Projectado em 1950 foi certamente influenciado pela Arquitectura Moderna Brasileira através do livro *Brazil Builds* (1943) e pelos princípios corbusianos, potenciando estas referências num projecto em que o carácter urbano em que se insere é definidor da sua expressão moderna.

Tratando-se de um contexto urbano, a opção por uma linguagem de vanguarda poderá ser interpretada como uma adaptação ao contexto cultural, característica reconhecível no método de trabalho do arquitecto Germano de Castro Pinheiro, resultando numa variação da expressão dos edificios.

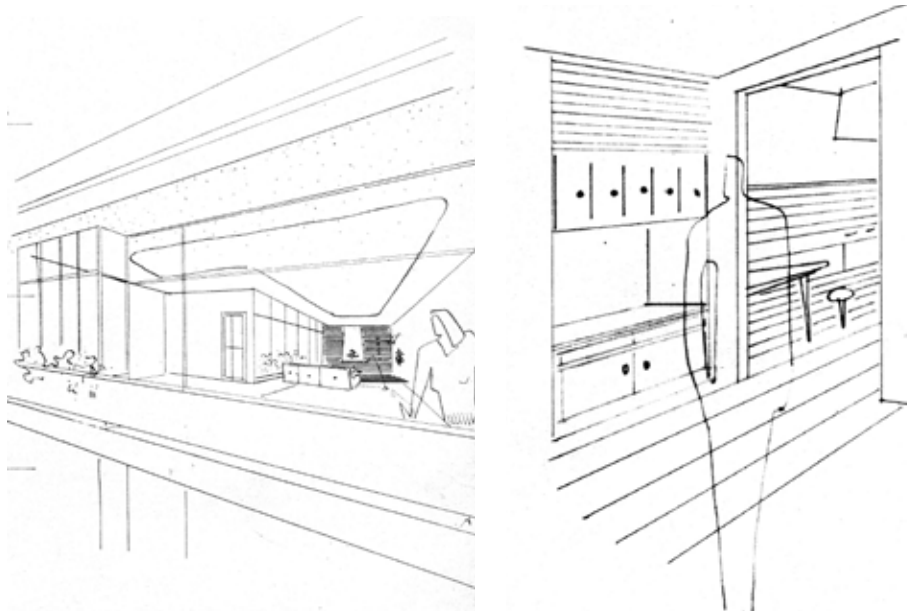


Figura 17. Edifício pré-existente da Segurança Social
Foto de época
Arquivo Geral do Porto

Figura 18. Perspectivas interiores dos fogos
Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos

A planta rectangular do edificio ocupa na sua maior dimensão a frente da Rua Miguel Bombarda desenvolvendo-se em altura em 4 pisos, os dois primeiros compostos por espaços amplos destinados ao funcionamentos de serviços, o segundo e terceiro andar são destinados a habitação, existindo também um terraço com recuado. O arquitecto refere na Memória Decritiva: «Junto da sua sede e em terreno que possui na Rua de Miguel Bombarda pretende a Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil, construir um prédio que se destinará a arquivo e suas Secções e também para habitações. Os serviços da Caixa a montar no novo edificio ocuparão os dois primeiros pisos (rés-do-chão e 1º andar) que ligarão intimamente com a Sede, para o que se utilizará uma passerelle existente. Estes dois pavimentos serão amplos como convém aos serviços a que se destinam, apenas interceptados pelas caixas de escadas que servirão as habitações dos primeiros pavimentos.»

O edifício dispõem de duas entradas principais, ambas com acessos verticais em escada de três lanços e elevador na bomba de escada, uns acessos destinam-se às habitações e o outro são de serviço e ligam à cota do piso -1, tendo cerca de 15 metros de profundidade proporcionava o acesso a um espaço de logradouro existindo ainda um outro espaço exterior no terraço do edifício, num aproveitamento da cobertura plana introduzindo-lhe um uso que funcionalmente se divide entre zona coberta de lavandaria e zona descoberta de recreio para os habitantes. A variação do programa encontra-se espelhada na fachada, distinguindo-se o piso térreo na textura do cerâmico e cor avermelhada com um gradeamento à mesma cor, conferindo um embasamento do edifício de tonalidade escura, contrastando com a restante volumetria que sobre ele assenta como uma caixa branca e saliente, rigorosamente desenhada e dividida em partes correspondentes às variantes do programa. O piso



Figura 19. Pormenores da fachada na Rua Miguel Bombarda
Estado actual

2 corresponde a um piso técnico com uma grelha de caixilharia apertada e contínua em toda a largura do edifício. O programa de habitação “abre” mais o alçado conferindo mais leveza aos pisos 2 e 3, articulando entre o vazio das varandas recuadas e o cheio dos volumes correspondentes a um recanto da sala de estar.

O piso recuado de cobertura ondulada, trata-se de um elemento representativo do uso da cobertura plana na vanguarda moderna, tanto em termos compositivos como lúdicos, fazendo referência aos bolcos de habitação de Le Corbusier como também, e sobretudo, à arquitectura moderna brasileira que se assumia na época como uma forte referência. O conjunto da composição do alçado resulta assim numa sequência clássica de marcação de uma base, do corpo e de um remate da composição.

A horizontalidade é acentuada tanto pela continuidade das linhas na largura do edifício, como pela divisão da composição em níveis de caracteres diferenciados, introduzida pelos diferentes elementos janelas guardas das varandas e vazios.

Nas zonas comuns, os pisos destinados as habitações são acedidos em sistema de esquerdo-direito que em cada patamar dão acesso a dois fogos simétricos. Na Memória Descritiva, Germano de Castro refere quanto a estes módulos que: «As habitações serão 8 (4 por andar) absolutamente iguais e de plantas extremamente simples, aproveitando ao máximo as estruturas da construção pelo que não aparecerão vigas a cortar as salas o que é sempre desagradável. Em cada habitação constará: vestíbulo, sala de estar e sala de comer intimamente ligadas, tendo contudo recantos que definirão completamente estas duas funções. Três quartos e quarto de banho farão parte da zona íntima dispondo esta de vários arrumos. Os serviços serão constituídos pela cozinha, copa, varanda e ainda o tanque de lavar a roupa que ficará situado no terraço que servirá ao mesmo tempo de recreio etc.». A organização interna do fogo tem como eixo um corredor central acedido directamente a partir da porta de entrada e que é rematado por um quarto de banho interior. A partir do corredor acede-se para norte à sala e um quarto e para sul à cozinha e dois quartos. O bloco de acessos verticais define os alinhamentos da zona de jantar para um lado, e da bancada e dispensa de cozinha que se encontram do lado oposto. No interior do fogo um pequeno núcleo desenha de forma hábil a transição entre os espaços da habitação e integra as necessárias infraestruturas. Esse núcleo é desenhado como um móvel que explora a sua tridimensionalidade, em cada uma das quatro frentes, criando uma excepção na malha ortogonal e concedendo hierarquias distintas entre os espaços. O móvel dá arrumação em duas frentes, uma na zona de corredor e outra na antecâmara para um dos quartos. Na transição entre cozinha, entrada e sala um biombo enviesado delimita simultaneamente um átrio e uma passagem singular, reservando pelo lado da sala um espaço mais interior, um pequeno nicho com uma lareira e um sofá voltado de costas para a fachada reforçando a intimidade do recanto.

O edifício sofreu alterações no seu interior em virtude da mudança do programa que foi alterado exclusivamente para serviços da Segurança Social. No exterior as fachadas permanecem conforme o projecto original salvo pontuais excepções, como a instalação dos sistemas de ventilação artificiais que se manifesta de forma pouco integrada no alçado principal. O desgaste natural dos materiais e decorrente do permanente uso das instalações é notado por todo o edifício.



Figura 20. Vista do interior do piso recuado, zona de lavandarias
Estado actual

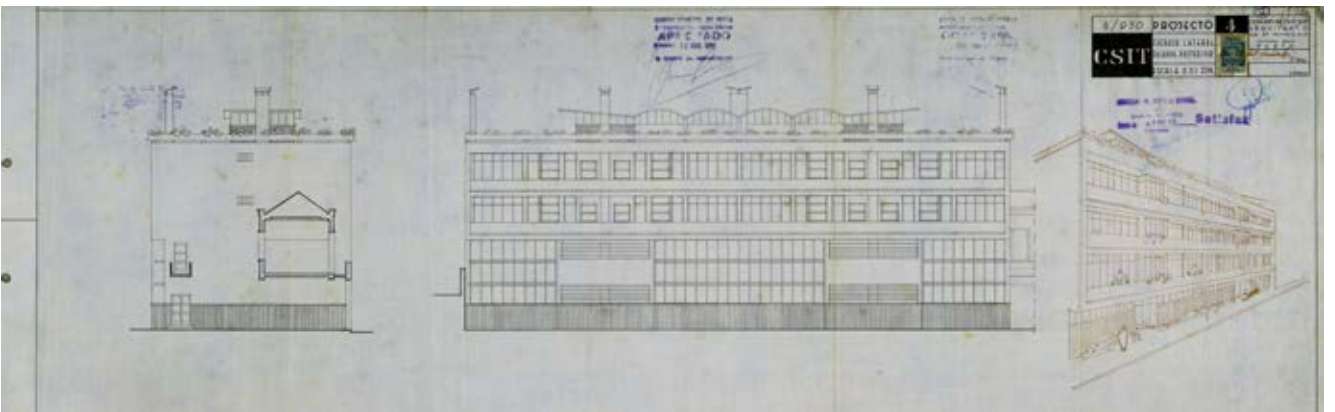
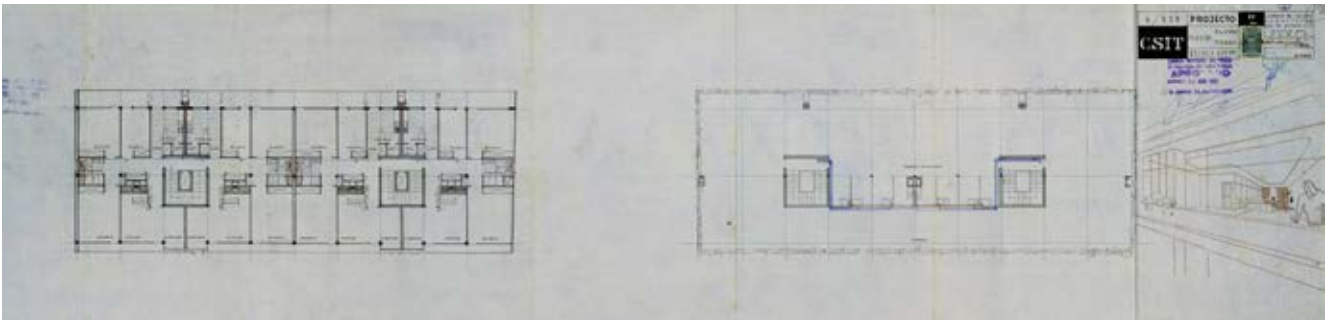
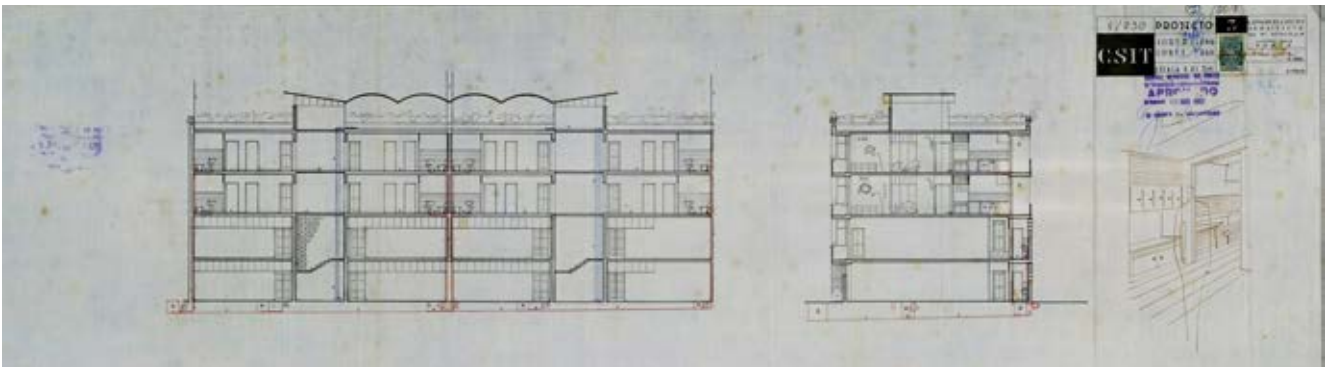
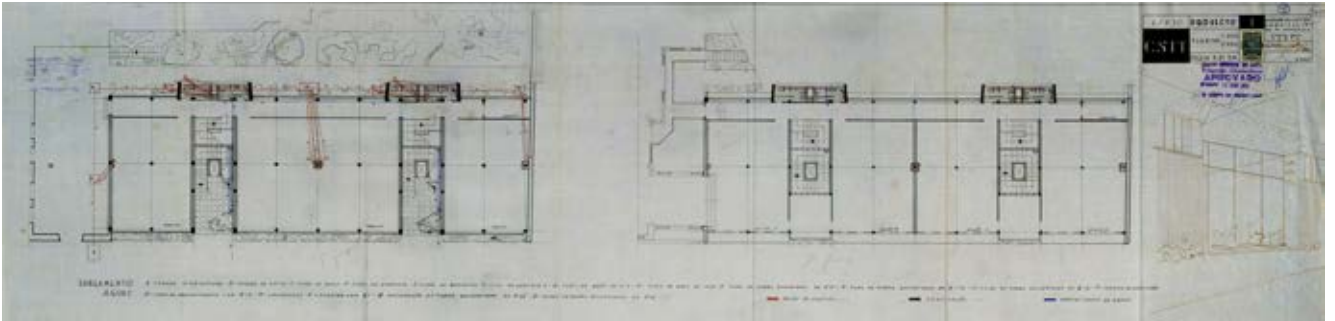
Figura 21. Vista a partir da rua
(Poente)
© Tiago Casanova



Peças Desenhadas:

- 1- Plantas piso rés-do-chão e serviços, perspectiva
- 2- Corte transversal e longitudinal, perspectiva interior
- 3- Plantas de piso tipo e recuado, perspectiva interior
- 4- Alçados e perspectiva do conjunto

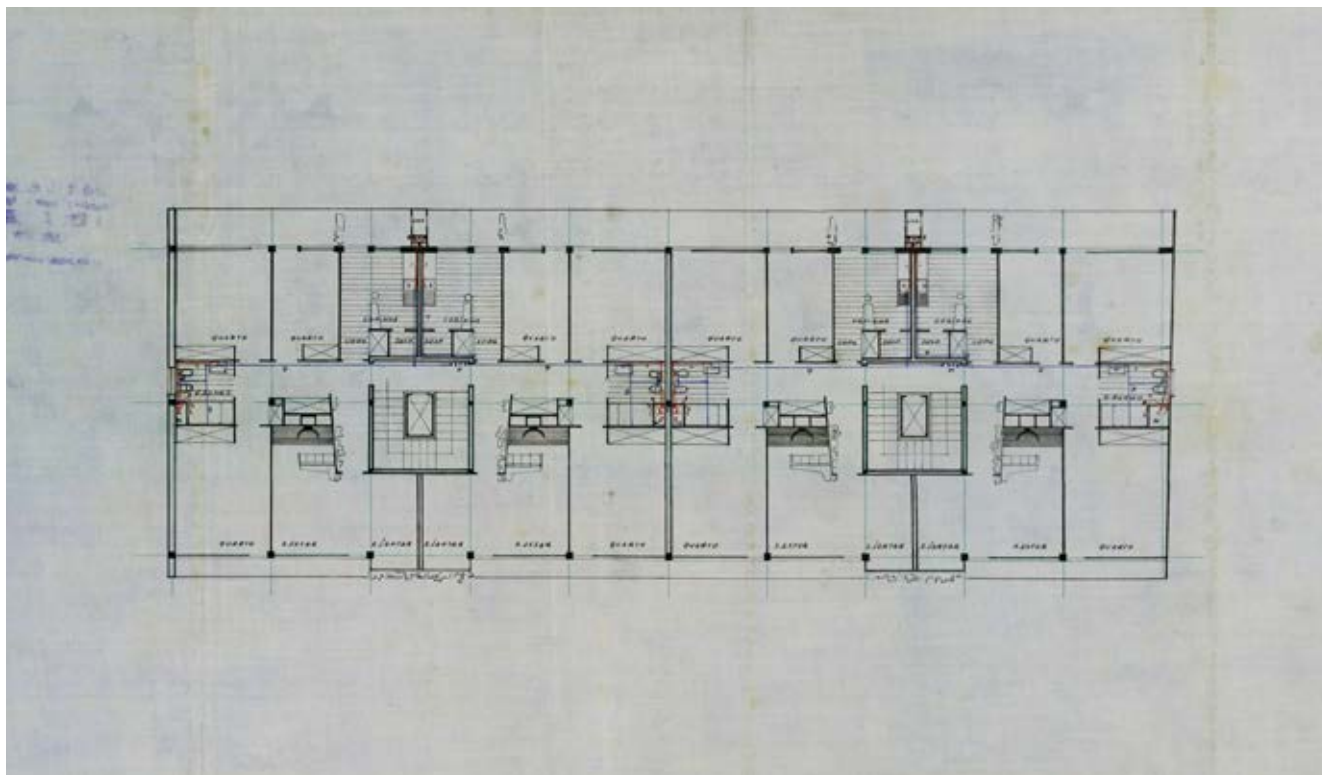
Arquivo Geral do Porto

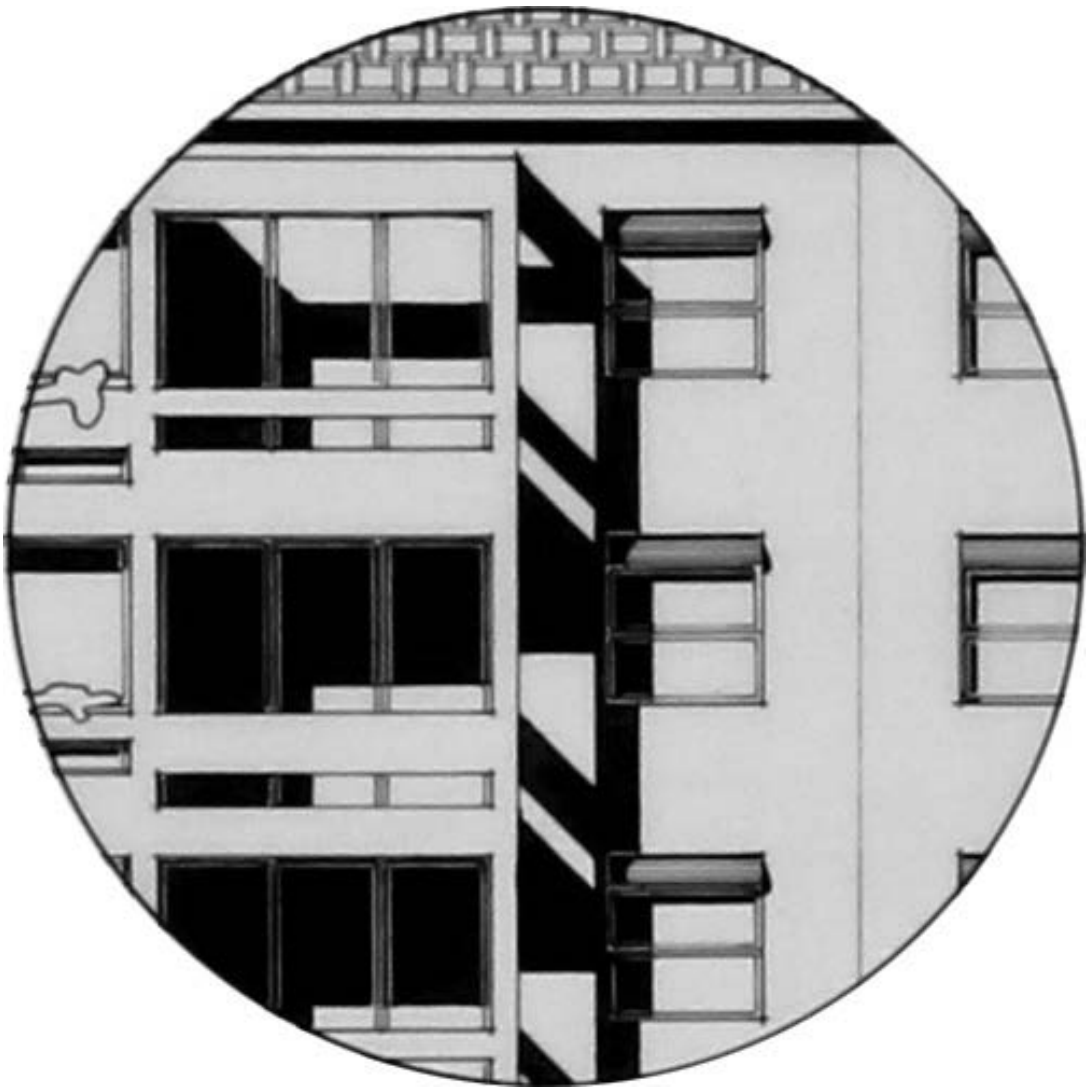


Peças Desenhadas:

- 1- Planta piso tipo (pormenor)
- 2- Corte transversal (pormenor)

Arquivo Geral do Porto





BLOCOS NOVA SINTRA

1950



BLOCOS NOVA SINTRA 1950

LOCAL: Rua Barão de Nova Sintra, Porto

TIPOLOGIA: Serviços / Habitação

ENCOMENDA: Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil

ESTADO: Não construído

Encomenda da Caixa Sindical do Pessoal da Indústria Têxtil este projecto não construído desenvolve um programa de Habitação Colectiva e Comércio organizado em três blocos localizados no terreno que se encontra na zona envolvente do palacete na Rua de Barão de Nova Sintra no Porto, confinando parcialmente o seu terreno ajardinado.

Na Memória Descritiva é referida a intenção do projecto em colmatar uma carência de habitação, princípio comum aos projectos da Caixa de Previdência, visando quer a sustentabilidade do investimento como a promoção de melhorias no sector da habitação, «A carência de habitações de renda económica, para a classe média, constitui actualmente um problema de grande acuidade. Ao apresentar o presente projecto queremos dar a nossa modesta cooperação aplicando uma parte das reservas matemáticas da Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil, na construção duma unidade habitacional, constituída por três blocos, num terreno que a mesma entidade possui na Rua Barão de Nova Sintra.»¹

Cada um dos três blocos que compõem este conjunto está implantado nos limites trapezoidais do terreno, entre os quais se geram espaços comuns recreativos para uso dos moradores. O Bloco A, com planta regular rectangular de orientação nordeste-sudoeste faz frente da rua e marca o acesso principal aos restantes blocos e espaços do conjunto. O Bloco B, de planta quebrada em três segmentos rectos, localiza-se no limite mais a norte do terreno com uma exposição solar noroeste-sudeste. O Bloco C, nascente-poente, conforma o terceiro limite do terreno estando o quarto limite constituído por um muro que estabelece a divisão do terreno outrora pertencente na totalidade ao palacete pré-existente.

Os Blocos A e B organizam a distribuição dos fogos a partir de três núcleos de acessos verticais compostos cada um por uma escada de dois lanços em oval e um elevador, uma configuração tipo esquerdo-direito, sendo a

1. I. Germano de Castro Pinheiro, Memória Descritiva, sem data, sem local

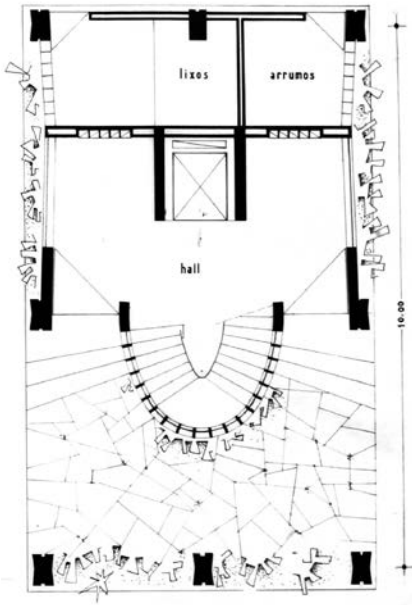


Figura 22. Plantas do fogo do Bloco A, rés-do-chão, tipo e recuado Arquivo Geral do Porto

tipologia predominante. O apartamento T₃, com sensivelmente 102m² (9,45m x12,80m).

A organização interior dos fogos assemelha-se à Sede da Caixa Têxtil, reflectindo a contemporaneidade de ambos, projectados em anos próximos e para o mesmo cliente. As ligeiras variações entre um e outro demonstram



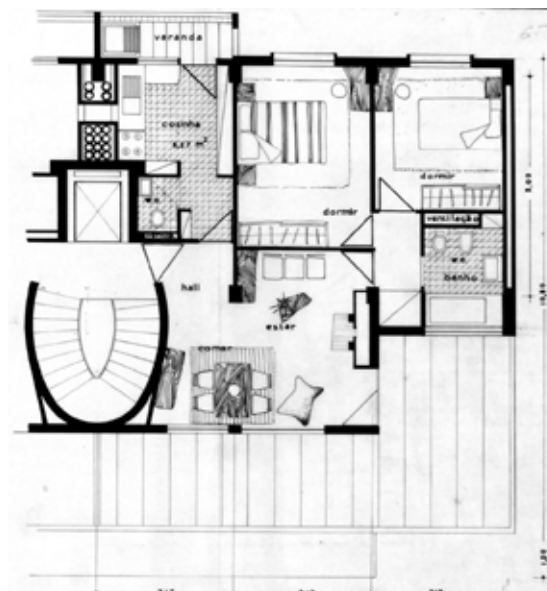
Figura 23. Plantas do fogo do Bloco A, Piso tipo Arquivo Geral do Porto

a procura pela adaptação à escala e proporção de cada núcleo doméstico e dos seus espaços habitáveis à morfologia destes blocos de Nova Sintra. Estes constituem volumes independentes e isolados da envolvente e configuram

um programa de repetição de módulos nos seus volumes estreitos, variando a profundidade de cada fogo entre os 10.80m nos topos e os 12.80m nos espaços com varandas.

No interior do fogo, um corredor central faz a distribuição para as divisões da habitação, estando as zonas de serviço próximas da entrada articuladas

Figura 24. Plantas do fogo do Bloco A, Piso recuado
Arquivo Geral do Porto



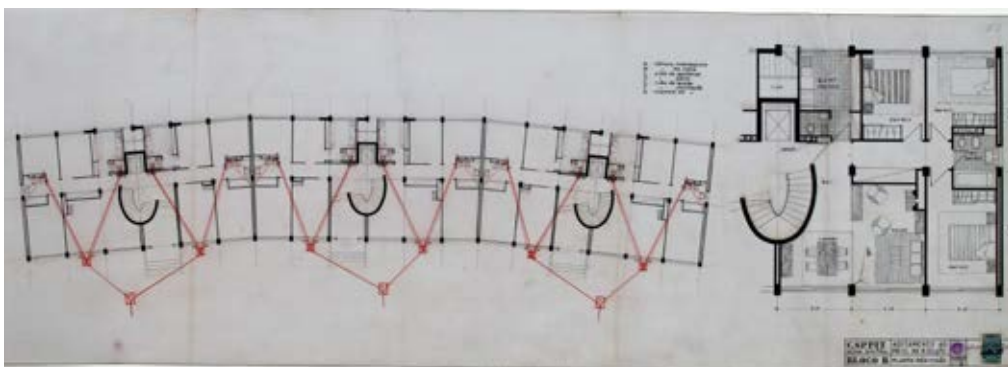
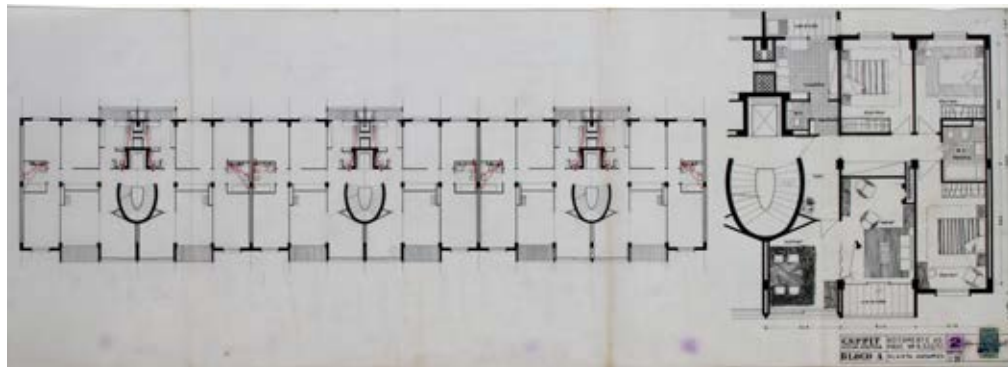
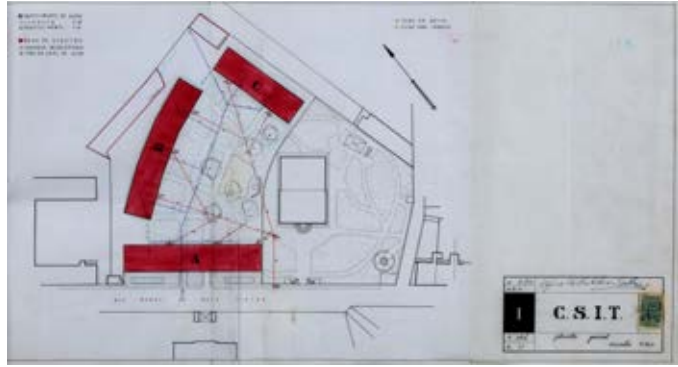
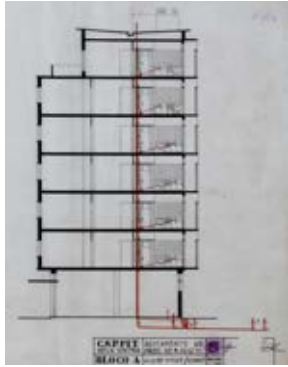
do com os recortes exteriores dos acessos verticais. Junto à caixa de elevador encontra-se o espaço da cozinha com um pequeno vestíbulo de acesso e um quarto de banho de serviço. A copa ganha maior largura junto à fachada e antecede a varanda. Do lado contrário junto às escadas comuns, encontram-se a sala de estar e zona de jantar articuladas com o limite da escada oval que no interior do fogo acaba por criar uma excepção à ortogonalidade dos restantes espaços. O quarto de banho remata o corredor sendo que os quartos ocupam a restante área do fogo. A composição do alçado parte do rés-do-chão composto por comércio e acessos que constituem um embasamento ao edifício e o recuado no último andar caracteriza o espaço da cobertura praticável, à semelhança das unidades de habitação moderna, que conformam o remate do bloco.

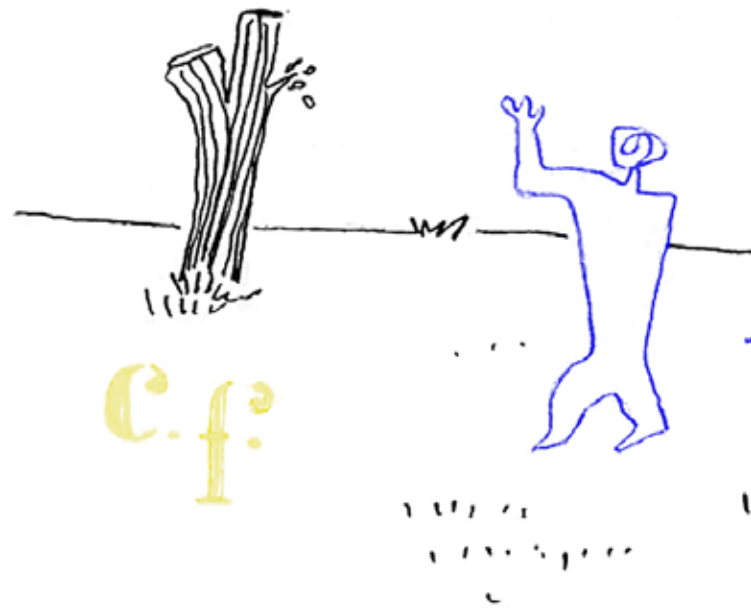
São de salientar os desenhos deste projecto dos Blocos de Nova Sintra pela sua execução e expressividade, que de uma forma clara apresentam vários temas do projecto, desde a aproximação a diversas escalas, estudos de sombra, proposta de integração de vegetação e estudo de ocupação das habitações.

Peças Desenhadas:

- 1- Corte transversal, Bloco A
- 2- Planta geral de implantação
- 3- Planta tipo, Bloco A
- 4- Planta tipo, Bloco B

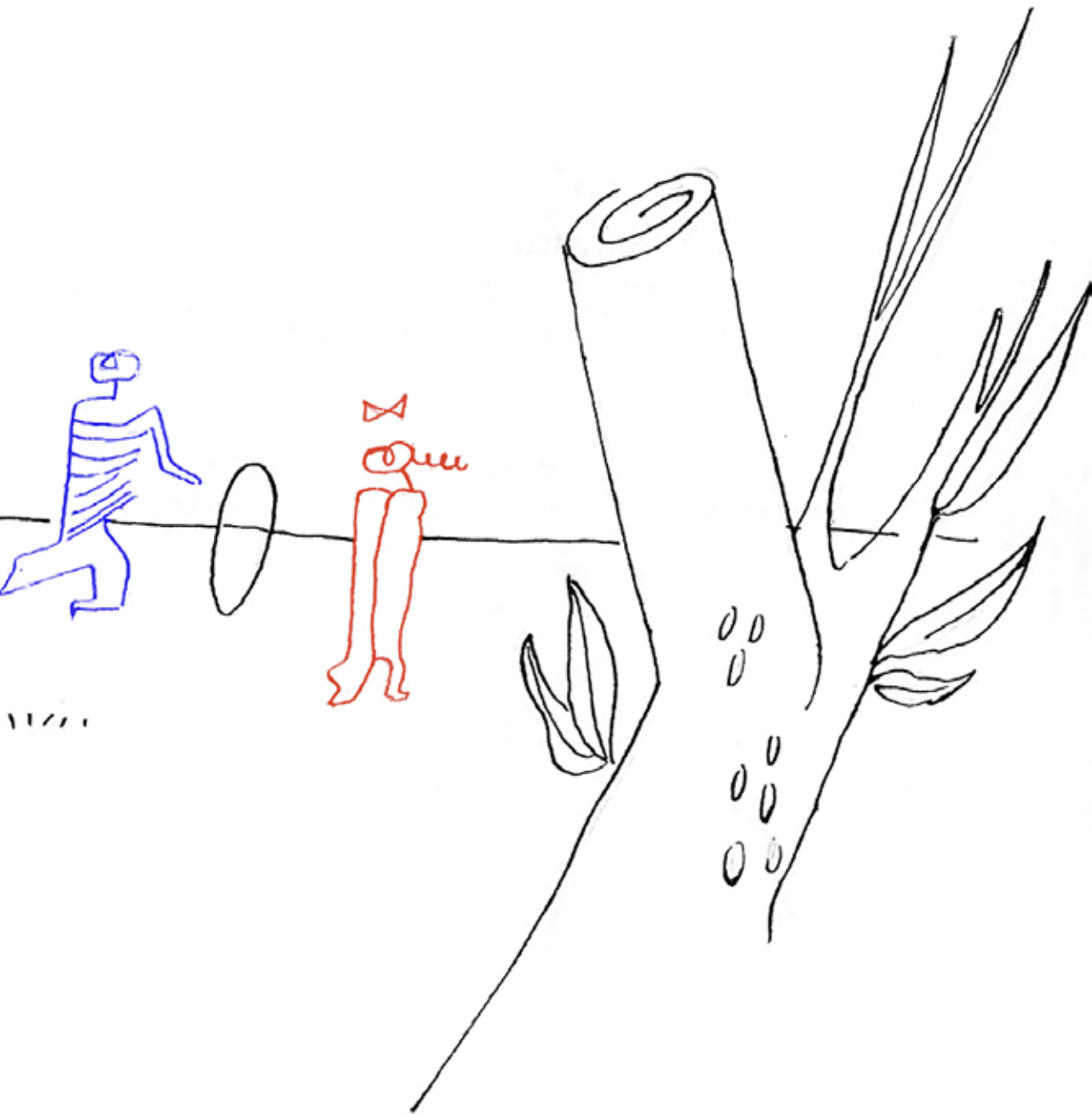
Arquivo Geral do Porto





COLÓNIA BALNEAR

1951



COLÓNIA BALNEAR 1951

LOCAL: Vila do Conde

TIPOLOGIA: Equipamento Balnear (tipo Colónia de Férias)

ENCOMENDA: Câmara Municipal de Vila do Conde

ESTADO: Não construído

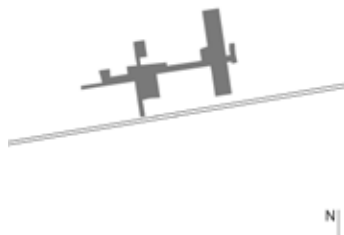


Figura 25. Perspectiva geral do conjunto
Arquivo Centro de Memória de Vila do Conde

Este projecto, que nunca chegou a ser construído, trata de uma encomenda municipal para reforçar a oferta de estruturas de veraneiojá existentes em Vila do Conde. Trata-se de um Equipamento balnear do tipo Colónia de Férias conforme é referido na Memória Descritiva; «Pretende-se construir em Vila do Conde, uma Colónia de Férias, para alojar as crianças de diversos organismos, que vêm habitualmente passar períodos mensais a essa Praia.»¹

Apesar dos poucos elementos existentes em arquivo relativos a este projecto, é perceptível uma ideia clara sobretudo através das perspectivas de conjunto, nas quais a distribuição do programa e a relação dos espaços com o exterior são o tema principal, num projecto cujo programa procura exactamente valorizar a permanência das crianças ao ar livre. Este projecto caracteriza-se por propor uma volumetria dispersa no terreno, mas capaz de criar espaços exteriores controlados, de continuidade com o programa interior, tirando partido das características da sua envolvente. O traçado valoriza a relação visual entre os diferentes elementos (volumes, coberturas, muros e arborização) tendo por base uma geometria rigorosa, mas dinâmica.

O conjunto é formado por dois volumes principais orientados a nascente-poente e entre eles finos cobertos que interligam as diferentes zonas do programa. Os espaços estendem-se pelo terreno mantendo entre si uma gradação de relações visuais conferida pela presença de arborização e acentuada pelo jogo de luz e sombra da composição resultante entre panos de parede opacos, panos de vidro, pilares e palas de sombreamento. A relação entre os dois volumes assim como a sua implantação em zona arborizada conferem ao conjunto uma aparência orgânica, mas de matriz geométrica.

A estrutura adoptada é marcada pelos leves pilares que pautam todo o conjunto, acompanhando os finos planos verticais e sustentando os volumes construídos acima do solo.

O acesso ao conjunto faz-se por três pontos de funcionalidade distinta; A sul o acesso principal, mais formal e com uma zona intermédia que liga os dois edifícios e onde se encontram arranjos de pavimento e sebes que contrastam com o restante terreno deixado no seu estado original. No extremo mais a poente do terreno encontra-se a entrada de serviço com um percurso coberto a eixo dos dois edifícios principais, e a nascente encontra-se um acesso directo ao volume de dormitórios. No encontro com o primeiro volume, que alberga o programa de vestiários do pessoal, cozinha e refeitório, dá-se um alargamento do coberto circunscrito por uma pequena garagem e uma árvore. Os espaços interiores têm uma relação predominante com a paisagem, com grandes panos de vidro nas fachadas principais. O piso do dormitório está elevado

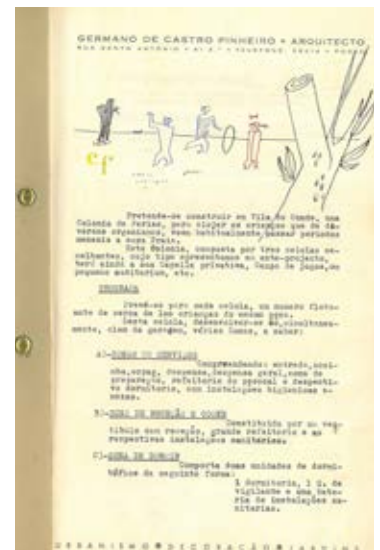


Figura 26. Memória Descritiva do projecto Arquivo Centro de Memória de Vila do Conde

1. Germano de Castro Pinheiro, Memória Descritiva, 30 de Outubro de 1951, Porto

ao nível da copa das árvores e garante no piso de rés-do-chão um espaço de alpendre em continuidade com a cota envolvente.

O interior do dormitório é acedido através de um volume adossado ao principal, composto por um pequeno átrio e uma escada de três lanços que leva ao núcleo de serviços (enfermaria, lavabos e vigilância) sendo o espaço de dormir composto por duas zonas amplas sem divisórias intermédias, abertas a nascente para um varandim a todo o comprimento denominado de solarium e a poente para uma relação visual com a sua envolvente arborizada.

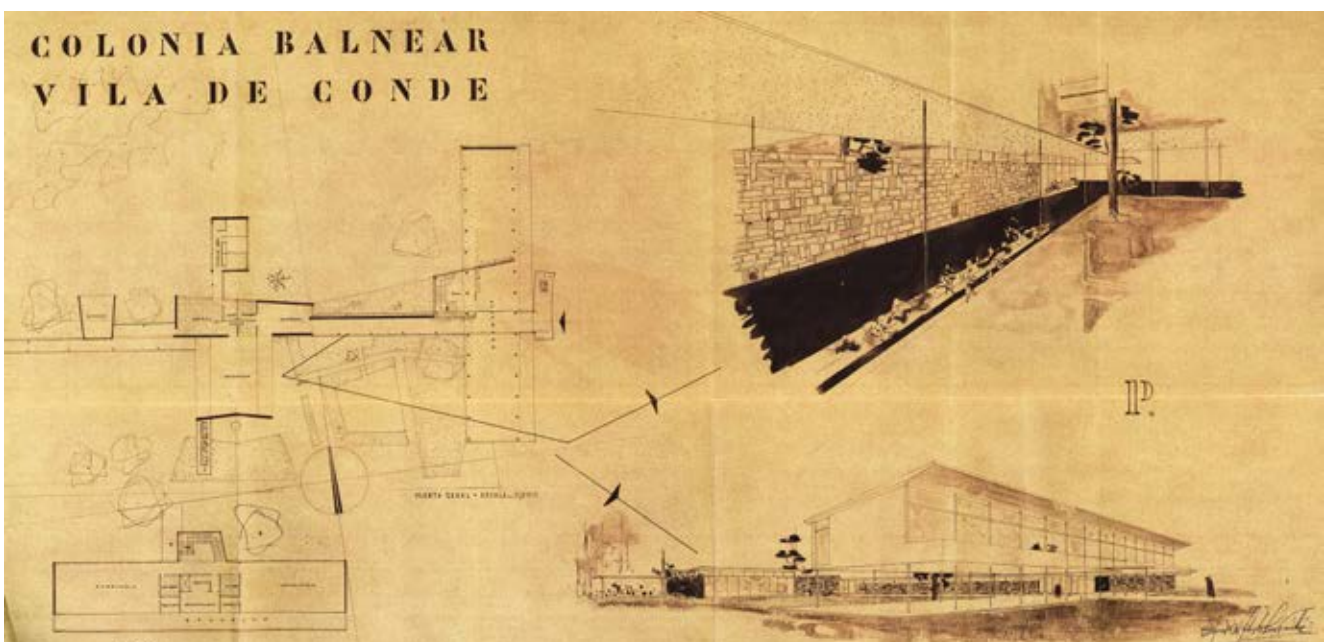
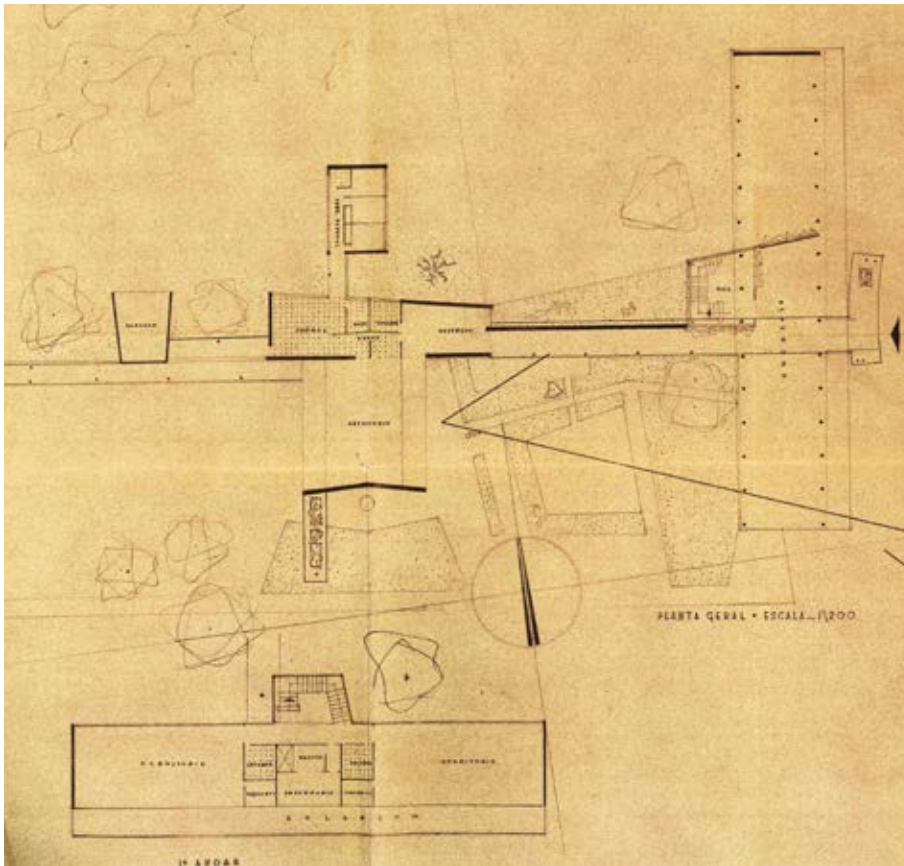
O projecto da Colónia Balnear constitui no conjunto da obra de Germano de Castro Pinheiro o exemplo mais expressivo quanto à implantação e distribuição do programa procurando uma relação mais e contínua entre interior e exterior através da criação de pátios , desníveis de pavimento e vãos contínuos abertos ao exterior.

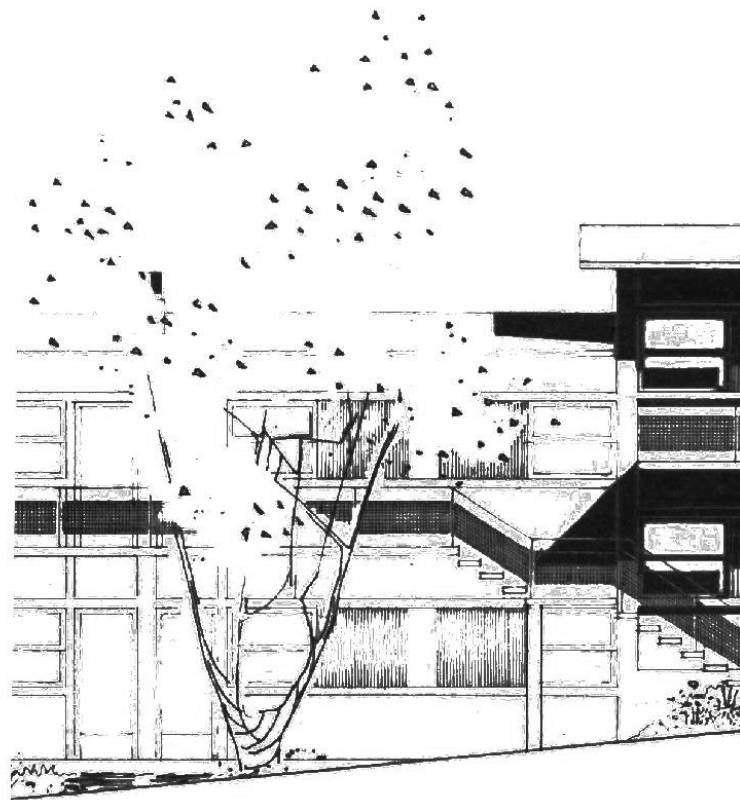
Tratando-se de um projecto não construído é de salientar a leitura que o conjunto dos desenhos permite fazer do projecto na combinação entre perspectivas e plantas, que permitem perceber para além das características arquitectónicas do edifício, mas sentindo-se o “ambiente construído” que o autor ambicionava criar.

Peças Desenhadas:

- 1- Planta do conjunto, rés-do-chão e piso 1 (pormenor)
- 2- Planta do conjunto e perspectivas de acesso e dormitório

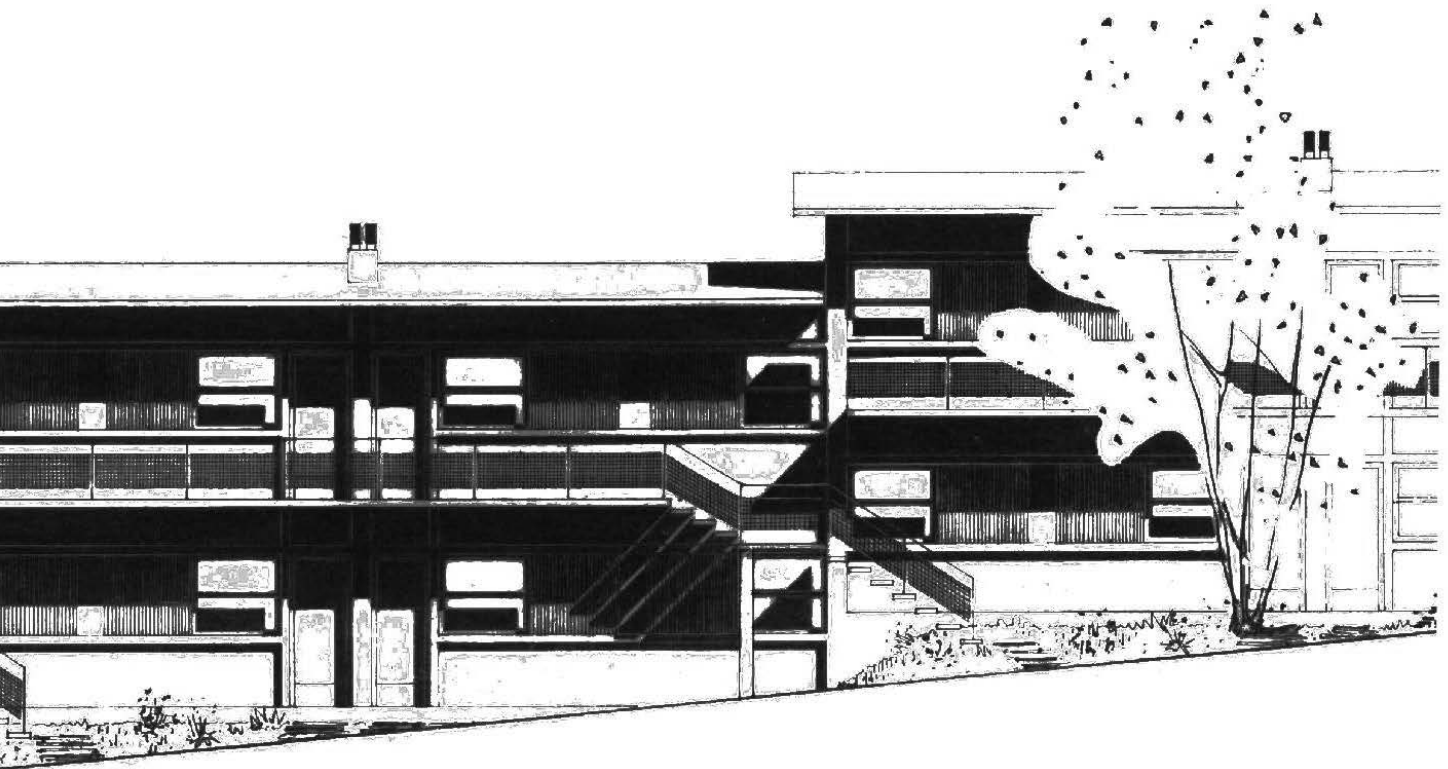
Arquivo Centro de Memória de Vila do Conde





BAIRRO CAIXA TÊXTIL

1951





BAIRRO CAIXA TÊXTIL

1951

LOCAL: Rua Particular do Bairro Nacional de Pensões,
São Mamede Infesta, Matosinhos

TIPOLOGIA: Habitação Operária

ENCOMENDA: Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil

ESTADO: Construído /Alterado



Figura 27. Vista dos fogos tipo simplex (Sul-Norte)
© Tiago Casanova

O Bairro da Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil¹ resulta da encomenda deste organismo para habitação dos funcionários da indústria têxtil localizada na zona de São Mamede Infesta, no limite entre o Porto e a Maia. Este projecto encontra-se inserido no programa nacional de “Habitações Económicas” promovido pela Federação de Caixas de Previdência que decorreu entre 1947 e 1972. A sua existência surge com o desenvolvimento do sector têxtil nessa época e à necessidade de atrair trabalhadores para o sector garantindo condições para a sua permanência junto dos edifícios fabris.

O projecto original previa um conjunto de três equipamentos de uso comum dos moradores, e que conformariam o limite noroeste do terreno: tratavam-se de um pequeno edifício de comércio, um parque infantil e um lavadouro comunitário que viria a ser o único concretizado. Com cerca de 155 fogos no total, as suas tipologias variam T2, T3 duplex e uma unidade T4, os acessos são em galeria ou directo, podendo respectivamente ser de escada ou através de nível. As ruas principais que estruturam a implantação do Bairro seguem o declive do terreno, sendo rematadas a Norte por um espaço ajardinado e pela paisagem em vale com alcance visual até à zona da Maia.

I. Actualmente denominado por Bairro da Caixa Têxtil



Figura 28. Pormenor dos vãos e cores nos fogos tipo
© Tiago Casanova



Figura 29. Lavadouro comum
© Tiago Casanova

Figura 30. Vista frontal dos fogos tipo, acessos directo e galeria



Figura 31. Vista da rua principal, topo dos fogos tipo simplex (Nascente-Poente)
© Tiago Casanova

Figura 32. Vista da rua principal, topo dos fogos tipo simplex (Poente-Nascente)
© Tiago Casanova



Os fogos são de dimensões mínimas, organizados numa largura de apenas 6 metros mas dispoendo sempre de duas frentes, pelo que os espaços são francamente iluminados e as áreas aproveitadas ao máximo através de transições directas entre as divisões, sem lugar para espaços de distribuição. Em termos de áreas o modelo mais representativo corresponde ao T2 que dispõem de 33,35m² composto por dois quartos de 16,25m², uma sala de estar 11,70m², uma cozinha de 3,70m² e um quarto de banho de 1,70m².

O sistema construtivo usado é porticado em betão armado, as paredes simples e a cobertura plana é revestida com chapa ondulada e zincada. A estrutura é assim intencionalmente visível e saliente nos alçados, formando, juntamente com a demarcação do pórtico da entrada e os dois frisos horizontais de enquadramento das janelas, uma grelha branca saliente presente em todas as habitações, contrastando com a policromia de tons pastel dos panos mais recuados de cada habitação. As caixilharias de madeira pintada de cor vibrante tal como as portadas das janelas, estas correm num plano saliente, pontuam todo o conjunto.

Os fogos permaneceram quase na sua totalidade habitados, tendo sido progressivamente apropriados pelos moradores que introduziram várias modificações e ampliações de carácter informal. Encontra-se desde 2007 em fase de reabilitação, pela primeira vez desde a sua construção em 1951, intervindo-se nas habitações camarárias que passem a desocupados. Os espaços exteriores, inicialmente projectados valorizando a continuidade entre a rua e as habitações, são onde se registam as alterações mais visível actualmente.

Este conjunto integra o Guia da Arquitectura Moderna e foi apresentado como caso de estudo no International Association for Housing (IAHS) em 2012 em Istambul pelo arquitecto João Ascensão e engenheiro Vítor Abrantes com o título original «Social Housing Rehabilitation of Portuguese Modern Movement and the Quarter of Bairro da Caixa Têxtil» subornado ao tema geral da edição Visions for the Future of Housing: Mega Cities.



Figura 33. Vista frontal fogos duplex
© Tiago Casanova



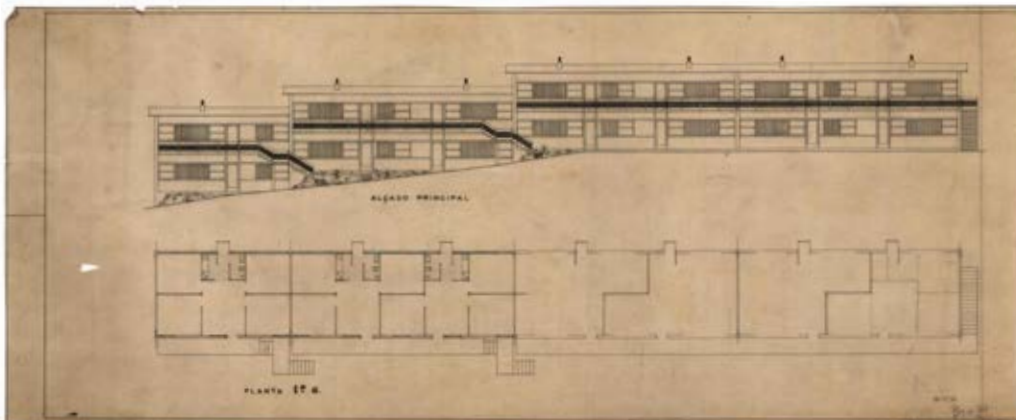
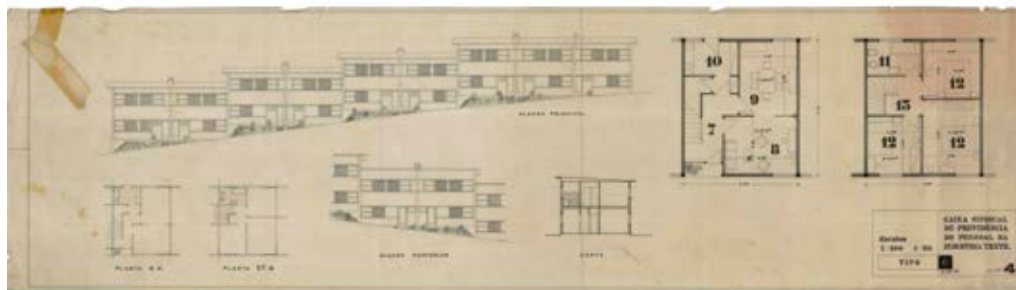
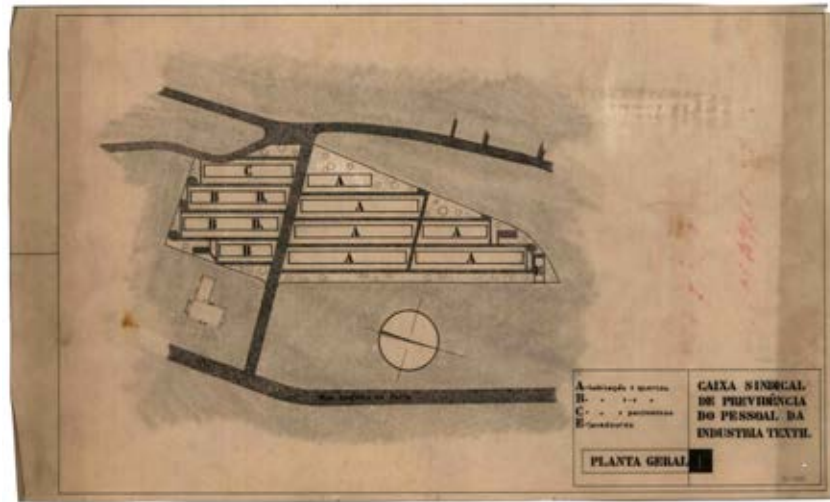
Figura 34. Vista da rua principal, topo dos fogos duplex (Nascente-Poente)
© Tiago Casanova

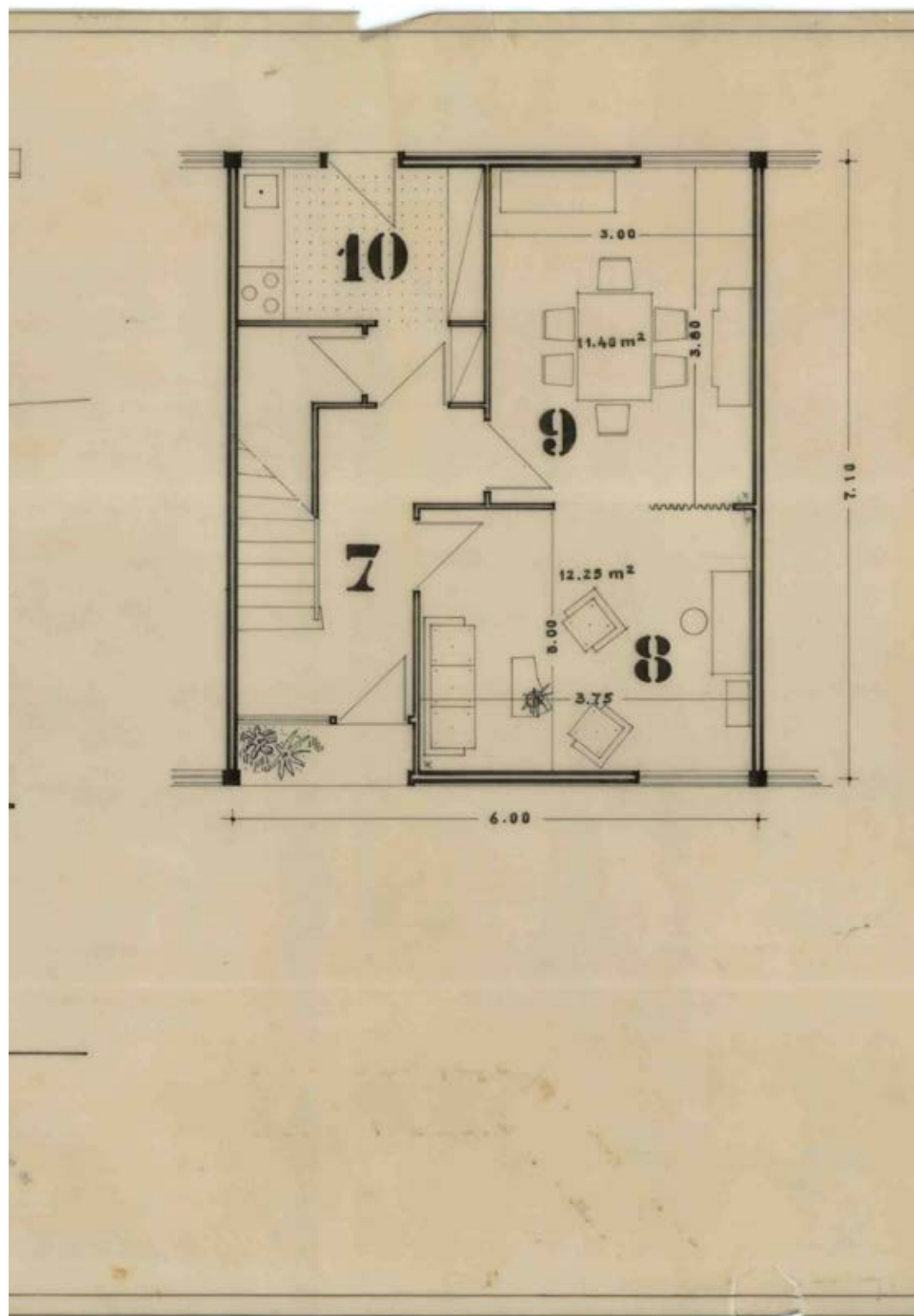


Figura 35. Vista central da rua (Nascente-Poente)



Figura 36. Vista da rua principal, topo dos fogos duplex (Poente-Nascente)
© Tiago Casanova

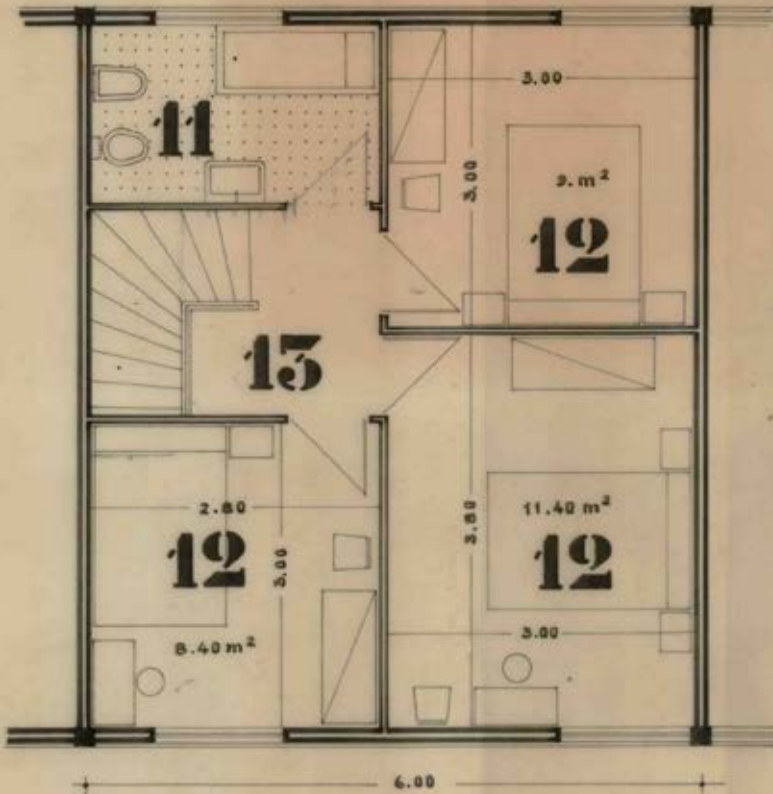




Peças Desenhadas:

- 1- Planta geral de implantação
- 2- Alçado do parque infantil (não construído)
- 3- Planta do parque infantil (não construído)
- 4- Planta geral de coberturas
- 5- Plantas, corte e alçados de fogos duplex
- 6- Planta e alçado de fogo simplex
- 7- Planta e alçado de fogo simplex (pormenor)

Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos



Escalas 1 : 100 1 : 50	CAIXA SINDICAL DE PREVIDÊNCIA DO PESSOAL DA INDUSTRIA TEXTIL
TIPO	C
	26 OUT 1956
	ON-0576 4



POSTO MÉDICO DE SANTO TIRSO

1955



POSTO MÉDICO DE SANTO TIRSO 1955

LOCAL: Avenida Sousa Cruz, Santo Tirso

TIPOLOGIA: Equipamento de Saúde

ENCOMENDA: Serv. Médico-Sociais da FCP

COLABORADOR: arq. Eduardo Figueirinhas (estagiário)

ESTADO: Construído



Figura 37. Vista alçado Nascente
© Tiago Casanova

Encomendado pelos Serviços Médico Sociais da Federação das Caixas de Previdência, este projecto do Posto Médico de Santo Tirso faz parte de um total de oito propostas desenvolvidas pelo arquitecto Germano de Castro entre 1955 e 1971 para postos médicos, sendo que cinco seriam construídos.

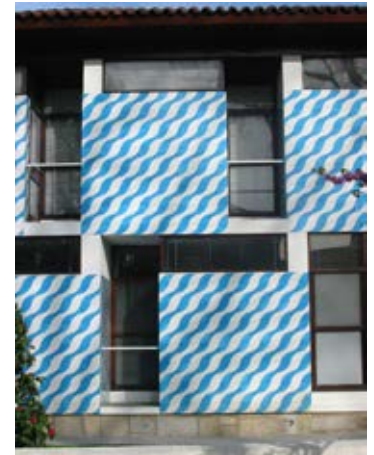


Figura 38. Módulo da fachada

Figura 39. Vista geral do gaveto
© Tiago Casanova

O padrão ondulante e geométrico dos azulejos que compõe a fachada em tons de azul e branco marcam a expressão do edifício. O desenho permite, por um lado, uma leitura contínua do conjunto, por outro um destaque aos painéis como elementos compositivos. A cobertura inclinada saliente vem reforçar a unidade do edifício, a qual remete para uma interpretação iconográfica da arquitectura e dos materiais tradicionais. O edifício localiza-se no encontro de duas importantes ruas de Santo Tirso, assumindo um ligeiro recuo em relação ao alinhamento do edifício contíguo envolventes, resultando a Sul num alargamento do passeio e a Nascente numa faixa ajardinada que se prolonga no topo mais a Norte para o interior do pátio. A entrada está assinalada no gaveto, na articulação dos dois volumes que conformam um “L”, com um recorte e desencontro das águas do telhado assim como por um painel em pedra aparelhada, material que se prolonga nos restantes alçados sob a forma de um pequeno embasamento. A marcação da entrada está assim assinalada pela pedra aparelhada que dobra do painel para o pavimento, desenhando um percurso de chegada até ao passeio.

A distribuição do programa divide-se no piso térreo entre a ala Sul com balcão de atendimento e serviços administrativos e na ala Norte a sala de espera, sanitário e os serviços de saúde. Junto à entrada encontram-se os acessos verticais, no 1º piso encontram-se os gabinetes e especialidades. Inicialmente a



Figura 40. Vista exterior dos gabinetes médico (Sul-Norte)
© Tiago Casanova



Figura 41. Vista exterior dos gabinetes médico (Norte-Sul)

proposta previa que os compartimentos de serviços médicos se voltassem para o interior do pátio, possivelmente numa óptica de garantir maior privacidade e tranquilidade a esses espaços contudo, a versão final trouxe os gabinetes para o lado da rua, o que obrigou a uma reorganização dos gabinetes solucionando as questões de privacidade e reserva inerentes a um espaço de atendimento médico com elementos arquitectónicos. No projecto final os gabinetes de consulta, orientados a poente e virados para a Avenida de Sousa Cruz, são reservados através de elementos exteriores e dos panos de parede soltos, recuando os envidraçados que assim resultam em varandas e numa composição de alçado que adquire uma expressão tridimensional.

Esta solução espacial permite salvaguardar a privacidade destes espaços sem deixar de manter a iluminação natural adequada, permitindo ainda o acesso a um varandim coberto e recuado em relação à fachada. A motivação desta alteração da orientação das zonas de atendimento e de permanência dos utentes poderá ser entendida na medida em que se procurou otimizar a organização e as circulações em planta do programa, mais apropriada à tipologia e que acabam por permitir que estes espaços se relacionassem directamente com a paisagem e contexto urbano em que se inserem.

O sistema construtivo faz uso de uma estrutura porticada em betão armado, lajes maciças de betão armado e os revestimentos usados são o azulejo, pintura branca e a pedra aparelhada. As caixilharias são em madeira escura e a cobertura é inclinada com duas águas apoiada em estrutura de madeira revestida a telha.

Actualmente o edifício já não tem função de Posto Médico mas de Junta de Freguesia. As características originais do edifício, tanto exteriores como no seu interior, encontram-se muito bem preservadas. Os painéis de azulejo, quer pelo padrão geométrico quer pelas suas características plásticas e de conservação conferem-lhe uma linguagem intemporal.



Figura 42. Vista do pátio
© Tiago Casanova



Figura 43. Vista geral da entrada
© Tiago Casanova



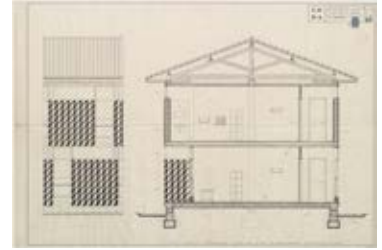
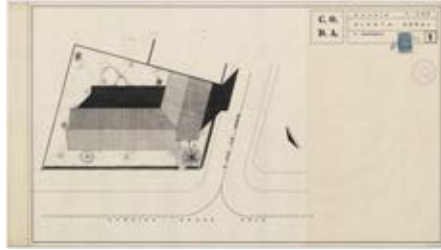
Figura 44. Alçado Sul
© Tiago Casanova



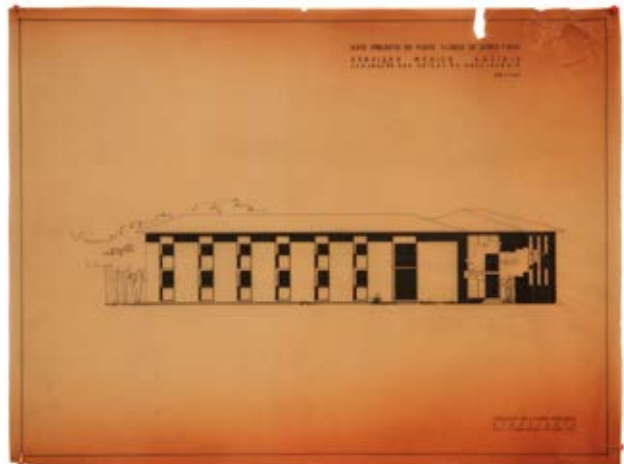
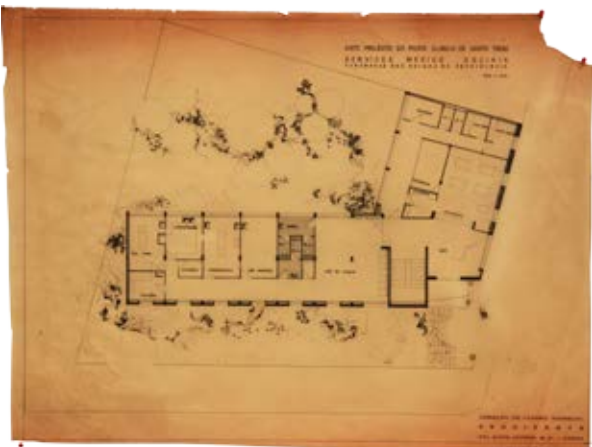
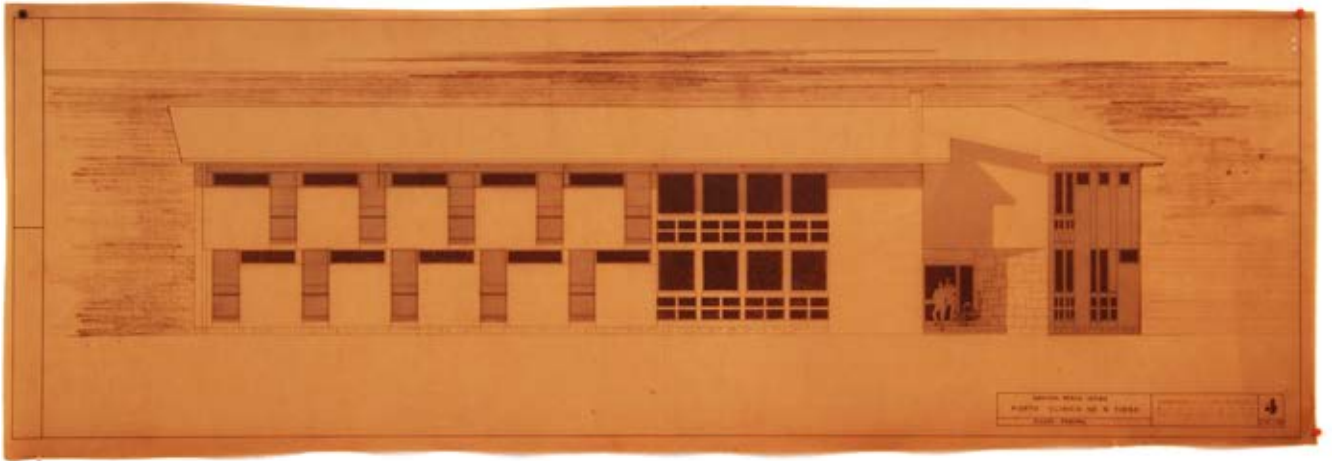
Figura 45. Topo Norte

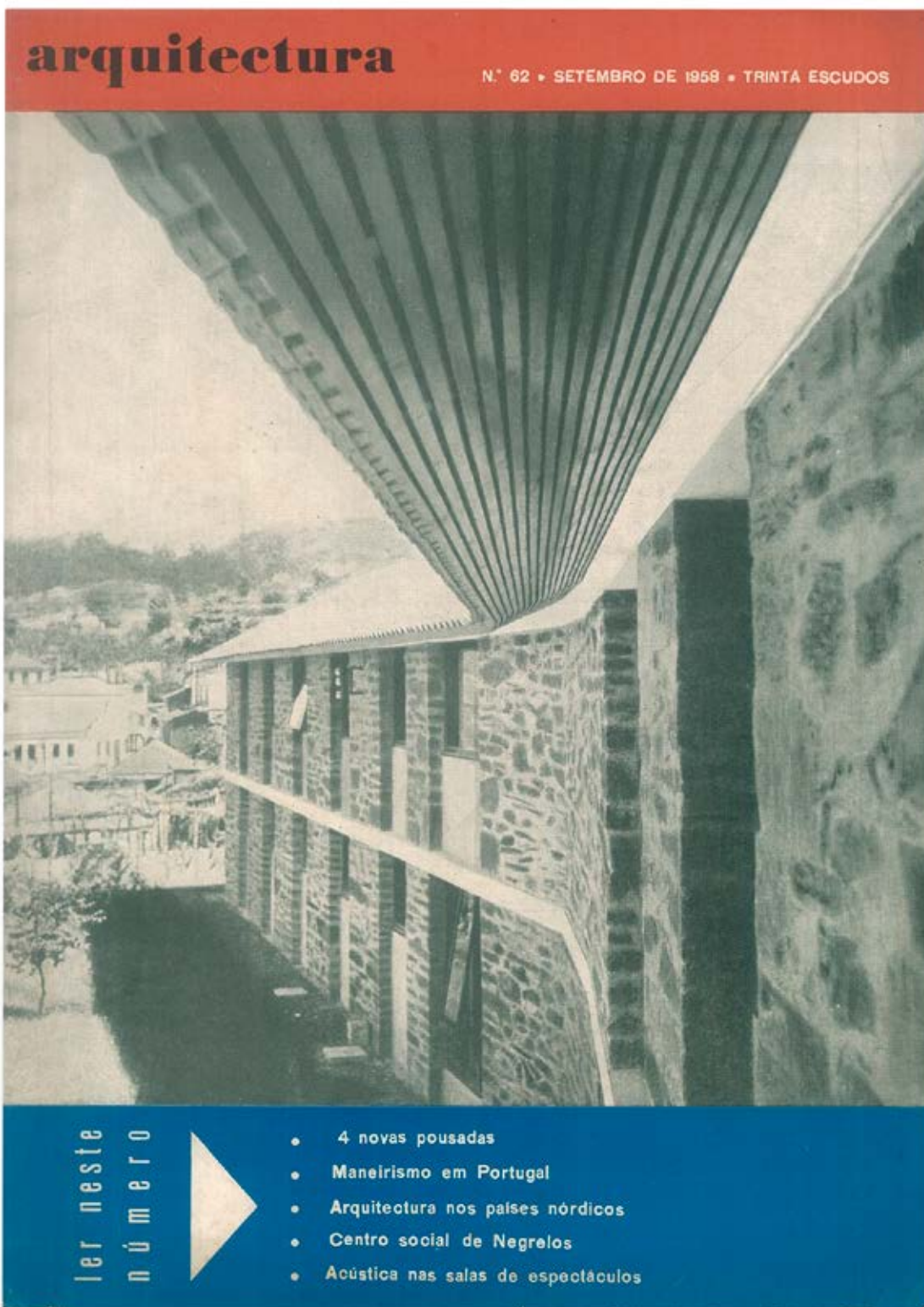
Peças Desenhadas:

- 1- Planta cobertura
(CODA de Eduardo Figueirinhas)
- 2- Corte construtivo transversal
(CODA de Eduardo Figueirinhas)
- 3- Alçado Poente
- 4- Planta rés-do-chão
- 5- Estudo para alçado poente
- 6- Planta Piso 1



Arquivo Faculdade de Belas Artes da UP
Arquivo escritório Germano de Castro
Pinheiro Arquitectos





POSTO MÉDICO DE NEGRELOS

1955



POSTO MÉDICO DE NEGRELOS 1955

LOCAL: Nacional nº105, Avenida Ponte, Santo Tirso

TIPOLOGIA: Equipamento de Saúde

ENCOMENDA: Serv. Médico-Sociais da FCP

COLABORAÇÃO: Arq. Eduardo Figueirinhas; Eng. Napoleão Amorim

ESTADO: Construído

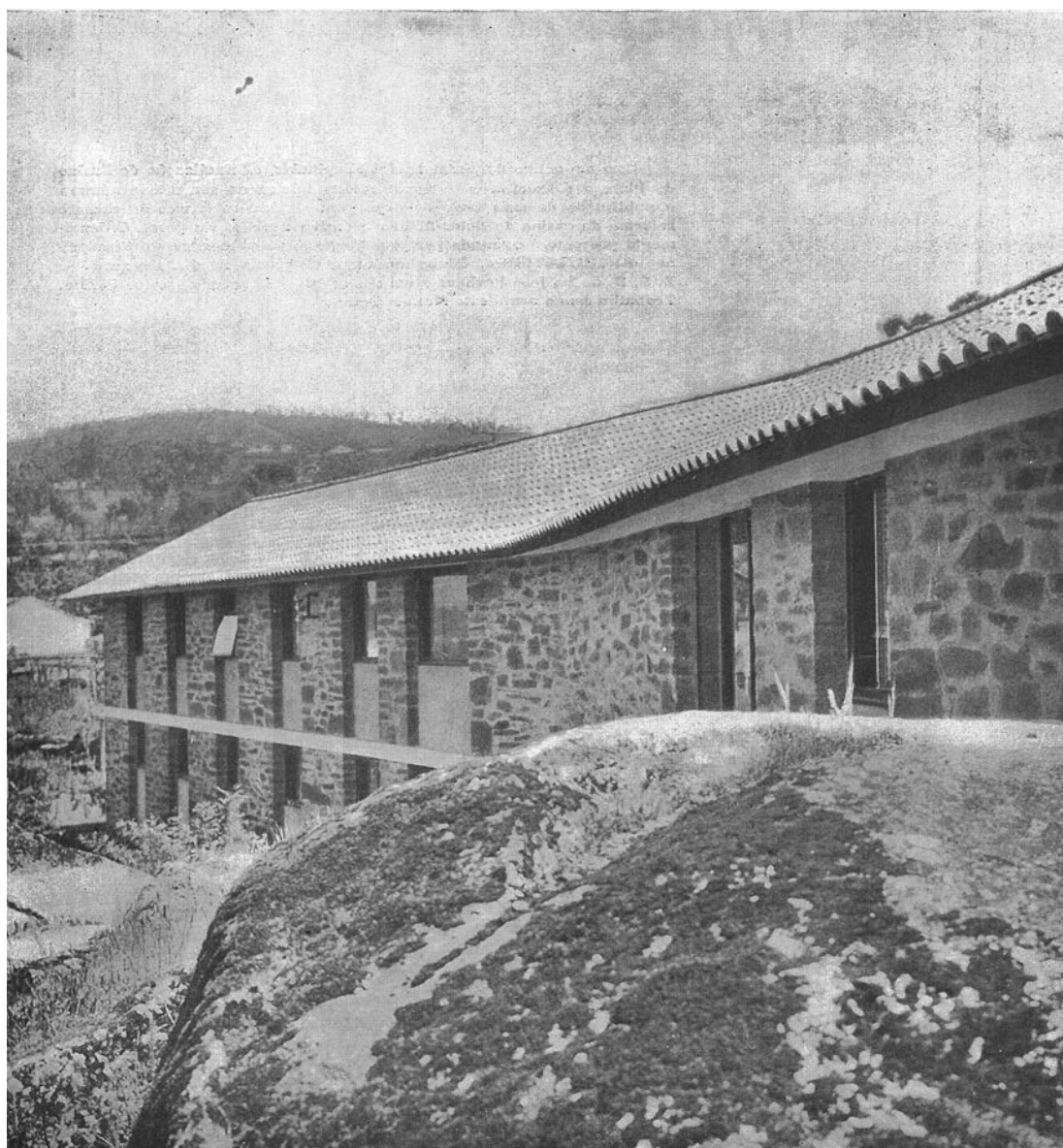


Figura 46. Vista do alçado Norte e envolvente
Foto de época
Retirado da revista *Arquitectura* nº62, 1958, p.29

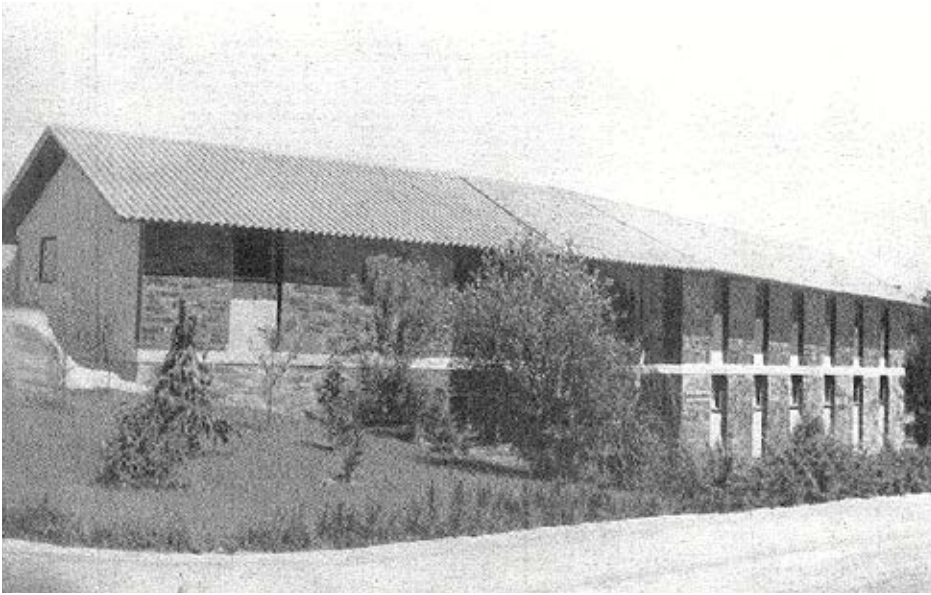


Figura 47. Vista do alçado Sul e envolvente próxima
Foto de época
Retirado da revista *Arquitectura* nº62, 1958, p.24

O edifício do Posto Médico de Negrelos coloca o carácter moderno em consonância com a realidade específica do lugar e, das suas condições físicas, climáticas e socioculturais. No contexto do desenvolvimento do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, em curso desde 1955 e que viria a ser publicado somente em 1961, torna-se significativa a presença deste edifício na Revista *Arquitectura* nº62, um projecto realizado por um arquitecto fora do habitual circuito das publicações, e do qual é salientado o diálogo entre a tradição e o moderno. A este propósito o arquitecto Nuno Portas refere: “Não era obrigatório ser na capa, mas achamos que era importante ser, porque estávamos num período de dois anos depois do Inquérito à Arquitectura Portuguesa e a obra ainda não estava publicada penso eu, a revista é de [19]58”.¹ A relevância atribuída a este artigo reside no facto de estabelecer uma ligação directa à obra de Germano de Castro Pinheiro assim como à forma que esta foi interpretada no seu tempo, tendo este projecto sido visto entre os arquitectos como uma proposta de síntese.

Ao longo do artigo elaborado na revista *Arquitectura* são realçados os principais elementos diferenciadores da proposta, desde a sua abordagem e inserção paisagística, em que “é evidente que a sua concepção não resultou de uma procura do espaço interno tomado como gerador da forma, mas ao contrário de uma intuição “paisagística“, isto é, do respeito pelo espaço exterior” passando pela distribuição do programa e o sistema construtivo que em muito contribuem para que o edifício resulte num conjunto que dá sinais de continuidade da tradição dentro de uma proposta moderna. É neste sentido que se interpreta que “o seu modo de integração no ambiente regional não é



Figura 48. Artigo da revista *Arquitectura* nº62, 1958, p.24–29

1. Em entrevista ao arquitecto Nuno Portas realizada a 6 de Fevereiro de 2015.



Figura 49. Vista topo poente
© Tiago Casanova

de tipo passivo ou mimético, mas de proposta (...)”, isto é, capaz de se integrar na paisagem local, recorrendo a um edifício de baixa altura com materiais locais, cobertura de duas águas e beirado que reforçam a composição horizontal e a dinâmica da curva que o edifício apresenta em planta.

A implantação do edifício em curva assim como a distribuição interior do programa valorizam o enquadramento da paisagem, encontrando-se os espaços interiores voltados para Norte privilegiando a vista ampla voltada para o Rio Vizela. No piso térreo encontra-se uma sala de espera junto à entrada, a eixo do edifício, já no primeiro andar os espaços comuns são colocados nas extremidades do edifício e os gabinetes na zona mais central. A galeria de distribuição encontra-se voltada a Sul em paralelo com a estrada a partir da qual o edifício é visto como um volume pousado cujo movimento curvo é interrompido com topos rectos.

Quanto à materialidade e sistema construtivo do edifício, é referido no mesmo artigo que «O sistema construtivo assenta na conjugação das paredes portantes de xisto, dispostas como pilares ao longo do edifício e laje de betão armado, constituindo o pavimento do piso superior; os panos de enchimento são de tijolo rebocado e pintado em azul intenso.

O emprego do xisto mereceu cuidados especiais, como se refere noutra local, que vão desde o envernizamento (por verniz especial, exterior, à protecção por parede de tijolo na face interna e à previsão de uma caleira de recolha das águas infiltradas na caixa intermédia.» O emprego do xisto nesta construção é talvez dos elementos mais relevantes pela integração do material local na construção e pela reinterpretação da sua aplicação uma vez que a sua composição surge em planos fragmentados contrariando a sua natureza horizontal. No artigo é referido a este propósito que «Com efeito, o emprego de um material com a característica do xisto solicitaria, em princípio, uma estrutura do tipo da parede contínua, surgindo aqui, ao invés, num predomínio da

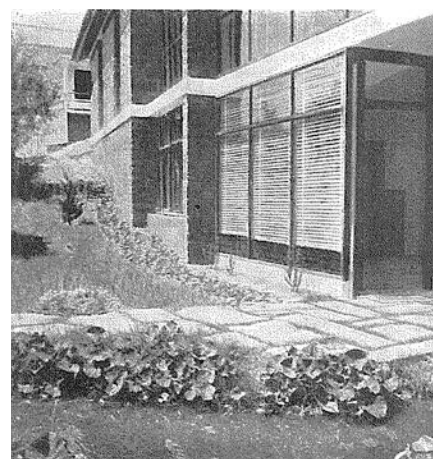
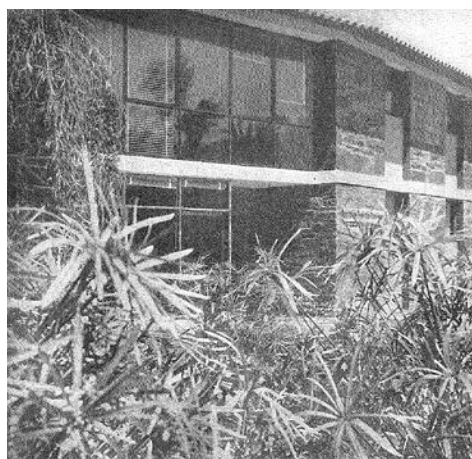


Figura 50. Vistas da entrada
Foto de época
Retirado da revista *Arquitectura* n.º62,
1958, p.26 e 28

forma de suporte vertical, fragmentado não só na extensão, como ainda na altura.» Em Negrelos o xisto é explorado na sua dimensão simbólica e plástica, como um elemento que faz a ponte com a textura e cor locais.

O artigo da revista *Arquitectura* termina referindo-se ao contexto da encomenda deste projecto assim como às opções do arquitecto: «O centro médico-social de Negrelos, como aqui se documenta, apresenta características que o destacam da orientação como das realizações que para o mesmo fim a Federação das Caixas de Previdência tem levado a efeito em outros pontos do País. Com efeito, a confiança dada ao arquitecto autor do projecto, sobretudo na Delegação do Norte, permitiu a criação de uma obra original, que alia à adequação aos fins requeridos uma visão arquitectónica moderna, não isenta de respeito pela tradição local.»



Figura 51. Vista alçado Norte
© Tiago Casanova



Figura 52. Vista do beirado no alçado Norte
© Tiago Casanova

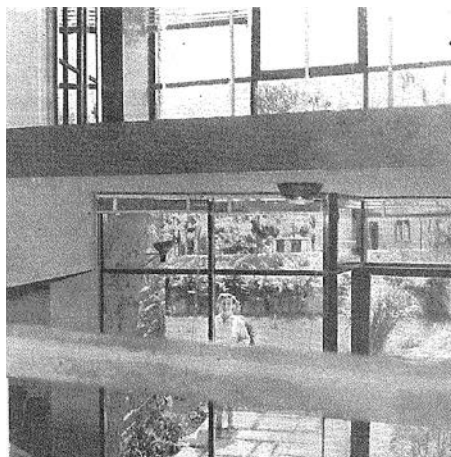
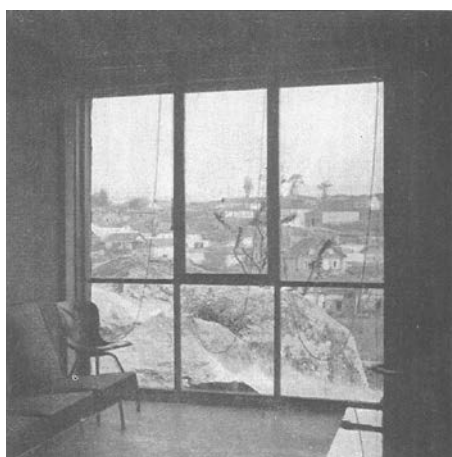


Figura 53. Vistas interiores
Foto de época
Retirado da revista *Arquitectura* n.º62,
1958, p.25 e 28

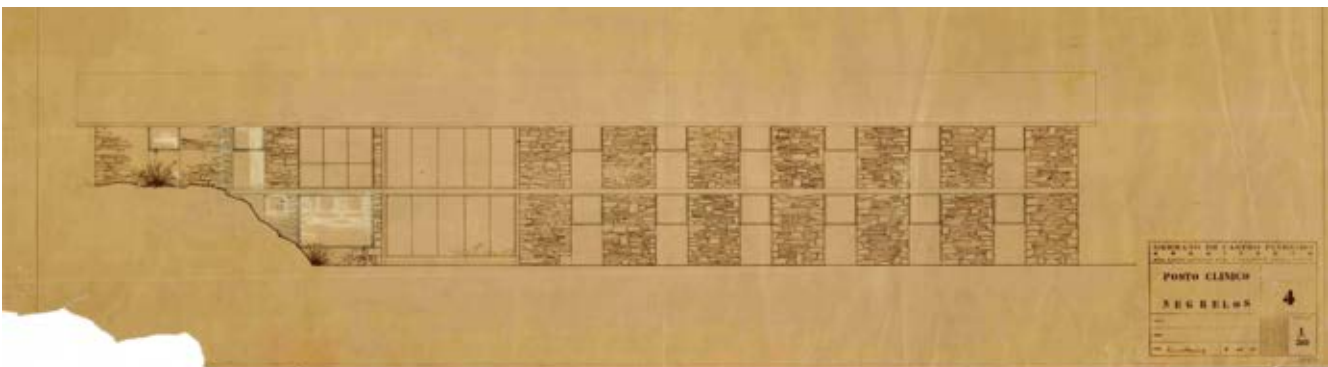
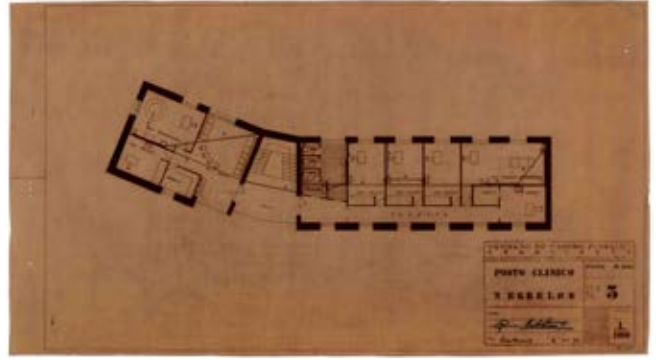
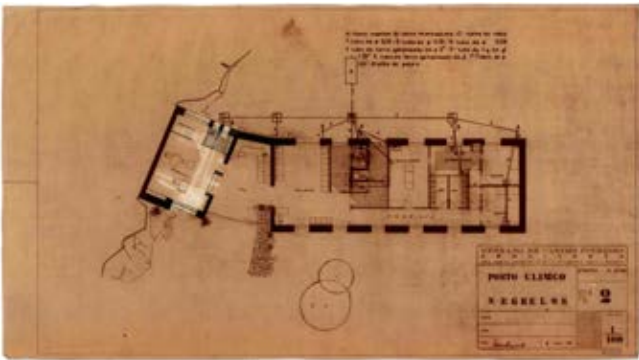
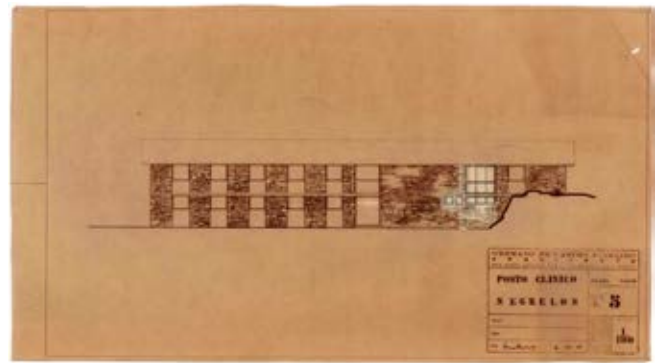
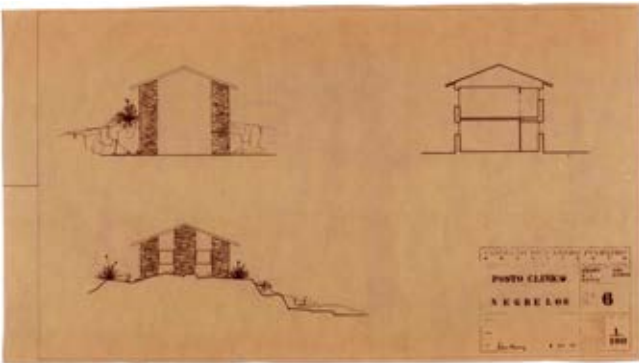
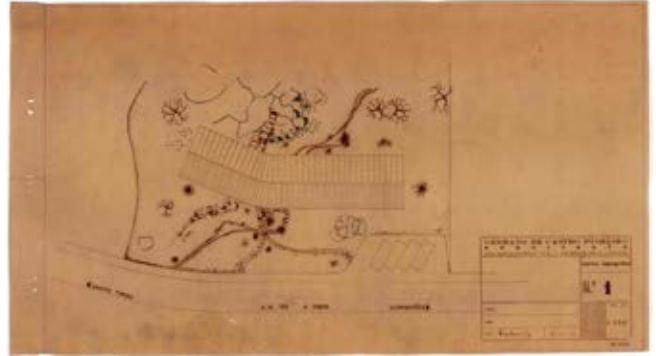


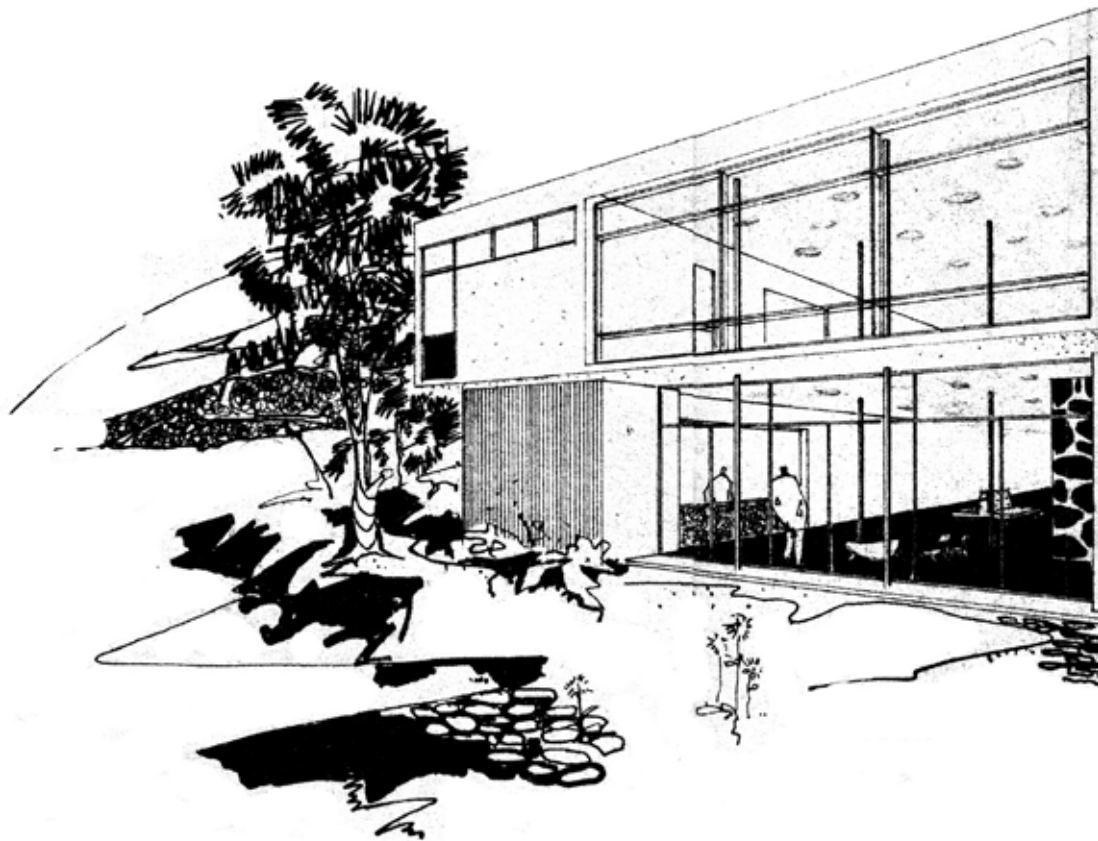
Figura 54. Vista alçado Sul
© Tiago Casanova

Peças Desenhadas:

- 1- Planta de implantação/cobertura
- 2- Cortes transversais
- 3- Alçado Norte
- 4- Planta 1º Piso
- 5- Planta 2º Piso
- 6- Alçado Sul

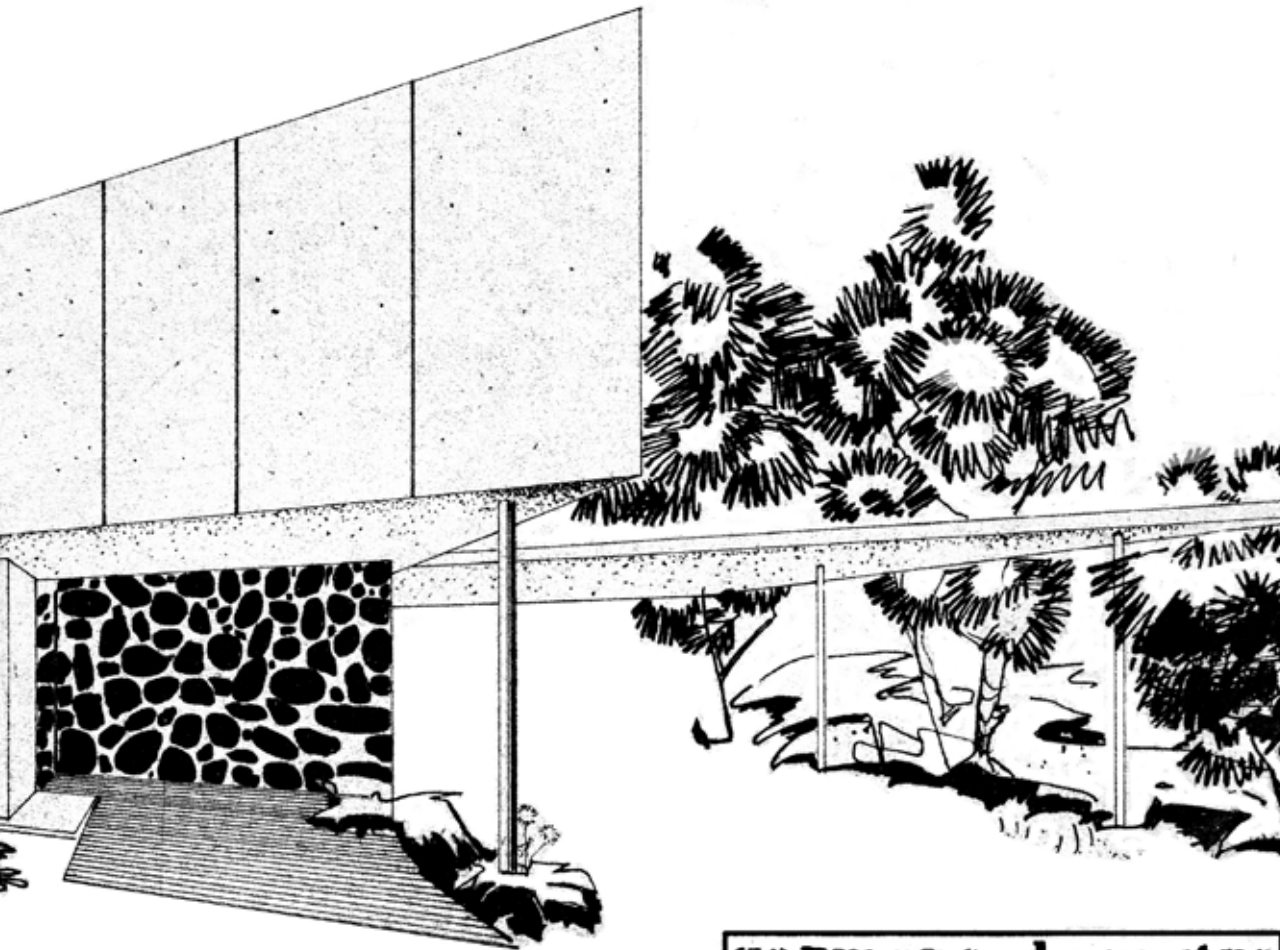
Arquivo escritório Germano de Castro
Pinheiro Arquitectos





POSTO MÉDICO DE VIZELA

1960



germano de castro
A R Q U I T E C T O



POSTO MÉDICO DE VIZELA 1960

LOCALIZAÇÃO: Av. Bombeiros Voluntários n°415, Vizela, Braga

TIPOLOGIA: Equipamento de Saúde

ENCOMENDA: Serv. Médico-Sociais da FCP
das Caixas de Previdência

ESTADO: Construído



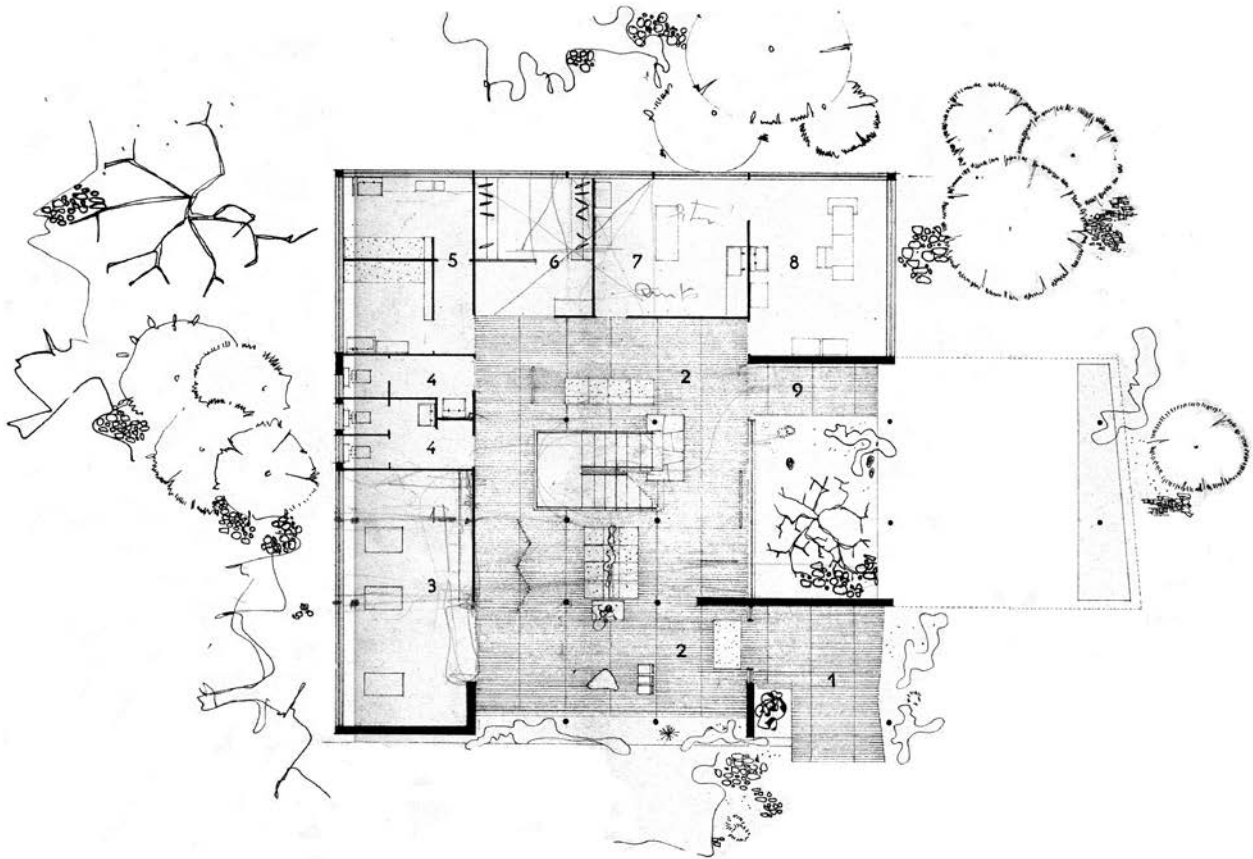
Figura 55. Vista do topo Poente
Foto de Época
Arquivo familiar

Neste projecto do Posto Médico de Vizela não foi possível localizar as peças desenhadas originais que podiam ter permitido a compreensão do desfasamento existente entre os desenhos de projecto e a obra construída contribuindo para a sua contextualização. A perspectiva existente em arquivo, sendo esta a peça desenhada que melhor representa as intenções do autor neste projecto, e o edifício construído surgem com expressões de carácter diferente. Os desenhos por um lado sugerem um piso térreo diversificado nas texturas, nos elementos construtivos que adquirem forma e materiais diferenciados entre si, elementos estes que sustentam o piso elevado num volume sólido, de vãos amplos e caixilharia discreta. Embora seja perceptível que os elementos representados se mantêm no projecto construído, a sua expressão é no entanto de carácter mais contido fazendo lembrar a expressão empregue em obras da Bauhaus.

O edifício construído foi implantado no centro do terreno, constituindo um volume isolado que acaba por adquirir volumetricamente proporções e acabamentos que lhe atribuem um ar estático e de formas sólidas, em vez de lhe conferir a leveza que aparecia sugerida na perspectiva. Um dos elementos que contribuí para esta aparente desproporção é o capeamento em chapa com cerca da 30cm de altura e que se torna um elemento de marcada presença, menos interessante que a solução apresentada nos desenhos no qual esse remate é inexistente e surgem apenas elementos pontuais distribuídos na cobertura.

Na planta e no corte construtivo é adoptada uma métrica rígida de estrutura mista de paredes portantes e pilares estruturais. No núcleo do edifício encontram-se pilares esbeltos que permitem a percepção de um espaço amplo e contínuo assim como uma escada central aberta, em torno deste núcleo dispõe-se na sua envolvente em “U” uma compartimentação composta por paredes estruturais na qual se organiza o programa de serviços médicos, salas de espera e quartos de banho. O ritmo e variação do tipo de vãos assinala na fachada estes dois momentos, sendo os planos envidraçados correspondentes ao prolongamento do núcleo central e amplo e as aberturas mais elevadas que se articulam com uma janela de sacada, correspondendo a espaços mais reservados pelo carácter do seu programa de atendimento médico e gabinetes de análises.

Actualmente o edifício encontra-se muito adulterado uma vez que ao seu alçado a Poente foi acrescentada uma construção nova e o seu programa também foi alterado, acolhendo actualmente uma colectividade local.

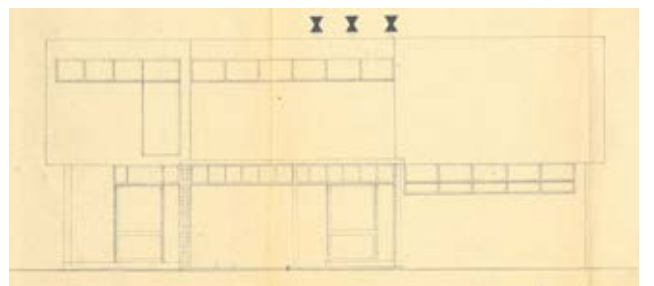
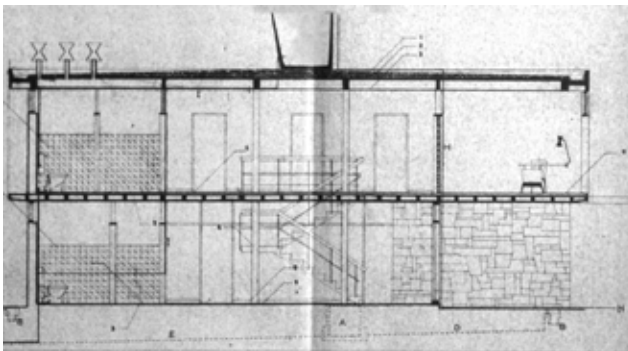
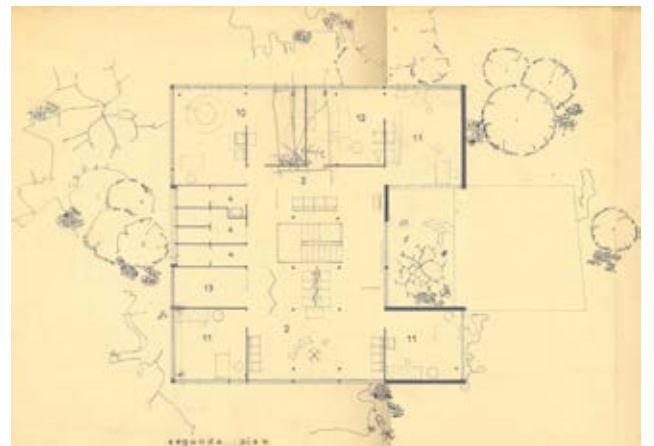
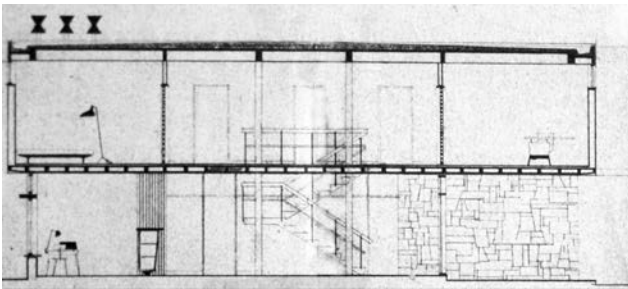
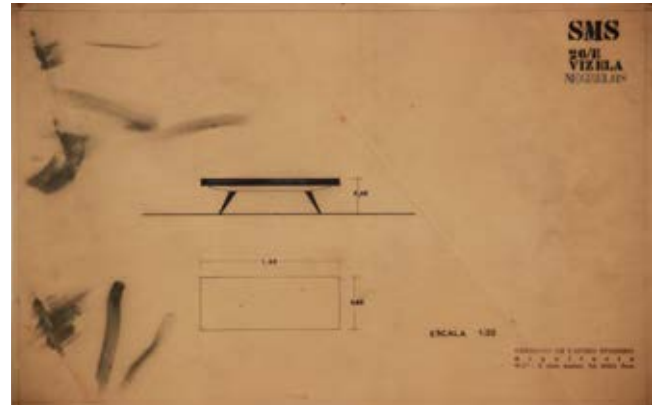
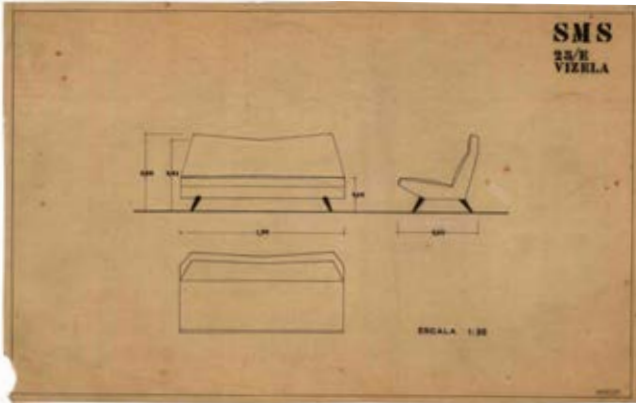


- 1 vestibulo
- 2 espera e exposiçõ educativa permanente
- 3 secretaria de admissõ
- 4 sanitarios
- 5 injeções
- 6 pessoal
- 7 esterilizaçõ
- 8 sala de tratamentos
- 9 entrada priv. medico e doentes em maca
- 10 estomatologia
- 11 consulta
- 12 observações
- 13 farmácia
- 14 consulta

Peças Desenhadas:

- 1- Corte pela entrada e recepção (pág. seguinte)
- 2- Corte pela entrada e serviços (pág. seguinte)
- 3- Alçado Norte (pág. seguinte)
- 4- Duas propostas de mobiliário
- 5- Plantas rés-do-chão e piso 1 e perspectiva geral do edifício

Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos





CASA DO CASTANHAL

1960





CASA DO CASTANHAL 1960

LOCAL: N13, Maia

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

ENCOMENDA: Nelson Quintas

ESTADO: Construído



Figura 56. Vista da entrada

Foto de época

(Na pág. anterior, vista geral do conjunto, foto de época)

Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos

A Casa do Castanhal resulta de uma encomenda desenvolvida em todas as escalas até à escolha do mobiliário, resultando numa obra completa e personalizada, um processo favorecido pela amizade entre arquitecto e cliente. Talvez por estes motivos foi identificada como tendo sido uma obra que o arquitecto Germano teve particular apreço em desenvolver, cujo registo fotográfico que realizou se conservaram até à actualidade é também disso prova. Aí é possível ter percepção tanto do edifício no seu todo como das particularidade do seu interior e dos modos da sua ocupação. Esta terá sido, segundo palavras do próprio arquitecto Germano de Castro Pinheiro, um dos seus projectos de eleição enquanto processo e resultado alcançado.

A abordagem do arquitecto aos modos de vida do habitante e da família



Figura 57. Vista interior das zonas de estar
Foto de época
Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos

procuram ir de encontro ao conforto e ergonomia dos espaços e das formas da sua ocupação, transpondo-se também para a organização funcional de acordo com hábitos específicos do cliente, sendo que neste caso a relação da família com a casa permaneceu estreitamente ligada, passando para a seguinte geração.

O declive do terreno é acentuado e descendente no sentido Norte- Sul sendo que a casa tira partido dessa variação de cotas, acabando mesmo por ser um elemento que, não procurando diluir-se na orgânica do terreno e mantendo o seu carácter de edifício, consegue uma articulação através de diversos níveis e plataforma. O terreno encontra-se num nó de vias rápidas pelo que o aproveitamento favorável das condições naturais do terreno é determinada na definição de barreiras acústicas e visuais que permitam criar um ambiente recatado em torno da casa. A sua topografia e vegetação densa assemelham-se a um bosque e é composto por vegetação autóctone como pinheiros bravos,

Figura 58. Vista sobre a casa a partir da piscina
Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos



Figura 59. Vista da casa a Norte
Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos

pinheiros mansos e carvalhos, entre outros. Por entre esta vegetação que exerce um filtro natural a casa orienta-se principalmente a Sul de forma ampla na exposição solar mais favorável. Estas características pré-existentes foram determinantes não só na implantação como na forma como os espaços se relacionam com o exterior. A forma como se desenvolve a chegada à habitação é em si um tema de projecto consistindo num arranjo exterior que vence o terreno até à entrada, permitindo ao longo deste percurso ondulante ter várias impressões do edifício que se encontra no cimo da pequena colina.

A piscina encontra-se numa zona de acumulação natural de água, tirando partido dos princípios orgânicos de implantação deste edifício e a relação estreita com a topografia do terreno não são exclusivamente de ordem morfológica mas consideraram também as suas condicionantes naturais. Enquanto conjunto as referidas questões de relação com o terreno são determinantes na percepção do conjunto e dos espaços, o edifício assume em pleno a sua

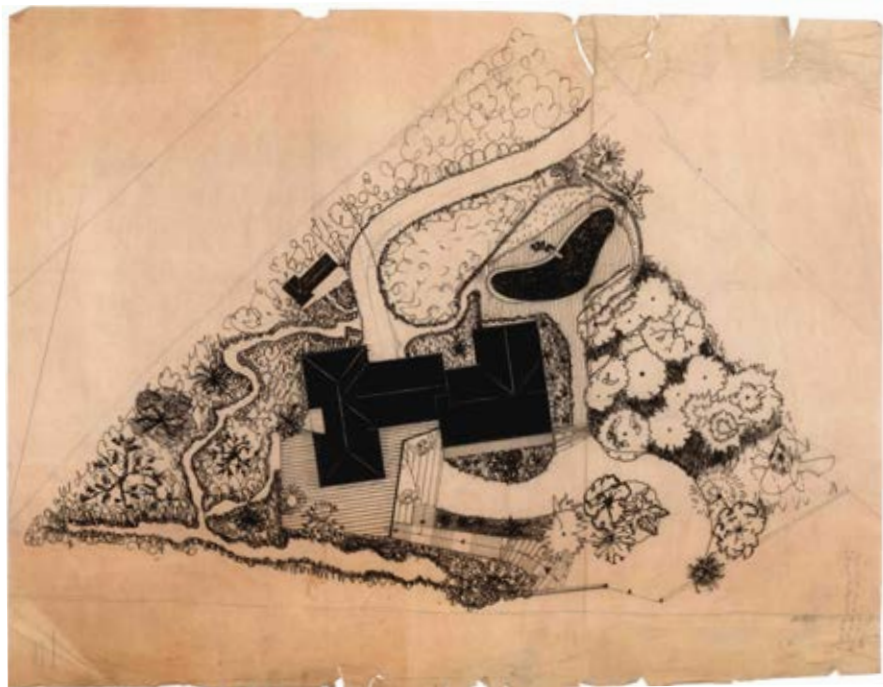


Figura 60. Planta geral de implantação
Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos

volumetria assumida como elemento construído e valorizado na horizontalidade de alguns elementos que se destacam e se mostram salientes como as varandas projectadas de cor branca, a mesma cor é aplicada na platibanda e topo da laje sobressaindo enquanto elementos contínuos em torno do edifício, destacados dos planos recuados dos dois andares e da cobertura de inclinação suave revestida a telha. A articulação entre elementos e materiais é particularmente explorado no espaço de entrada e de acesso à garagem onde é possível ver na imagem a composição procurando tirar partido das texturas, cor e plasticidade variando consoante o carácter de cada elemento, seja procurando reforçar o sentido estrutural, conceber um plano mais opaco ou de transparência e de relação entre diferentes níveis e espaços.

A organização interior não possui a sua verdadeira expressão na planta, o espaço na realidade é mais fluido e contínuo do que aparenta. A entrada do edifício dá-se numa plataforma que estabiliza em cota alta e permite uma vista panorâmica sobre a paisagem circundante. No piso do rés-do-chão os espaços têm entre si uma continuidade, principalmente relacionando o coberto exterior com átrio de entrada, progredindo verticalmente para o primeiro piso onde se encontra o espaço de jogos. No primeiro andar, piso onde se desenvolvem todas as funções do dia a dia, os espaços de estar subdividem-se em núcleos distintos, com recantos e variando a sua escala. É através de um elemento móvel, uma cortina opaca, que se pode autonomizar os espaços entre sala de jantar e sala de estar principal, esta última mais ampla e aberta em panorâmica para o exterior e na qual se encontra um nicho de lareira, um espaço totalmente intimista. Como complemento e este espaço de excepção, existe uma ampla galeria que, pela sua largura e relação com a varanda, se destina também a ser um espaço de estar permeável e não apenas uma zona de passagem. Esta



Figura 61. Vista de aproximação à casa Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos



Figura 62. Vista sobre a casa a partir da entrada da rua Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos

hierarquia espacial transmite o entendimento próximo das vivências do núcleo familiar que tal como cada espaço é composta por momentos distintos e que variam consoante os momentos do dia. As zonas de dormir encontram-se a poente e são compostos por quatro quartos com suite, arrumos e uma varanda coberta e de uso independente. Os espaços lúdicos e os serviços encontram-se no piso térreo e relacionam-se directamente com o exterior.

Este projecto teve a colaboração do arquitecto estagiário Alexandre Rodrigues que pela afinidade com a solução desenvolvida solicitou ao arquitecto Germano de Castro Pinheiro o acompanhamento para apresentação do mesmo ao Concurso para obtenção do Diploma de Arquitecto, CODA.

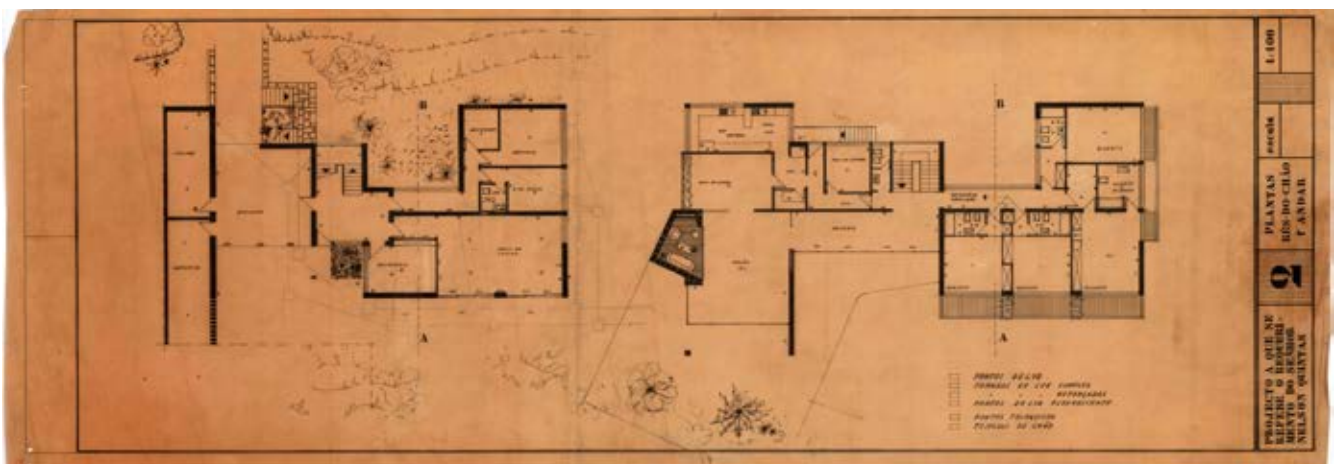


Figura 63. Vista interior da sala de jogos
Arquivo escritório Germano de Castro
Pinheiro Arquitectos

Peças Desenhadas:

- 1- Planta de implantação
- 2- Alçado Norte
- 3- Alçado Sudoeste
- 4- Alçado Nordeste
- 5- Plantas de rés-do-chão e piso 1

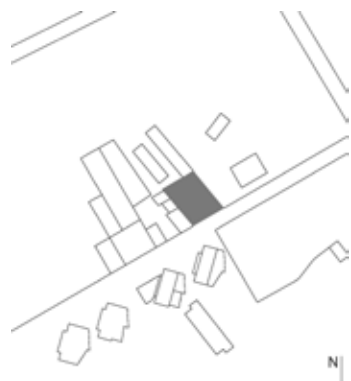
Arquivo da Faculdade de Belas Artes da UP
(CODA de Alexandre Rodrigues)
Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos



FÁBRICA DE CONFECÇÕES

1960





FÁBRICA DE CONFECÇÕES [1960]

LOCAL: Rua Pereira de Azurara, Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Equipamento Industrial

ENCOMENDA: António Azevedo Duarte

ESTADO: Construído

Figura 64. Vista geral Nascente-Poente
(Na pág. anterior, vista de pormenor da fachada)
© Tiago Casanova



Para além da identificação do edifício no local, poucos mais elementos foi possível recolher, quer junto dos arquivos municipais, como dos particulares, que permitissem traçar um histórico desta obra assim como um entendimento específico do seu desenvolvimento. Não tendo sido possível o acesso ao interior assim como às peças desenhadas, apenas nos debruçaremos sobre o elemento visível da fachada, que só por si foi considerado merecedor deste registo e análise. Sendo o programa destinado a acolher uma fábrica de confecção têxtil, com características aparentemente anónimas, uma vez que não há registo de qualquer grafismo que remeta para um nome ou marca na sua fachada, não deixa de ser relevante o destaque que o edifício tem, tratando-se de uma excepção na envolvente próxima.

O conjunto do alçado é dinâmico e a sua composição denota o carácter industrial de pequena escala, uma obra que denota a sensibilidade do arquitecto. O edifício é composto por um embasamento que explora as texturas e cores dos materiais na combinação do betão estriado, o reboco verde-garrafa e a combinação de caixilharia em madeira com gradeamento metálico. O piso superior é composto pela repetição de um elemento plástico que funcionalmente ilumina o interior de uma forma filtrada e indirecta, e que do ponto de vista da sua forma em “escama” permite uma percepção totalmente distinta consoante a aproximação seja feita pelo lado nascente, em que se avistam os sete vãos verticais conferindo a ilusão de um alçado predominantemente aberto, ou pelo lado poente, onde apenas é possível visualizar os planos opacos de betão criando a sensação de um plano cego.

Este volume faz a frente de um espaço de armazém aparentemente mais amplo, pelo que se adivinha que neste volume de frente de rua se encontrem os acessos, assim como os espaços administrativos, de reunião e escritórios.

Actualmente o edifício encontra-se destituído de funções apesar de se conservar aparentemente no seu estado original.



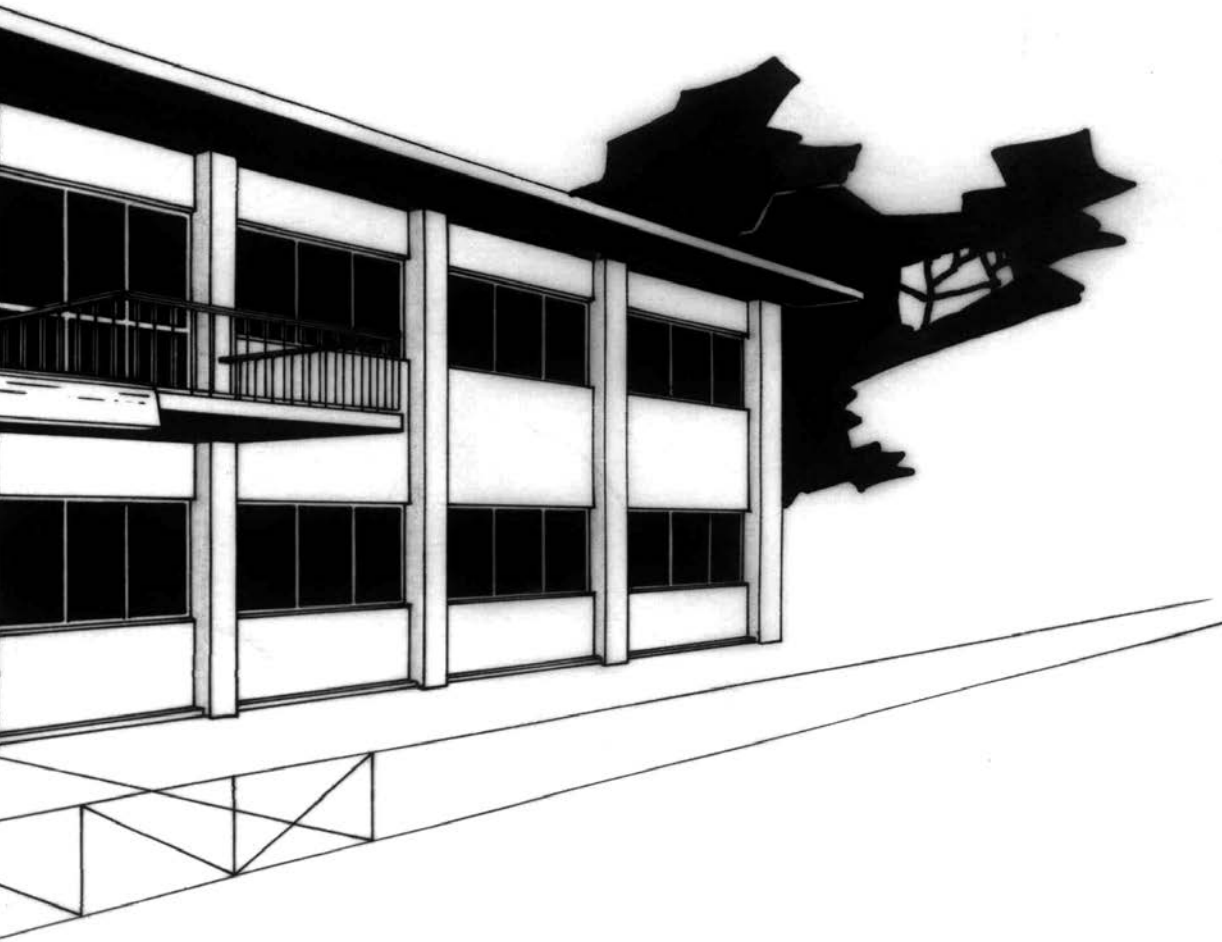
Figura 65. Vista frontal, alçado Sul
© Tiago Casanova





POSTO CLÍNICO DE BEJA

1961





Posto Clínico de Beja

1961

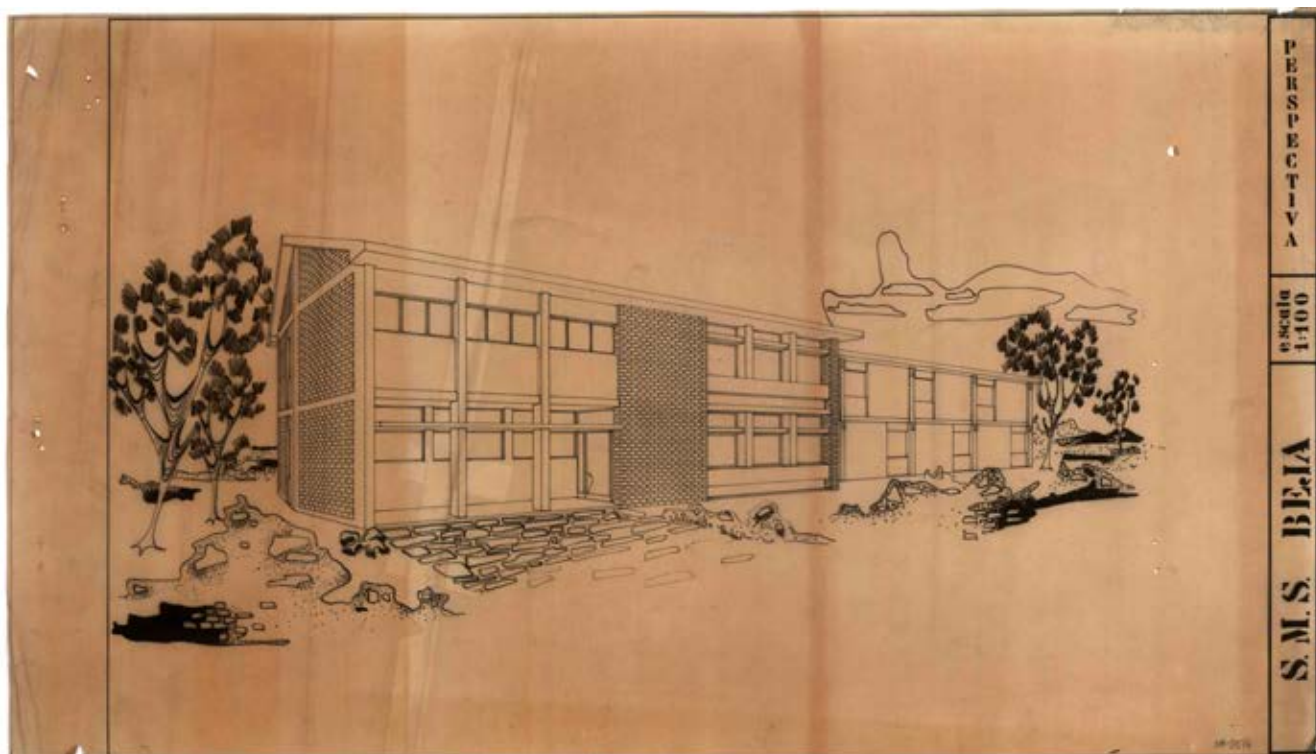
LOCAL: Cruzamento Rua Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, Beja

TIPOLOGIA: Equipamento de Saúde

ENCOMENDA: Serv. Médico-Sociais da FCP

ESTADO: Não construído

Figura 66. Perspectiva geral do edifício
(na página anterior estudo prévio com
perspectiva geral do edifício)
Arquivo escritório Germano de Castro
Pinheiro Arquitectos



Este projecto não construído, realizado pelo arquitecto Germano de Castro Pinheiro, partilha muitos dos princípios tomados nas restantes propostas que realizou para Postos Médicos.

A sua particularidade ao nível do processo de projecto reside na possibilidade de comparação de duas perspectivas que propõe soluções distintas, a primeira constitui possivelmente um estudo prévio e de intenção de projecto, o edifício é pequeno e a sua composição abstracta tem carácter moderno reforçado pelo elemento de pala que assinala a entrada. A segunda proposta mais desenvolvida em termos de programa remete para a composição de alçados nos postos médicos de Santo Tirso, de Negrelos e de Vila do Conde.

A proposta para o posto médico de Beja é composta por um volume linear no qual o acesso está localizado no extremo Norte da frente principal, uma galeria recuada em relação à fachada assinala a entrada. O volume adquire duas profundidades diferentes e perceptíveis na sua composição, nos espaços comuns junto à entrada o edifício tem de profundidade cerca de 9,5m enquanto na ala de serviços e gabinetes de especialidade médica se estreita para os 7m de profundidade. O espaço central correspondente à sala de espera é amplamente aberto para o exterior e iluminado, sendo um elemento de transição entre os dois momentos do programa referidos anteriormente.

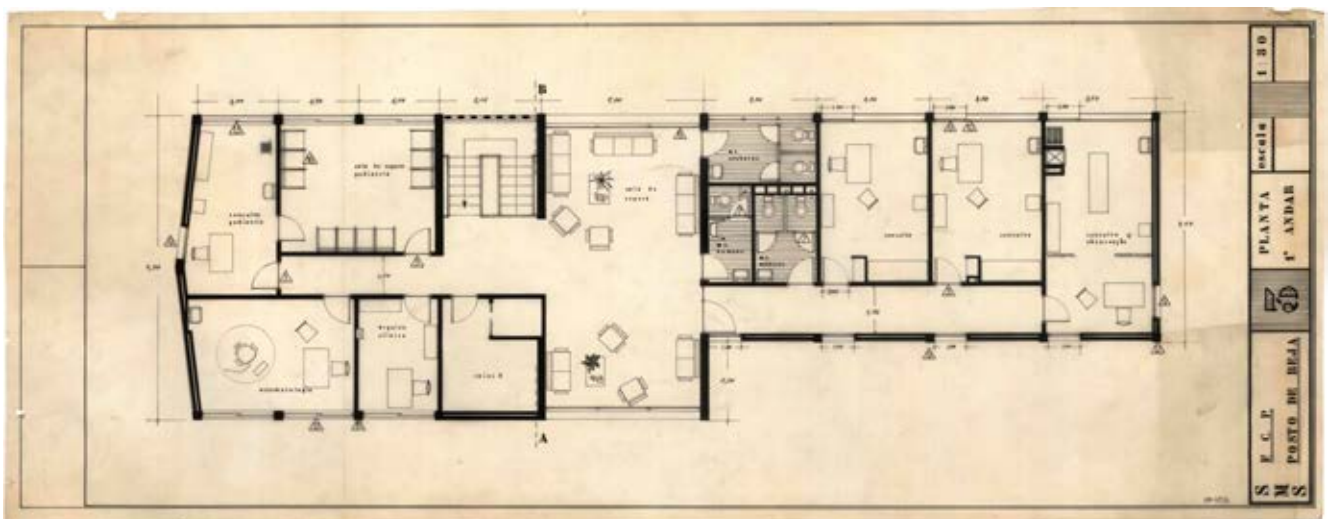
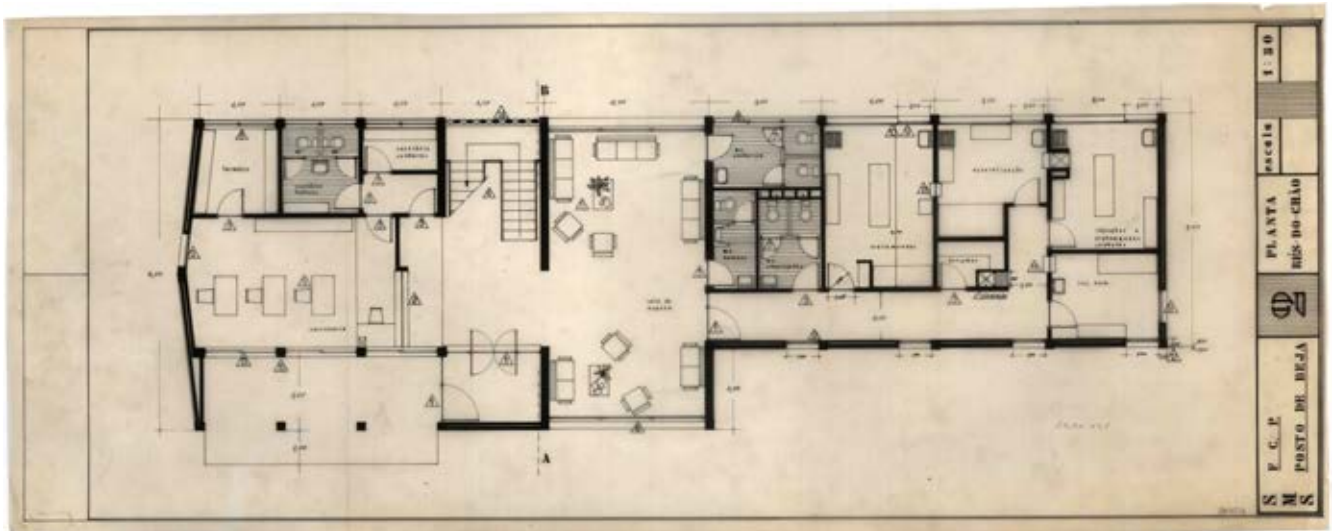
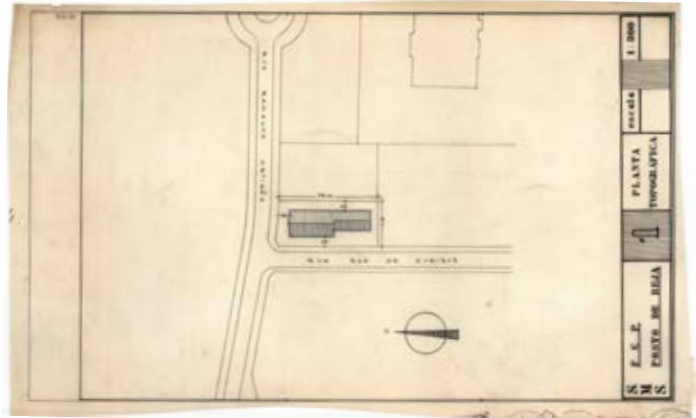
Para além desta variação volumétrica, a alteração do programa é transposta para o exterior, sendo perceptível a distinção de espaços de carácter mais público ou de carácter mais reservado pela mais ou menor dimensão e transparência dos vãos.

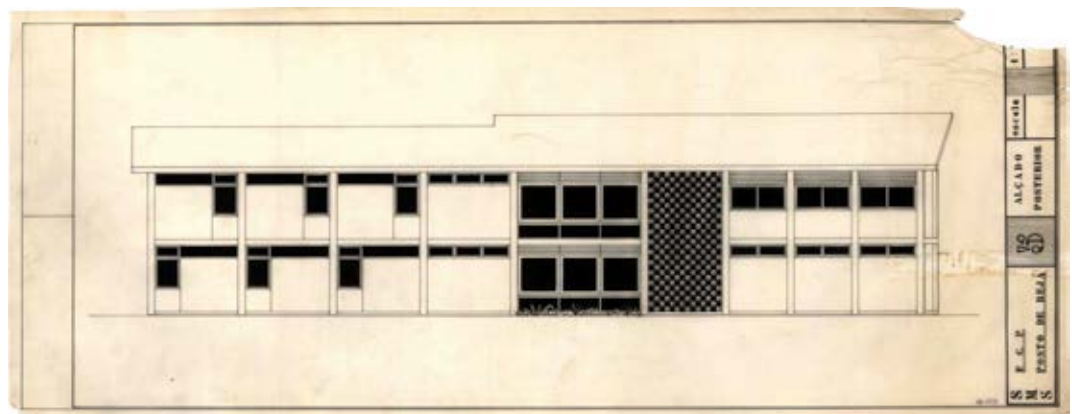
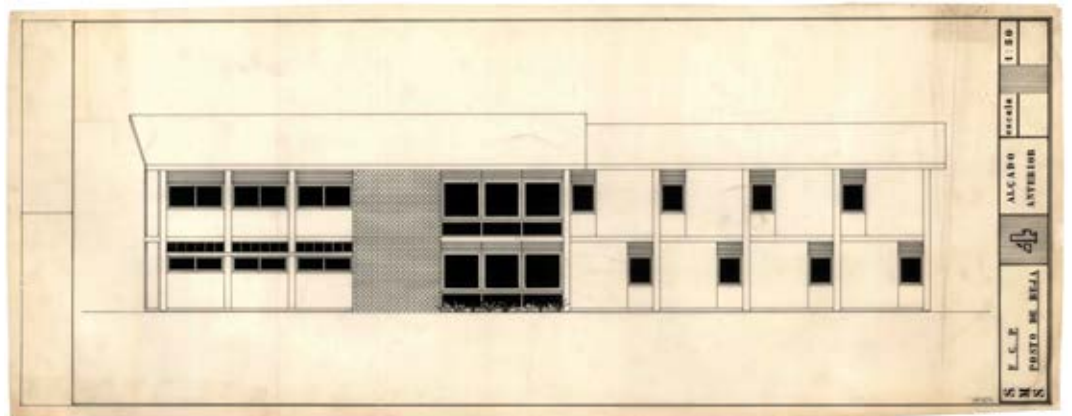
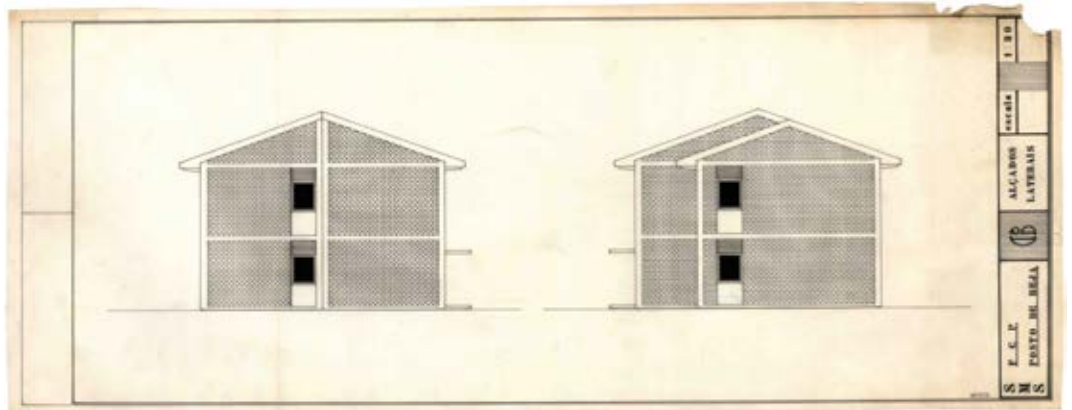
Os topos do edifício assumem os elementos estruturais, pilares e lajes desenhando quase em corte o edifício, nomeadamente o perfil da cobertura inclinada de duas águas e conferem ao conjunto uma unidade.

Peças Desenhadas:

- 1- Planta de implantação
- 2- Planta rés-do-chão
- 3- Planta piso 1
- 4- Corte transversal (pág. seguinte)
- 5- Alçados Sul e Norte (pág. seguinte)
- 6- Alçado Poente (pág. seguinte)
- 7- Alçado Nascente (pág. seguinte)

Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos







CONJUNTO QUINTAS & QUINTAS

1963

ERARIO DA C. I. T. M.

AS & QUINTAS

LO EX.MO SNR. SUBSECRETARIO
ENGENHEIRO AMARO DA COSTA



CONJUNTO QUINTAS & QUINTAS 1963

LOCAL: Avenida Comendador Francisco Quintas, Póvoa do Varzim

TIPOLOGIA: Bairro Operário

ENCOMENDA: Quintas e Quintas

ESTADO: Construído



Figura 67. Vista sobre pequena praça da igreja
© Tiago Casanova

A parceria do arquitecto Germano de Castro com a família Quintas perdurou ao longo de vários anos tendo sido autor de dois projectos industriais, do Bairro Operário assim como uma série de habitações particulares (como é o caso da Casa do Castanhal). O primeiro projecto de que há registo consistiu na ampliação da fábrica situada na Rua Gomes de Amorim, na Póvoa de Varzim e para além dos requisitos mais funcionais terá consistido também numa renovação da imagem da empresa em fase de crescimento e expansão. A modernização da empresa de cordoaria Quintas e Quintas fez-se acompanhar de um projecto igualmente de carácter moderno projectado pelo arquitecto Germano de Castro Pinheiro, um edifício de escritórios com uma composição modular de linhas ortogonais e assente em pilotis. A horizontalidade deste edifício é quebrada por dois planos envidraçados que conferem uma escala mais reduzida ao conjunto inserido no complexo industrial, distinguindo claramente a sua função em relação aos restantes pavilhões que compõem esta cordoaria.



Figura 68. Vista aérea da primeira fábrica
Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos

O Bairro Quintas & Quintas resulta de uma iniciativa privada da empresa fundada em 1925, no sentido de disponibilizar habitações aos seus operários referindo-se na Memória Descritiva da seguinte forma «Pretende a firma Quintas e Quintas mandar construir um bairro no terreno que possui em Beiriz, Póvoa de Varzim, E.N. n.º205 Km 1.800, segundo o projecto que junta, com o fim exclusivo de servir o seu agregado operário. Será constituído por 24 Prédios, 48 habitações de construção simples. Cada habitação será constituída por sala comum, 3 quartos, quarto de banho, cozinha e despensa, num único piso.»¹



Figura 69. Vista sobre entrada da primeira fábrica e edifício de escritórios
Foto de época
Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos

1. I. in Memória Descritiva, Germano de Castro Pinheiro, 15 de Junho 1965.



Figura 70. Vista da entrada do Bairro Quintas e Quintas
Foto de época
Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos



Figura 71. Vista da relação entre unidades habitacionais e fábrica do Bairro Quintas e Quintas
© Tiago Casanova

O Bairro operário contém duas habitações localizadas na frente a Nascente destinadas a habitação de encarregados, com dois pisos e de dimensões mais amplas sendo, as restantes habitações destinadas a funcionários compostas de um piso térreo com cobertura de duas águas e com duas frentes. Num dos lados encontra-se um espaço exterior delimitado para cada unidade habitacional e na outra frente mais exposta à rua encontra-se um espaço ajardinado. A disposição das habitações segue a lógica sugerida pelo terreno que se estende no sentido Norte-Sul. As habitações de piso térreo dispõem-se em espinha e estabelecem entre si quebras nos arruamentos, introduzindo uma dinâmica do espaço público do Bairro na diversidade de eixos visuais e pontos de vista sobre a sua envolvente. Desta lógica que pretende contornar a monotonia urbanística de uma área residencial, proposta em simultâneo criaram-se espaços públicos e uma área urbana de grande variação de elementos, de perspectivas de ruas diferentes entre si conjugando largos e pequenas praças que se articulam com o programa e preservam uma escala de proximidade. O acesso principal é constituído por uma praça de maiores dimensões e na qual se encontra a eixo a capela. Esta constitui um elemento de orientação no conjunto que juntamente com a torre de estrutura metálica com uma cruz no topo assinala a sua presença. Ambos os elementos ligam-se através de uma fina cobertura que assinala a entrada, tornando-se perceptível dos vários pontos do conjunto no qual a presença deste elemento tradicional religioso marca um ponto de excepção e de referência. A fábrica localizada na frente Norte dessa mesma praça é quase omnipresente neste conjunto devido ao desenho do seu alçado composto por óculos hexagonais reforçados pela extensão e repetição desses elementos que conferem ao conjunto habitacional, aparentemente



Figura 72. Desenho de perspectiva sobre o conjunto Bairro Quintas e Quintas
Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitecto



Figura 73. Vista da relação entre igreja e unidades habitacionais do Bairro Quintas e Quintas
©Tiago Casanova



Figura 74. Vista exterior da igreja aquando da construção do Bairro Quintas e Quintas
Foto de época
Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos

sereno, um carácter de espaço em observação, em que claramente a unidade de trabalho se impõe no quotidiano do lugar.

A iniciativa privada no âmbito social foi na época uma acção valorizada, acompanhando outras iniciativas que partiam do investimento público, sendo de destacar que por esse motivo na sessão solene de inauguração das instalações do Bairro Social Quintas & Quintas, que decorreu no dia 15 de Dezembro de 1967, o fundador da empresa Francisco Alves Quintas foi agraciado pelo Presidente da República Américo Tomás com a Comenda da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial. O Bairro foi mantido e preservado pela empresa até 1999, data em que passou por processo de venda e alienação das habitações de acordo com a Carta do Conselho de Administração Quintas e Quintas ao Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.



Figura 75. Vista interior da igreja aquando da construção do Bairro Quintas e Quintas
Foto de época
Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos

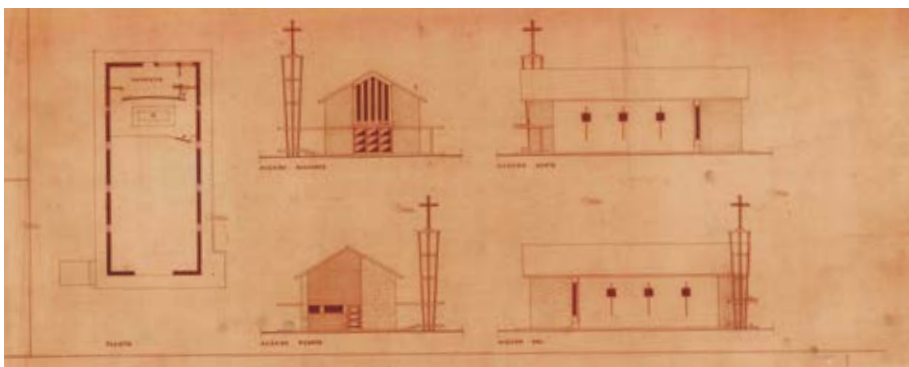
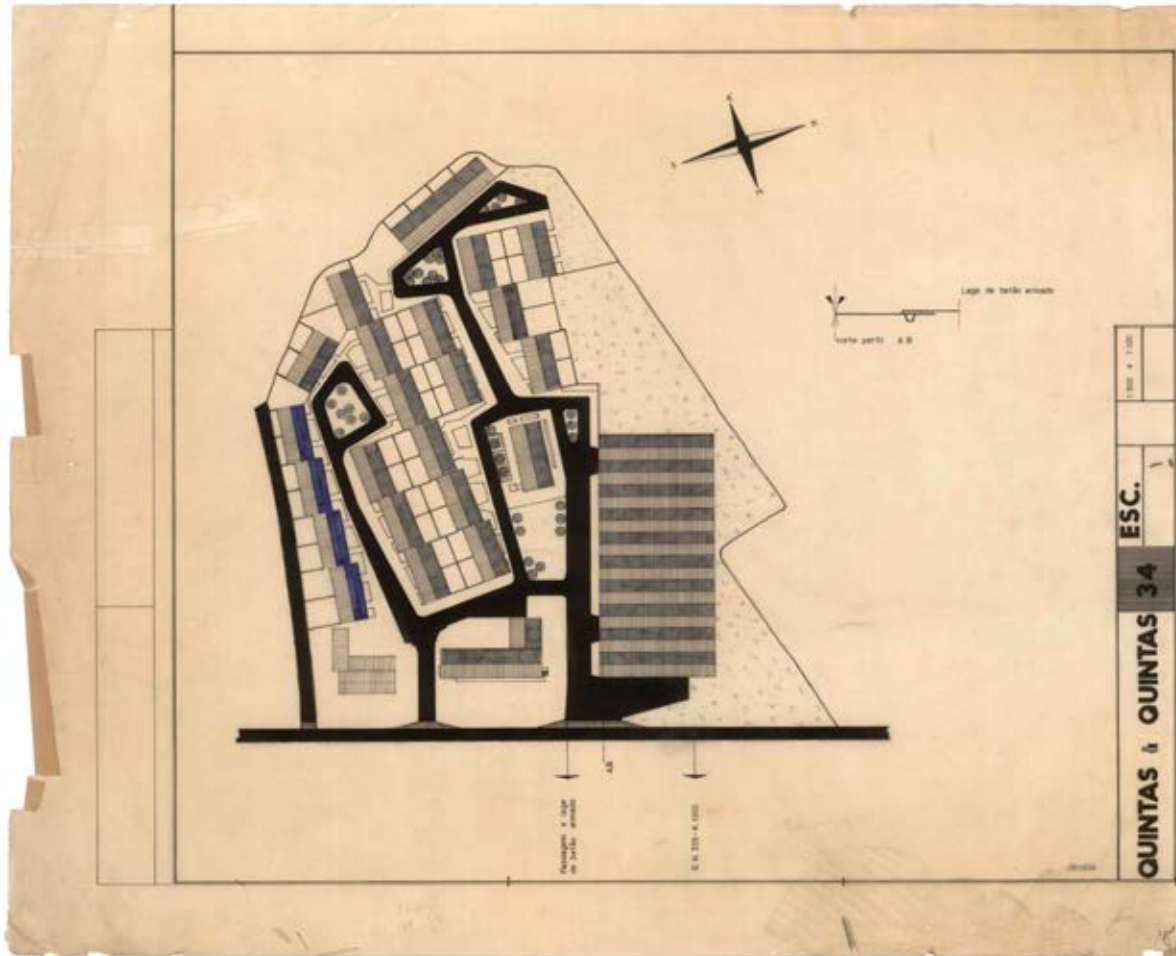
Figura 76. Alçado da fábrica do Bairro Quintas e Quintas
Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos

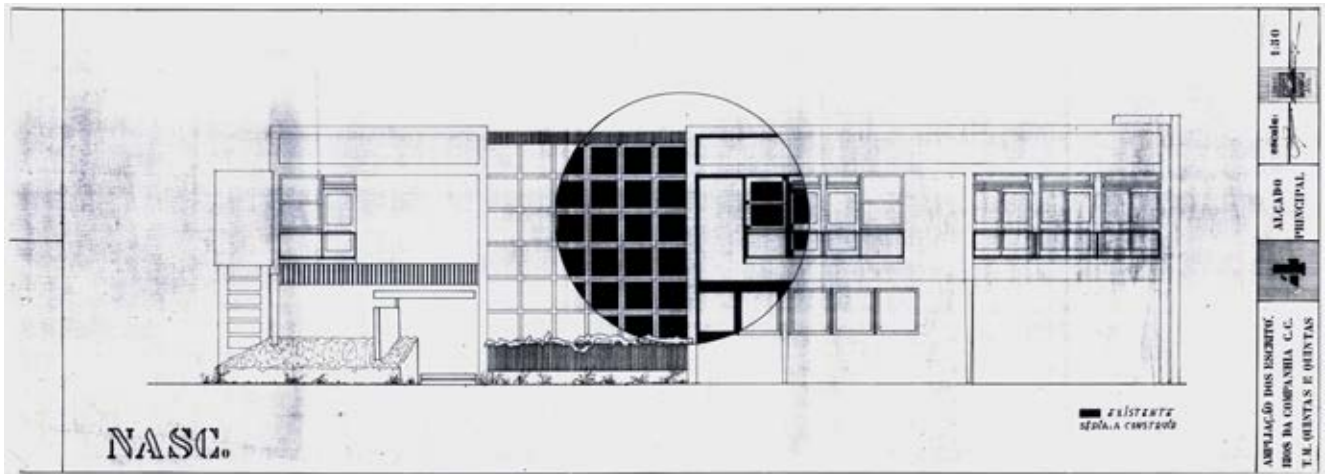
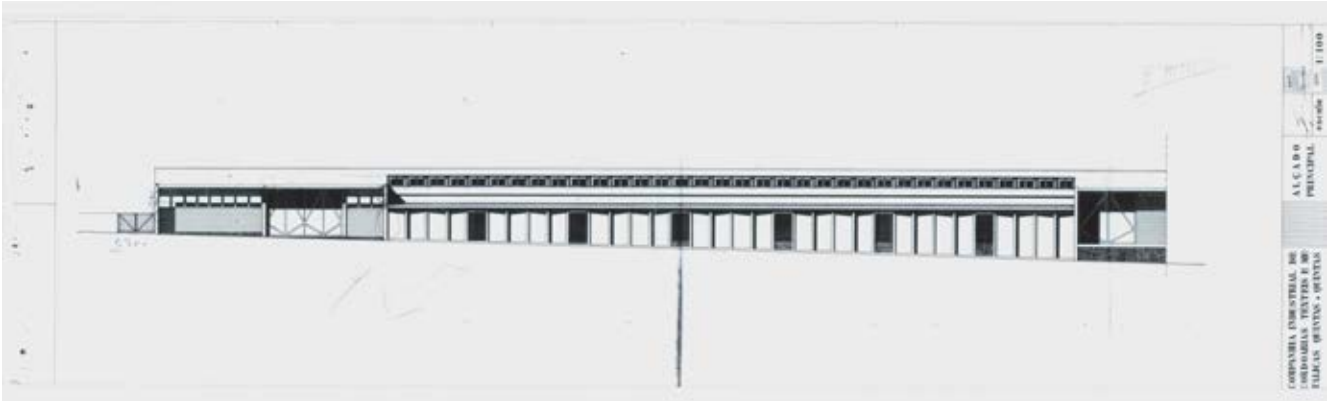


Peças Desenhadas:

- 1- Planta e alçados da igreja
- 2- Planta geral de implantação do Bairro Quintas e Quintas
- 3- Alçado Sul da primeira fábrica Quintas e Quintas
- 4- Alçado Nascente do edifício de escritório da primeira fábrica Quintas e Quintas
- 5- Alçado Sul do edifício de escritório da primeira fábrica Quintas e Quintas

Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos





POSTO MÉDICO DE VILA DO CONDE

1964





POSTO MÉDICO DE VILA DO CONDE 1964

LOCAL: Rua do Varzim Sport Club, Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Equipamento de Saúde

ENCOMENDA: Federação da Caixa de Previdência do Abono de Família

ESTADO: Construído / Abandonado



Figura 77. Vista geral do edifício aquando da sua construção

Foto de época

Arquivo do Centro de Memória de Vila do Conde

O Posto Médico de Vila do Conde projectado pelo arquitecto Germano de Castro Pinheiro encontra-se actualmente abandonado e muito degradado. Apesar desse facto, dada a existência de uma fotografia geral do exterior à época é possível ainda perceber as suas principais características e intenções.



Figura 78. Vista geral do edifício actualmente abandonado

Dando resposta às crescentes necessidades locais em termos da necessidade de um equipamento de saúde, o programa e em comparação com os restantes postos médicos projectados pelo arquitecto Germano de Castro Pinheiro apresenta uma maior complexidade. A estrutura organizativa do edifício está definida por uma ala central que em cada extremo se articula perpendicularmente com outros dois segmentos formando um “H” assimétrico.

O projecto assenta sobre uma plataforma pré-existente e elevada cerca de três metros relativamente à cota da rua. A laje de piso térreo destaca-se do terreno e define um embasamento de betão com cerca de 40 cm de altura. A multiplicação de níveis desde a plataforma do terreno, da elevação do piso térreo e das lajes de pisos assumidas nos alçados são rematados pelo telhado. O edifício apresenta-se no seu contexto como um sólido independente, isolado da sua envolvente próxima e cuja gramática assenta numa interpretação moderna de materiais tradicionais.

A chegada é feita por um percurso ainda no exterior assinalada por, uma pala de recorte irregular. A nascente a ala contém a receção, serviços e salas de espera, na ala central encontram-se os acessos verticais ao primeiro piso assim como a especialidade pediátrica e de oftalmologia, na ala mais a poente encontram-se os gabinetes de atendimento médico.

O azulejo constituiu um elemento plástico e compositivo ao qual o arquitecto atribuiu importância na definição dos alçados, com um padrão reticulado semelhante a uma malha, de azul e branca que cria percepção de panos



Figura 79. Vista sobre acesso de entrada

autónomos que suportam as lajes nos quais se intercalam o azulejo com vãos, planos rebocados e ripado de madeira. Os topos Norte 1 virados para a rua principal são resultado de um desencontro de dois planos da fachada dando origem a um vão, uma composição que introduz dinamismo pelas múltiplas formas que pode ser percebido, tanto pelo interior como pelo exterior, apresentando ora como um plano opaco ora assumindo a abertura ao exterior.



Figura 80. Pormenor da fachada Nascente

1. 1. Composição do alçado pode estabelecer um paralelo com o projecto da Fábrica de Confeccões.

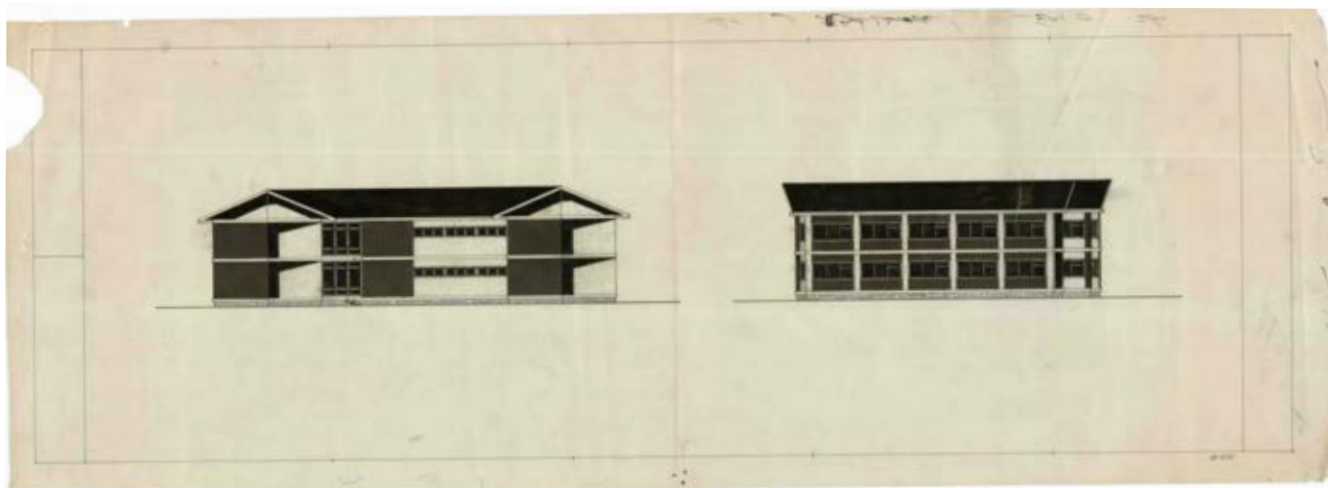


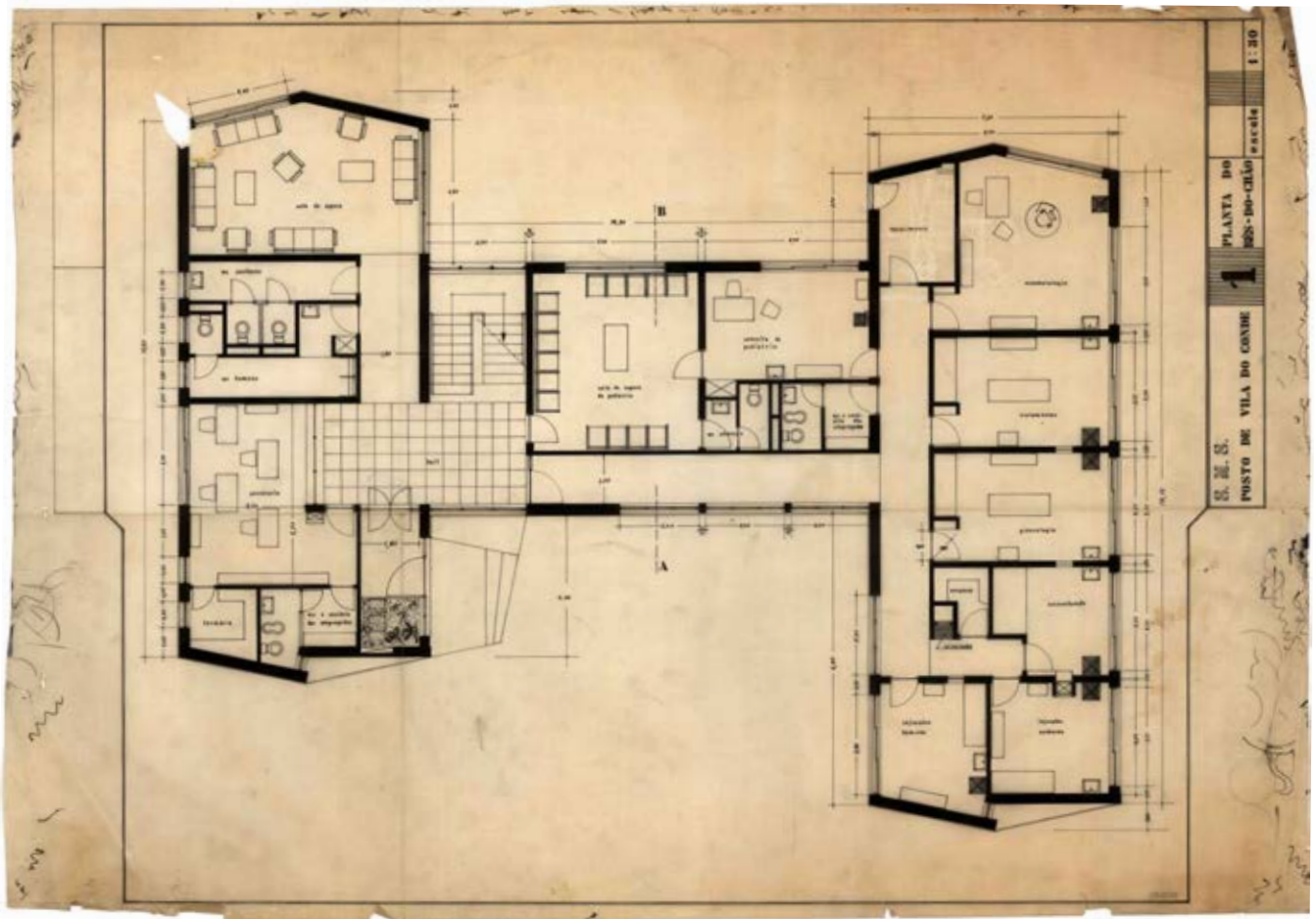
Figura 81. Vista sobre entrada

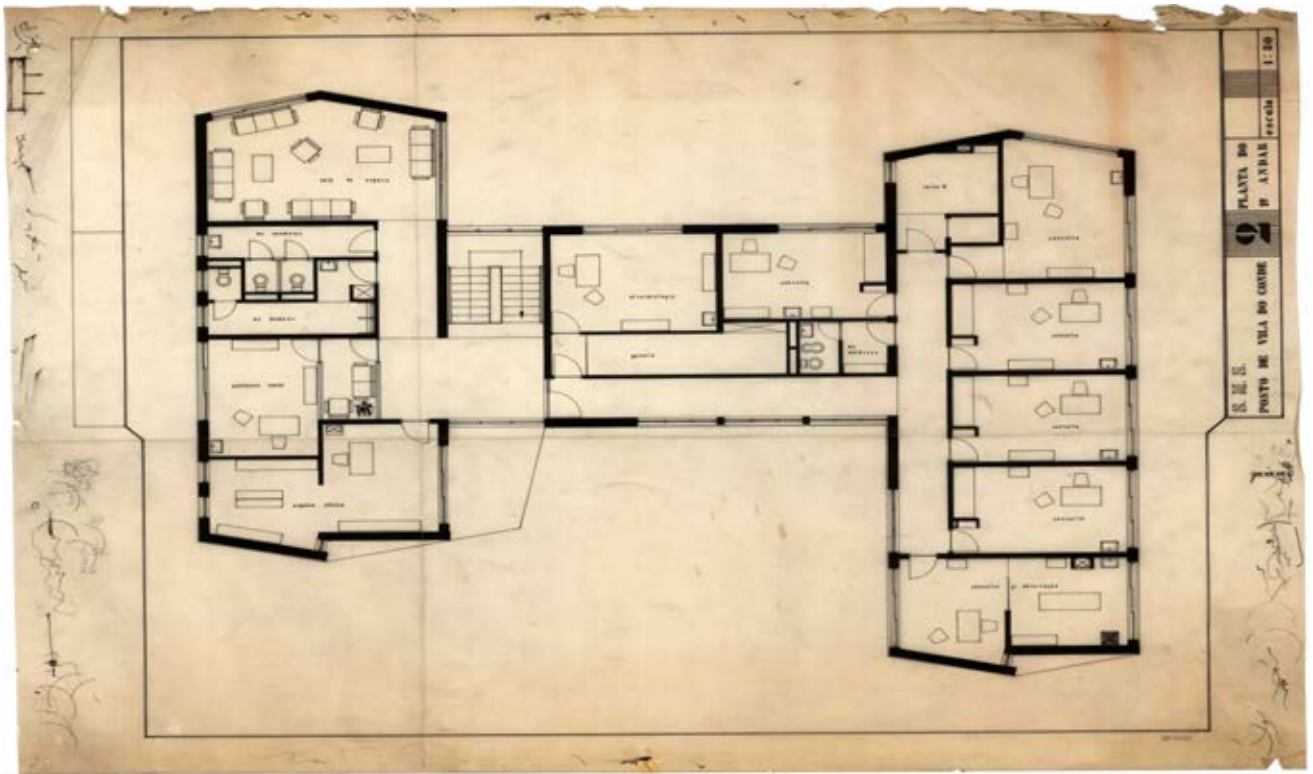
Peças Desenhadas:

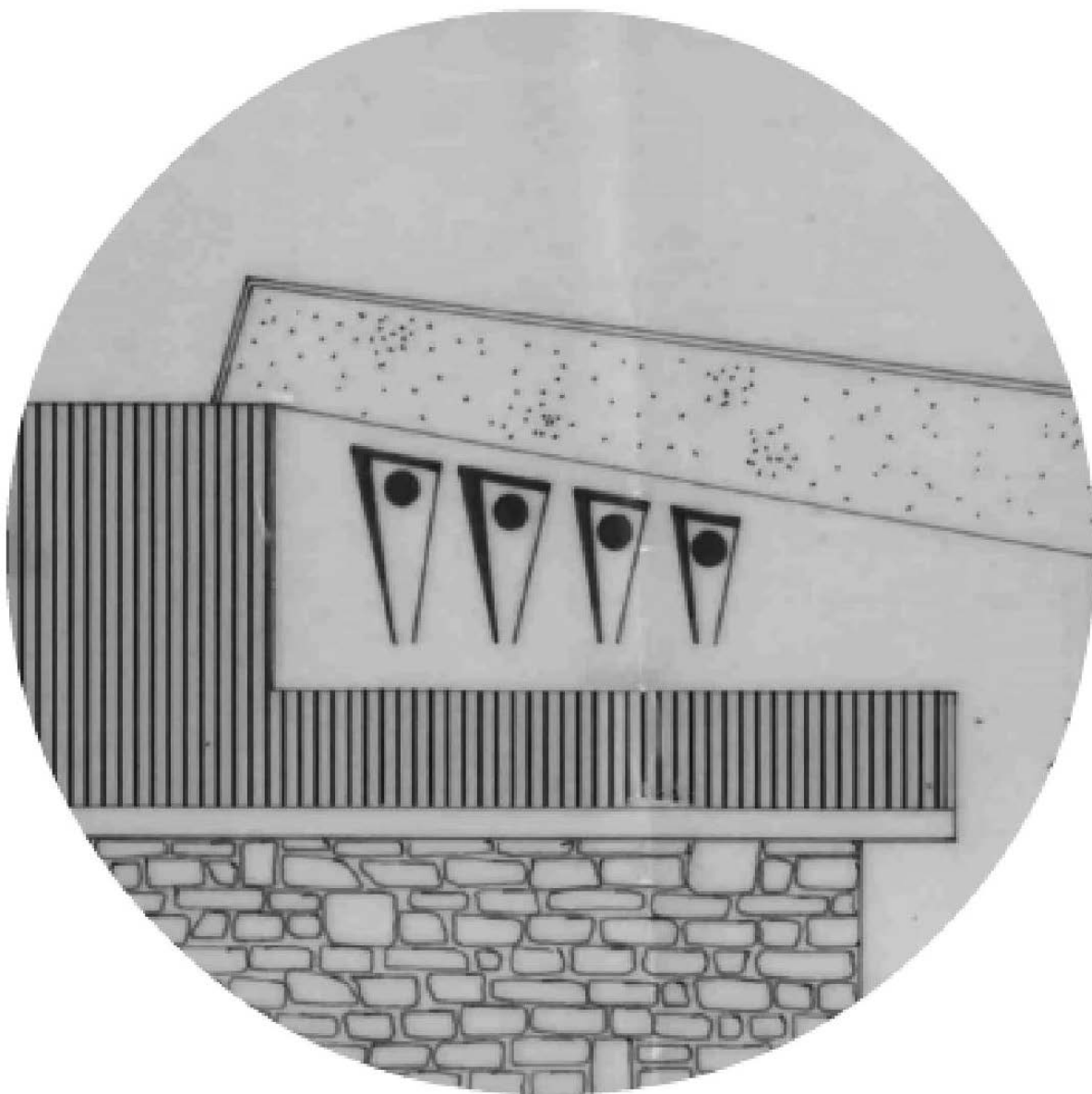
- 1- Corte transversal com vista da entrada
- 2- Alçados Norte e Sul
- 3- Planta de rés-do-chão
- 4- Planta piso 1

Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos



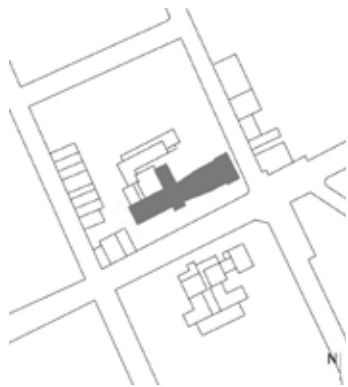






CENTRO PAROQUIAL DE CAXINAS

1967



CENTRO PAROQUIAL DE CAXINAS *1967*

LOCAL: Av. Dr. António Bento Martins Júnior, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Equipamento Religioso

ENCOMENDA: Padre José Valentim Pereira Vilar

ESTADO: Construído

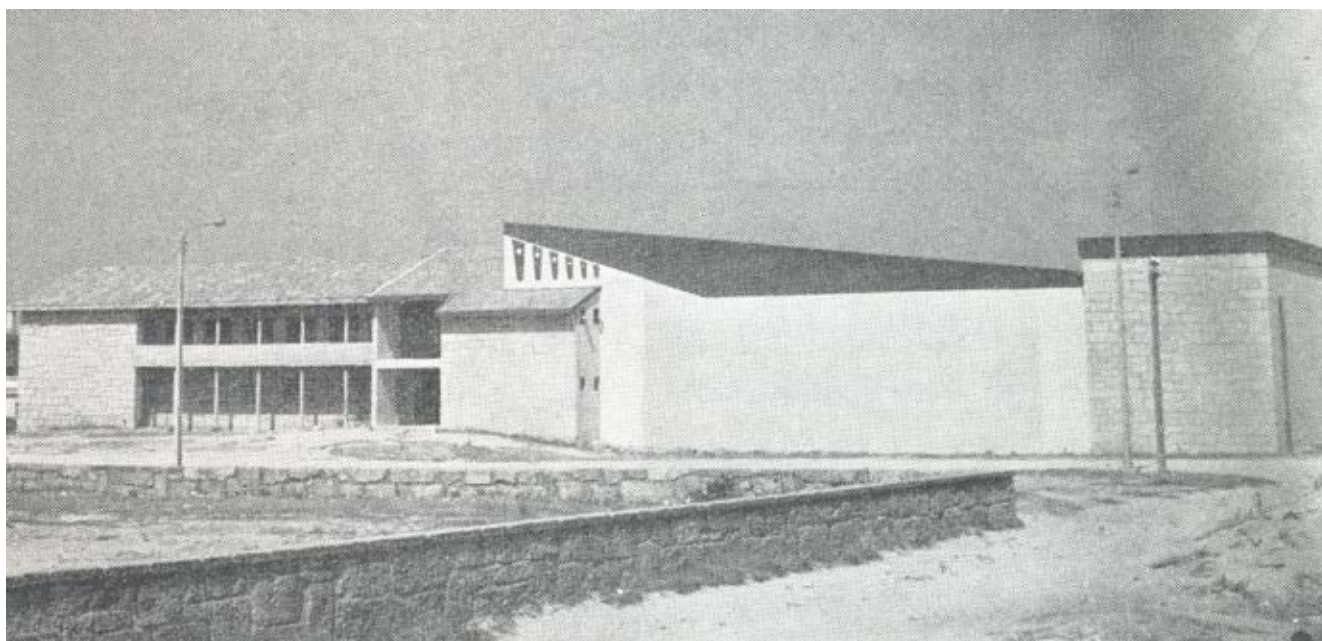


Figura 82. Vista do conjunto aquando da sua construção
Foto de época
Arquivo do Centro de Memória de Vila do Conde

O Centro Paroquial é uma obra social vocacionada para prestar apoio e acolhimento a crianças e idosos das Caxinas e Poça da Barca sendo, a sua construção iniciativa da Câmara Municipal e da Fábrica da Igreja Paroquial do Senhor dos Navegantes das Caxinas. A opção do arquitecto Germano de Castro Pinheiro na implantação deste projecto concilia o espaço exterior de pátio de recreio com um edifício que se estende linearmente num volume disposto no sentido Nascente-Poente no comprimento do terreno. A intenção foi de dividir o terreno de forma a fechar definir um espaço de recreio na parte interior do terreno e criar um espaço ajardinado e de recepção que acompanha a rua ao longo da frente principal. Funcionalmente este afastamento cria um filtro num programa que, não sendo público, necessita de dar resposta a uma numerosa afluência de pessoas. O terreno encontra-se no cruzamento de duas avenidas próximas da marginal, a Sul a Avenida Dr. António Bento Martins Júnior e a Poente a Avenida Dom Manuel I, sendo que a composição do edifício destaca a fachada mais a Sul como sendo a principal.

A forma volumétrica faz representar no exterior a distribuição do programa, bem marcada por três planos de pedra emparelhada que assinalam as transições. A primeira parte do edifício é composta por dois pisos e é visto como uma cobertura que pousa sobre pilotis, acentuando a leitura horizontal deste elemento mas também criando um ritmo entre cheios e vazios, sombra e luz. Neste encontram-se os serviços compostos por um salão de festas, sala de espera, consulta e tratamentos, secretaria, sala de trabalho, biblioteca, sala de convívio, assistente social, copa, cozinha, dispensa e refeitório, conforme indicado na Memória Descritiva datada de 15 de Janeiro de 1967.

Este primeiro volume transpõe para a sua volumetria e para o exterior uma composição marcada pelo ritmo da estrutura pintada em tom azul. Esta linguagem permite também dar resposta às questões formais e funcionais do espaço de chegada.

O volume seguinte corresponde ao auditório, de carácter mais fechado, apresenta-se como um grande corpo entre os dois planos de pedra. A forma como este volume se encaixa nestas construções limite sugere uma interpretação lúdica e dinâmica, em jeito de brincadeira através das pequenas janelas que sugerem as guelras de um peixe. Este trata-se de um elemento excepcional na fachada, um apontamento geométrico de baixo-relevo que se prolonga no restante volume opaco apenas com uma faixa ondulante que coroa o seu topo remetendo para um tema marítimo reforçado pela tonalidade azul.



Figura 83. Vista alçado Norte
© Tiago Casanova



Figura 84. Vista da entrada principal
© Tiago Casanova



Figura 85. Vista Poente-Nascente
© Tiago Casanova

Esta ideia está muito marcada na fotografia tirada à época, cuja intencionalidade é muito visível na escolha do ângulo e da exposição solar (desconhece-se se o autor foi o próprio arquitecto).

Actualmente este edifício mantém as suas funções originais e encontra-se devidamente preservado, apesar de algumas operações de cosmética que foram retirando à sua leitura algumas qualidades conceptuais, formais e de estilo moderno que se lhe reconhecem. Apesar da colaboração dos arquivos locais no sentido de se valorizar a representação original dos projectos neste trabalho, não foi possível identificar o processo correspondente a este projecto nas entidades licenciadoras, pelo que alguns elementos da sua representação, como as plantas dos pisos, encontram-se em falta.



Figura 86. Vista do gaveto
© Tiago Casanova

Figura 87. Vista geral Poente-Nascente

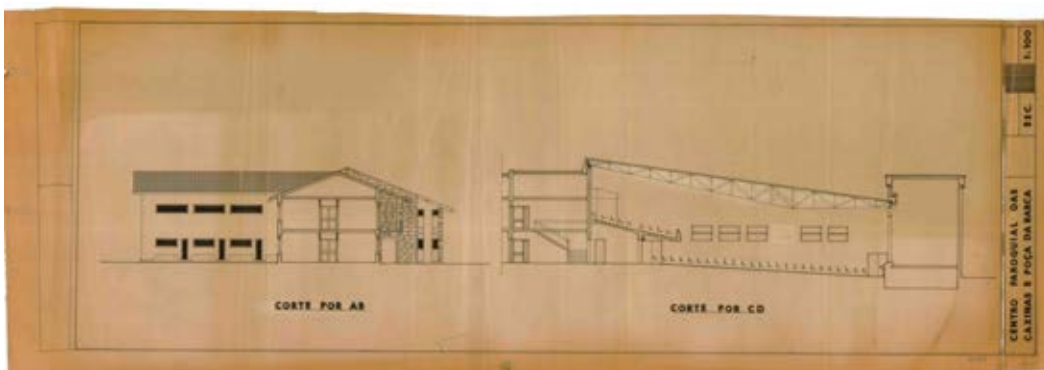
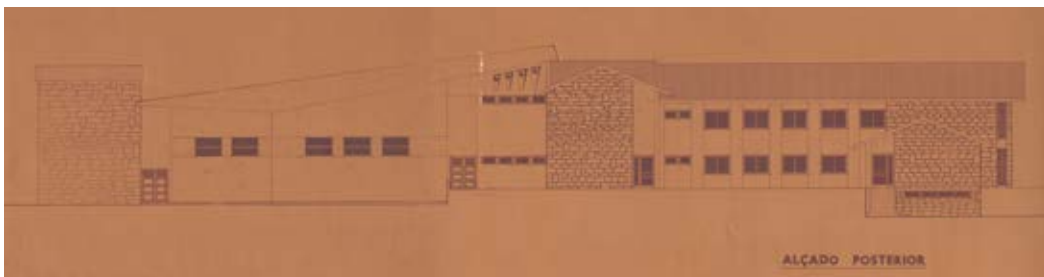
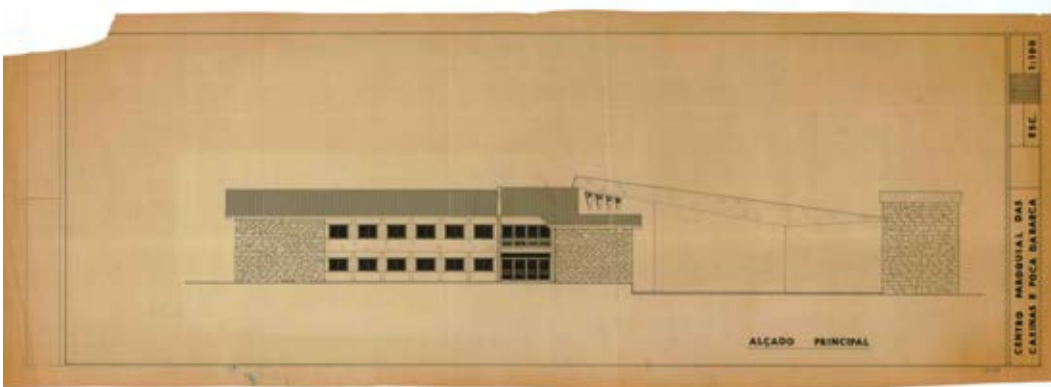
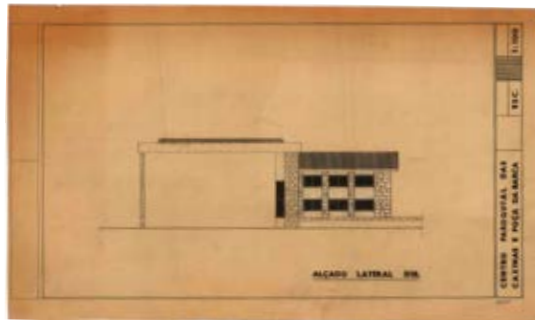
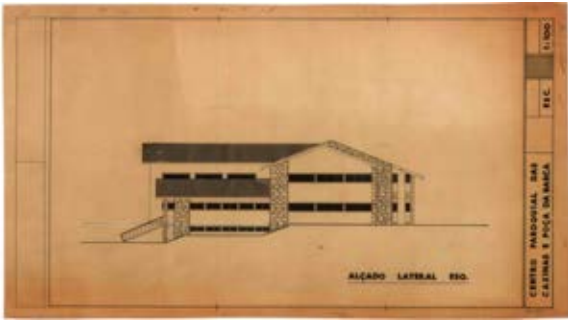
Figura 88. Vista geral Poente-Nascente
© Tiago Casanova

Figura 89. Vista do alpendre a partir da entrada principal

Peças Desenhadas:

- 1- Planta de implantação
- 2- Alçado Poente
- 3- Alçado Nascente
- 4- Alçado Sul
- 5- Alçado Norte
- 6- Corte transversal e longitudinal

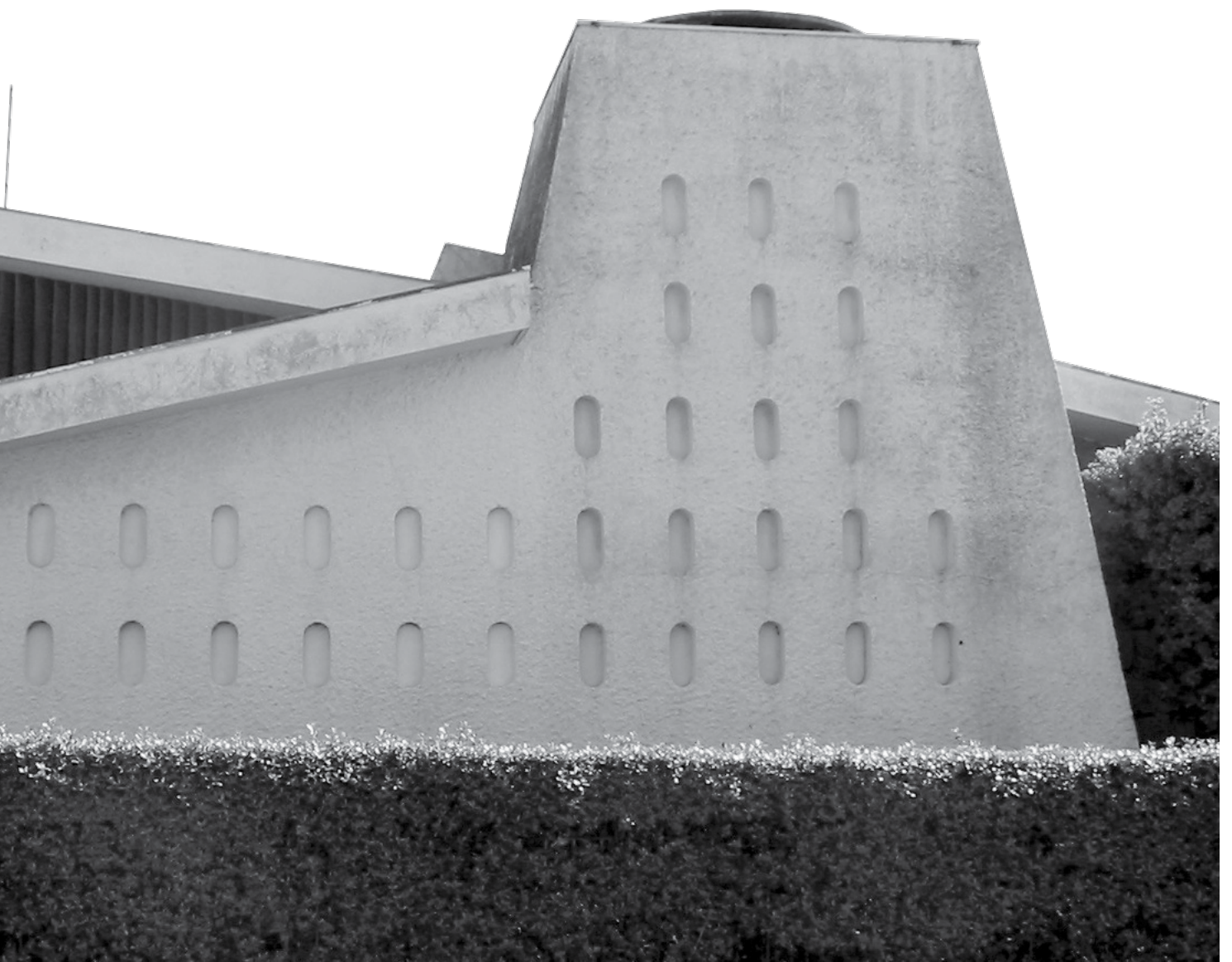
Arquivo escritório Germano de Castro
Pinheiro Arquitectos

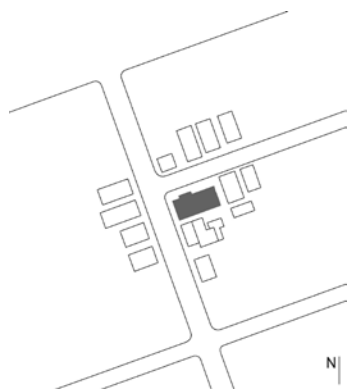




CASA ABÍLIO QUINTAS

1969





CASA ABÍLIO QUINTAS

1969

LOCAL: Rua Quim Tenreiro, Póvoa do Varzim

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

ENCOMENDA: António Alves Aguiar Quintas

ESTADO: Construído



Esta casa localizada na Póvoa do Varzim encontra-se num terreno de gaveto, sendo que o edifício se encontra isolado e dispõe de quatro frentes. A materialidade exterior da casa constitui a sua principal característica, composto por madeira com meias varas em tosco dispostas verticalmente sem espaçamento entre si, estas criam uma textura e tonalidade invulgar mas reconhecível em arquitecturas mais vernaculares da zona litoral. O embasamento do edifício assim como alguns panos de parede são em alvenaria de pedra aparente, conferindo a linha projectada e de cor branca do rebordo do telhado uma forte unidade ao conjunto. Os vãos destacam-se do plano da parede utilizando duas expressões distintas: a primeira de uniformização com o revestimento de madeira, desenhando uma caixa de linhas finas em avanço sobre o exterior, possibilitando desta forma tornar o revestimento um elemento tridimensional; a segunda resultante da combinação dos três revestimentos de fachada, utiliza uma moldura de maiores dimensões e de cor branca com a intenção de articular os dois elementos.



Figura 90. Vista Nascente



Figura 91. Vista Sul
© Tiago Casanova

O volume que assinala a entrada e que se assume como uma peça escultórica e adjacente à restante volumetria da casa, pela cor branca que a destaca do revestimento em madeira mais escura, assim como pelos baixos-relevos ovais e a forma geométrica projectada em altura, anuncia o programa da entrada. Este volume corresponde no seu interior a um átrio de entrada e no seu verso encontra-se a lareira e um pequeno nicho de estar, recuperando este pequeno espaço funcional. A entrada no programa da casa é feita por um espaço que se encontra já dentro da sala de estar, dividido através de uma ligeira diferença de cotas no pavimento, escolha que à época seria com certeza pouco convencional.

Os espaços comuns desenvolvem-se através da sala de estar e da sala de jantar voltadas a poente com um plano envidraçado em toda a largura da casa, a cozinha encontra-se mais recuada e é acessível ainda pela zona dos quartos do lado nascente. Estes espaços relacionam-se de uma forma que se poderia dizer orgânica, criando pequenos recantos que se sucedem e privilegiando a relação com o espaço exterior, conferindo a esta casa uma dimensão doméstica desde o primeiro momento da entrada. Os quartos são acedidos a partir da

Figura 92. Vista Poente



entrada através de uma diferença de cota de quatro degraus, dispondo-se para o lado nascente um total de cinco quartos com suite acedidos por um corredor em “U” no centro do qual se encontra uma escada de acesso aos serviços no piso inferior. O piso inferior encontra-se semienterrado e o seu programa é composto pela garagem, arrumos, garrafeira, dispensa uma pequena sala de jogos e um quarto de serviço.

O registo fotográfico do interior desta habitação é inexistente no seu estado original por a mesma ter sido remodelada pelo actual e novo proprietário.



Figura 93. Vista do gaveto



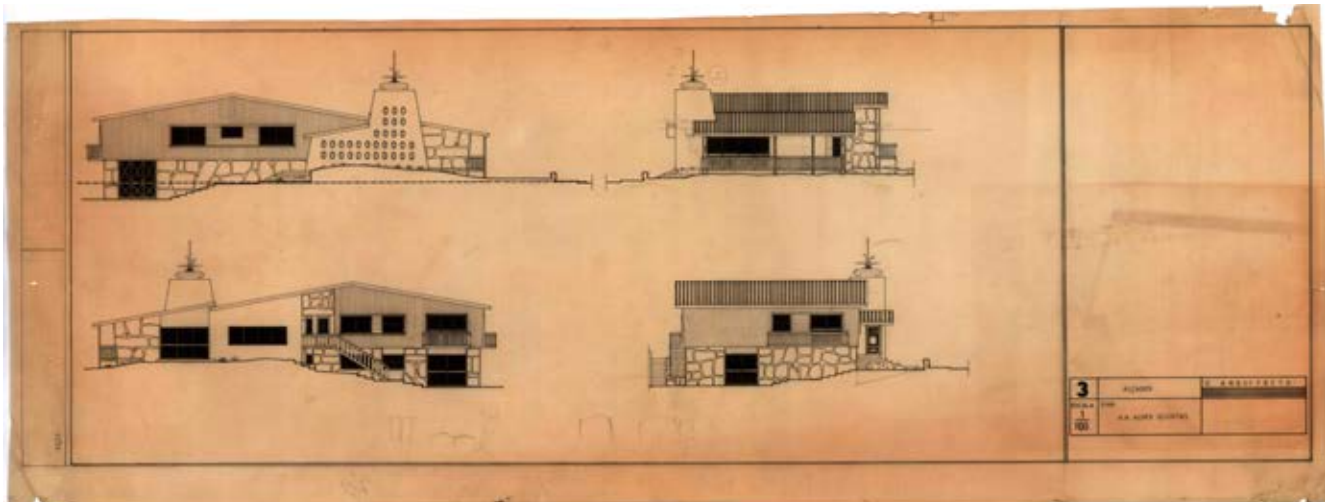
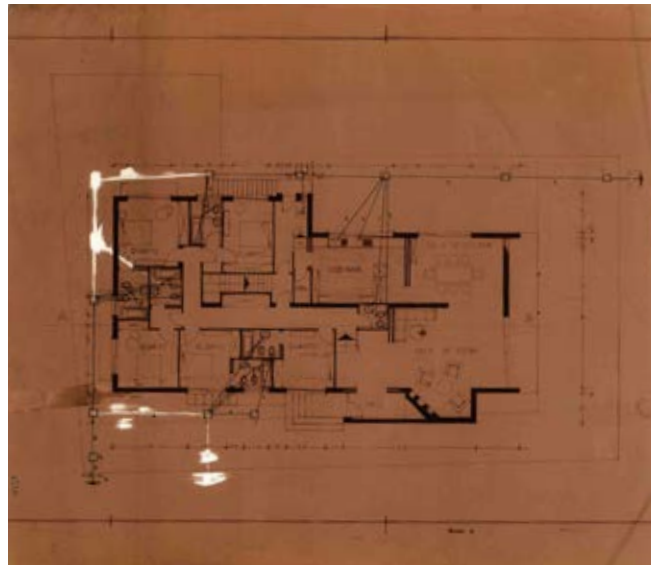
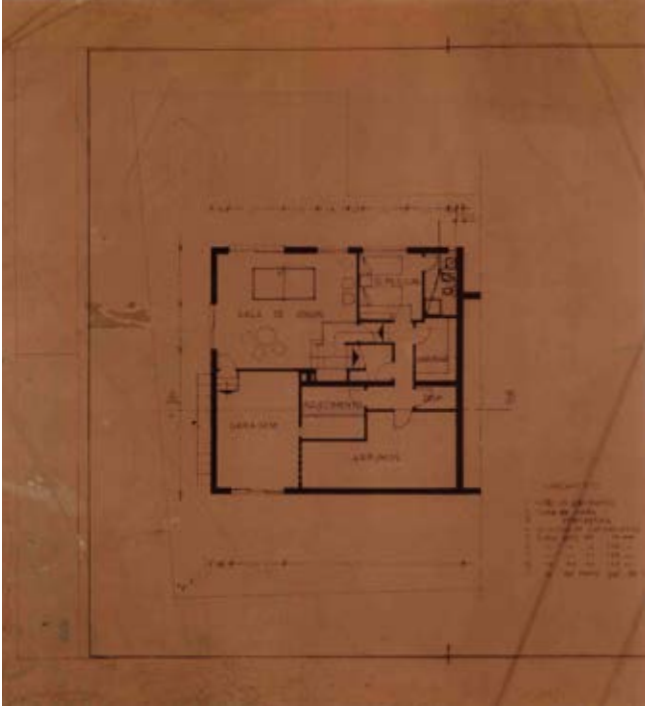


Figura 94. 0116: Vista da entrada principal
© Tiago Casanova

Peças Desenhadas:

- 1- Planta piso -1 (papel heliográfico)
- 2- Planta rés-do-chão (papel heliográfico)
- 3- Alçados

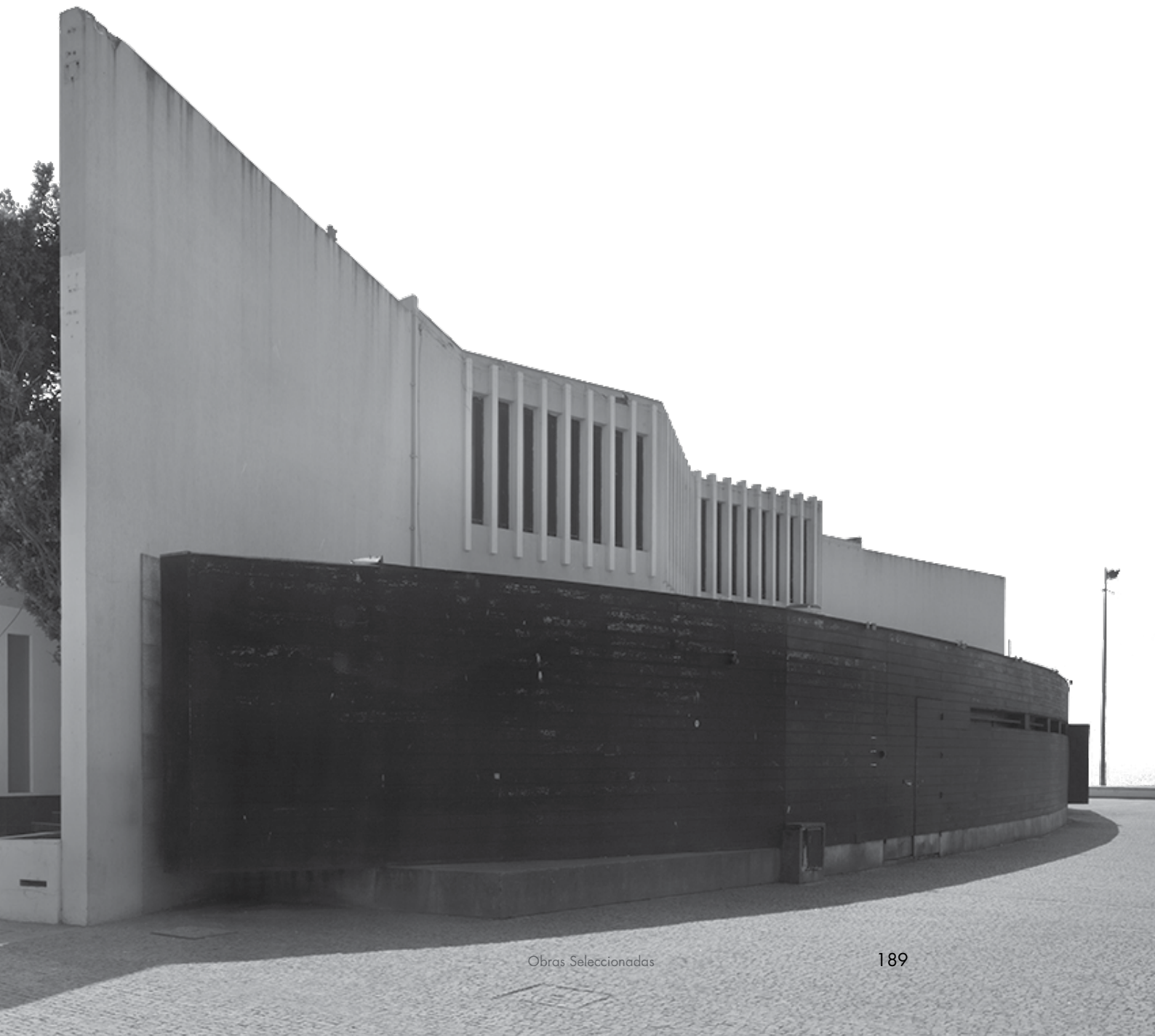
Arquivo escritório Germano de
Castro Pinheiro Arquitectos





MAREZIA

1972





MARESIA

1972

LOCAL: Avenida dos Banhos, Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Equipamento Balnear

ENCOMENDA: Eunice Lima de Carvalho

ESTADO: Construído / Alterado

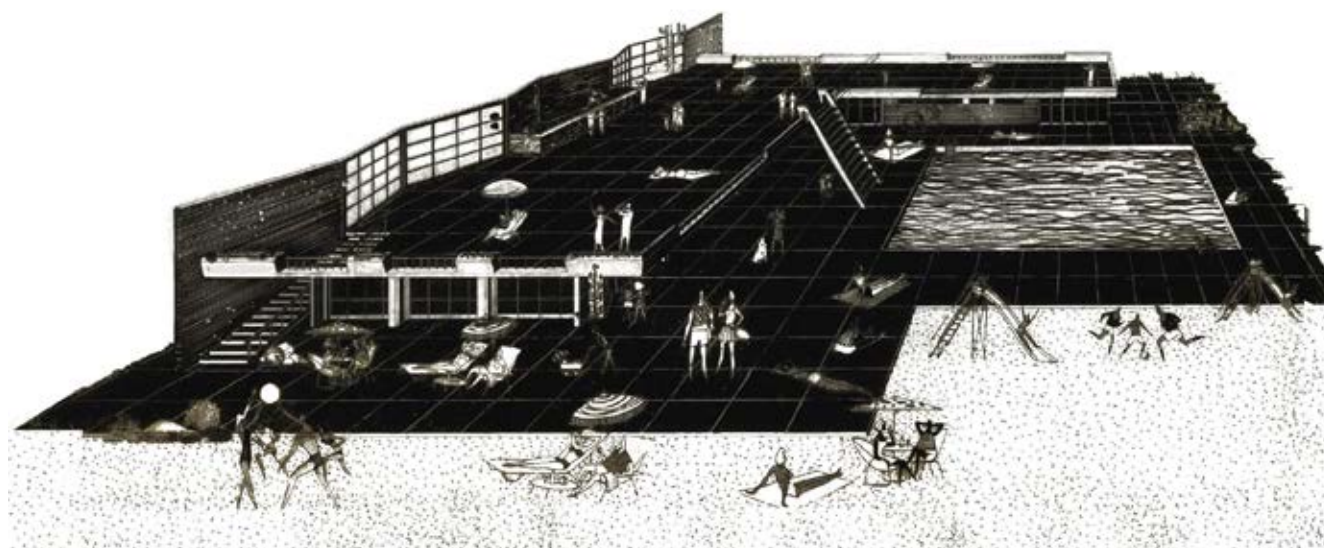


Figura 95. Desenho de perspectiva do conjunto
Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos

Na pág. anterior, vista do gaveto, © Tiago Casanova

O projecto original para este equipamento previa um complexo balnear a ser executado em duas fases das quais apenas a primeira foi construída, a correspondente aos equipamentos de restauração e de apoio. A segunda fase contemplava uma plataforma com piscina e balneários em cima da praia e directamente relacionada com a vista para o mar. Dada a sua localização sobre o areal da praia e para além da primeira linha de construção este edifício encontra-se exposto a correntes de vento forte que incidem pelo lado Norte, o que resultou em termos de projecto na exploração do construído enquanto um pára-vento retomando a imagem dos panos a esticarem-se para além das estacas de suporte. Assim nasce um grande plano de betão que se destaca pela sua forma, desenvolvendo-se em zig-zag como um pára-vento o programa restante a Sul. Este jogo é principalmente perceptível quando analisados os alçados nas peças desenhadas.

Conforme se encontra na Memória Descritiva, o projecto para o complexo balnear Maresia organiza um programa articulado entre apoio balnear, piscina e respectivas áreas técnicas assim como serviços de restauração.

Este programa materializa-se como um volume construído e recuado por baixo de uma grande plataforma, também de recorte irregular, e onde se iriam localizar o solário e a piscina deste complexo. Como referido anteriormente,

Figura 96. Vista aérea do conjunto
© Tiago Casanova





Figura 97. Vista do gaveto Poente-Norte
© Tiago Casanova

Figura 98. Vista da frente Norte
© Tiago Casanova



Figura 99. Vista do gaveto Poente-Norte
© Tiago Casanova



Figura 100. Vista Nascente (foto de 2006) © Tiago Casanova

Figura 101. Vista do gaveto Nascente-Sul © Tiago Casanova



tanto a zona da piscina como o volume dos balneários não foram construídos e representavam uma extensão sobre a praia mais a Sul. A entrada da zona balnear rematava a poente o alinhamento do edifício e conferia ao conjunto uma forma em “L” em torno da piscina conseguindo desta forma um distanciamento da envolvente urbana mais próxima e uma valorização da relação com a frente marítima e com o mar.

Actualmente o edifício encontra-se bastante alterado tanto na sua composição exterior, por exemplo com um volume novo adossado ao grande plano a Norte, como na disposição interior e programa, pelo que as fotografias não representam de forma fidedigna a obra originalmente apresentada pelo arquitecto Germano de Castro Pinheiro.

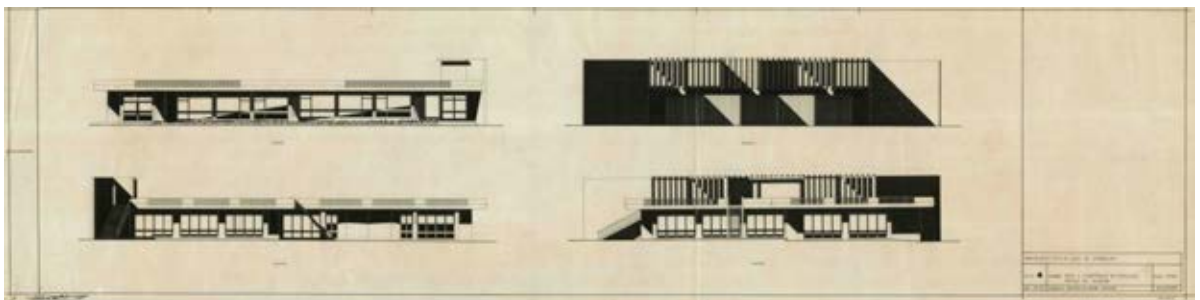
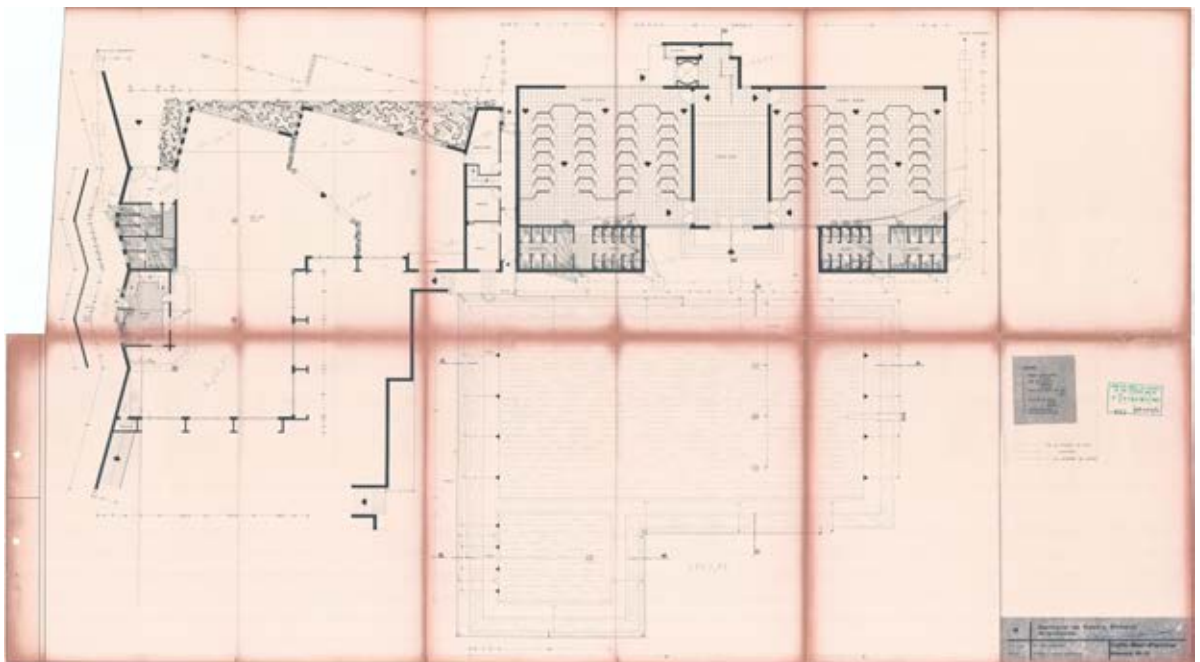
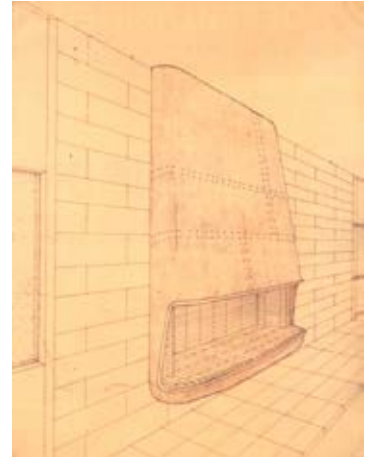
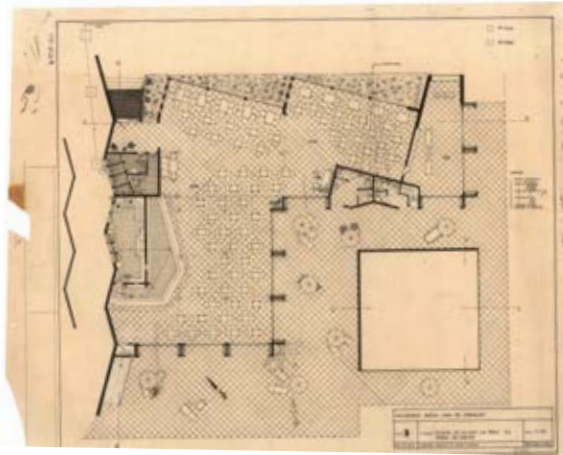


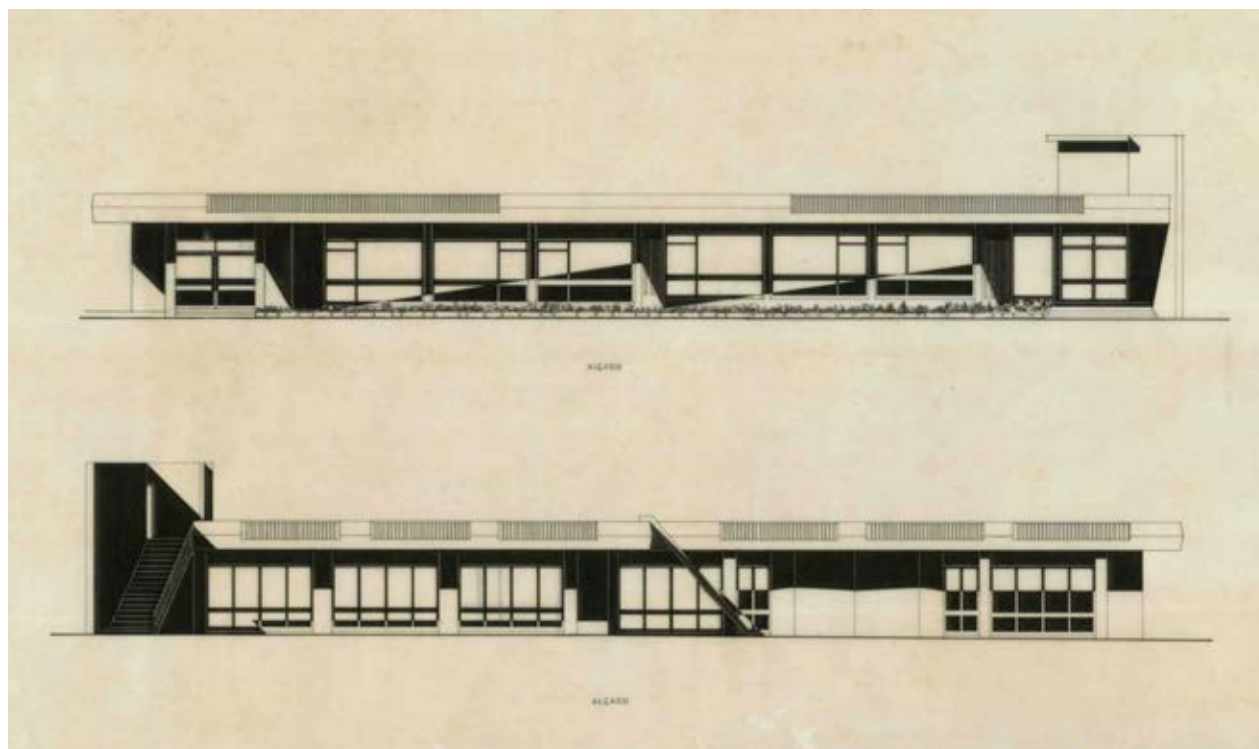
Peças Desenhadas:

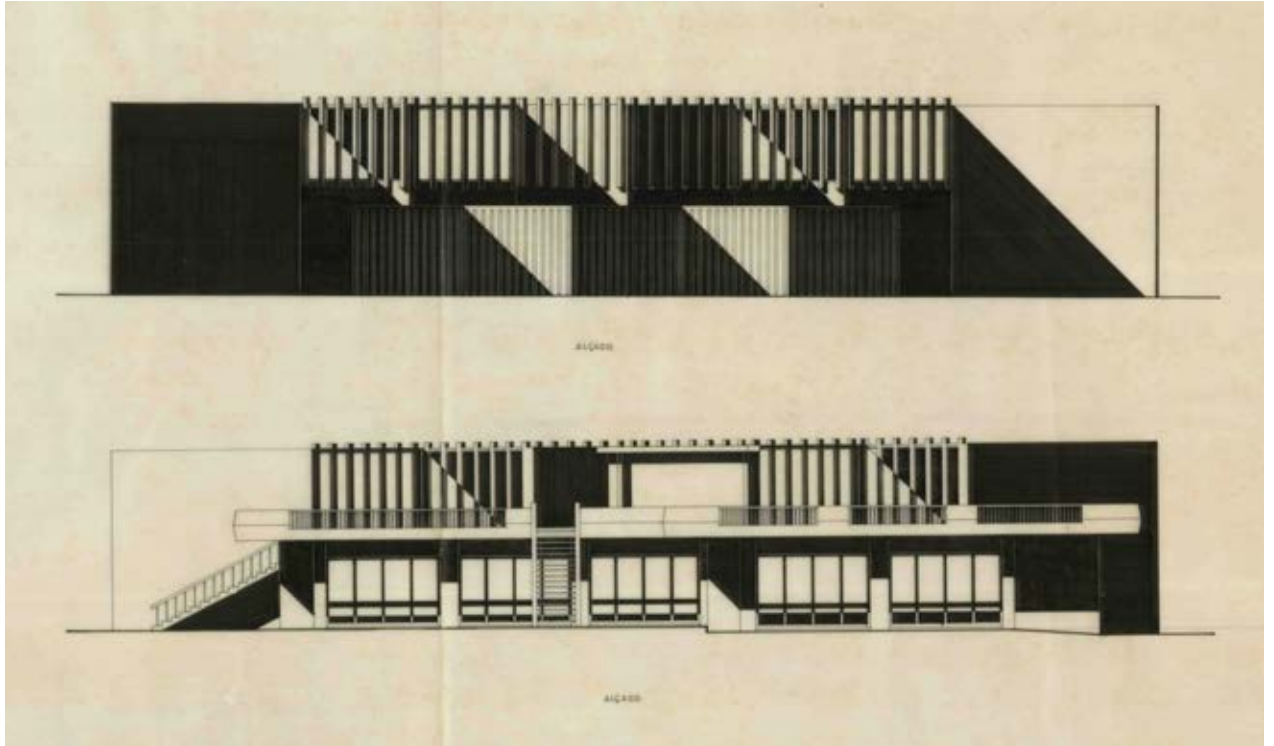
- 1- Planta da fase 1 (corresponde ao construído)
- 2- Desenho de perspectiva da lareira interior.
- 3- Planta da fase 2 (projecto completo)
- 4- Alçados e pormenores de alçados (pág. seguinte)

Arquivo Histórico da Póvoa de Varzim

Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos









CASA JOSÉ ABEL NOGUEIRA

1977





CASA JOSÉ ABEL NOGUEIRA

1977

LOCAL: Rua Dr. Josué Trocado, Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

ENCOMENDA: José Abel Nogueira

ESTADO: Construído



Figura 102. Vista da entrada a partir da rua

Foto de época

Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Arquitectos

(Na pág. anterior, vista da varanda, © Tiago Casanova)

O projecto da Casa Abel Nogueira ocupa um terreno de gaveto em espaço urbano de densidade média/baixa na Póvoa de Varzim. O princípio de implantação assim como os traços gerais que definem o projecto, como refere o arquitecto Germano de Castro Pinheiro refere-os na Memória Descritiva da seguinte forma: «Refere-se a presente memória ao projecto de construção de uma habitação a construir em terreno situado na rua Dr. Josué Trocado na Póvoa de Varzim. Esta habitação irá ser construída em local amplo, bem orientado e em ambiente citadino o que impôs um cuidado especial na adopção de volume a construir. Este objectivo parece ter sido conseguido com uma volumetria de características urbanas, sem que a mesma perdesse o carácter unifamiliar.»¹ O edifício construído acaba por adquirir uma expressão mais marcante do que os desenhos possam aparentar nos alçados.



Figura 103. Vista elevada do conjunto Pinheiro Arquitectos
© Tiago Casanova

Figura 104. Vista do gaveto a partir da rua
Foto de época
Arquivo escritório Germano de Castro

O contorno das guardas acentuam dramaticamente os níveis dos pisos, reforçado pelo facto de se encontrarem ligeiramente balançadas criam, sobretudo na perspectiva do peão, a sensação de uma casa whrightiana organizada por pisos e plataformas que organicamente se sobrepõem com avanços e reentrâncias sustentadas em segundo plano por elementos de alvenaria rústica em pedra. Esta dimensão orgânica é reforçada pela envolvente ajardinada em torno da casa. O jardim deve ser referido pelo cuidado dos seus espaços, e utilizado como um elemento integrador da arquitectura do volume construído.

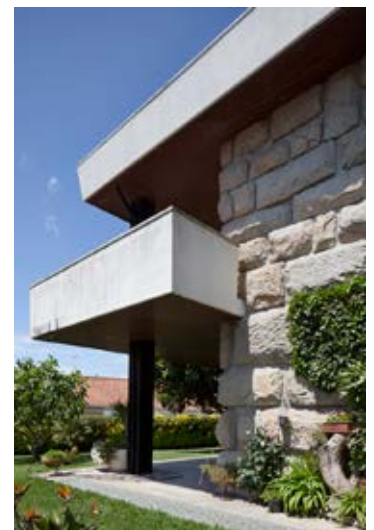


Figura 105. Vista sobre a varanda
© Tiago Casanova

1. Memória Descritiva, Germano de Castro Pinheiro, 12 de Julho 1977

A chegada faz-se pelo piso térreo que está reservado a áreas comuns como a sala de estar em relação directa com o espaço exterior ajardinado, assim como a sala de jantar e a cozinha, e ainda as restantes áreas de serviços, arrumos e garagem. O programa no interior da casa é organizado em dois pisos sendo que o piso superior é destinado a quartos e uma sala de recreio.

Figura 106. Vista da frente Sul
© Tiago Casanova



Será de notar que existem diferenças entre a representação desenhada do projecto e a construção, a platibanda do telhado adquiriu na realidade uma dimensão aproximada ao parapeito das varandas acentuando o efeito das linhas horizontais e que possivelmente acabam por constituir um dos traços mais assinaláveis deste projecto.

Actualmente esta habitação conserva as principais características originais do projecto.



Figura 107. Vista sobre varandas e entrada
© Tiago Casanova

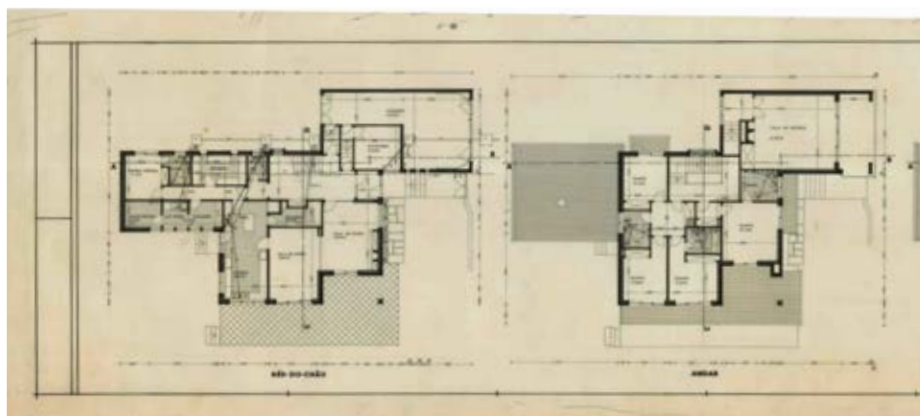
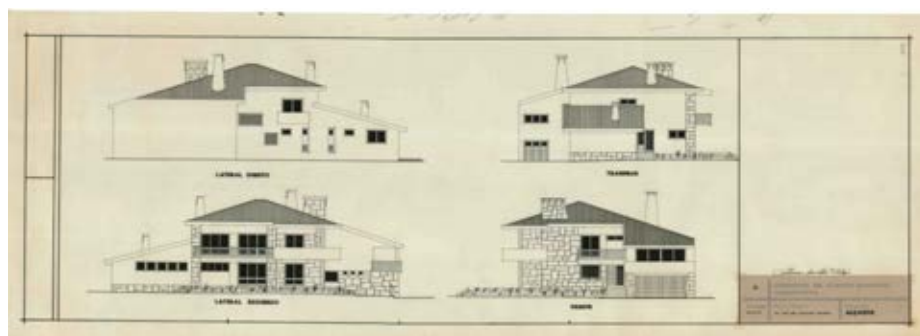
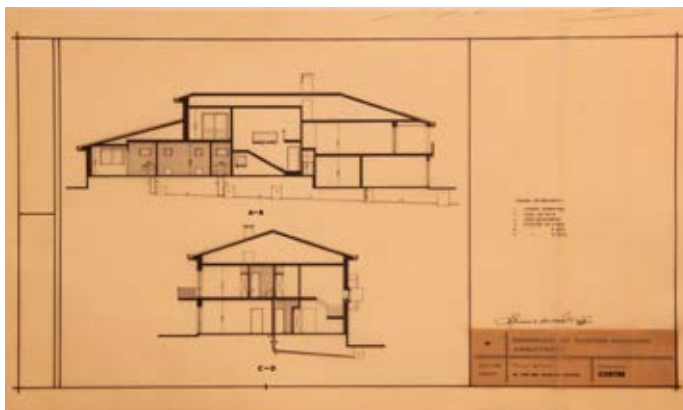


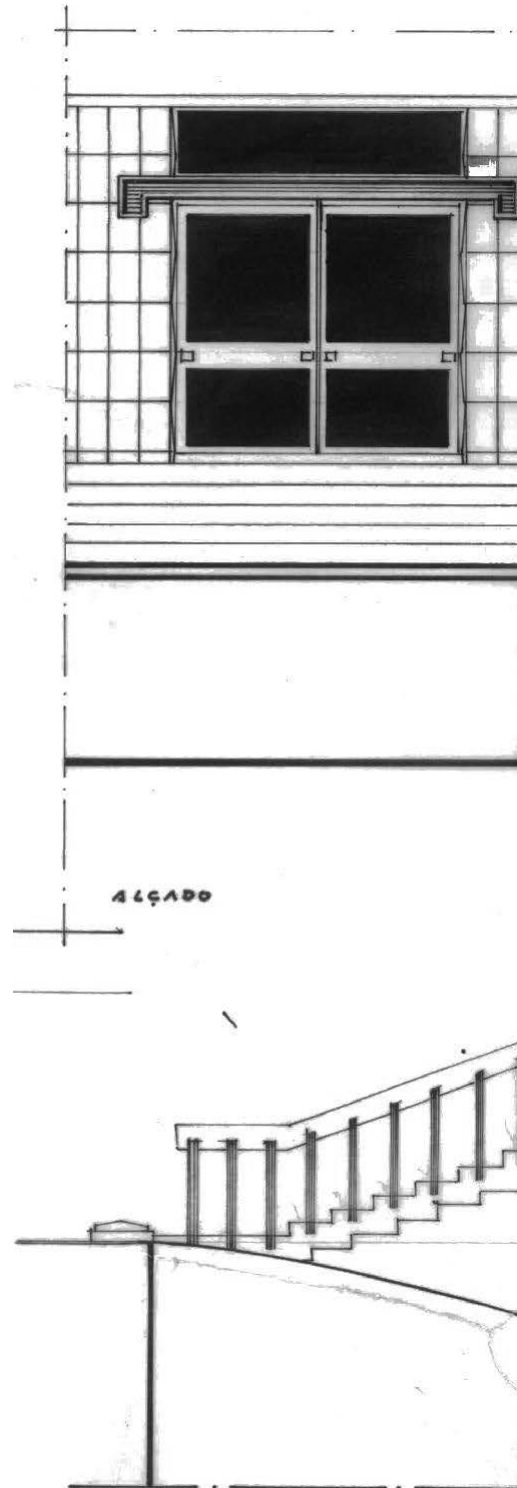
Figura 108. Vista sobre varandas e entrada
© Tiago Casanova

Peças Desenhadas

- 1- Corte longitudinal e transversal
- 2- Plantas rés-do-chão, piso 1 e cobertura
- 3- Alçados
- 4- Plantas (pormenor)

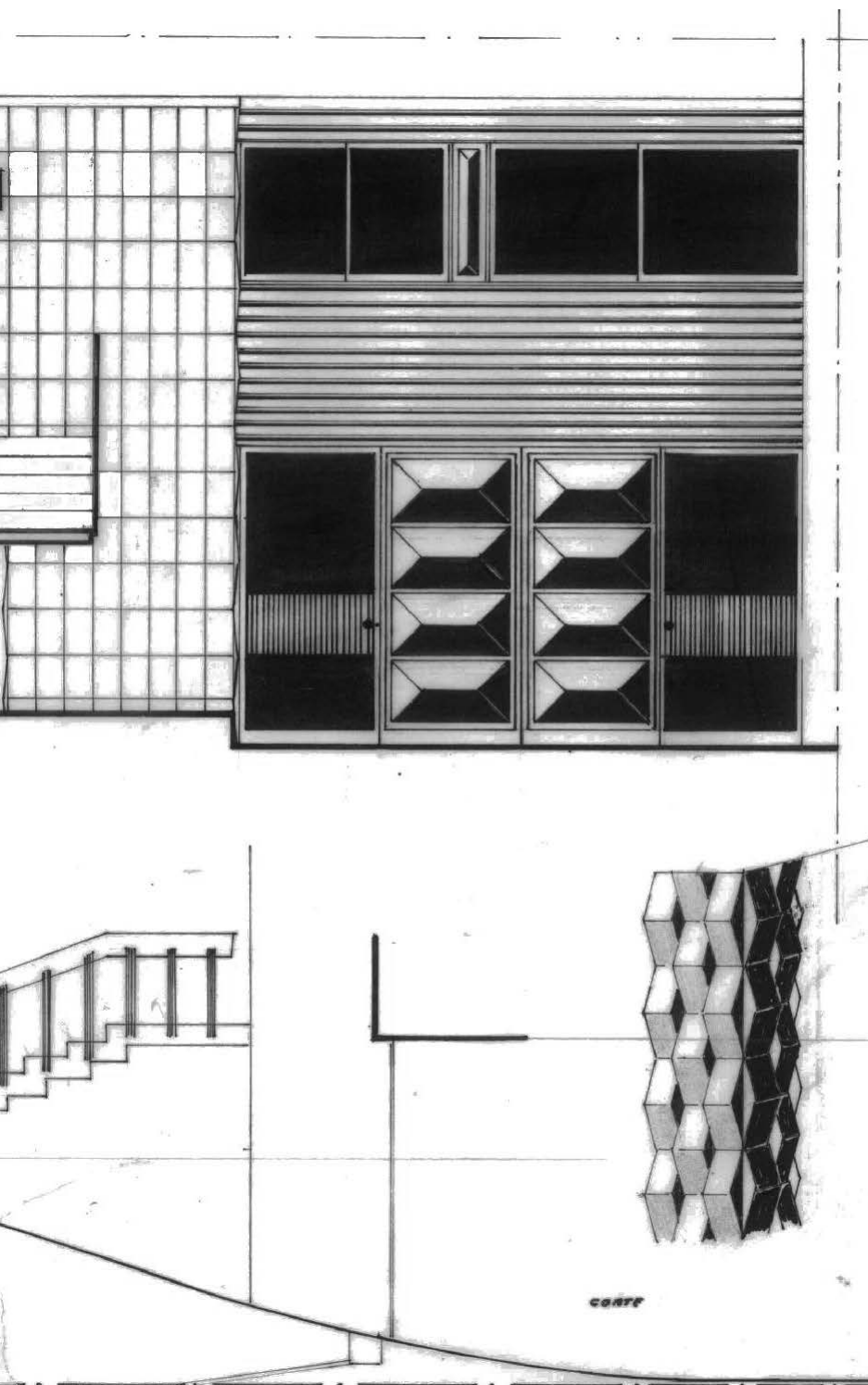
Arquivo escritório Germano de Castro
Pinheiro Architectos

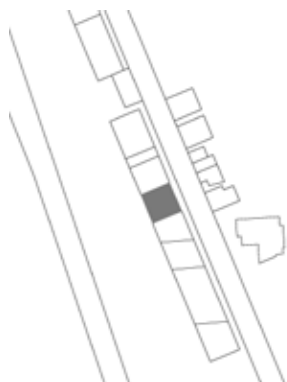




EDIFÍCIO RUA MARECHAL SALDANHA

1983





EDIFÍCIO RUA MARECHAL SALDANHA 1983

LOCAL: Rua Marechal Saldanha, Porto

TIPOLOGIA: Serviços / Habitação

ENCOMENDA: Vários, entre os quais José Acciaioli Catalão

ESTADO: Construído



Figura 109. Vista geral a partir da Rua Marechal Saldanha

Este edifício encontra-se na zona da foz do Porto em ambiente urbano consolidado estando a sua implantação definida pelos limites do terreno entre a rua e o alinhamento do construído existente que, igualmente, define a cêrcea. O edifício encontra-se integrado na sua envolvente, sendo que não é possível ver o estado original do seu principal alçado da Rua Marechal Saldanha uma vez que as marquises ocuparam na totalidade as varandas correspondentes aos quartos, prática corrente no período de 80/90.

O edifício, de desenho bastante proporcionado e de gestos cuidados, apresenta especialmente no piso de entrada, que se encontra sobrelevado, e semicave um especial tratamento compositivo e material. Nestes pisos conjugam-se uma pala e escada num volume com textura que assinala a entrada, destacando-se assim dos restantes quatro pisos de habitação. Os espaços comuns do prédio são os elementos mais nobres do edifício sobretudo devido



Figura 110. Vista aproximada sobre a entrada

à clarabóia oval que ilumina de forma natural os átrios dos três pisos através da bomba de escada aberta. A tipologia é de fogos tipo esquerdo-direito, dois por piso e simétricos entre si, nos quais existe uma separação das funções dos espaços habitacional, uma vez que para nascente se encontram as funções de noite correspondendo aos quartos, e para poente o restante programa com zonas sociais e de serviço. A sala embora seja de dimensões reduzidas consegue a criação de três zonas distintas, uma junto à entrada e potenciada pela lareira criando um pequeno nicho interior, outro de carácter diurno junto à fachada que, através de um biombo, se liga à zona de refeições próxima da cozinha. Esta frente dispõe de uma varanda contínua voltada para o logradouro e que permite a extensão dos espaços sociais. A excepção a esta distribuição do fogos é unidade habitacional no último piso, um dúplex em que parte de um dos fogos existente é ligada ao recuado, por uma escada de caracol que se encontra no átrio da habitação. A leitura que se faz do corredor de distribuição é muito interessante uma vez que esta contorna a clarabóia oval e desenha um espaço mais amplo e fluído.

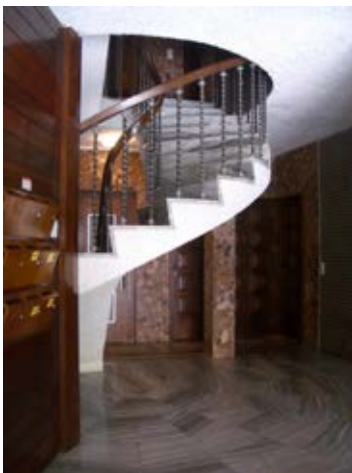
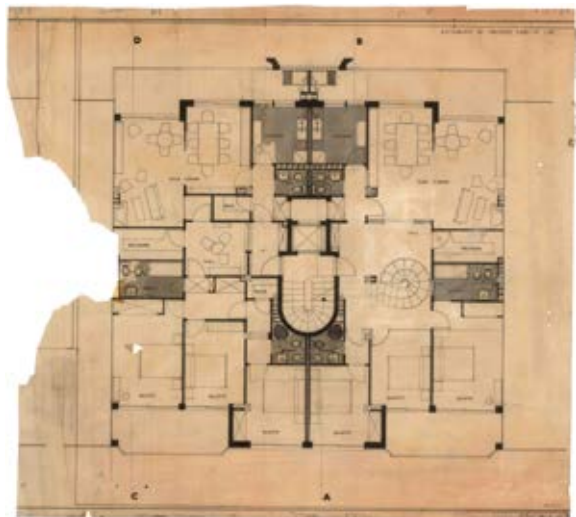
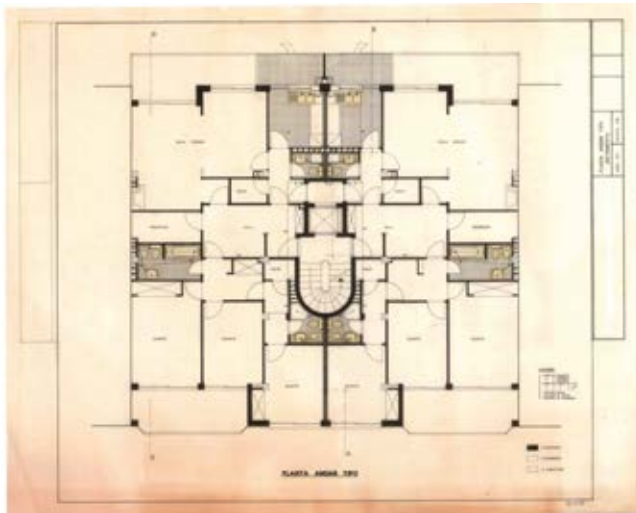
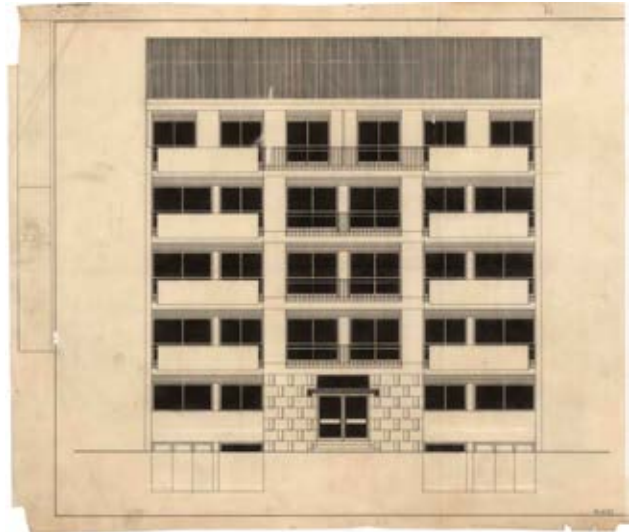
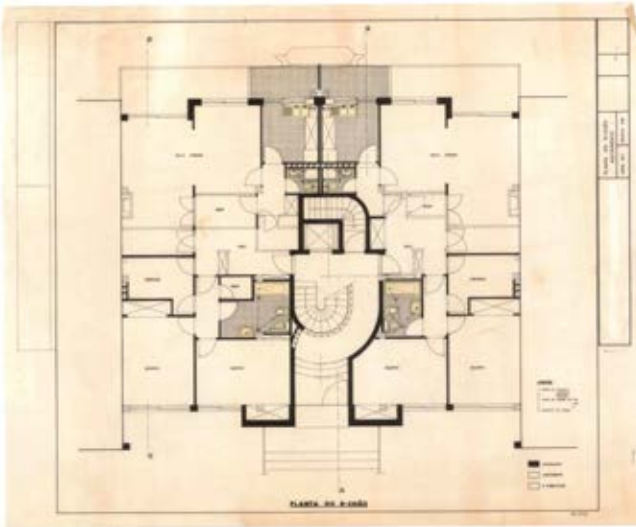
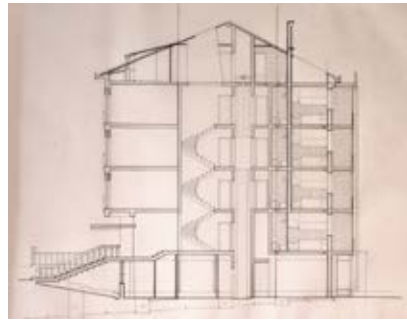


Figura 111. Vista interior do átrio de entrada e acessos verticais

Peças Desenhadas:

- 1- Corte transversal pela entrada
- 2- Planta rés-do-chão
- 3- Alçado Nascente
- 4- Planta Piso tipo
- 5- Planta piso para duplex

Arquivo escritório Germano de
Castro Pinheiro Arquitectos





IMPETUS

1987



IMPETUS

1987

LOCAL: Rua da Praia, Barqueiros

TIPOLOGIA: Equipamento Industrial

ENCOMENDA: Figueiredo e Mariz

ESTADO: Construído



Figura 112. Vista à chegada sobre o volume de escritórios
(Na pág. anterior, vista aproximada da entrada,
© Tiago Casanova)

A unidade fabril da marca Impetus situada na Apúlia alberga várias unidades de produção têxtil, assim como armazéns e escritórios. O conjunto é constituído por vários volumes, os quais variam em altura e pé-direito, sendo que o programa encontra-se evidenciado pelo tratamento diferenciado das fachadas de cada volume, sendo possível identificar cada unidade de forma independente.

O intuito deste tipo de unidade industrial vai para além da necessidade prática da produção procurando, a questão da imagem e carácter do edifício, projectado em 1987, acompanhar uma ideia de vanguarda à qual a marca se



Figura 113. Vista sobre edifício Sul
© Tiago Casanova

Figura 114. Vista geral sobre a fábrica
© Tiago Casanova

Figura 115. Vista da entrada da fábrica
© Tiago Casanova

Figura 116. Vista interior do átrio e escada no edifício de escritório
© Tiago Casanova



pretende associar. No conjunto dos edifícios a temática da fachada explorada na sua vertente mais excepcional, os elementos envidraçados e o volume destinado aos serviços administrativos e reuniões resultam em termos volumétricos e de linguagem numa resposta arquitectónica que pretende responder aos objectivos desta intervenção através de um léxico vigente no seu tempo. Uma grelha estrutura o envidraçado contínuo que se estende em duas frentes e se caracteriza pelo abatimento horizontalmente em dois pontos, movimento que tem a sua representatividade em corte. A diferente inclinação dos





Figura 117. Vista da frente sul do edifício de escritórios
© Tiago Casanova

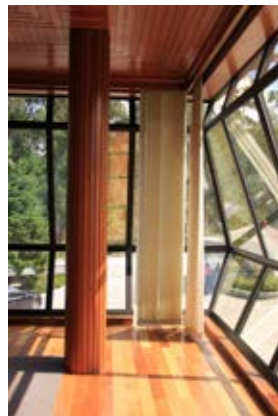


Figura 118. Pormenor do gaveto visto do interior



Figura 119. Sala de reuniões no gaveto do edifício de escritórios



Figura 120. Átrio do edifício de escritórios

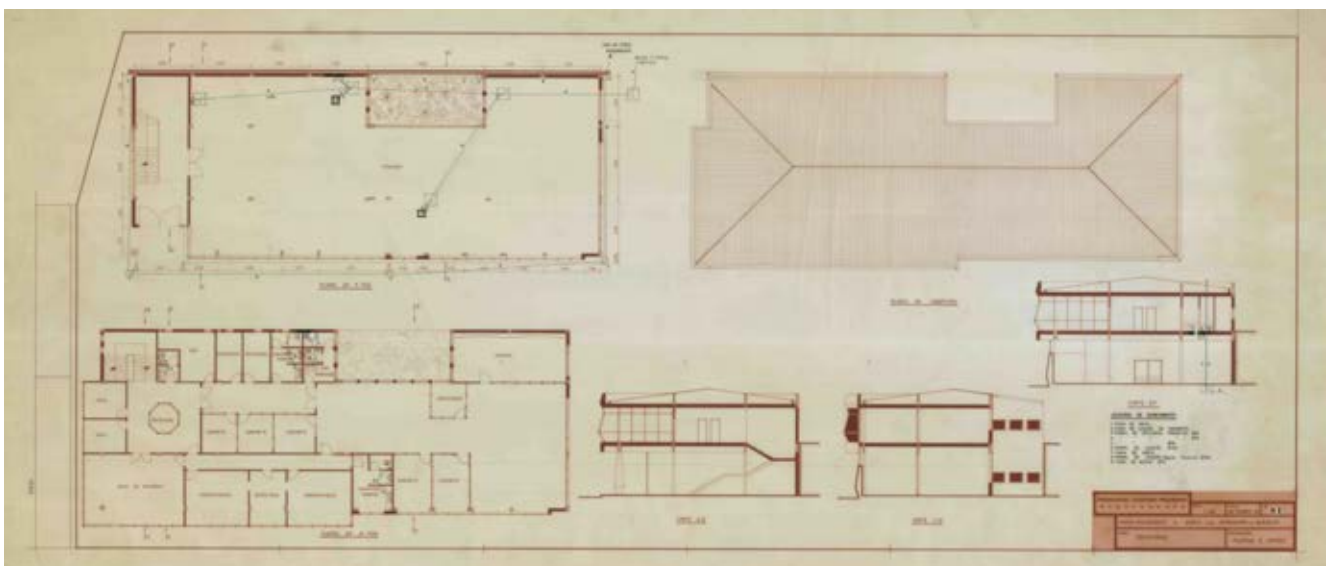
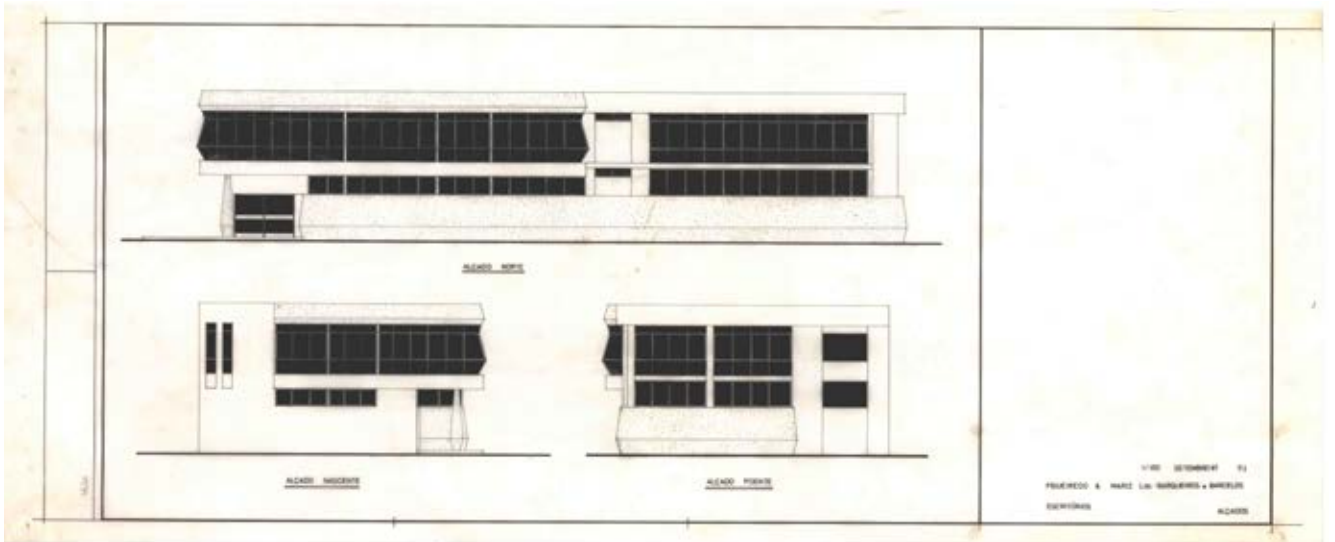
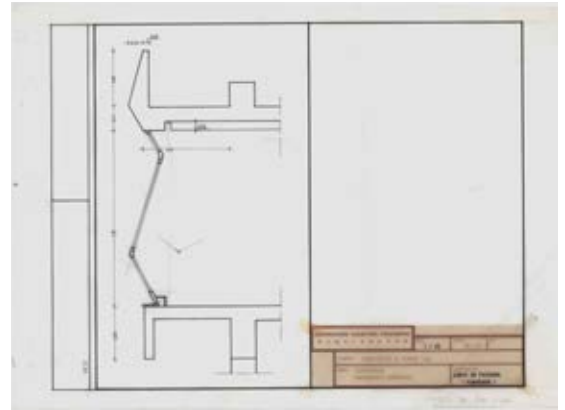
planos de vidro espelhados estabelece uma relação peculiar com a envolvente reflectindo simultaneamente o céu, o pavimento e a arborização circundante, e conferem ao edifício um efeito abstracto. No interior estes elementos associam-se a clarabóias para uma franca iluminação dos espaços e abertura panorâmica sobre o exterior, a organização do espaço interior resulta de uma sucessão de compartimentos dispostos ortogonalmente sendo que a questão da iluminação e dos acabamentos em madeira caracterizam os espaços.

O edifício conservou até final de 2014 o estado original do edifício, data após a qual foram realizadas remodelações na parte interior. As fotografias apresentadas são do estado original do edifício tiradas em 2005.

Peças Desenhadas:

- 1- Pormenor de corte pelo envidraçado do edifício de escritórios
- 2- Alçados do edifício de escritórios
- 3- Planta rés-do-chão, piso1 e cobertura e cortes transversais

Arquivo escritório Germano de Castro Pinheiro Architectos





PARTE III



CATÁLOGO DE OBRA COMPLETA

OBRA SELECIONADA

CASA DE CHÁ BOM DOCE

1938

LOCAL: Avenida Dr. João Canavarro, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Comércio (Salão de chá)

CO-AUTOR: Arq. Fernando Tudela

ESTADO: Construído / Muito Alterado

CLIENTE: Bento Amorim



OBRA SELECIONADA

CASA BENTO AMORIM

1940

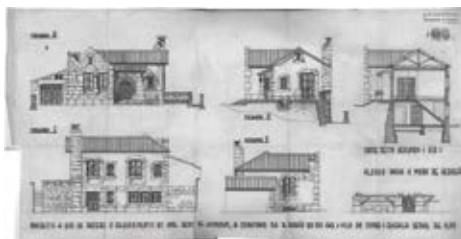
LOCAL: Rua 25 de Abril

(antiga Rua Barão do Rio Ave), Vila do Conde

TIPOLOGIA: Casa de férias / Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Bento Amorim

ESTADO: Construído / Bom estado de conservação



PENSÃO PÃO DE AÇÚCAR

1946

LOCAL: Cruzamento da Rua Ramalho de Ortigão e Rua do Almada, Porto

TIPOLOGIA: Hotelaria e Comércio

CLIENTE: Caixa Sindical do Pessoal da Indústria Têxtil

ESTADO: Construído / Bom estado de conservação

Segundo consulta realizada ao processo de licenciamento, este projecto terá passado por várias fases e alterações programáticas realizadas inicialmente pelo arquitecto José Bastos, o qual foi substituído já na fase final pelo arquitecto Germano de Castro. Coube-lhe redesenhar a distribuição do programa interno que corresponde ao projecto que foi construído, no qual respeitou os traçados das anteriores propostas ao nível da conformação do edifício, da fachada e desenho dos espaços comuns, conforme enuncia na Memória Descritiva.



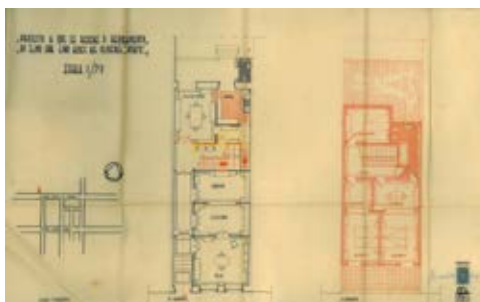
CASA LINO ALVES OLIVEIRA

1946

LOCAL: Avenida Bento de Freitas nº144, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Ampliação de Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Lino Alves Oliveira



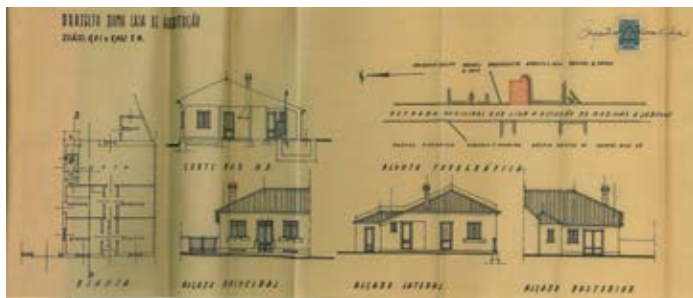
CASA MANUEL ANTÓNIO SANTOS

1947

LOCAL: Lugar da Estrada, Labruge,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Manuel António dos Santos



CONFETARIA PINTO

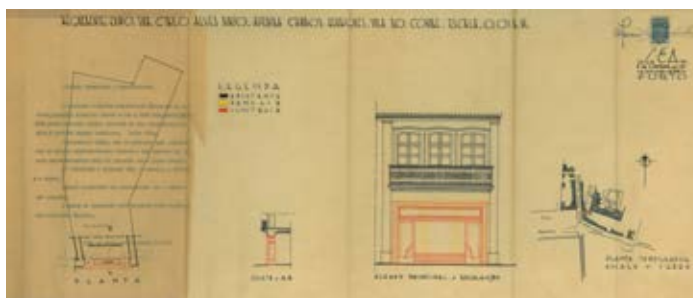
1947

LOCAL: Avenida Campos Henrique, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Remodelação de Comércio
(fachada e interior)

CLIENTE: Cirilo Alves Pinto

ESTADO: Construído



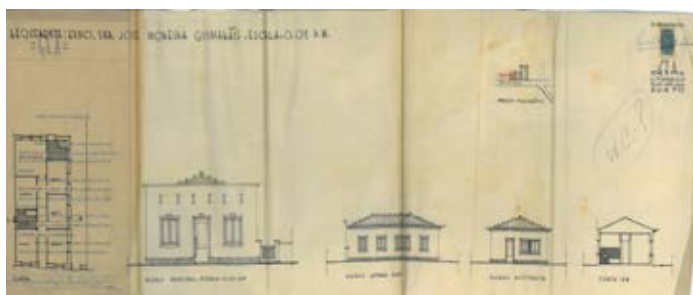
CASA MOREIRA GUIMARÃES

1947

LOCAL: Rua da Lapa, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: José Moreira Guimarães



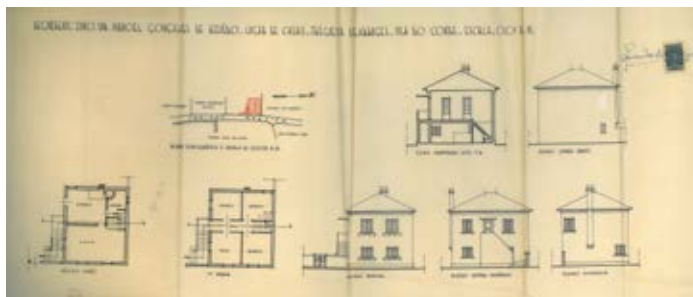
CASA MANUEL GONÇALVES DE AZEVEDO

1947

LOCAL: Lugar de Casais, Labruge,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Manuel Gonçalves de Azevedo



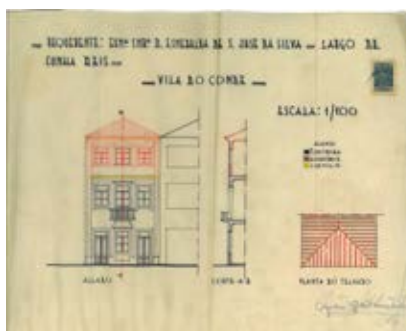
CASA ESMERALDA DE SÃO JOSÉ DA SILVA

1947

LOCAL: Lugar Dr. Cunha Reis, Vila do Conde

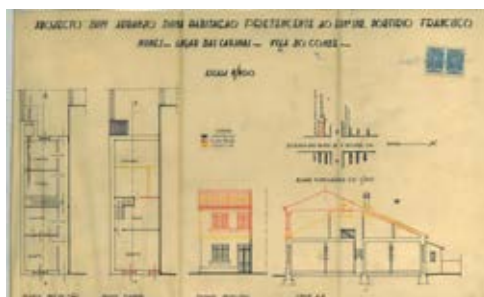
TIPOLOGIA: Ampliação de andar de Habitação

CLIENTE: Esmeralda de São José da Silva



CASA PORFÍRIO FRANCISCO NUNES
1947

LOCAL: Caxinas, Vila do Conde
TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)
CLIENTE: Porfírio Francisco Nunes



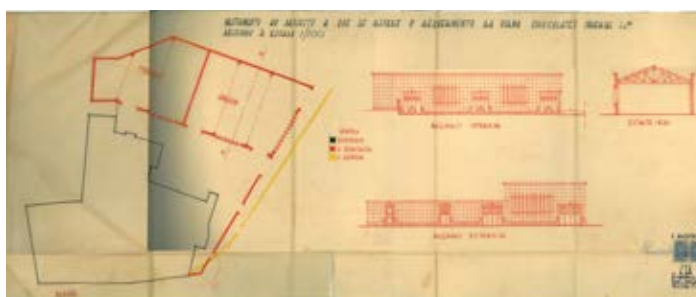
ARMAZÉM SOCIEDADE BELAMAR
1947

LOCAL: Lugar do Cimo da Vila, Vila do Conde
TIPOLOGIA: Ampliação de Armazém Industrial
CLIENTE: Sociedade Belamar Lda.



FÁBRICA DE CHOCOLATES IMPERIAL LDA.
1947

LOCAL: Rua General Lemos, Vila do Conde
TIPOLOGIA: Equipamento Industrial
CLIENTE: Chocolates Imperial Lda.



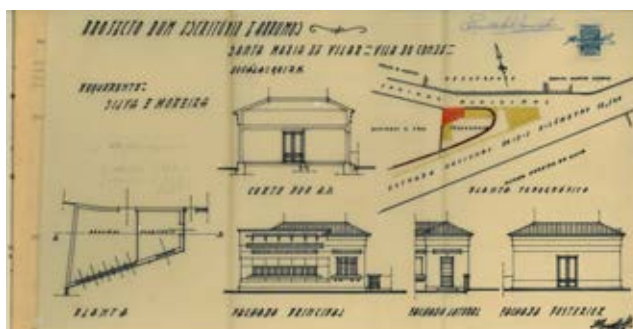
CASA AZEVEDO MAIA
1947

LOCAL: Labruge, Vila do Conde
TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
CLIENTE: José de Azevedo Maia



CASA SILVA E MOREIRA
1949

LOCAL: Santa Maria de Vilar, Vila do Conde
TIPOLOGIA: Escritórios e Armazém
CLIENTE: Silva e Moreira



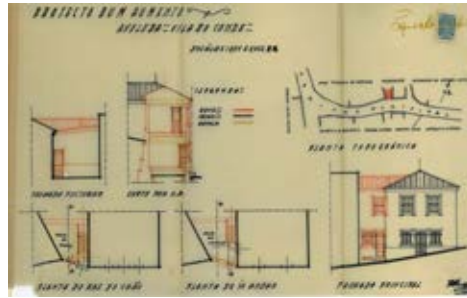
CASA JOSÉ LUIZ CARDOSO

1949

LOCAL: Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação

CLIENTE: Herdeiros de José Luiz Cardoso



CASA JOSÉ DE SOUSA RAMOS

1949

LOCAL: Vilar do Pinheiro, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: José de Sousa Ramos



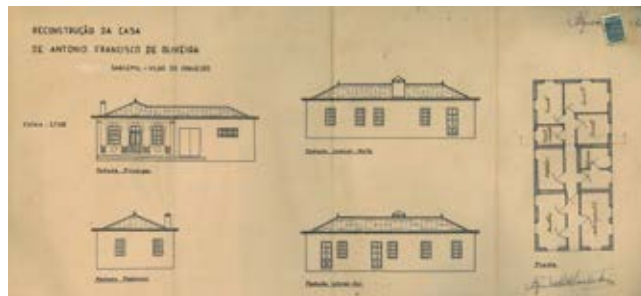
CASA ANTÓNIO OLIVEIRA

1949

LOCAL: E.N. 13, Sangemil, Vilar do Pinheiro, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Remodelação de Habitação Unifamiliar

CLIENTE: António Francisco de Oliveira



SEDE DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA DO PESSOAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DO PORTO
1950

LOCAL: Rua Miguel Bombarda, Porto

TIPOLOGIA: Serviços / Habitação

CLIENTE: Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil

ESTADO: Construído / Alterado



OBRA SELECIONADA

BLOCOS NOVA SINTRA

1950

LOCAL: Rua Barão de Nova Sintra, Porto

TIPOLOGIA: Serviços / Habitação

CLIENTE: Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil

ESTADO: Não construído



OBRA SELECIONADA

CASA FERREIRA E BARRETO

1950

LOCAL: Rua dos Pelames, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Joaquim de Sousa Barreto

CASA RUA PEDRO HISPANO I

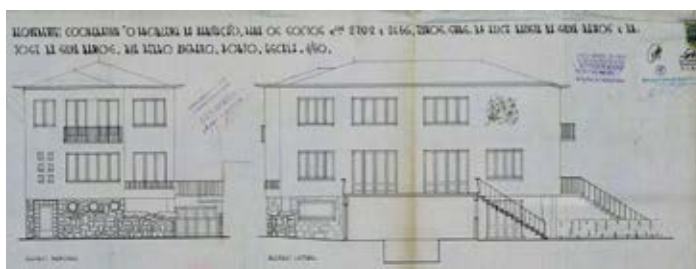
1950

LOCAL: Rua Pedro Hispano, Porto

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Adriano Agostinho Santos Coutinho Lenhoso, Maria Isaura Santos Coutinho Lenhoso e Maria Manuela Santos Coutinho Lenhoso

ESTADO: Construído



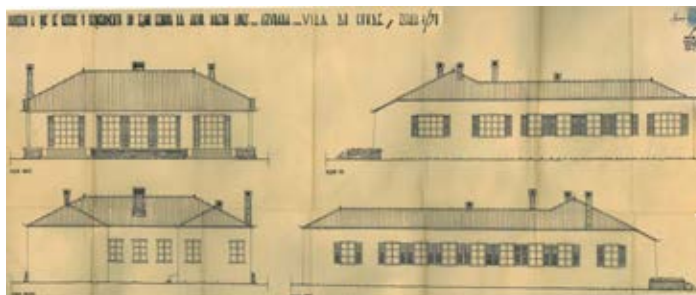
CASA ARTUR LOPES

1950

LOCAL: Antiga E.N., Azurara, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Artur Ribeiro Lopes



CASA JOSÉ OLIVEIRA

1950

LOCAL: Lugar dos Caseiros, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: José Monteiro de Oliveira



POSTO ABASTECEDOR DE COMBUSTÍVEL
1950

LOCAL: Estrada Nacional nº13 ao Km 25, 400, Vila do Conde

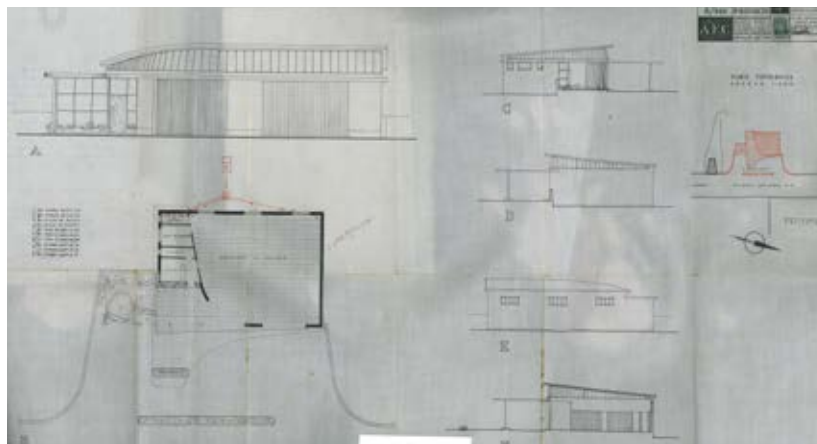
TIPOLOGIA: Serviços

CLIENTE: António Ferreira da Costa

ESTADO: Demolido

«É dotado este terreno de uma panorâmica ampla característica que nos serviu de base para criarmos uma pequena zona urbanizada, que interessará tanto os que passam como os que terão necessidade de recorrer a uma Estação de Serviço. Houve a preocupação de criar uma zona que simultaneamente isolasse a estação de serviço propriamente dita do posto de venda de combustíveis, criando ao mesmo tempo um elemento que pudesse servir de agradável local de espera.»

(in Memória Descritiva, Germano de Castro Pinheiro, 8 de Agosto de 1950)



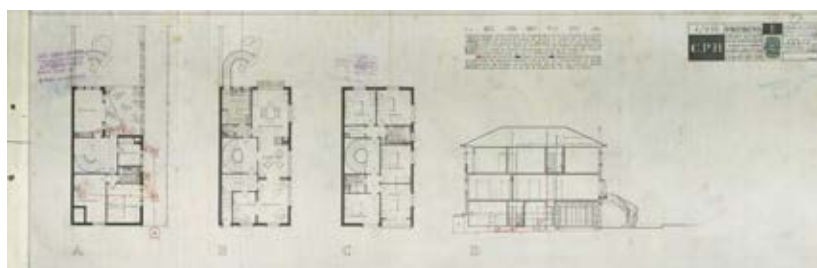
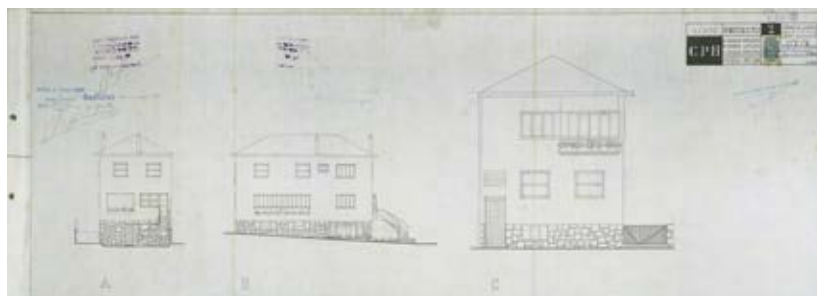
CASA RUA PEDRO HISPANO II
1950

LOCAL: Rua Pedro Hispano, Porto

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: José Silva Ramos

ESTADO: Construído



BAIRRO CAIXA TÊXTIL
1951

LOCAL: Rua Particular do Bairro Nacional de Pensões, São Mamede Infesta, Matosinhos

TIPOLOGIA: Habitação Operária

CLIENTE: C. de Prev. do Pessoal da Ind. Têxtil



OBRA SELECIONADA

COLÓNIA BALNEAR

1951

LOCAL: Vila do Conde**TIPOLOGIA:** Equipamento Balnear
(tipo Colónia de Férias)**CLIENTE:** Câmara Municipal de Vila do Conde**ESTADO:** Não construído**CASA BENTO PINHEIRO**

1951

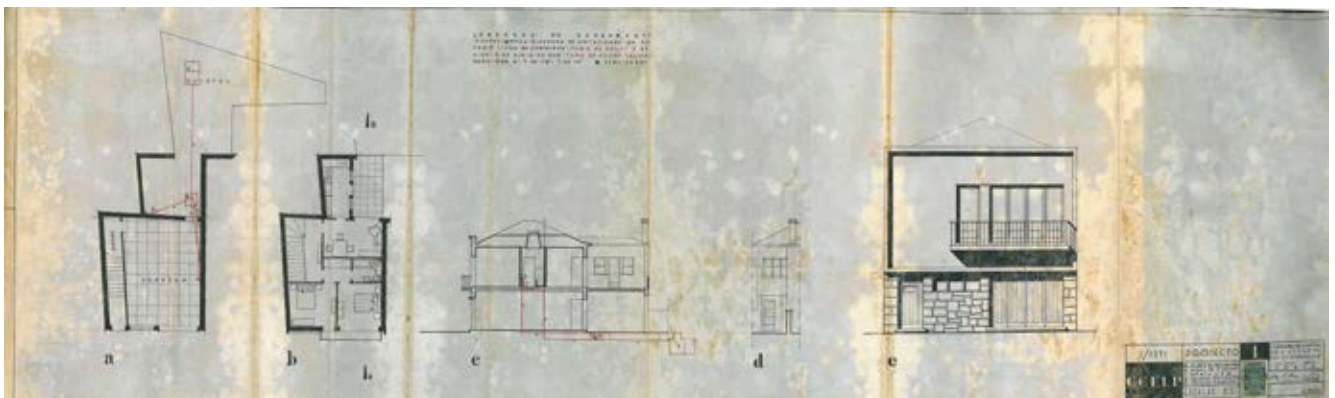
LOCAL: Rua da Igreja, Vila do Conde**TIPOLOGIA:** Habitação Unifamiliar**CLIENTE:** Encomenda: Cooperativa

“A Construtora Económica Luso-Poveira”

para o associado Bento dos Reis Pinheiro

ESTADO: Construído

O piso térreo faz-se ocupar por um armazém amplo, pátio coberto correspondente ao espaço de cozinha e varanda no piso superior e quintal. O espaço de habitação encontra-se no 1º andar com entrada independente pela rua e acesso em escada. Na chegada ao piso da habitação dá-se um alargamento junto à escada que de forma reservada e discreta distribui para dois espaços, o primeiro constitui uma antecâmara, equipada com um largo móvel embutido, e a partir do qual se dá a distribuição para os espaços íntimos da casa, sendo estes um pequeno quarto de banho interior iluminado através de uma clarabóia e dois quartos da mesma dimensão que ocupam a totalidade da fachada da rua. Do lado oposto, o segundo espaço acessado pelo átrio de entrada dá acesso a uma saleta de estar e jantar com ligação directa à cozinha e ao varandim. Estes espaços conformam em planta um núcleo da habitação, sendo que o espaço da cozinha e varandim correspondem a um volume saliente ao anterior, relacionando na perpendicular com a saleta e retirando partido da relação com o quintal que se encontra no seu seguimento. Na relação entre estes três espaços, saleta, cozinha e varandim, de dimensões quase mínimas é retirado o partido da sua articulação tornando-os aparentemente (uma vez que não foi visitado o edifício) interessantes até mesmo na relação com o espaço exterior e a iluminação natural. A fachada tem um traço que se considerado moderno sendo marcado por um embasamento em cantaria de pedra aparelhada à vista no primeiro piso e uma moldura saliente do pano da fachada do 1º piso, de linhas rectas e estilizadas, no qual se dispõem descentrado um conjunto de portadas dos quartos e uma varanda de sacada. Apesar de ser imperceptível na vista de rua, a cobertura inclinada quase contradiz na sua expressão esta simplificação e reforço horizontal conferido ao desenho do alçado principal, uma vez que a platibanda esconde a transição entre os dois planos e a cobertura surge quase inesperada num plano mais recuado.



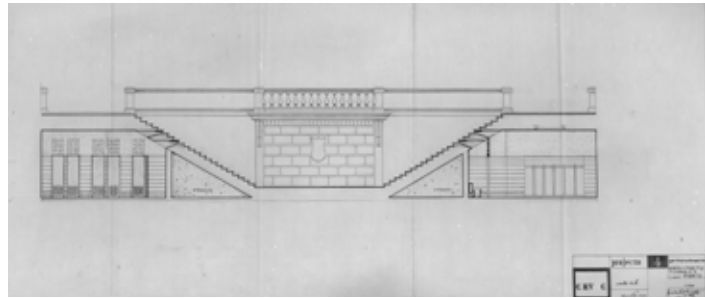
ESCADAS DA PRAÇA SÃO JOÃO

1952

LOCAL: Vila do Conde

TIPOLOGIA: Espaço Público

CLIENTE: Câmara Municipal de Vila do Conde



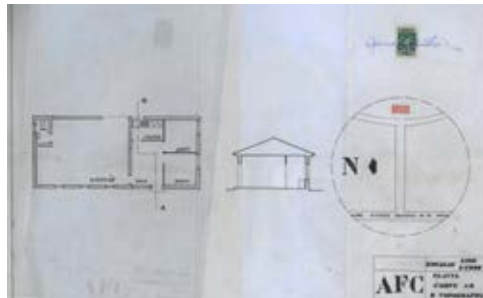
CASA ANTÓNIO COSTA

1952

LOCAL: Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: António Ferreira da Costa



CASAS FELISMINA BASTOS E ANÍBAL BASTOS

1953

LOCAL: Avenida Júlio Graça, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Cooperativa "A Construtora

Económica Luso-Poveira" para os associados Felismina da Costa Nunes Bastos e Aníbal P. Leite Bastos



CASA ÁLVARO BOUÇA

1955

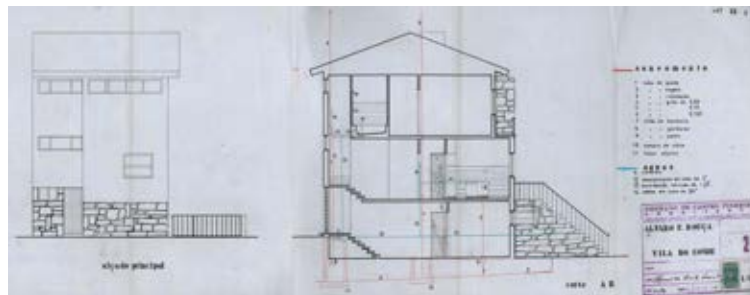
LOCAL: Avenida Bento de Freitas,

Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Álvaro Esteves Bouça

ESTADO: Construído



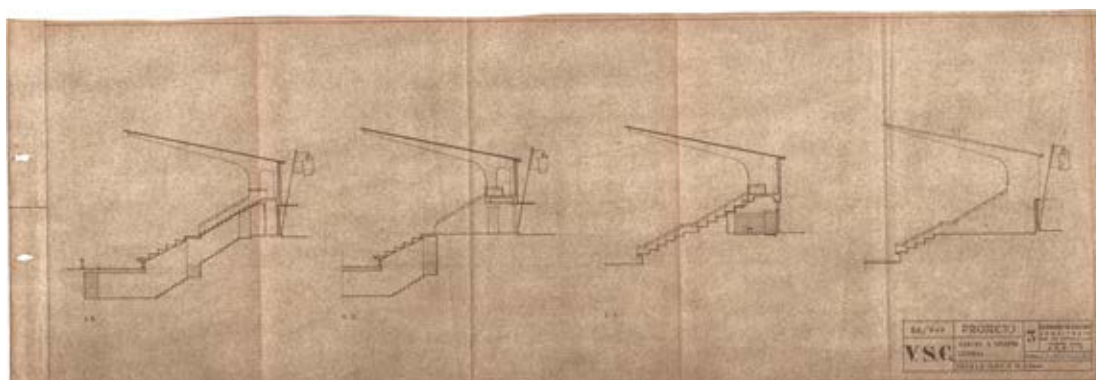
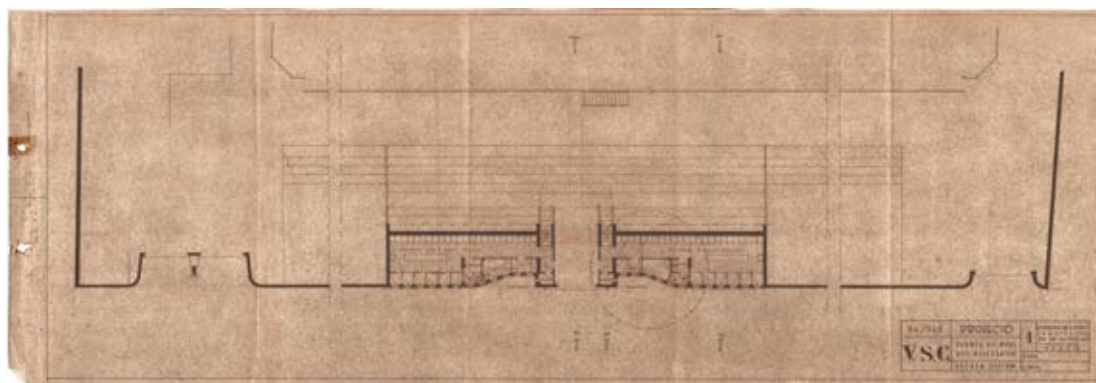
ESTÁDIO VARZIM SPORT CLUB
1953

LOCAL: Rua do Varzim Sport Club,
Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Equipamento Desportivo

CLIENTE: Encomenda: Club Desportivo

ESTADO: Construído



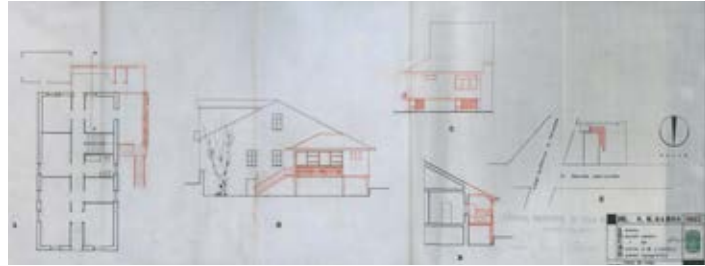
CASAS SERAFIM RAMOS

1953

LOCAL: Avenida Coronel Alberto Graça,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Ampliação de Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Serafim Moreira Ramos



CASA JOÃO TERROSO

1954

LOCAL: Rua da Alegria, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: João Ferreira Terroso



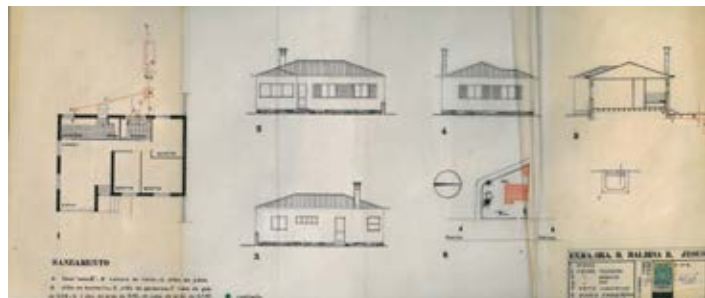
CASA BALBINA JESUS

1954

LOCAL: Estrada Nacional 13, 17,650km,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Balbina Rosa de Jesus



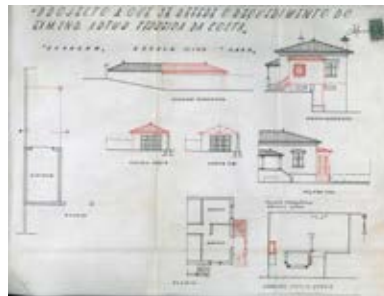
CASA ARTUR COSTA

1954

LOCAL: Avenida Júlio Graça n°194,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Ampliação de Habitação
Unifamiliar

CLIENTE: Artur Ferreira da Costa



CASA BRAZELINA SILVA

1954

LOCAL: Avenida Bernardino Machado,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Encomenda da Cooperativa "A
Construtora Económica Luso-Poveira"
para a associada Brazelina da Costa e Silva.



OBRA SELECIONADA

POSTO MÉDICO DE SANTO TIRSO
1955

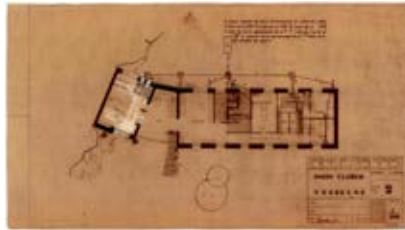
LOCAL: Avenida Sousa Cruz, Santo Tirso
TIPOLOGIA: Equipamento de Saúde
CLIENTE: Serv. Médico-Sociais da Fed. da C. de Prev.
COLABORADOR: Arq. Eduardo Figueirinhas (estagiário)
ESTADO: Construído



OBRA SELECIONADA

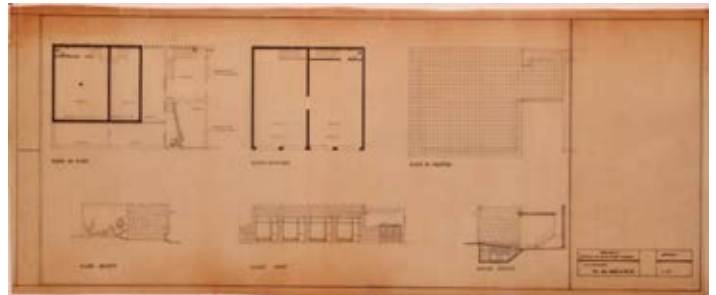
POSTO MÉDICO DE NEGRELOS
1955

LOCAL: Nacional nº105, Avenida Ponte, Santo Tirso
TIPOLOGIA: Equipamento de Saúde
CLIENTE: Serv. Médico-Sociais da Fed. da C. de Prev.
COLABORAÇÃO: Arq. Eduardo Figueirinhas (estagiário);
engenheiro Napoleão Amorim
ESTADO: Construído



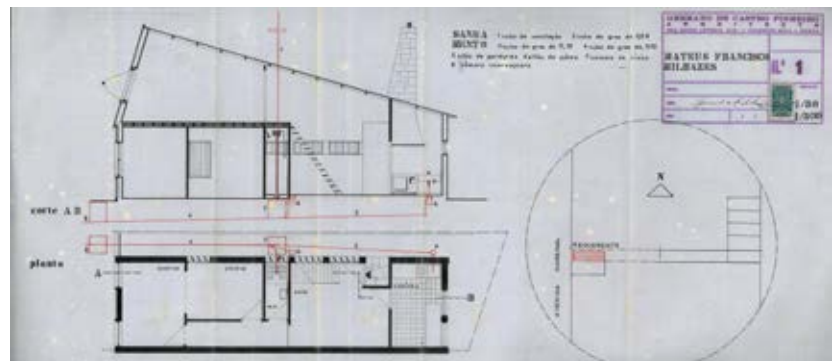
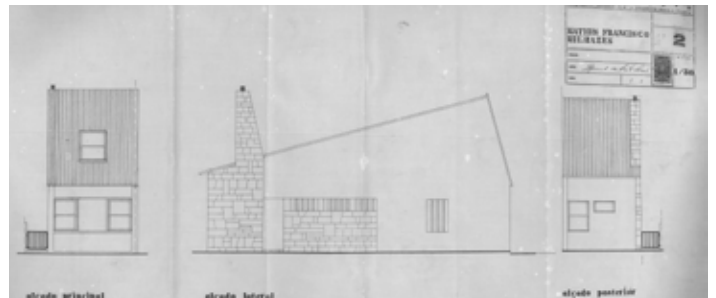
CASA GERMANO DE CASTRO PINHEIRO
1955

LOCAL: Rua Barão do Rio Ave, Vila do Conde
TIPOLOGIA: Ampliação de Habitação
e Comércio
CLIENTE: Germano de Castro Pinheiro
ESTADO: Construído



CASA MATEUS MILHAZES
1955

LOCAL: Lugar de Poça da Barca (Caxinas),
Vila do Conde
TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
CLIENTE: Mateus Francisco Milhazes



CASA VICTOR PEDRAS

1955

LOCAL: Avenida Dr. Artur da Cunha Araújo,
147, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Victor Manuel Torres Pedras

CASA DARIO VALONGUEIRO

1955

LOCAL: Avenida Bento de Freitas,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Dario Valongueiro



CASA JOSÉ ROCHA SILVA

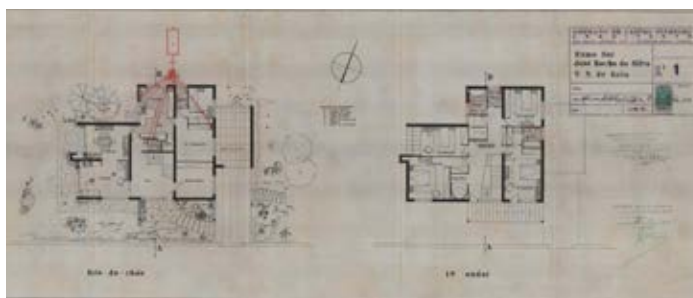
1957

LOCAL: Gaveto da Rua da Rasa com Rua Pinto
Aguiar, Vila Nova de Gaia

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: José Rocha Silva

ESTADO: Construído



ARRANJO DO ADRO DA IGREJA DE BALASAR

1957

LOCAL: Balasar, Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Espaço Público



CASA ANTÓNIO VAZ

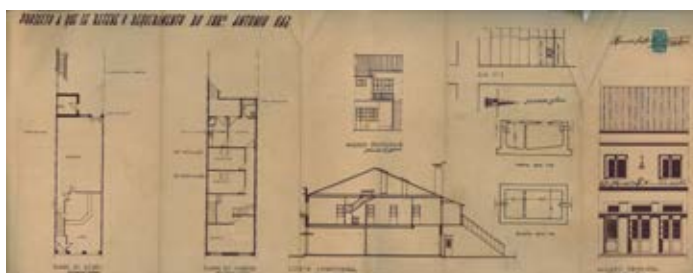
1957

LOCAL: Rua 1, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

(Casa de Pescadores)

CLIENTE: António Vaz



CASA JOSÉ MOREIRA MACIEL

1957

LOCAL: Avenida Dr. Carlos Pinto Ferreira n°219
(antiga Rua 1 - Caxinas), Vila do Conde

TIPOLOGIA: Ampliação de Habitação
Unifamiliar (Casa de Pescadores)

CLIENTE: António Vaz



BLOCO SOARES DOS REIS

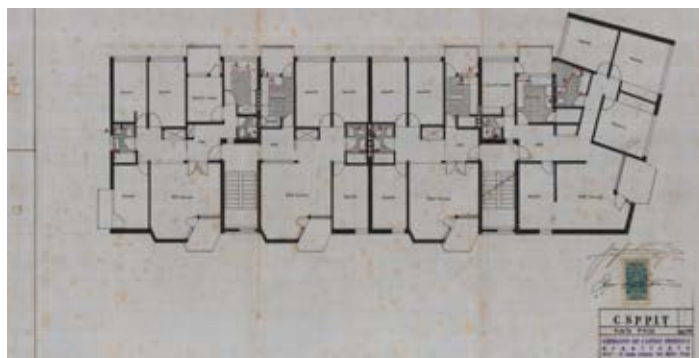
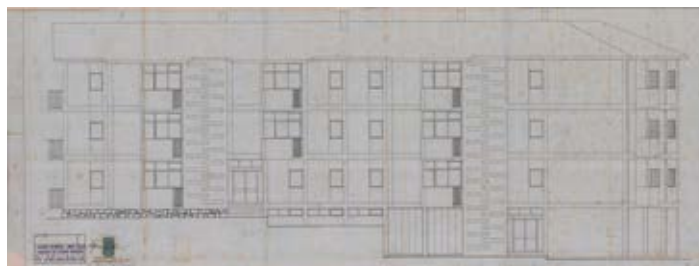
1958

LOCAL: Gaveto Rua da Rasa com Rua
Bartolomeu Dias, Mafamude, Vila Nova de Gaia

TIPOLOGIA: Habitação Colectiva

CLIENTE: Caixa Sindical da Previdência do
Pessoal da Indústria Têxtil

ESTADO: Não construído



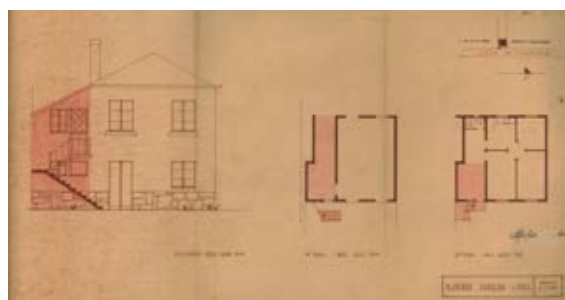
CASA ANGELINA LOPES

1958

LOCAL: Lugar de Fomariz, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Ampliação de Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Angelina Gonçalves Ferreira Lopes



CASA ADELINA SARAIVA

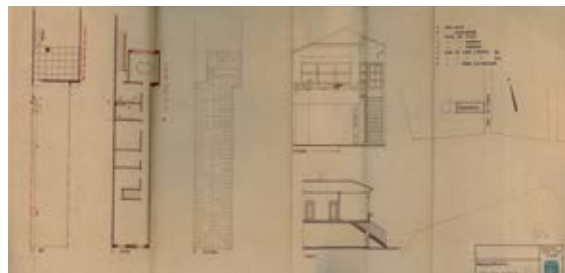
1958

LOCAL: Rua da Fraga n°15, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Adelina Gomes Saraiva



CASA MARIA MACHADO

1958

LOCAL: Rua Estevão Soares n° 156,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Maria Laura Dias de Azevedo Machado



CASA FRANCISCO FERREIRA

1958

LOCAL: Rua 1, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Francisco André Ferreira



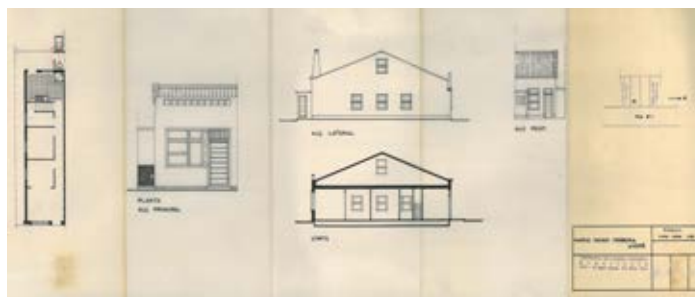
CASA MÁRIO ANDRÉ

1958

LOCAL: Rua 1, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Mário Diogo Ferreira André



CASA JOAQUIM OLIVEIRA

1959

LOCAL: Lugar dos Benguiados, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

ESTADO: Joaquim Gomes de Oliveira



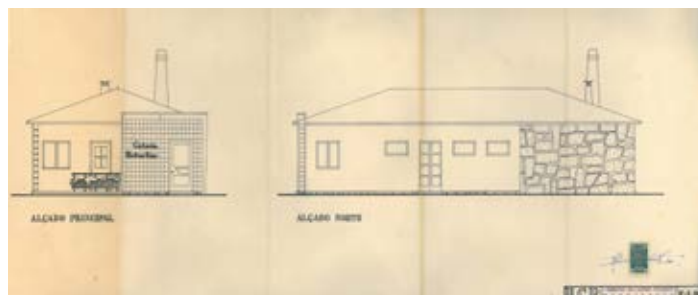
PADARIA BEIRAMAR

1959

LOCAL: Av. Dr. Carlos Pinto Ferreira (antiga Rua 1 Caxinas), Vila do Conde

TIPOLOGIA: Comércio

CLIENTE: Rosa da Conceição Pinho



CASA MANUEL VINHAS DE OLIVEIRA

1959

LOCAL: Lugar de Lavandeira, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Manuel Vinhas de Oliveira



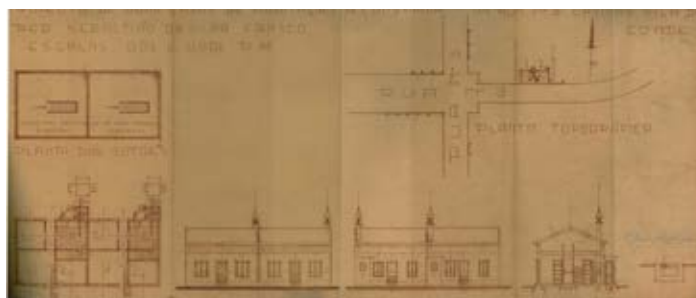
CASA ANTÓNIO E SEBASTIÃO FRASCO

1959

LOCAL: Rua 3, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: António Eusébio Frasco e Sebastião da Silva Frasco



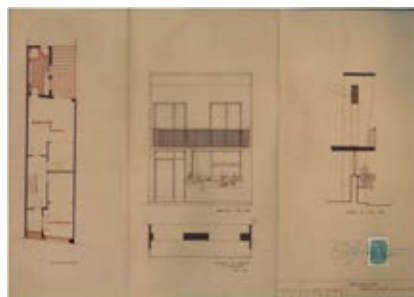
CASA MARIA GONÇALVES

1959

LOCAL: Rua 1, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Remodelação de fachada em Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Maria Gavina Gonçalves



CASA CARLOS RIBEIRO

1959

LOCAL: Lugar de Trás do Fieiro, Rio da Igreja, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Carlos Pinto Ribeiro



CASA JOSÉ JÚNIOR

1959

LOCAL: Lugar de Portas Fronhas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: José Joaquim Eusébio Júnior

POSTO CLÍNICO DE VIZELA

1960

LOCAL: Av. Bombeiros Voluntários nº415, Vizela, Braga

TIPOLOGIA: Equipamento de Saúde

CLIENTE: Serviços Médico Sociais da Federação das Caixas de Previdência

ESTADO: Construído



OBRA SELECIONADA

CASA DO CASTANHAL

1960

LOCAL: N13, Maia

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Nelson Quintas

ESTADO: Construído



OBRA SELECIONADA

FÁBRICA DE CONFECÇÕES

1960

LOCAL: Rua Pereira de Azurara, Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Equipamento Industrial

CLIENTE: António Azevedo Duarte

ESTADO: Construído



OBRA SELECIONADA

CASA ALBANO RAMOS

1960

LOCAL: Lugar de Casal, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Ampliação de Habitação Unifamiliar

ESTADO: Albano dos Santos Pereira Ramos



CASA MANUEL FONTAINHAS

1960

LOCAL: Lugar de Formariz, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

ESTADO: Manuel Teixeira Fontainhas



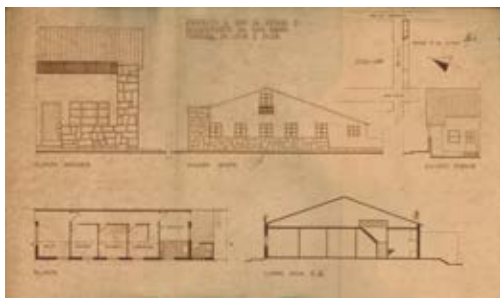
CASA ALBINA SILVA

1960

LOCAL: Lugar de Souto da Sapateira,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Albina Ferreira da Costa e Silva



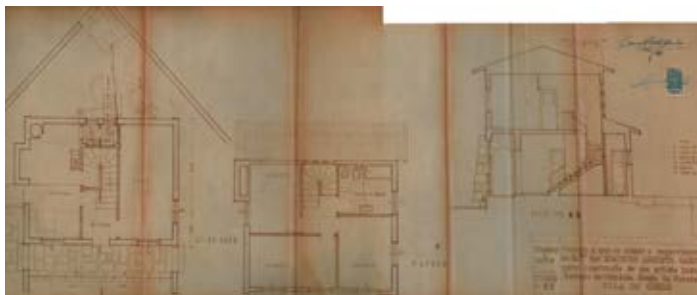
CASA EDMUNDO CARNEIRO

1960

LOCAL: Lugar do Souto da Sapateira,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Edmundo Augusto Carneiro



OBRA SELECIONADA

POSTO CLÍNICO DE BEJA

1961

LOCAL: Rua Eça de Queiroz, Beja

TIPOLOGIA: Equipamento de Saúde

CLIENTE: Serv. Médico-Sociais da Fed. da C. de Prev.

ESTADO: Não construído



CASA A.A.A. QUINTAS

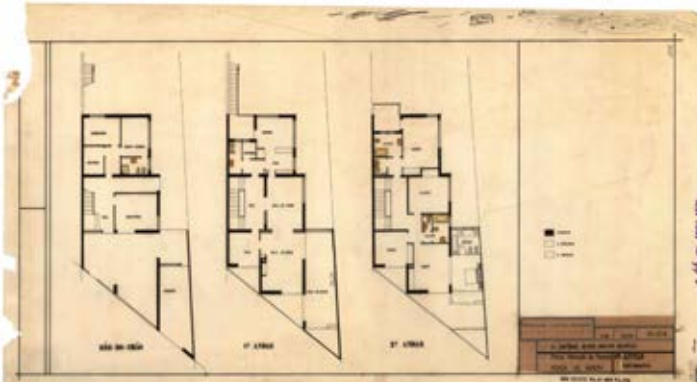
1961

LOCAL: Praça Marquês de Pombal n°45,
Póvoa do Varzim

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: António Alves Aguiar Quintas

ESTADO: Construído



CASA OLÍVIA CARVALHO

1961

LOCAL: Rua nº1, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Olívia Pereira de Carvalho



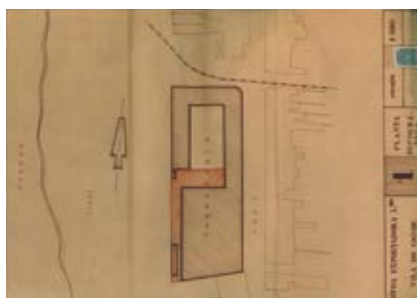
PÓVOA EXPORTADORA LDA.

1961

LOCAL: Rua Dr. António Bento Martins Júnior
(antiga Rua 1 - Caxinas), Vila do Conde

TIPOLOGIA: Ampliação de Equipamento
Industrial

CLIENTE: Póvoa Exportadora Lda.



CASA ZACARIAS DA PEREIRA

1961

LOCAL: Rua da Alegria, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Conjunto de Habitações
Unifamiliars em banda

CLIENTE: Zacarias da Silva Pereira



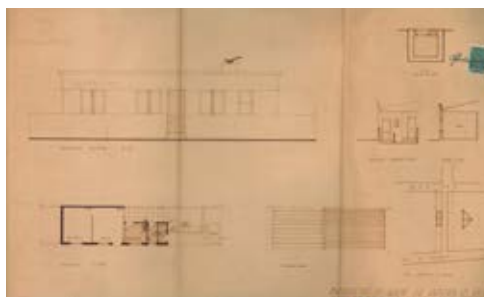
CASA ANTÓNIO MOREIRA

1961

LOCAL: Travessa da Alegria, Caxinas,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: António Gomes Moreira



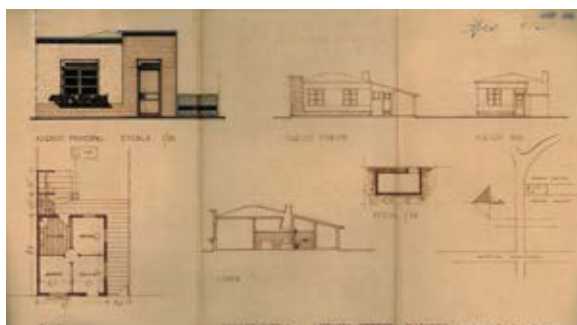
CASA FERNANDO SOUSA

1961

LOCAL: Rua D nº266 (Lugar de Alto da Pega),
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Fernando Sobral de Sousa



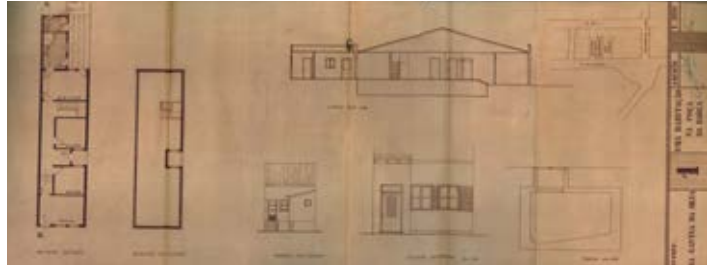
CASA FIRMA SILVA

1961

LOCAL: Rua da Alegria, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Firma Gavina da Silva



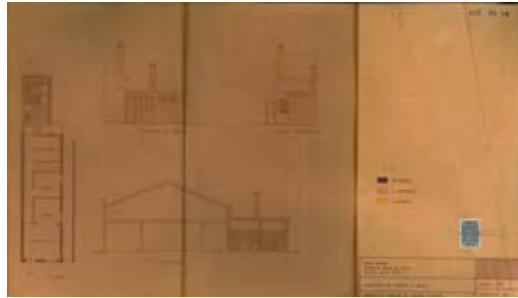
CASA REINALDO SILVA

1961

LOCAL: Rua da Praia n°134, Caxinas,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Reinaldo Graça da Silva



CASA CLAUDINO VIANA

1961

LOCAL: Rua 7, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Claudino da Cruz Viana



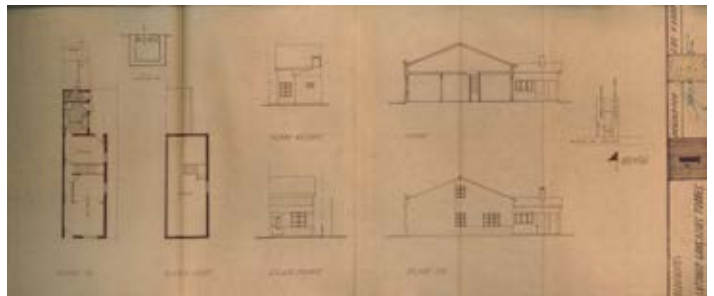
CASA ANTÓNIO TORRES

1961

LOCAL: Rua 7, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: António Gonçalves Torres

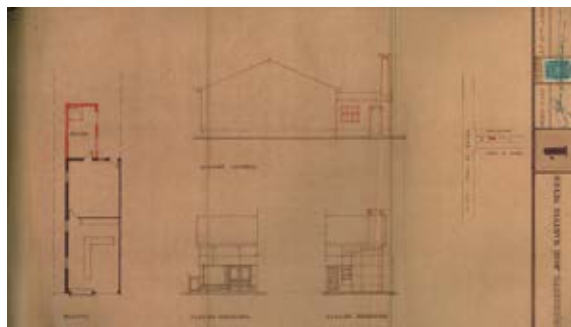


CASA JOSÉ NEVES

1961

LOCAL: Rua 1, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Ampliação Habitação Unifamiliar
CLIENTE: José Martins Neves



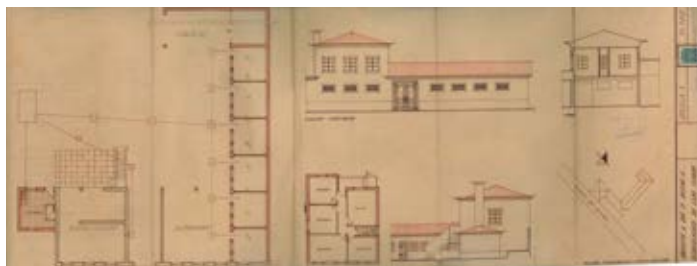
CASA ALBANO RAMOS

1961

LOCAL: Lugar de Passos, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Albano Ramos



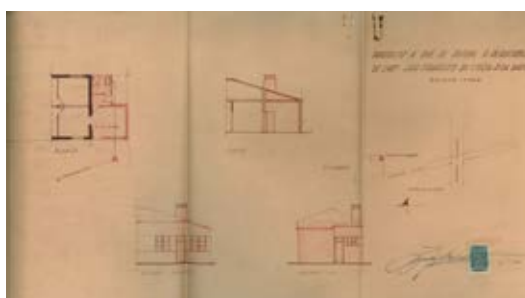
CASA LUÍS COSTA

1961

LOCAL: Rua da Agra Longa, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Ampliação Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Luís Francisco da Costa



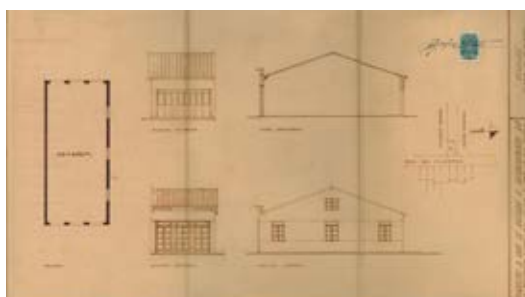
CASA JOAQUIM SILVA

1961

LOCAL: Rua da Alegria, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Ampliação Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Joaquim Alves da Silva



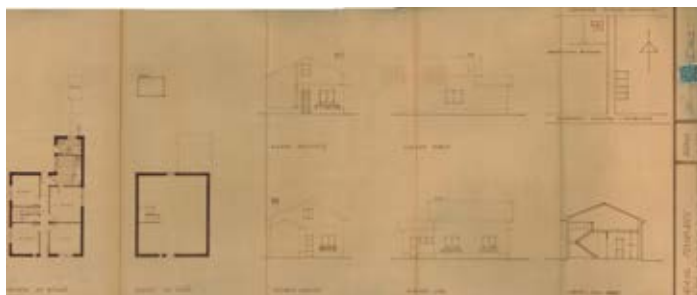
CASA RAUL TAVARES

1961

LOCAL: Rua da Cangosta Escura, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Raul Tavares



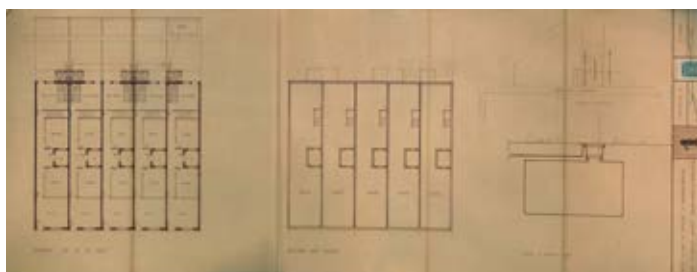
CASA VICENTE MARAFONA

1961

LOCAL: Rua da Alegria, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Conjunto de Habitações Unifamiliars em banda

CLIENTE: Vicente Gomes Marafona



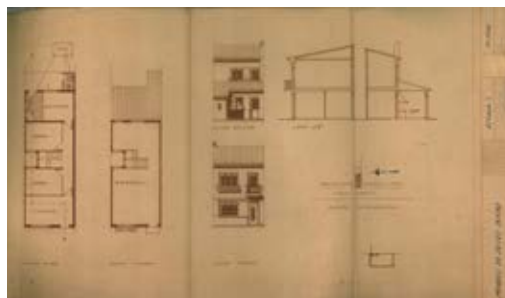
CASA MANUEL BICHO

1962

LOCAL: Avenida Infante D. Henrique (antiga Avenida Marginal), Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Manuel de Jesus Bicho



CASA JERÓNIMO BICHO

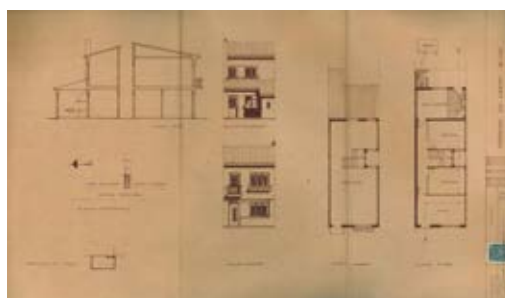
1962

LOCAL: Avenida Infante D. Henrique (antiga Avenida Marginal), Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Jerónimo do Carmo Bicho



CASA MANUEL TORRES

1962

LOCAL: Lugar de Portas Fronhas, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Manuel de Azevedo Torres



CASA JOAQUIM SILVA

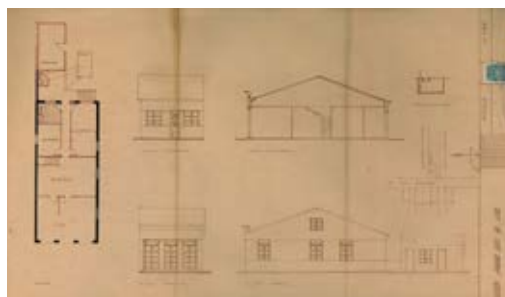
1962

LOCAL: Rua da Alegria, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Joaquim Alves da Silva



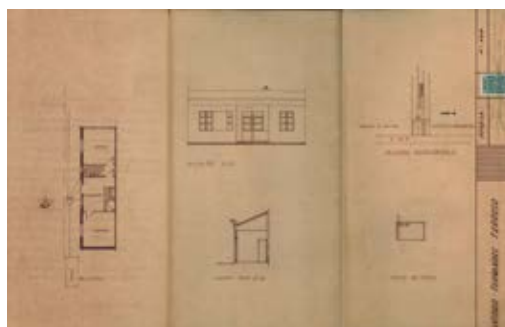
CASA ANTÓNIO TERROSO

1962

LOCAL: Rua dos Mareantes / António Ferreira Vila Cova, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Ampliação Habitação Unifamiliar

CLIENTE: António Fernandes Terroso



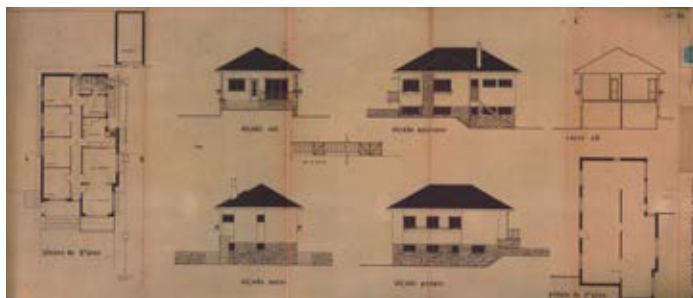
CASA FERNANDO RAMOS

1962

LOCAL: Avenida do Ferrol n°224 (antiga Avenida A Mundial), Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Fernando Manuel Soares Ramos



CASA BRIZIDA MOITA

1962

LOCAL: Rua C n°26, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Brizida Maria Marques Moita



CASA ARMINDO OU ALMEIDA POSTIGA

1962

LOCAL: Rua da Alegria n° 221, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Armindo Milhazes Postiga ou Almeida Milhazes Postiga



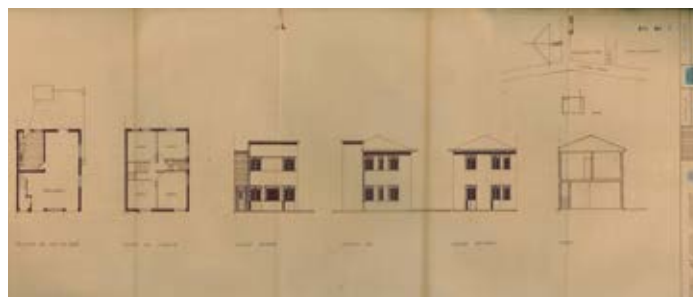
CASA MARIA SILVA E OUTROS

1962

LOCAL: Rua A, n°118, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Maria Arminda Pontes Costa Cardoso Silva e Outros



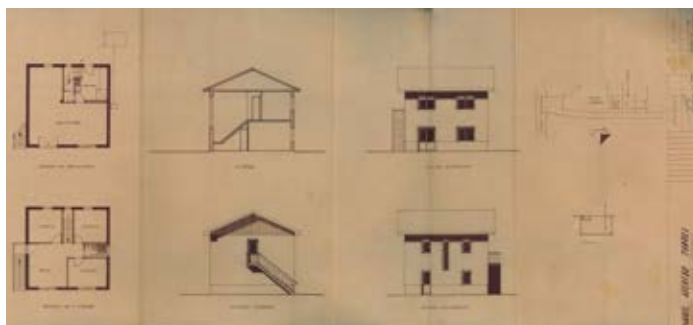
CASA MANUEL TORRES

1962

LOCAL: Lugar de Alto da Pega, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Manuel de Azevedo Torres



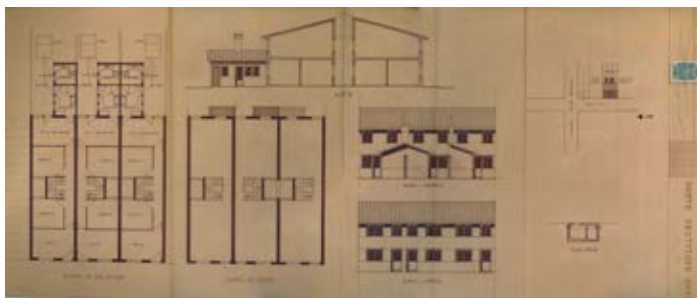
CASA JOSÉ RAMOS

1962

LOCAL: Rua 1, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: José Gonçalves Ramos



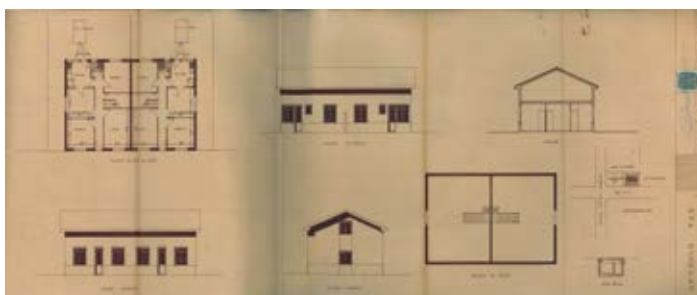
CASA ANTÓNIO VAZ

1962

LOCAL: Rua Mareantes (antiga Rua 5), Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: António Vaz



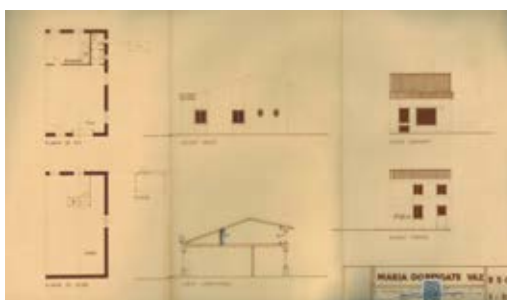
CASA MARIA VAZ

1962

LOCAL: Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Maria do Resgate Vaz



CASA ANTÓNIO VIANEZ

1962

LOCAL: Rua da Alegria, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

(Casa de Pescadores)

CLIENTE: António Vianez



CASA JOSÉ JESUS DE BRAGA

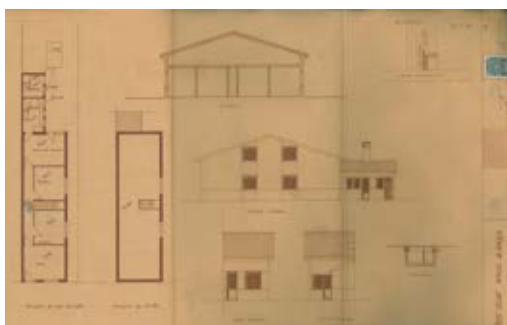
1962

LOCAL: Av. Cidade de Guimarães nº 147 (Rua das Escolas Novas), Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

(Casa de Pescadores)

CLIENTE: José Jesus de Braga



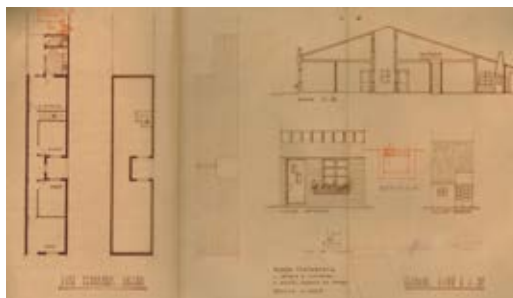
CASA LUÍS CASEIRA

1962

LOCAL: Rua da Alegria, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Luís Fernandes Caseira



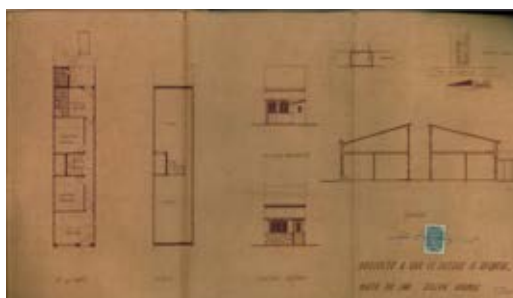
CASA ANTÓNIO GONÇALVES TORRES

1962

LOCAL: Rua 7, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: António Gonçalves Torres



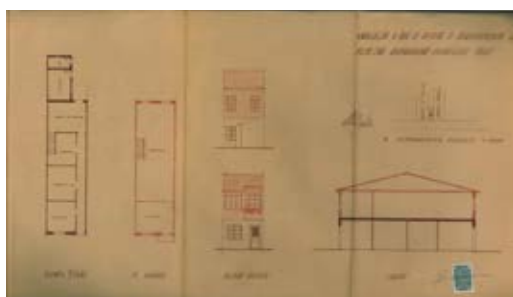
CASA BERNARDINO MAIO

1962

LOCAL: Rua da Alegria, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Bernardino Rodrigues Maio



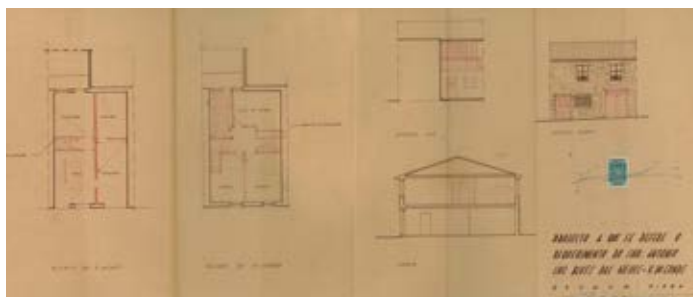
CASA ANTÓNIO NEVES

1962

LOCAL: Rua da Costa n.º29, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: António Luís Alves
das Neves



CASA DIAMANTINO FILIPE RAMOS

1962

LOCAL: Rua da Alegria, Caxinas,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Diamantino Filipe Ramos

CASA MANUEL ARAÚJO

1962

LOCAL: Lugar do Monte, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Manuel Pereira de Araújo



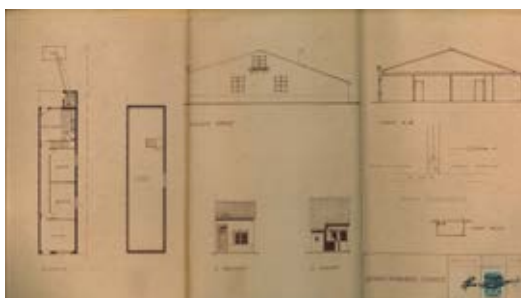
CASA ANTÓNIO TERROSO

1962

LOCAL: Rua dos Mareantes / António Ferreira
Vila Cova, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: António Fernandes Terroso



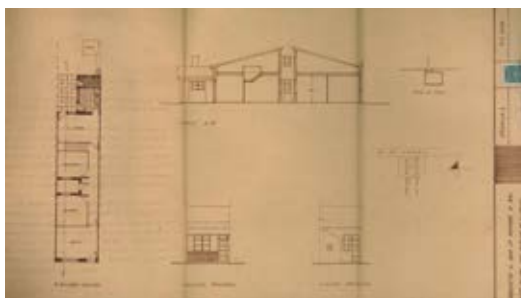
CASA JOSÉ ALMEIDA

1962

LOCAL: Rua da Alegria, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: José Ribeiro de Almeida



OBRA SELECCIONADA

BAIRRO OPERÁRIO QUINTAS E QUINTAS

1963

LOCAL: Avenida Comendador Francisco Quintas,
Póvoa do Varzim

TIPOLOGIA: Bairro Operário

CLIENTE: Quintas e Quintas

ESTADO: Construído



CASA JOSÉ FERREIRA

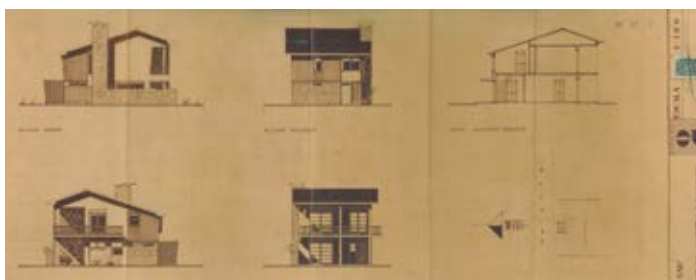
1963

LOCAL: Av. Coronel Aires Martins n°319,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: José Furtado Ferreira

ESTADO: Construído



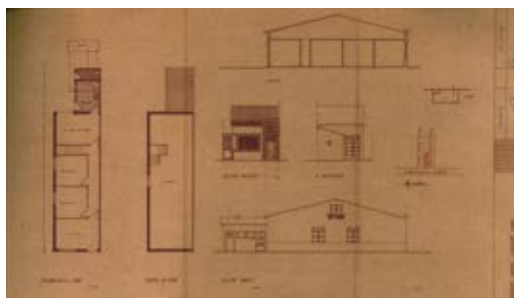
CASA MANUEL VIANA

1963

LOCAL: Avenida Cidade de Guimarães nº169,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Manuel Coentrão Viana



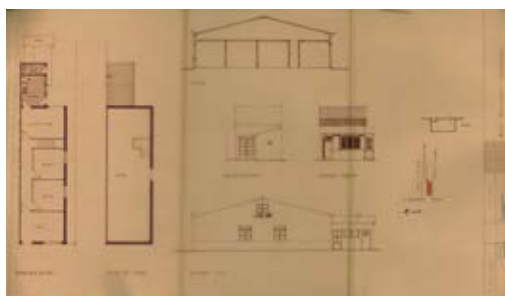
CASA JOSÉ MILHAZES

1963

LOCAL: Rua das Escolas Novas
(antiga Rua Baltazar do Couto), Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: José Macieira Milhazes



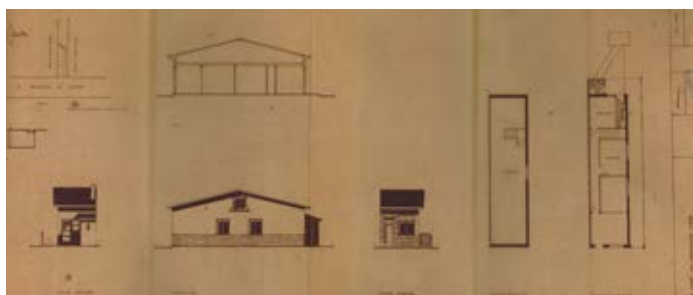
CASA MANUEL CRUZ

1963

LOCAL: Rua Baltazar Couto, Caxinas,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Manuel José da Conceição Cruz



CASA MARÍLIA CAMPOS

1963

LOCAL: Alto da Pêga, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Marília Ferreira Campos



CASA FRANCISCO LARANJEIRA

1963

LOCAL: Rua Barão do Rio Ave, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Francisco Gomes Laranjeira



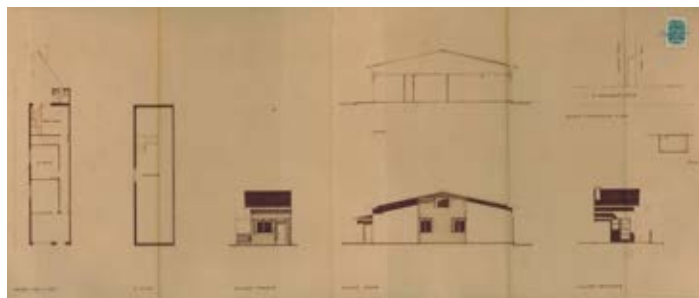
CASA JOÃO CASCÃO

1963

LOCAL: Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: João do Alívio Cascão



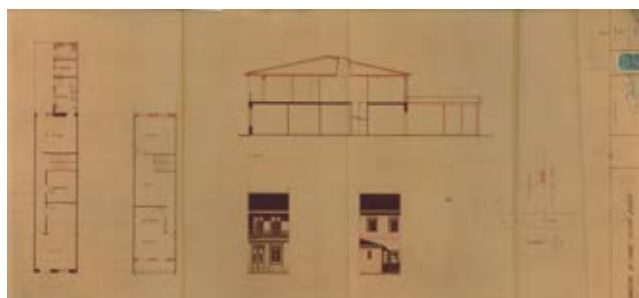
CASA FERNANDINO DUQUE

1963

LOCAL: Rua nº1 de Poça da Barca,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Ampliação Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Fernandino da Cunha Castro Duque



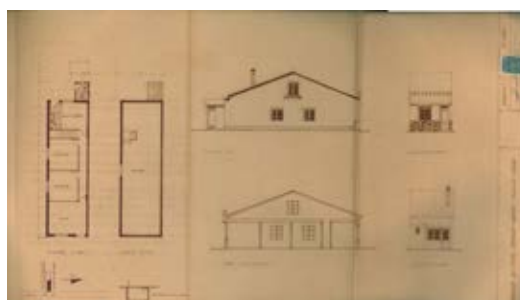
CASA FERNANDO SERRÃO

1963

LOCAL: Rua nº5, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Fernando da Costa Serrão



BLOCO MARIA ISABEL COUTO

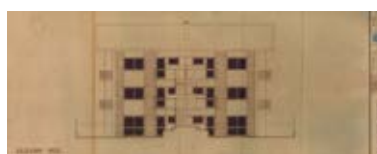
1964

LOCAL: Avenida do Ferrol, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Colectiva

CLIENTE: Maria Isabel da Silva Couto

ESTADO: Construído



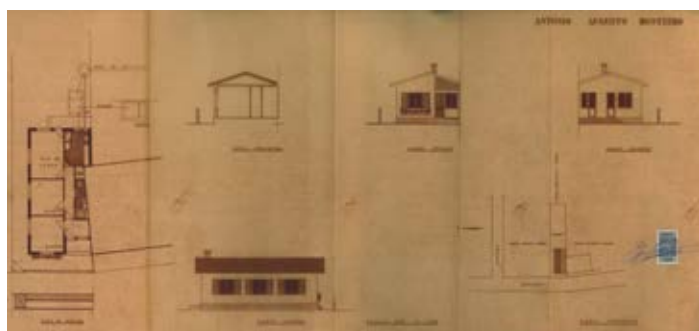
CASA ANTÓNIO MONTEIRO

1964

LOCAL: Lugar de Benguiados, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: António Augusto Monteiro



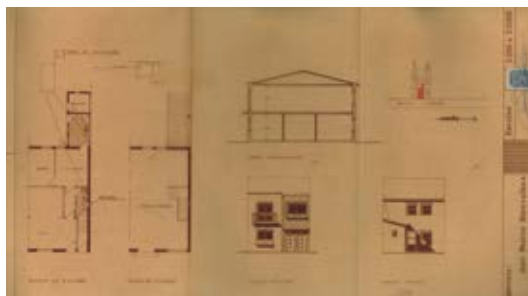
CASA JOSÉ MARAVALHAS

1964

LOCAL: Rua n.º1, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: José Pontes Maravalhas



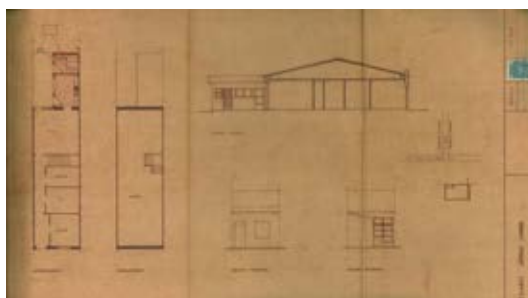
CASA ISABEL CUNHA

1964

LOCAL: Rua n.º1, Poça da Barca, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Ampliação Habitação Unifamiliar
(Casa de Pescadores)

CLIENTE: Isabel Braga da Cunha



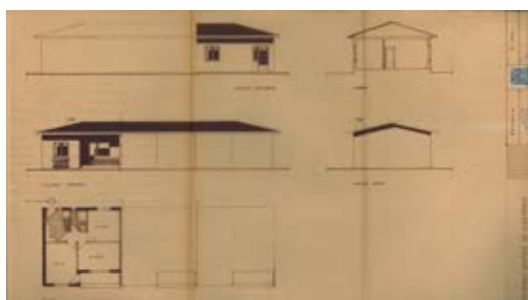
CASA VICTORINO AZEVEDO

1964

LOCAL: Santo Amaro, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Victorino Gomes de Azevedo



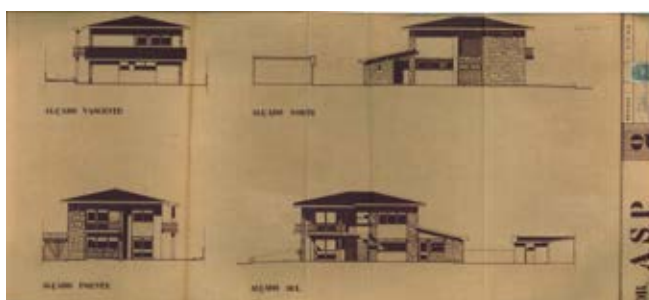
CASA ANTÓNIO PEREIRA

1964

LOCAL: Rua Baltazar Couto, Caxinas,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: António José de Sousa Pereira



CASA MANUEL PONTES

1964

LOCAL: Rua Patrão Caramelho n.º12,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Manuel da Agonia Nunes Pontes

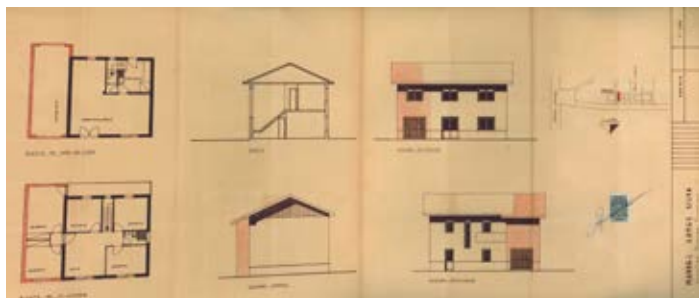
CASA MANUEL GOMES DA SILVA

1965

LOCAL: Lugar do Alto da Pêga, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Ampliação de Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Manuel gomes da Silva



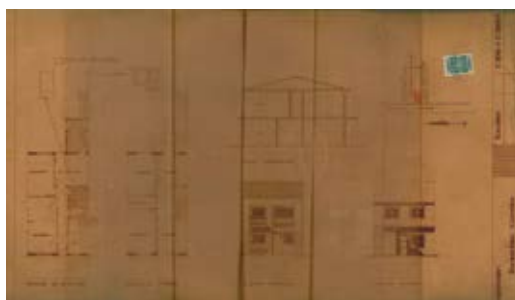
CASA BERNARDINO CRAVEIRO

1965

LOCAL: Rua nº1, Caxinas, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Bernardino Craveiro



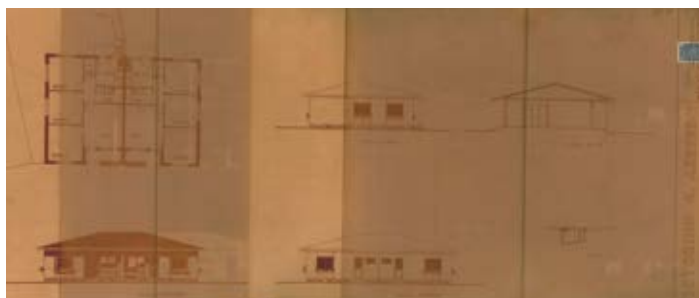
CASA VICTORINO ÂZEVEDO

1965

LOCAL: Rua de Santo Amaro, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Victorino Gomes de Azevedo



CASA MARIA IRENE SERRÃO

1965

LOCAL: Avenida Dr. Carlos Pinto Ferreira, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Maria Irene Serrão



CASA MANUEL REINA

1965

LOCAL: Rua 5 de Outubro, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Manuel Reina



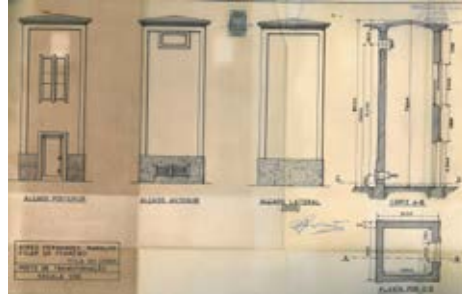
POSTO DE TRANSFORMAÇÃO

1965

LOCAL: EN13 (Km12.100) ,Vila do Conde

TIPOLOGIA: Serviços/Equipamento

CLIENTE: Aires Fernandes Ramalho



RESTAURANTE PRAIA AZUL

1966

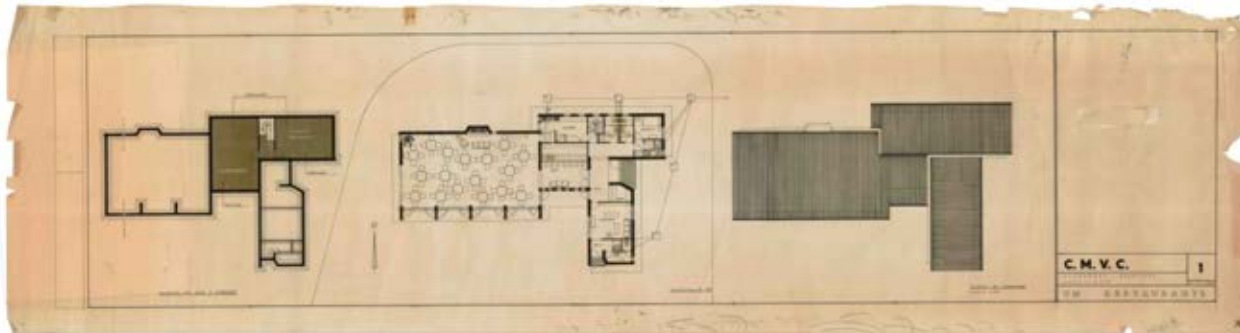
LOCAL: Avenida Brasil,Vila do Conde

TIPOLOGIA: Equipamento Balnear

CLIENTE: (Câmara Municipal de Vila do Conde)

CO-AUTOR: Arq. Alexandre Rodrigues (estagiário)

ESTADO: Não construído



CENTRO PAROQUIAL DE CAXINAS

1967

LOCAL: Av. Dr. Antó Bento Martins Jr.,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Equipamento Religioso

CLIENTE: Padre José Valentim Pereira Vilar

ESTADO: Construído



OBRA SELECIONADA

IGREJA DE RIO MAU

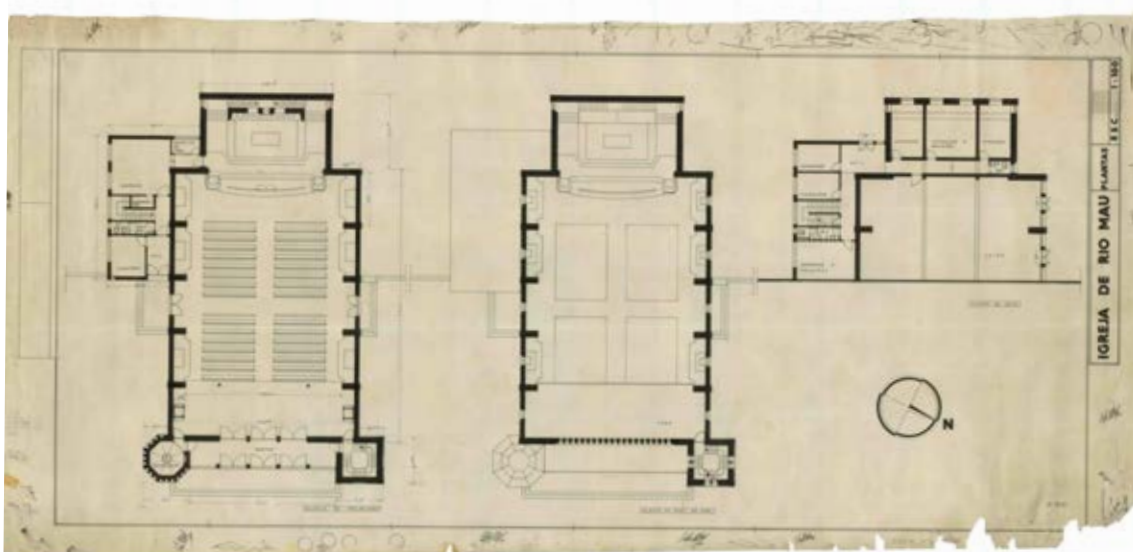
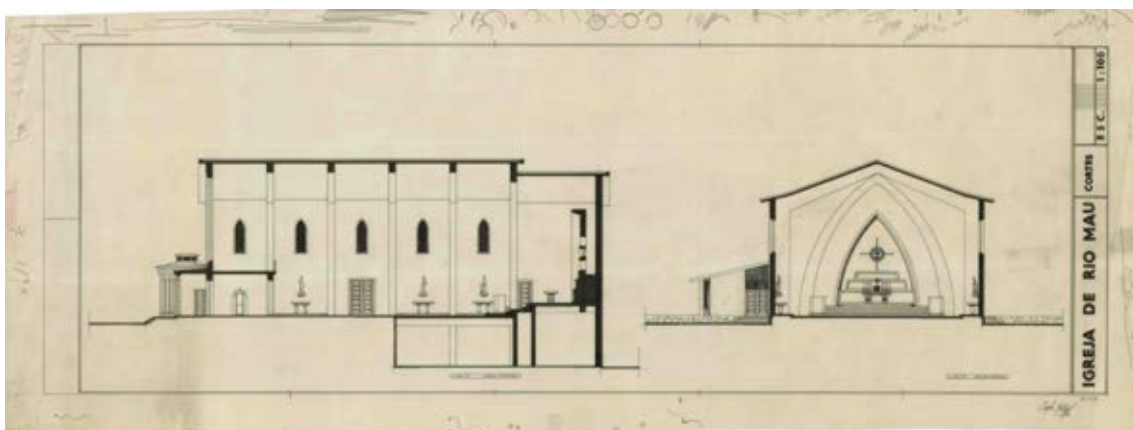
1967

LOCAL: Av. Dr. Antônio Bento Martins Júnior,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Equipamento Religioso

CLIENTE: Padre José Valentim Pereira Vilar,
presidente da Fábrica da Igreja Paroquial do
Senhor dos Navegantes das Caxinas

ESTADO: Construído



POSTO MÉDICO DE BRAGA

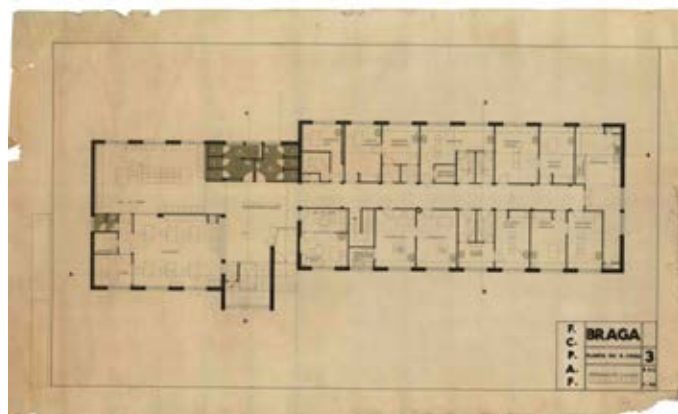
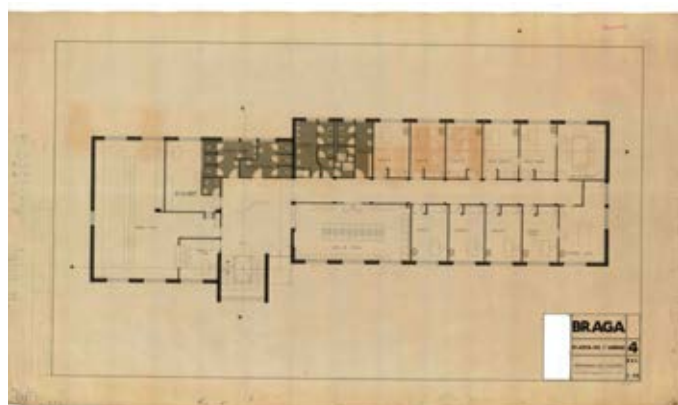
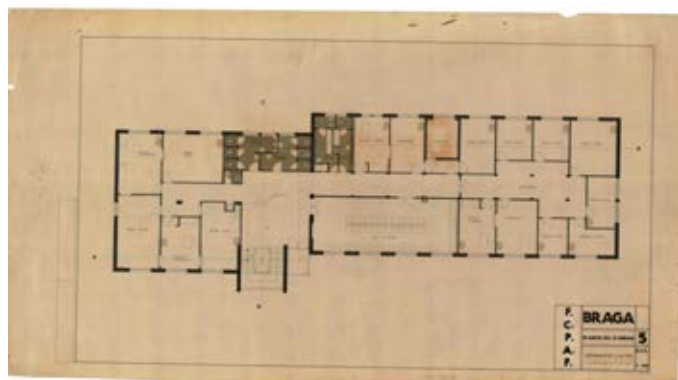
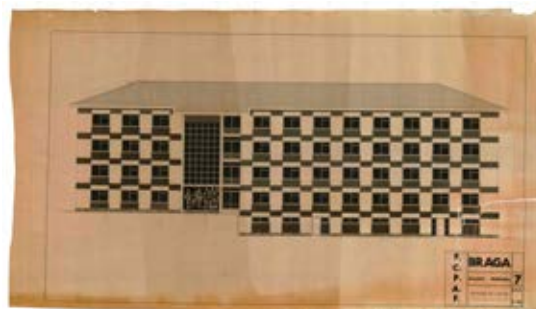
1968

LOCAL: Avenida 31 de Janeiro, Braga

TIPOLOGIA: Equipamento de Saúde

CLIENTE: Federação da Caixa de Previdência
do Abono de Família

ESTADO: Não construído



OBRA SELECIONADA

CASA ABÍLIO QUINTAS

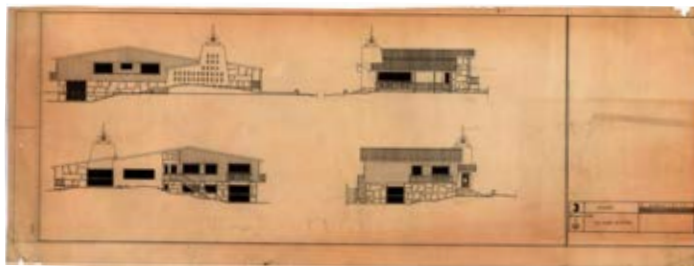
1969

LOCAL: Rua Quim Tenreiro, Póvoa do Varzim

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: António Alves Aguiar Quintas

ESTADO: Construído



EDIFÍCIO NESTOR PEREIRA RODRIGUES

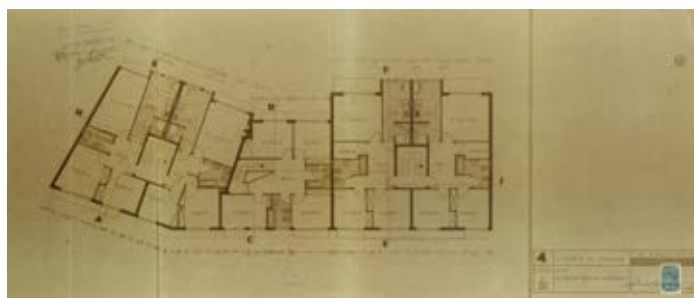
1970

LOCAL: Rua 9 de Abril, Porto

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Nestor Pereira Rodrigues

ESTADO: Construído



POSTO MÉDICO PÓVOA DE VARZIM

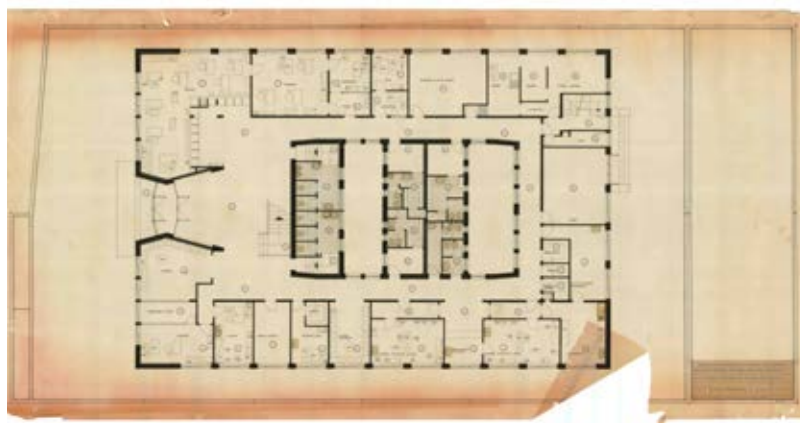
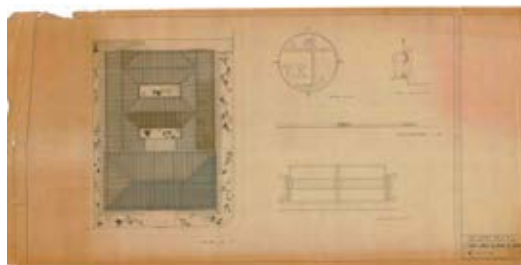
1971

LOCAL: Cruzamento Rua José Régio com Rua Dr. Alberto Pimentel, Póvoa do Varzim

TIPOLOGIA: Equipamento de Saúde

CLIENTE: Serviços Médico Sociais da Federação das Caixas de Previdência

ESTADO: Construído



**SEDE DA CAIXA SINDICAL DE
VIANA DO CASTELO**

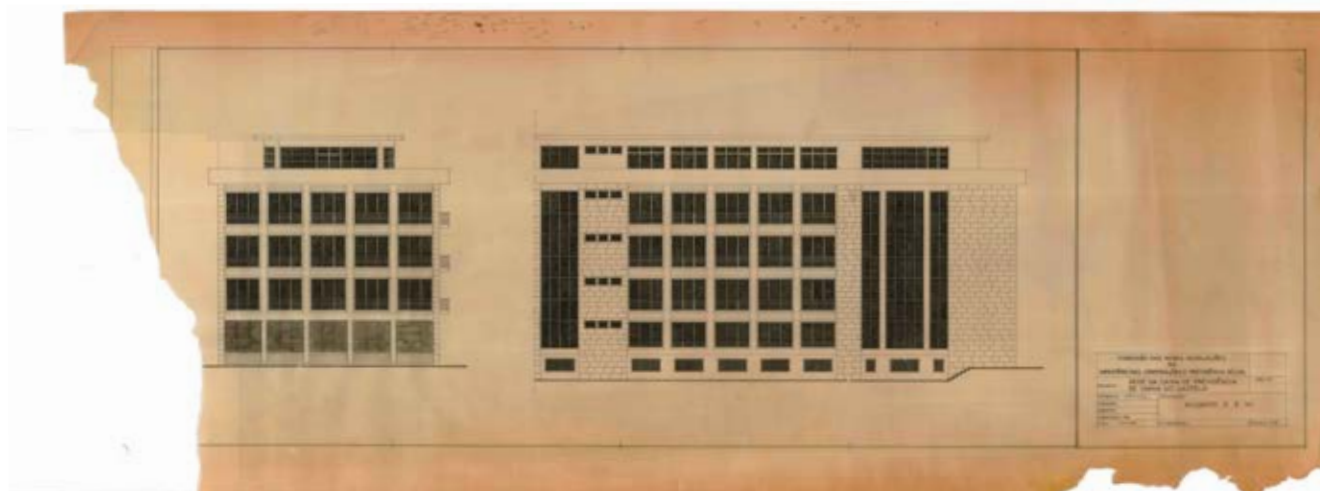
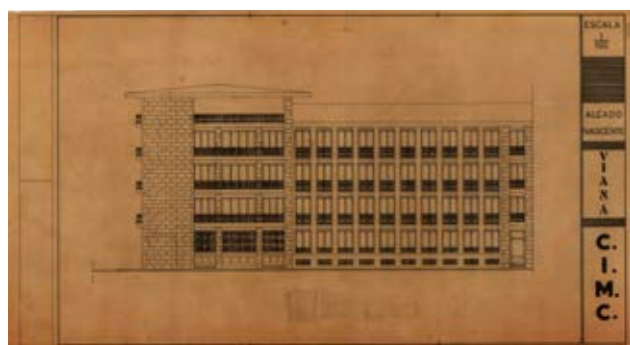
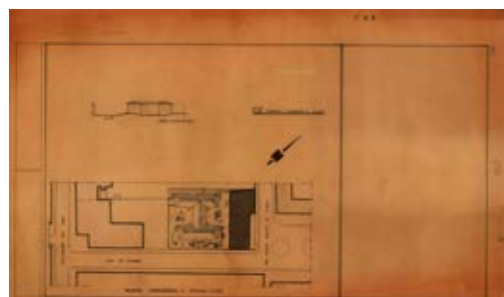
1971

LOCAL: Cruzamento da Rua de Santana com
Rua Major Xavier da Costa, Viana do Castelo

TIPOLOGIA: Equipamento de Saúde

CLIENTE: Caixa de Previdência

ESTADO: Não construído



**EDIFÍCIO HABITACIONAL COSTA
E BRANDÃO**

1971

TIPOLOGIA: Habitação Colectiva

CLIENTE: Maria Costa e Mariana Brandão

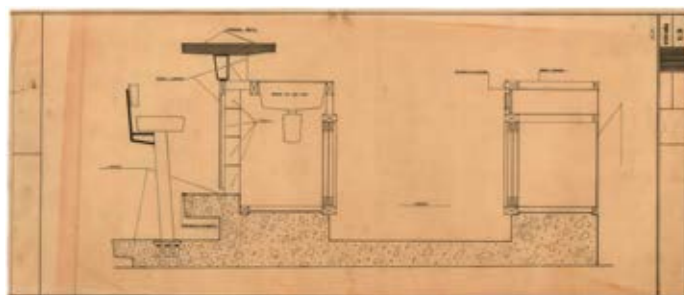


**BALCÃO DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA
DO PORTO**

1971

TIPOLOGIA: Remodelação Interior

CLIENTE: Caixa de Previdência



OBRA SELECIONADA

MAREZIA

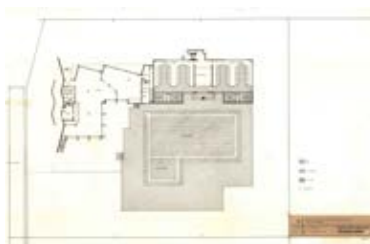
1972

LOCAL: Avenida dos Banhos, Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Equipamento Balnear

CLIENTE: Eunice Lima de Carvalho

ESTADO: Construído / Alterado



**CENTRO PAROQUIAL DE
VILA DO CONDE**

1972

LOCAL: Vila do Conde

TIPOLOGIA: Reabilitação de Edifício



CASA PÓVOA II

1972

LOCAL: Rua Casa dos Poveiros, Póvoa de Varzim

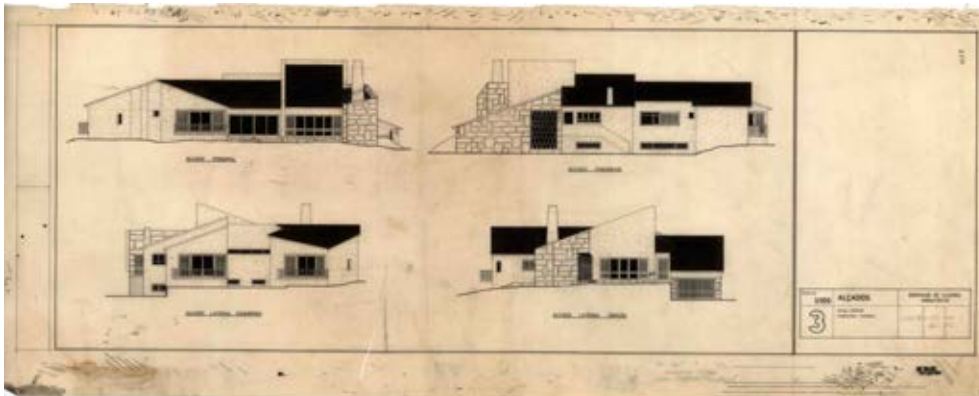
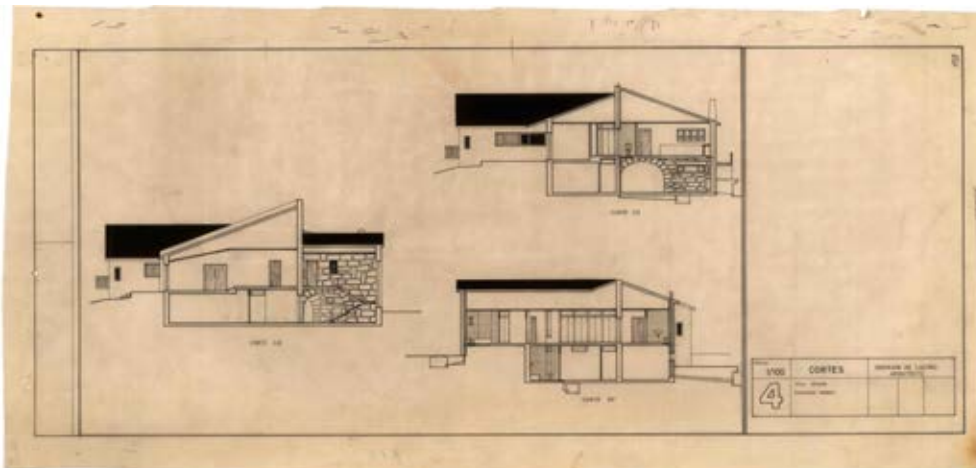
TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

ESTADO: Construído



CASA FERNANDO PEREIRA
1972

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
CLIENTE: Fernando Pereira
ESTADO: Construído



CASA RUI FARIA

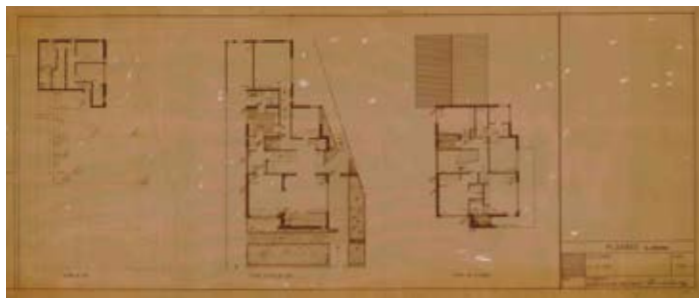
1973

LOCAL: Novos Arruamentos Escola Técnica),
Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Rui Avelino Faria

ESTADO: Construído



UNIÃO FRUTEIRA PORTUGUESA

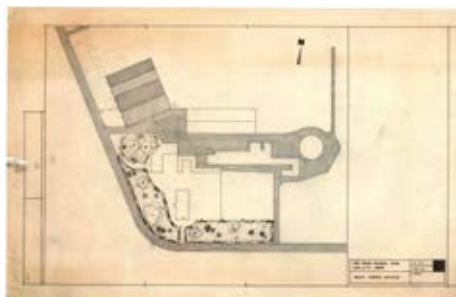
1974

LOCAL: Quinta do Rol, Miragaia, Lourinhã

TIPOLOGIA: Ampliação de Equipamento Industrial

CLIENTE: António Galvão de Melo

ESTADO: Construído

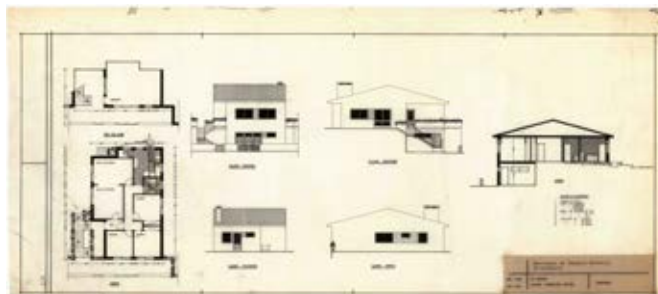


CASA MANUEL MENDES

1974

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Manuel Rodrigues Mendes



OBRA SELECIONADA

CASA JOSÉ ABEL NOGUEIRA

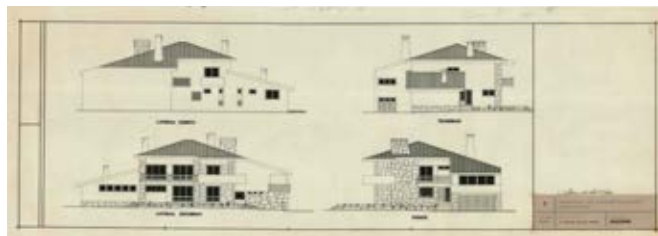
1977

LOCAL: Rua Dr. Josué Trocado, Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: José Abel Nogueira

ESTADO: Construído



**LOTEAMENTO MANUEL
MORAIS E IRMÃOS**

1978-83

LOCAL: Rua Santa Catarina, Avenida Baltazar
do Couto e Avenida Coutinho Lanhoso,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Loteamento e Habitações Unifamiliares

CLIENTE: Manuel Morais e Irmãos

ESTADO: Não construído



**CASA E CONSULTÓRIO DUARTE
BOMPASTOR**

1979

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar e Serviços

CLIENTE: Duarte Bompastor



CASA MANUEL PARALVAS

1979

LOCAL: Rua Santa Catarina, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Loteamento e Habitações
Unifamiliares

CLIENTE: Manuel Paralvas Vilas Boas

ESTADO: Construído



**REMODELAÇÃO CASA
FRANCISCO QUINTAS**

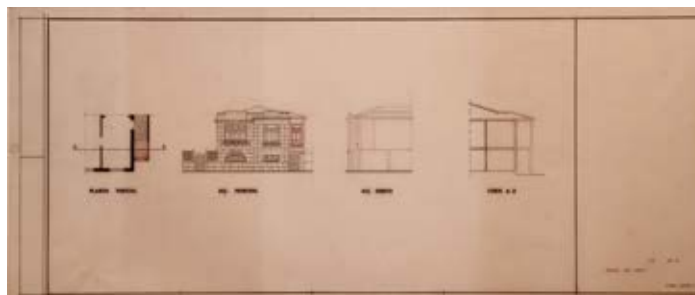
1979

LOCAL: Vila do Conde

TIPOLOGIA: Remodelação de Habitação

CLIENTE: Francisco Quintas

ESTADO: Construído



CASA MANUEL QUINTAS

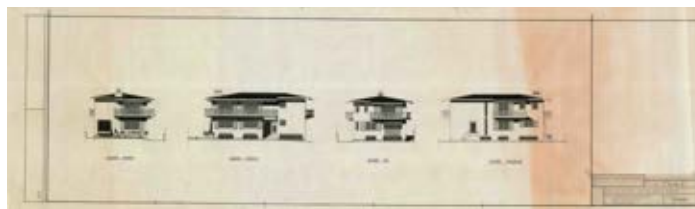
1979-86

LOCAL: Rua Quim Tenreiro, Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Remodelação de Habitação

CLIENTE: Manuel A. Alves Quintas

ESTADO: Construído



BLOCOS IRQUE

1979–00

LOCAL: Rua Padre António Campos,
Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Habitação Colectiva

CLIENTE: IRQUE, Sociedade Imobiliária S.A. de
Francisco Alves Quintas e Filhos

ESTADO: Construído



SUPERMERCADOS VILLARES

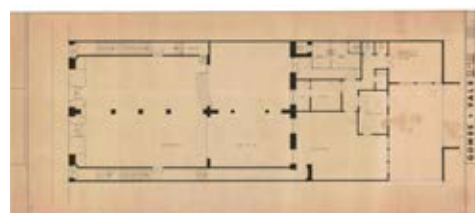
1980–86

LOCAL: Rua Mouzinho de Albuquerque, Porto

TIPOLOGIA: Remodelação de Comércio

CLIENTE: Gomes e Valle

ESTADO: Construído



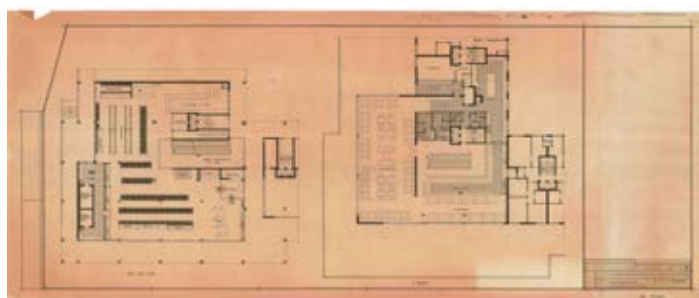
SUPERMERCADOS SUPERMINHO

1981

LOCAL: Braga

TIPOLOGIA: Remodelação de Comércio

CLIENTE: Superminho – Sociedade Exportadora
de Supermercados



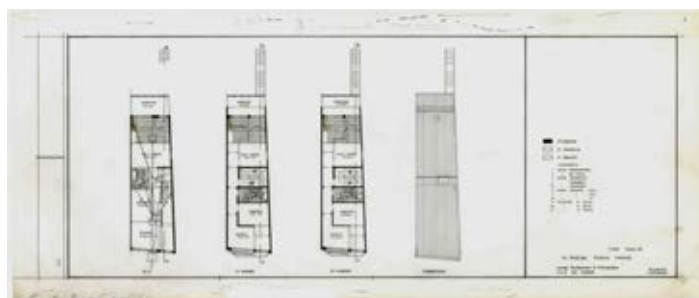
CASA RODRIGO ALMEIDA

1981

LOCAL: Largo Guilherme G. Fernandes,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Rodrigo Almeida



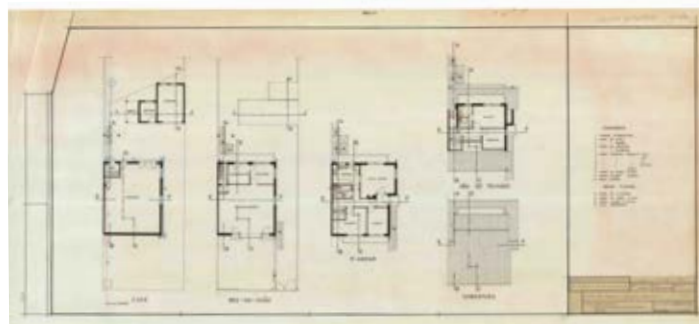
CASA MANUEL A. OLIVEIRA

1981

LOCAL: Urbanização do Lidador, Maia

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

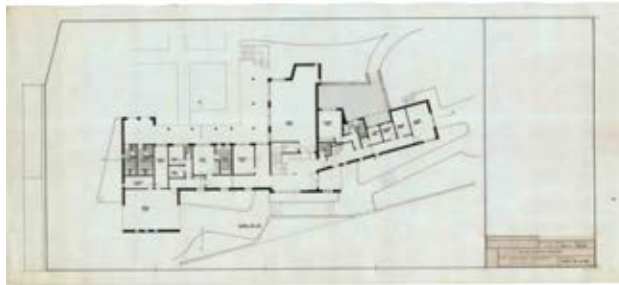
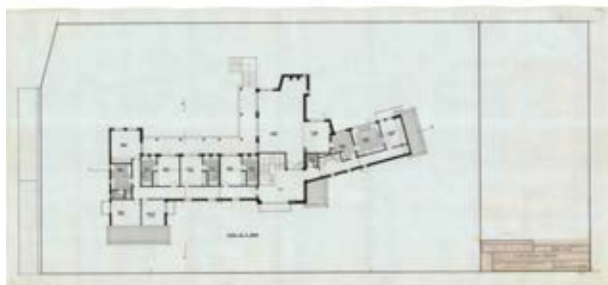
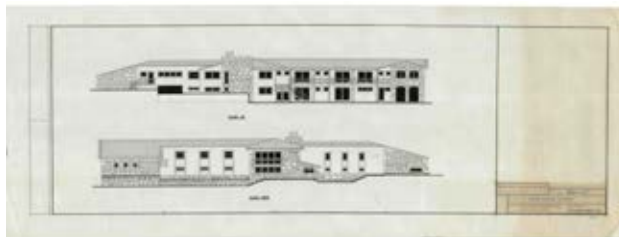
CLIENTE: Manuel António Oliveira



**CASA ALBERTO QUEIROGA
FIGUEIREDO**

1981

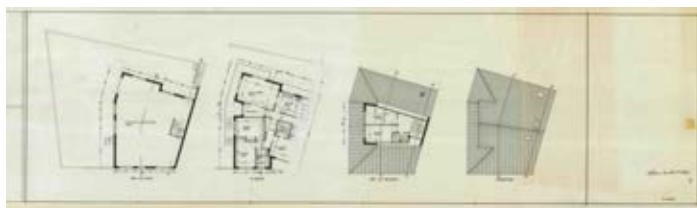
LOCAL: Apúlia, Esposende
TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
CLIENTE: Manuel António Oliveira
ESTADO: Construído



CASA FERNANDO COSTA

1981

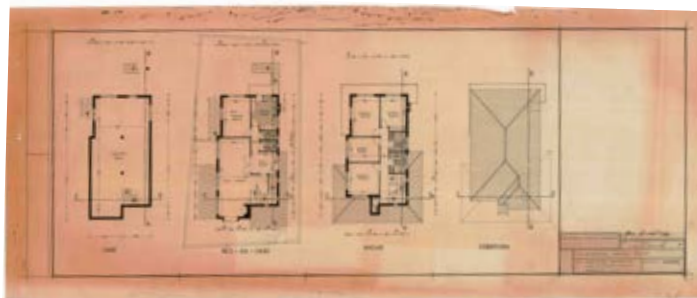
LOCAL: Rua Espírito Santo, Azurara,
Vila do Conde
TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
CLIENTE: Fernando Barbosa da Costa



CASA MANUEL ROCHA

1982

LOCAL: São Cosme, Gondomar
TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
CLIENTE: Manuel Rocha



CASA LAURINDO FERREIRA

1982

LOCAL: Rua Dr. Carlos Pinto Ferreira,
Vila do Conde
TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
CLIENTE: Laurindo dos Santos Ferreira



CASA MARIA GLÓRIA FERREIRA

1982

LOCAL: Casa Novas, Retorta, Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Maria Glória Ferreira



OBRA SELECIONADA

EDIFÍCIO RUA MARECHAL SALDANHA

1983

LOCAL: Rua Marechal Saldanha, Porto

TIPOLOGIA: Serviços / Habitação

CLIENTE: Vários, entre os quais

José Acciaiuoli Catalão

ESTADO: Construído



CASAS GRACIANO E

ÁLVARO QUINTAS

1983

LOCAL: Rua Oliveira Martins, Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Habitação Geminada

CLIENTE: Graciano Quintas e Álvaro Quintas

ESTADO: Construído



CASA JOSÉ GOMES DE SÁ

1984

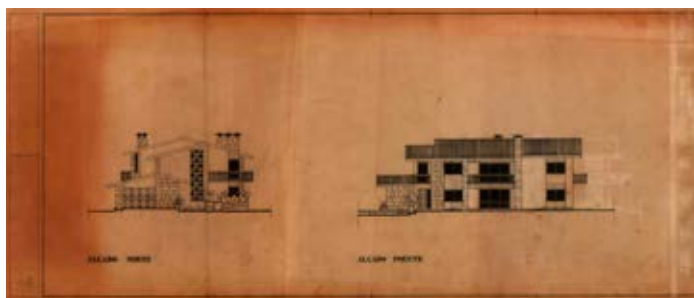
LOCAL: Avenida Santo Graça, Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Ampliação de Habitação

Unifamiliar

CLIENTE: José Eduardo Gomes de Sá

ESTADO: Construído



CASAS CARLOS GRAÇA

E ACÁCIO LOBO

1985

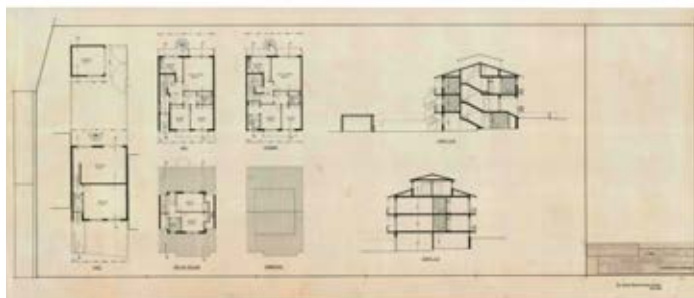
LOCAL: Rua dos Canastreiros, lote nº 3,

loteamento 70/82, Canidelo, Vila Nova de Gaia

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Carlos Graça e Acácio Lobo

ESTADO: Não construído



**HABITAÇÕES ANTÓNIO
GONÇALVES GOMES**

1985

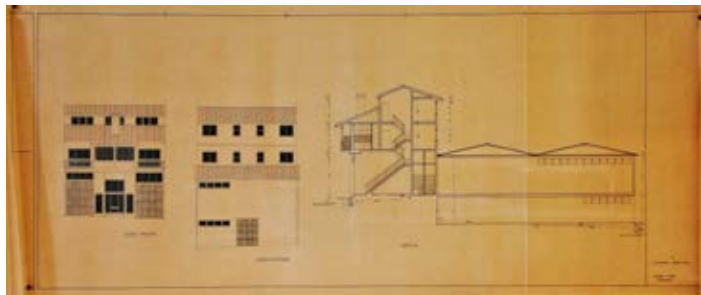
TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
CLIENTE: António Gonçalves Gomes



CASA ANTONIETA CUNHA

1985

LOCAL: EN202 (frente a igreja), Póvoa de Varzim
TIPOLOGIA: Habitação e Armazém
CLIENTE: Antonieta Campos Cunha



CASA FRANCISCO SILVA

1986

LOCAL: Quinta da Barreta, Barcelos
TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
CLIENTE: Francisco Silva



HABITAÇÕES CAMILO OLIVEIRA

1985

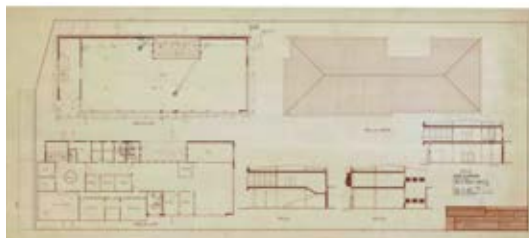
LOCAL: Lugar de Regufe
TIPOLOGIA: Habitação Colectiva
CLIENTE: Camilo Oliveira



IMPETUS

1987

LOCAL: Rua da Praia, Barqueiros
TIPOLOGIA: Equipamento Industrial
CLIENTE: Figueiredo e Mariz
ESTADO: Construído



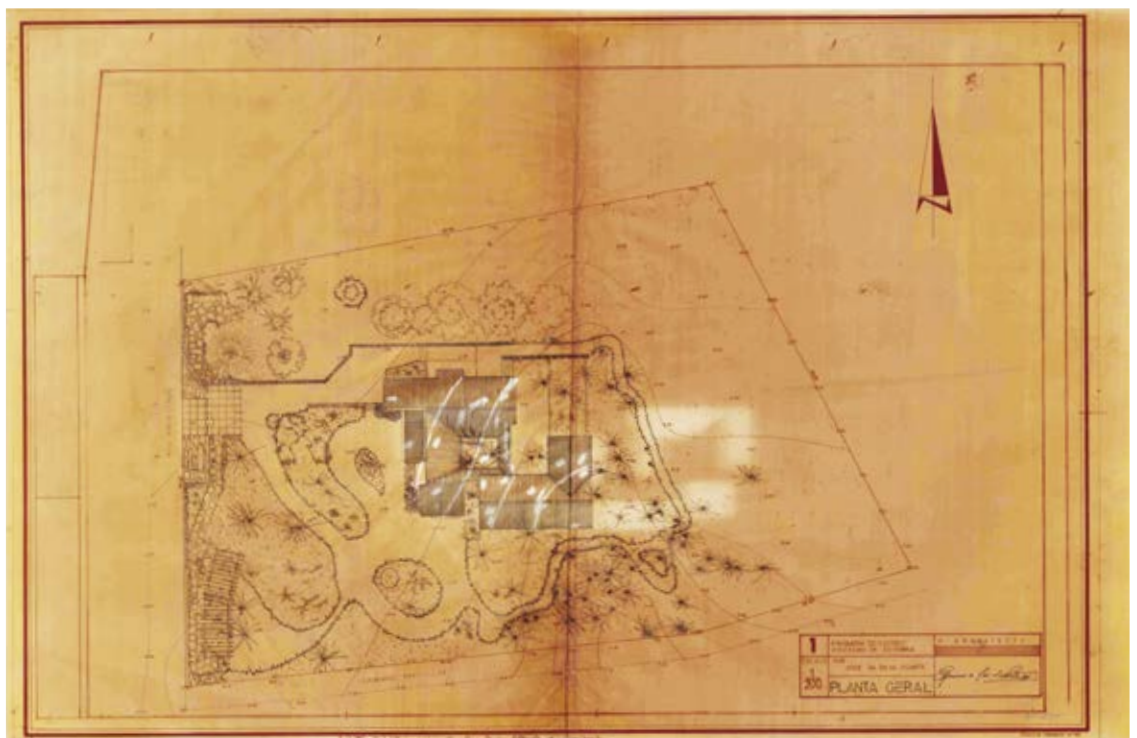
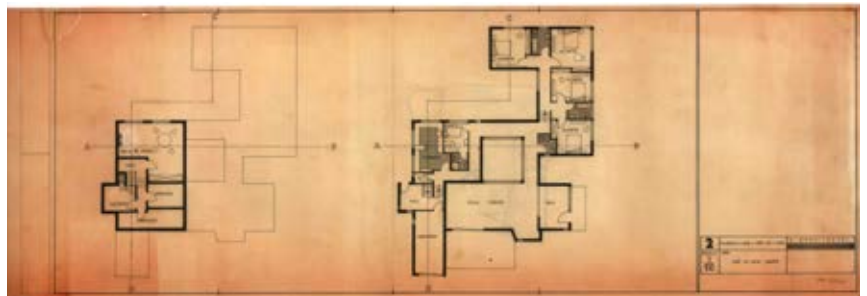
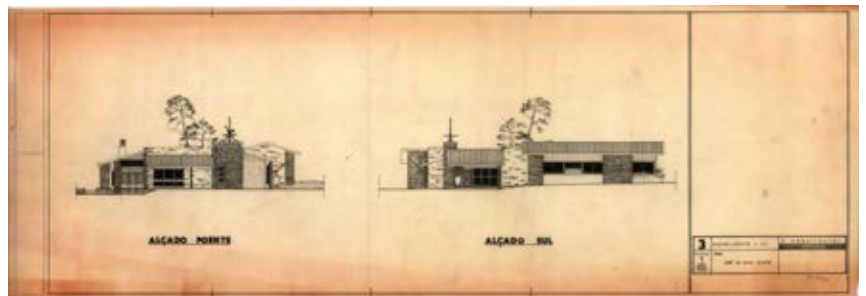
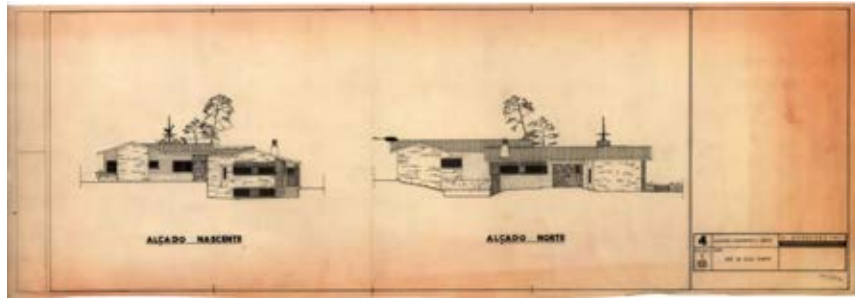
OBRA SELECIONADA

CASA JOSÉ DA SILVA DUARTE

LOCAL: Freguesia do Castelo, Concelho de Sesimbra

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: José da Silva Duarte



CABELEIREIRO

TIPOLOGIA: Remodelação de Comércio

ESTADO: Construído



CASA PÓVOA DE VARZIM

LOCAL: Rua Cidade do Porto, Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

ESTADO: Construído/ Alterado (actualmente funciona como infantário)



CLUBE DESPORTIVO DA PÓVOA

TIPOLOGIA: Estudo para Equipamento Desportivo

ESTADO: Não construído



FÁBRICA DA PÓVOA

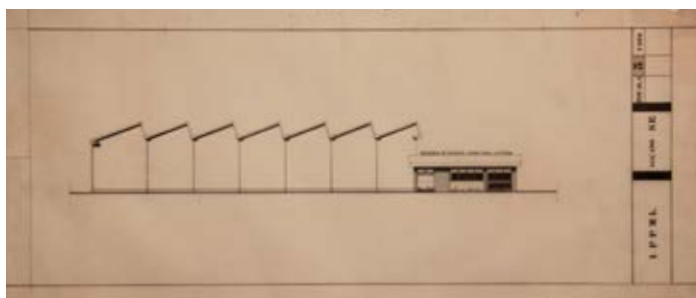
TIPOLOGIA: Equipamento Industrial

ESTADO: Construído



PÓVOA MAR

TIPOLOGIA: Equipamento Industrial



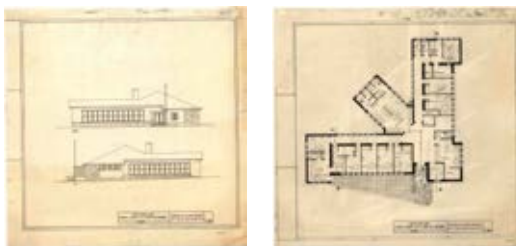
POSTO MÉDICO SÃO JOÃO DA MADEIRA

LOCAL: São João da Madeira

TIPOLOGIA: Remodelação/Ampliação
de Equipamento de Saúde

CLIENTE: Encomenda: Federação da Caixa
de Previdência do Abono de Família

ESTADO: Não construído



CASA MANUEL BRAGANÇA

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Manuel Bragança



CASA MANUEL LINHARES

LOCAL: Rua Almirante Reis n°603,
Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Manuel Linhares

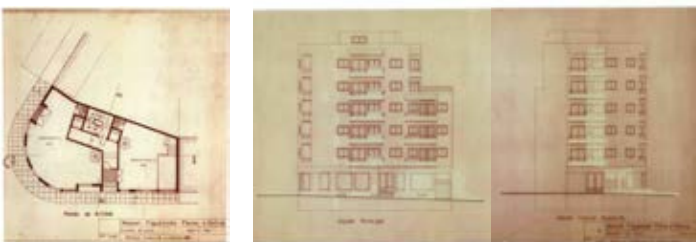
ESTADO: Construído



EDIFÍCIO MANUEL FIGUEIREDO FLORES

LOCAL: Paranho da Areia, A-Ver-O-Mar

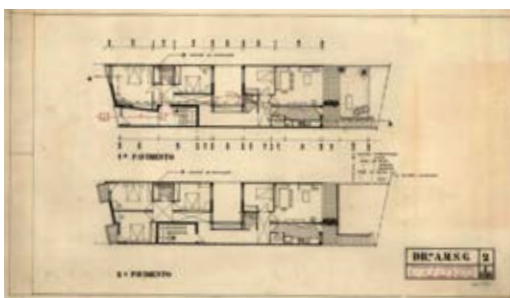
TIPOLOGIA: Habitação e Comércio



CASA A.M.S.G.

LOCAL: Rua António Graça, Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar



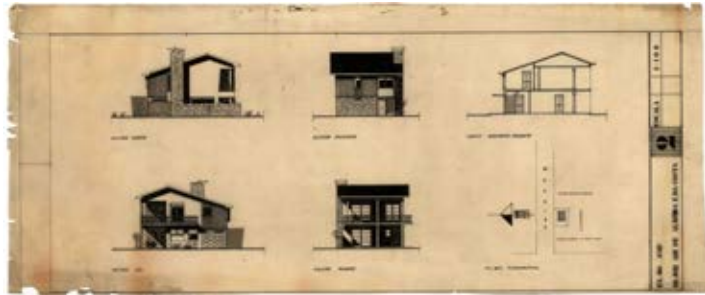
CASA APARÍCIO QUINTAS

LOCAL: Póvoa de Varzim
TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
CLIENTE: Aparício Quintas



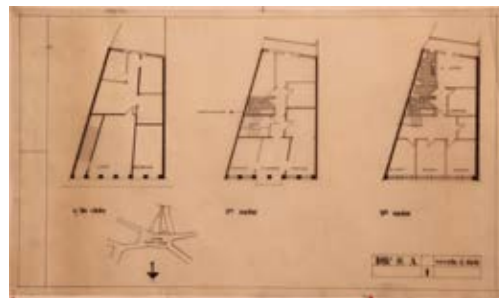
CASA ARY ALMEIDA COSTA

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
CLIENTE: Ary Almeida da Costa



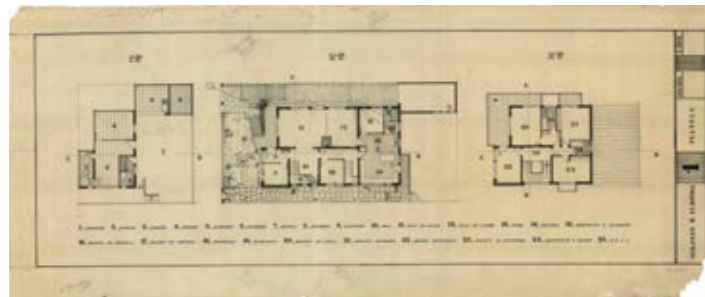
CASA DR. S.A.

LOCAL: Largo Doutor David Alves,
Póvoa de Varzim
TIPOLOGIA: Habitação e Serviços



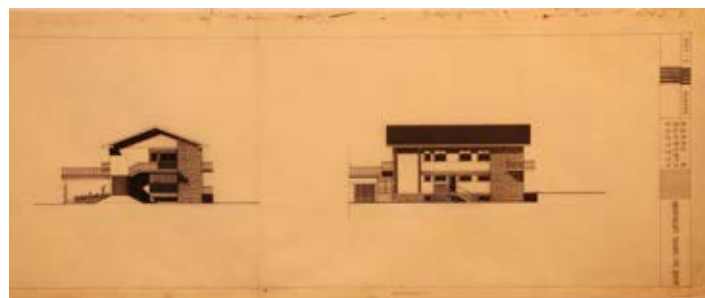
CASA JOÃO DE ALMEIDA

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
CLIENTE: João de Almeida



CASA JOSÉ COSTA LINHARES

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar
CLIENTE: José Costa Linhares



JAZIGOS

TIPOLOGIA: Equipamento Religioso

ESTADO: Construído



GARAGEM DE LINHARES

LOCAL: Praça do Almada, Póvoa de Varzim

TIPOLOGIA: Serviços e Escritórios

CLIENTE: Manuel Linhares

ESTADO: Construído



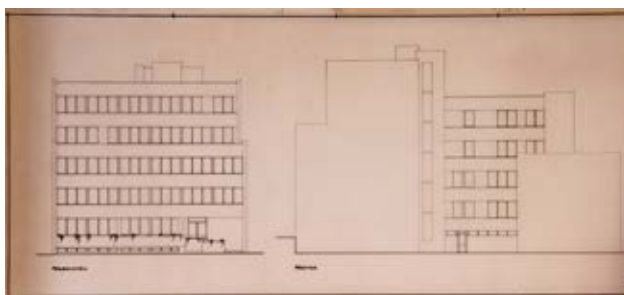
POSTO CLÍNICO DE MATOSINHOS

LOCAL: Matosinhos

TIPOLOGIA: Equipamento de Saúde

CLIENTE: Caixa de Previdência e Abono de Família Serviços Médico- Sociais do Distrito do Porto

ESTADO: Não Construído

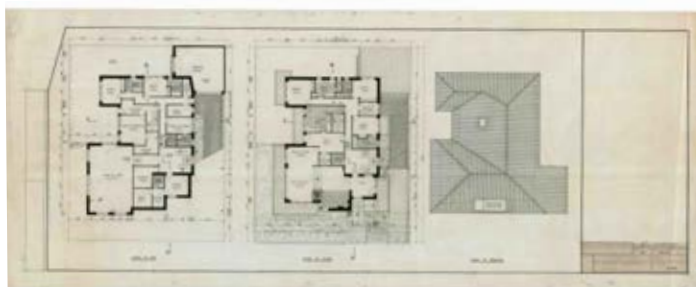


CASA CÂNDIDO A. MIRANDA

LOCAL: Loteamento da Quinta da Barreta, Lotes 28 e 29, Barcelos

TIPOLOGIA: Habitações Unifamiliares

CLIENTE: Cândido Augusto Capela de Miranda

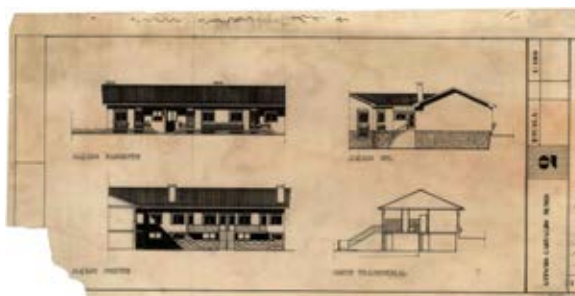


CASA ANTÓNIO CARVALHO NUNES

LOCAL: Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: António Carvalho Nunes



CASA ARLINDO F. DE SOUSA

LOCAL: Vila do Conde

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar

CLIENTE: Arlindo F. Sousa



ARRANJO PRAIA VILA DO CONDE

LOCAL: Vila do Conde

TIPOLOGIA: Espaço Público

ESTADO: Construído/ Demolido



CASA MARQUES DE SÁ

TIPOLOGIA: Habitação Unifamiliar



LOJA DE FOTOGRAFIA CARLOS ADRIANO

LOCAL: Rua da Misericórdia n.º79,
Vila do Conde

TIPOLOGIA: Remodelação de Comércio

CLIENTE: Carlos Adriano

ESTADO: Construído



CRÉDITOS DE IMAGENS

Catálogo

CENTRO DE MEMÓRIA DE VILA DO CONDE

- Casa de Chá Bom Doce, 1938 (desenhos técnicos)
- Posto de Turismo, 1940 (desenhos técnicos e fotografia de época)
- Casa Lino Alves Oliveira, 1946
- Casa Manuel António Santos, 1947
- Confeitaria Pinto, 1947
- Casa Moreira Guimarães, 1947
- Casa Manuel Gonçalves de Azevedo, 1947
- Casa Esmeralda de São José da Silva, 1947
- Casa Porfírio Francisco Nunes, 1947
- Armazém Sociedade Belamar, 1947
- Fábrica de Chocolates Imperial Lda, 1947
- Casa Azevedo Maia, 1947
- Casa Silva e Moreira, 1949
- Casa José Luiz Cardoso, 1949
- Casa José de Sousa Ramos, 1949
- Casa António Oliveira, 1949
- Casa Artur Lopes, 1950
- Casa José Oliveira, 1950
- Posto Abastecedor de Combustível, 1950
- Colónia Balnear, 1951
- Casa Bento Pinheiro, 1951
- Escadas da Praça São João, 1952
- Casa António Costa, 1952
- Casas Felismina Bastos e Aníbal Bastos, 1953
- Casa Álvaro Bouça, 1955
- Casas Serafim Ramos, 1953
- Casa João Terroso, 1954
- Casa Balbina Jesus, 1954
- Casa Artur Costa, 1954
- Casa Brazelina Silva, 1954
- Casa Mateus Milhazes, 1955
- Casa Dário Valongueiro, 1955
- Casa António Va z, 1957
- Casa José Moreira Maciel, 1957
- Casa Angelina Lopes, 1958
- Casa Adelina Saraiva, 1958
- Casa Maria Machado, 1958
- Casa Francisco Ferreira, 1958
- Casa Mário André, 1958
- Casa Joaquim Oliveira, 1959
- Padaria Beiramar, 1959
- Casa Manuel Vinhas de Oliveira, 1959
- Casa António e Sebastião Frasco, 1959
- Casa Maria Gonçalves, 1959
- Casa Carlos Ribeiro, 1959
- Casa Manuel Fontainhas, 1960
- Casa Albina Silva, 1960
- Casa Edmundo Carneiro, 1960
- Casa Olívia Carvalho, 1961
- Póvoa Exportadora Lda., 1961
- Casa Zacarias da Pereira, 1961
- Casa António Moreira, 1961
- Casa Fernando Sousa, 1961
- Casa Firma Silva, 1961
- Casa Reinaldo Silva, 1961
- Casa Claudino Viana, 1961
- Casa António Torres, 1961
- Casa José Neves, 1961
- Casa Albano Ramos, 1961
- Casa Luís Costa, 1961
- Casa Joaquim Silva, 1961
- Casa Raul Tavares, 1961
- Casa Vicente Marafona, 1961
- Casa Manuel Bicho, 1962
- Casa Jerónimo Bicho, 1962
- Casa Manuel Torres, 1962
- Casa Joaquim Silva, 1962
- Casa António Terroso, 1962
- Casa Fernando Ramos, 1962
- Casa Brizida Moita, 1962
- Casa Armindo ou Almeida Postiga, 1962
- Casa Maria Silva e Outros, 1962
- Casa Manuel Torres, 1962
- Casa José Ramos, 1962
- Casa António Va z, 1962
- Casa Maria Va z, 1962
- Casa António Vianez, 1962
- Casa José Jesus de Braga, 1962
- Casa Luís Caseira, 1962
- Casa António Gonçalves Torres, 1962
- Casa Bernardino Maio, 1962
- Casa António Neves, 1962
- Casa Manuel Araújo, 1962
- Casa António Terroso, 1962
- Casa José Almeida, 1962
- Casa José Ferreira, 1963
- Casa Manuel Viana, 1963
- Casa José Milhazes, 1963
- Casa Manuel Cruz, 1963
- Casa Marília Campos, 1963
- Casa Francisco Laranjeira, 1963
- Casa João Cascão, 1963
- Casa Fernandino Duque, 1963
- Casa Fernando Serrão, 1963
- Bloco Maria Isabel Couto, 1964
- Casa António Monteiro, 1964
- Casa José Maravalhas, 1964
- Casa Isabel Cunha, 1964
- Casa Victorino Azevedo, 1964
- Casa António Pereira, 1964
- Casa Manuel Gomes da Silva, 1965
- Casa Bernardino Craveiro, 1965
- Casa Victorino Azevedo, 1965
- Casa Maria Irene Serrão, 1965
- Casa Manuel Reina, 1965
- Posto de Transformação, 1965
- Casa Manuel Paralvas, 1979

ARQUIVO HISTÓRICO DA PÓVOA DE VARZIM

- Estádio Varzim Sport Club, 1953 (desenhos técnicos)

ARQUIVO MUNICIPAL SOPHIA DE MELLO BREYNER, VILA NOVA DE GAIA

- Casa José Rocha Silva, 1957
- Bloco Soares dos Reis, 1958

ARQUIVO GERAL DO PORTO

- Pensão Pão de Açúcar, 1946
- Sede da Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria
- Têxtil do Porto, 1950 (desenhos técnicos)
- Casa Rua Pedro Hispano I, 1950
- Casa Rua Pedro Hispano II, 1950
- Edifício Nestor Pereira Rodrigues, 1970

ARQUIVO HISTÓRICO DO PORTO

- Blocos Nova Sintra, 1950

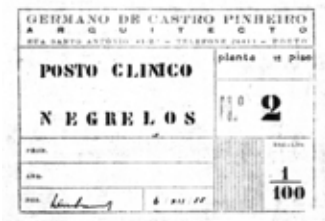
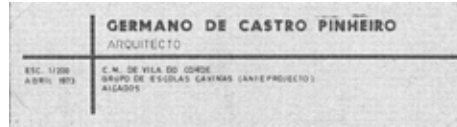
ARQUIVO PESSOAL (FAMILIAR E PROFISSIONAL)

- Casa de Chá Bom Doce, 1938 (fotografias, recortes de jornal e livro de inaugurações)
- Bairro Caixa Têxtil, 1951
- Posto Médico de Santo Tirso, 1955
- Posto Médico de Negrelos, 1955
- Casa Germano de Castro Pinheiro, 1955
- Arranjo do Adro da Igreja de Balasar, 1957
- Posto Clínico de Vizela, 1960
- Casa do Castanhal, 1960
- Posto Clínico de Beja, 1961
- Casa A.A.A. Quinta s, 1961
- Bairro Operário Quinta s e Quinta s, 1963
- Centro Paroquial de Caxinas, 1967
- Igreja de Rio Mau, 1967
- Posto Médico de Braga, 1968
- Casa Abílio Quintas, 1969
- Posto Médico Póvoa de Varzim, 1971
- Sede da Caixa Sindical de Viana do Castelo, 1971
- Edifício Habitacional Costa e Brandão, 1971
- Balcão da Caixa de Previdência do Porto, 1971
- Maresia, 1972
- Centro Paroquial de Vila do Conde, 1972
- Casa Póvoa II, 1972
- Casa Fernando Pereira, 1972
- Casa Rui Faria, 1973
- União Fruteira Portuguesa, 1974
- Casa Manuel Mendes, 1974
- Casa José Abel Nogueira, 1977
- Loteamento Manuel Morais e Irmãos, 1978–83
- Casa e Consultório Duarte Bompastor, 1979
- Remodelação Casa Francisco Quinta s, 1979

- Casa Manuel Quinta s, 1979–86
- Blocos Irque, 1979–00
- Supermercados Villares, 1980–86
- Supermercados Superminho, 1981
- Casa Rodrigo Almeida, 1981
- Casa Manuel A. Oliveira, 1981
- Casa Alberto Queiroga Figueiredo, 1981
- Casa Fernando Costa, 1981
- Casa Manuel Rocha, 1982
- Casa Laurindo Ferreira, 1982
- Casa Maria Glória Ferreira, 1982
- Edifício Rua Marechal Saldanha, 1983
- Casas Graciano e Álvaro Quinta s, 1983
- Casa José Gomes de Sá, 1984
- Casas Carlos Graça e Acácio Lobo, 1985
- Habitações António Gonçalves Gomes, 1985
- Casa Antonieta Cunha, 1985
- Casa Francisco Silva, 1986
- Habitações Camilo Oliveira, 1985
- IMPETUS, 1987
- Casa José da Silva Duarte
- Cabeleireiro
- Casa Póvoa de Varzim
- Clube Desportivo da Póvoa
- Fábrica da Póvoa
- Póvoa Mar
- Posto Médico São João da Madeira
- Casa Manuel Bragança
- Casa Manuel Linhares
- Edifício Manuel Figueiredo Flores
- Casa A.M.S.G.
- Casa Aparício Quintas
- Casa Ary Almeida Costa
- Casa Dr. S.A.
- Casa João de Almeida
- Casa José Costa Linhares
- Jazigos
- Garagem de Linhares
- Posto Clínico de Matosinhos
- Casa Cândido A. Miranda
- Casa António Carvalho Nunes
- Casa Arlindo F. de Sousa
- Arranjo Praia Vila do Conde
- Casa Marques de Sá
- Loja de Fotografia Carlos Adriano
- Fábrica de Confecções

OUTROS

Estádio Varzim Sport Club, 1953 – fotografia de época, retirada de anossapovoablogspot.pt, publicação de segunda-feira dia 31 de Dezembro 2012, fotografia de época com a Monumental Praça de Touros ao centro e o Estádio junto ao mar.



ANEXOS



ENTREVISTAS

Excertos de entrevista realizar ao arquitecto Nuno Portas enquanto Director da Revista Arquitectura em 1958

Germano de Castro Pinheiro, Fevereiro 2015

Germano de Castro Pinheiro (GCP):

A ideia era fazer uma pequena monografia sobre a obra. Há pouco espólio.

Nuno Portas (NP): Há pouco espólio há.

Eu não cheguei a conhecê-lo. Foi o Arnaldo [Araújo] quem mo apresentou. O Arnaldo estava muito polémico, como esteve sempre, e quando eu lá fui para vermos quais eram os projectos do Porto que devíamos publicar, porque eu era o responsável na revista do Porto, ainda era estudante naquela altura, com o Carlos Duarte etc., mostrou-me este projecto. Mas este foi logo dos primeiros números da revista. Mas eu não tenho a revista cá, desapareceu.

GCP: Ela existe na biblioteca.

NP: Há-de haver com certeza. Porque eu mandei para Guimarães os meus livros todos, cinco ou seis mil, esta tudo lá na biblioteca porque eles não tinham livros. Enfim, devo muito a Guimarães, pelo trabalho feito aqui no Norte. Essa é a única história curiosa nessa altura... Eu estava encarregue de encontrar uma pessoa para fazer a Revista Arquitectura cá no Norte. Fui responsável por isso, mas porque achavam que eu tinha ligações e, de facto, através do Teotónio Pereira, conheci o Távora, entre outros. Portanto, o próprio Távora me disse para falar com o Arnaldo.

Eu comecei a conversar com o Arnaldo a dizer: “Então agora o que é que vamos publicar?”. Depois de uma conversa, o Arnaldo disse-me logo: “Eu não estou interessado em vedetas, nem nos grandes arquitectos.”. Ele era muito polémico... e eu disse: “Esta bem, mas a gente tem de fazer as duas coisas!” E a primeira coisa que se fez foi o projecto do Germano, este na própria capa. Depois disso ele [Arnaldo Araújo] nunca mais quis fazer nada da revista.

GCP: Tem a ver um bocadinho com a nossa pergunta...

NP: [Interrompendo] Pois e porque é que era? Eu dá-me a impressão que o Arnaldo trabalhou com ele. Ele esteve lá no escritório, o que deu força a isto. Eu gostei muito por causa desta coisa do xisto, e desta curva na estrada, é a única coisa que eu me lembro.

GCP: Tem este penedo no fim...chegou a visitar a obra?

NP: Não, é só pela publicação, pelas fotografias que ele [o Arnaldo Araújo] me deu, que depois eu entreguei na revista. Na revista puseram na capa. Não era obrigatório ser na capa, mas achamos que era importante ser, porque estávamos num período dois anos depois do Inquérito à arquitectura

Portuguesa [Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal], e a obra ainda não estava publicada penso eu, a revista é de [19]58. E eu depois vim fazer no Porto a minha prova última porque não foi aceite em Lisboa, está a ver qual é? Em Dezembro de [19]59. Depois, nunca mais consegui que o Arnaldo me ajudasse. Rapidamente me virei mais para o outro lado, e o outro lado era mais Siza. Porque eu na altura não tinha ainda conhecido o Siza. Sabia das obras, mas não o conhecia pessoalmente. E depois foi o Távora quem me apresentou, e publiquei então aquelas casas, as de Matosinhos, aquelas “à espanhola”. (...)

GCP: O texto está assinado pelo arquitecto “RM”. Isso eram as iniciais do arquitecto Rui Mendes Paula?

NP: Não! O Paula era o director da revista. Tinha muita consideração por ele, e precisávamos de um arquitecto mais velho, e portanto foi ele o escolhido. RM? Não faço a mais pequena ideia.

GCP: Será que foi escrito pelo próprio Arnaldo Araújo? É que o texto é bastante descritivo...

NP: Não, mas o Arnaldo não é “RM”. O Arnaldo é “AA”! (...) Não sei, não me lembro. Como eu não fui lá, não fui eu que escrevi. Portanto alguém escreveu cá, ou alguém escreveu lá. Agora o Rui Paula não foi com certeza.

GCP: É que o texto é muito descritivo... mesmo as próprias fotografias.

NP: Ah pois, mas isso é que é bom! Porque isso era o que nós queríamos. “RM”, “RM”... nem reparei nisto. Eu peguei nas fotografias e levei-as para lá. (...)

GCP: Se o Professor não se importasse, nós até continuaríamos noutras temáticas [para além do tema da Revista Arquitectura nº62] que gostaríamos de falar consigo...

NP: Sim...

GCP: O Professor a certa altura escreve um texto em que põe em confronto a primeira geração dos arquitectos modernos e a “novíssima geração”...

NP: [Interrompendo] Que era a minha... [Risos] Eu a armar-me aos cucos!

GCP: (...) E diz que existe “uma demora na procura comum de uma síntese”.

NP: Mas nesta mesma revista?

GCP: Não, numa outra seguinte, passado um ano. E a pergunta era exactamente nesse sentido. O texto foi escrito passado um ano, e, se acha que este projecto já ia ao encontro dessa “síntese comum” que apontava.

NP: Pois estava nesse sentido. Nós estávamos numa linha de por um lado tinha havido o Inquérito, é preciso ver que o Inquérito facilitou muito a mudança: deixar de ser Corbusier à força, “via brasil”, que era o que no fundo se estava a fazer na maior parte dos casos. Incluindo o Viana de Lima. Portanto, não eram só os de Lisboa, eram também os outros. (...)

GCP: Mas o professor fala, por exemplo, da questão da “novíssima geração”, e, realmente, como contraponto à primeira geração, a “novíssima geração” tem que ser uma geração mais recente. Mas o Arquitecto Germano de Castro não era, era de 1913...

NP: Pois não, por isso é que eu fiquei convencido que ele... 1913 é antiquíssimo! O Frederico Jorge, ele também é de [19]13, e é de [19]13 o Viana de Lima. Se não é de [19]13 é de [19]15, anda por aí. Portanto isso era a geração anterior. Depois veio a geração dos nascidos a [19]22. Os nascidos a [19]22 são: o Teotónio, o Távora, e outros. (...)

GCP: Nós estávamos aqui a pegar na pergunta que nos levou a este tema e a falar da “novíssima geração”, de ser a sua geração também... então acha que...

NP: [Interrompendo] O que eu no fundo entendia ali era que, pelo lado do Inquérito, pelo lado da arquitectura italiana, porque eu preferia a arquitectura italiana à arquitectura francesa e, sobretudo, à brasileira – não digo que era contra, mas dizia que era uma facilidade, que agora toda a gente faz da mesma maneira. Os italianos estão mais adaptados ao mediterrâneo, ao contexto. Portanto esse editorial foi-me proposto pelo Carlos Duarte, que foi de facto quem empurrou a revista Arquitectura, que estava já parada há muito tempo. (...)

GCP: Mas antes desta “novíssima geração”, dos vários arquitectos, que nesta altura não eram tantos...

NP: Eram meia dúzia. Uns do Porto, e outros de Lisboa.

GCP: Estamos a falar disto a tentar puxar para a nossa temática, mas não particularizando no caso do Germano de Castro, mas haveria outros arquitectos a quem se reconhecia uma arquitectura mais adaptada ao contexto? Ou acha que isso eram raros casos?

NP: Pois era isso. Uma “nova geração” quer dizer que havia uma nova geração, mas não quer dizer que partia do zero! Isso vê-se muito bem no Inquérito, que mostrou que podia haver isso, e era anterior ao meu artigo! Eu queria dizer era que a minha geração estava nesse campo. Era isso que eu queria: fazer um bocado de polémica! Porque os mais velhos também. O Keil era importantíssimo. Ele e o Carlos Ramos. (...) Depois havia o Pardal Monteiro, entre outros, mas isso era já outro estilo. (...) O Távora também apontava já essa via. O Távora está no meio porque eu estou a falar dos mais antigos que era o Keil, o Frederico Jorge, o Viana de Lima. (...) Porque, no fundo, eram muito abertos nessa altura mas, quando podiam, faziam um caixote, como a gente chamava – uma “arquitectura caixote”. (...)

GCP: Mas esse momento do Inquérito também é interessante, porque nós temos uma história para contar, que esta um bocadinho desgarrada, mas percebemos no arquitecto Germano que há coisas que são anteriores ao Inquérito.

NP: São anteriores ao inquérito e são recuperadas nesses projectos! (...)

GCP: O Arnaldo Araújo não fazia parte do editorial. [voltando ao tema do artigo na Revista Arquitectura]

NP: Pois talvez, mas quem é que pode ser? Arnaldo Araújo não pode ser porque seria “AA”. Eu deu-me impressão que o Arnaldo trabalhou e conhecia razoavelmente o Germano, porque ele foi muito directo a dizer: “A mim o que me interessa é uma coisa de serviço público do Germano de Castro Pinheiro”, que eu não conhecia, claro. E depois ele explicou-me que tinha lá estado a trabalhar, ou a aprender umas coisas...

GCP: O que acaba por ser interessante é que o arquitecto Germano Castro Pinheiro nunca teve uma produção teórica, nem escrita.

NP: Pois não, mas nem precisa... os arquitectos não precisam de teorizar! [Risos]

GCP: Portanto nós estamos, de certa forma, a tentar reconstituir essa maturidade, digamos assim, que teve na obra, porque ele [arquitecto Germano de Castro Pinheiro] não fez parte do Inquérito, nem do ODAM.

Pois, também não fez dessas. [Risos]. Ele também era sensível à “família brasileira” [Referindo-se a uma imagem do Bloco Miguel Bombarda de Germano de Castro Pinheiro], porque isto era tipicamente o “via Brasil” que era o que estava a dar (o famoso livro “Brasil Builds”. E depois veio os tijolos... estes tijolos até podiam ser do Loureiro.

GCP: Nós mostrámos-lhe isso [ao arquitecto José Carlos Loureiro, em entrevista realizada no âmbito desta dissertação] e ele ficou bastante interessado.

Mas isso é anterior aos trabalhos que ele tem, e mesmo àquela tese dele sobre o azulejo.

NP: Porque nestas coisas dos azulejos, claro que ele foi muito importante, mas é preciso ver que no escritório do Loureiro estava uma equipa extraordinária, uma equipa muito forte para a época: três ou quatro que tinham apanhado os famosos “20” na escola, entre eles o Luís Cunha

(...) Ora isto não é Loureiro [apontando para imagem], é anterior. Vale a pena puxar por esta ideia, eu não dei por ela! E o Arnaldo só me deu isto para vender! O Arnaldo não me deu nada disto das obras dele. Porque isto [apontando para imagem] parece-me muito mais Loureiro do que isto... isto era mais rude e, até por isso mesmo, eu gostaria mais deste. (...)

GCP: Mas a relação com os edifícios era diferente... esta temática na obra do arquitecto Germano acaba por não ser muito mais explorada, não tem continuidade...

NP: [Apontado para imagem] E esta ainda é mais diferente. Mas percebe-se que isto é uma obra dentro da cidade, e isto é uma coisa no campo.

GCP: Eu acho que uma pessoa está sempre a tentar encontrar justificações para o trabalho que estamos a fazer e, se calhar, aqui, o contexto justifica algumas destas opções.

NP: Fazia parte. Os arquitectos, nessa altura, de resto, tinham que ser muito flexíveis.

Eram muito poucos. Os patrões eram os mesmos de sempre: o Regime, os presidentes de câmara... era tudo a mesma coisa!

Duarte Pacheco com uma importância grande, só que morreu em [19]42, se tivesse ido até [19]60, a coisa tinha sido diferente, mas ele tinha os arquitectos todos na mão, eram todos bem conhecidos... os do Porto menos, porque estava muito longe. Era o ministro das obras públicas e, praticamente, era o número dois do Regime: depois do Salazar era ele. Morre em [19]41/ [19]42, num desastre de automóvel quando foi a Vila Viçosa, por acaso, onde tinha ido ver como é que estava a estátua do D. João IV no Terreiro do Paço de Vila Viçosa, (que é a minha terra), portanto é nessa altura que o carro derrapa em Montemor-o-Novo ou Vendas Novas, a chover, e acabou-se o homem que mandou em tudo o que tinha que ver com estas coisas. Salazar não ligava nenhuma a isso. Tudo era concebido por ele com os seus arquitectos. (...)

Bem, o que eles tinham que ser muito flexíveis. O Carlos Ramos, por exemplo, podia fazer, e fez, umas coisas muito avançadas, muito interessantes. Por exemplo, o edifício do cancro em Lisboa, podia ser desta família [apontando para imagem], não digo tanto assim porque era muito fechado mas, logo a seguir, faz o Sanatório. Portanto Carlos Ramos era talvez o que mais se mudava segundo o que o patrão pedia - importantíssimo nesse aspecto, o que não aconteceu com a escola. Ora cá esta [apontando para imagem]: isto por exemplo é Moderno, isto não se fazia, o governo não gostava destas coisas.

GCP: Isto é a Caixa de Previdência, o bairro em Matosinhos. E, já que fala disso, íamos lhe perguntar uma das últimas questões que tínhamos relacionadas com este tema, porque escreveu a certa altura um texto, que de certeza se

lembra porque esses textos valeram-lhe aquele premio da Gulbenkian - "Crítica de arte"(...) Então, a questão que íamos colocar era: se esse programa preencheu essa lacuna sobre a reflexão teórica sobre o tema da casa ou, se se perdeu a oportunidade dessa reflexão numa resposta mais institucional e condicionada pelo estado, porque eles punham esses limites...

NP: Não, porque nessa altura, antes da guerra de Angola, o Teotónio tinha um part-time nas Caixas de Previdência que manteve durante bastante tempo. (...) Eu estava no LNEC, estava na Escola, e estava no gabinete do Teotónio com as obras a fazerem-se! E, ainda por cima, não era habitação, porque essas já estavam arrumadas do ponto de vista de projecto, estavam-se a construir! Foi tudo feito entre [19]57/58 e [19]64. Aí estava tudo projectado, mas meteram-se as igrejas, exactamente no mesmo ano da Gulbenkian. O nosso foi um concurso público, daí também essa guerrilha. E o da Gulbenkian foi um concurso por escolha das três equipas, e, portanto, isto dividiu completamente. (...)

GCP: Mas então a distribuição da encomenda passava para quem?

NP: Esses cinco senhores [direcções regionais] escolhiam. Podiam também projectar, mas deveriam também distribuir pelos outros. Não era uma coisa formal porque, a partir dos anos 60, praticamente já só havia dinheiro nas Caixas Previdências. O resto estava tudo esgotado pela Guerra, pela trapalhada, já não havia mais nada. Agora a Previdência é que manteve um pouco isso.

GCP: Mas, então, olhando para trás, não pensa que este momento das Caixas de

Previdência, que foram um contributo para essa reflexão sobre a habitação, ou seja, perdeu-se ali uma oportunidade?

NP: Não porque o problema é este: praticamente não se fez em Portugal edifícios de grande altura para habitação social, só em França! - “Corbus” e companhia. [Em Portugal] Eram edifícios de três, quatro, cinco andares. Isso era mais para o campo, iam até aos três andares, ou como esse de Barcelos, de dois andares. E, portanto, é nesse sentido. Evitar os elevadores porque estava mais do que provado que os elevadores eram um problema complicadíssimo de controlo, de avarias, e depois as pessoas têm dez andares para subir. Os Olivais estão cheios disso! Eu consegui baixar na parte que me foi entregue: aquelas torres várias e as bandas, têm o máximo de cinco andares com possibilidade de, entrando no rés-do-chão, quando o terreno era acidentado, formas que maximizam a construção. Havia a ideia que a altura dava a densidade! E que o que era importante era meter lá muita gente. E isso é falso. Porque a gente com casas baixas pode fazer alta densidade, está mais do que estudado. Eu estava sempre a escrever sobre isso nos artigos. (...)

GCP: E portanto estamos aqui um bocadinho atrás deste autor Germano de Castro Pinheiro, que nos parece ser grande conhecedor, até pelas relações que sabemos que ele teve...

NP: [Interrompendo] Para já, vê-se que é um arquitecto competente, é a ideia que eu tiro destas fotografias... percebe-se bem. É um bocado eclético, como eram quase todos deste período. Quer dizer, não eram rígidos, se não fosse, fazia só disto [apontando para

imagem] que era o que estava na moda os anos 20, 30 dos arquitectos bons da europa, antes da guerra.

[Apontando para imagem] Isto é o brasileiro, que é o bairro de Lisboa, completamente. Formosinho Sanchez e o Atouguia, O Bairro das Estacas, como o povo lhe chamava, por causa dos pilotis - isto era arquitectura brasileira da melhor. Mais do que o Corbisier, é o Corbusier “via brasil”. (...) E o Brasil estava em alta, fizeram um grande livro americano, o “Brasil Builds”, que servia de catálogo à malta toda que mandava, que fazia projectos. (...)

GCP: Acha que temos aqui matéria para fazer uma monografia sobre este autor? Acha que pode ser um contributo interessante?

NP: Eu acho que pode ser. Não vejo que seja inferior a outros que já estão consagrados, e ele pelos vistos não é assim tão conhecido.

Excertos da entrevista realizada ao arquitecto Alexandre Rodrigues enquanto ex-colaborador do arquitecto Germano de Castro Pinheiro

Germano de Castro Pinheiro, Fevereiro 2015, Porto

Germano de Castro Pinheiro (GCP):

Onde era o escritório e como o descreveria, em termos de espaço e de ambiente?

Alexandre Rodrigues (AR):

Antigo escritório era na Rua de Santo António 41, 2º direito. O seu avô esteve lá, com o escritório, e continuaria, simplesmente o edifício pertencia ao Banco Borges e Irmão, e eles quiseram ampliar as instalações.

GCP: Em que ano é que entrou para o escritório?

AR: Eu entrei em 1965, desculpe, não foi em 65, deixe ver se eu me recordo em que ano foi... 61, foi em 1961. Nessa altura não havia grande dificuldade em arranjar escritório onde trabalhar. Eu tinha estado no escritório do arquitecto J. C. Loureiro a trabalhar, mas depois ele ia ser meu professor de arquitectura e para não haver uma confusão entre colaborador e estudante, aluno dele, tive que sair não é. Em 60 ou 61, vi um anúncio no jornal a pedir um colaborador arquitecto, para um estudante de arquitectura porque eu ainda não tinha concluído. E dirigi-me então ao escritório do seu avô [Germano de Castro Pinheiro]. (...) Nessa altura os colaboradores arquitectos ganhavam por volta de 10 a 15 escudos por hora, e o seu avô contratou-me a ganhar 20 escudos por hora. Inclusivamente tive um convite para trabalhar na William Graham, e só pagavam a 15 escudos a hora. (...) Havia de facto pessoas, amigos do arquitecto Germano de Castro que iam lá

e conversavam, vendedores de livros, vendedores de materiais, clientes, às vezes também havia monotonia de muitas horas agarrados ao estirador.

GCP: Enquanto trabalhou no escritório como descreveria a postura do arquitecto na (1) gestão dos projectos e na relação com os (2) clientes e (3) colaboradores?

AR: Nessa altura, de arquitectos [colaboradores] só havia eu, o arquitecto Figueirinhas já tinha saído quando para lá entrei. Portanto era eu, e mais um ou dois desenhadores, entretanto esteve lá o seu pai [filho de Germano de Castro Pinheiro, formado em arquitectura] também enquanto estudava. Esteve lá pouco, mas também ia lá, porque nessa altura também não tinha muito tempo disponível. (...) O arquitecto Germano de Castro não parava muito por lá durante o dia. Era arquitecto da Caixa de Previdência da Indústria Têxtil, era funcionário, antes disso já não foi no meu tempo, tinha sido arquitecto de uma empresa alemã, no tempo da guerra. Era da Companhia Mineira do Norte de Portugal, era uma empresa mineira que se dedicava principalmente à extracção do volfrâmio para os alemães. E era uma empresa muitíssimo boa. (...)

GCP: Em que fase estava o projecto da Casa do Castanhal quando decidiram que este seria usado para o projecto do CODA?

AR: Colaborei muito nesse projecto [Casa do Castanhal], desde o início. Pedi autorização ao arquitecto Germano de Castro [para que fosse o projecto de final de curso] e ele disse sim senhor. Ele foi meu patrono no estágio. Nessa altura eu ainda não tinha trabalhos próprios de relevo, que servissem para uma tese. Como aquela era uma obra bonita, eu pedi-lhe autorização. Foi porque achei que era um projecto bonito. (...)

GCP: Como foi o acompanhamento deste projecto da parte do arquitecto Germano? Sabendo que iria ser um projecto de CODA assumiu uma particular postura de transmissão de princípios e valores que valorizava na arquitectura?

AR: Não houve essa necessidade [de acompanhamento] porque o projecto já estava feito, fizemos o estudo, eu refiz os desenhos todos por uma questão de apresentação. O projecto era apresentado em placards e um dossier. Havia um júri de três professores, normalmente presidido pelo Director, o arquitecto Carlos Ramos. O meu júri foi o arquitecto Carlos Ramos, o arquitecto Filgueiras e o arquitecto Viana de Lima. Tive 18 valores. (...)

GCP: Como se desenvolviam as soluções de projecto na relação com o cliente, no equilíbrio entre as propostas e convicções dos arquitectos e as exigências dos clientes?

AR: Por vezes o arquitecto Germano de Castro esquiçava e eu desenvolvia, outras vezes eu fazia de início, avançava e ele corrigia, como arquitecto muito mais experiente acompanhava. Outras vezes desenvolvia

o projecto e desenvolvia o mobiliário, os móveis todos de cozinha, pormenores das portas, todos os pormenores de construção. Não havia uma regra estabelecida para desenvolver os projectos. Da Caixa Têxtil ele [Germano de Castro Pinheiro] fazia os trabalhos no escritório dele, e suponho que uma vez por semana tinha lá reuniões. Além dos trabalhos da Caixa Têxtil, nos tínhamos muitos projectos de Postos Clínicos, também da Caixa de Previdência. (...) Antes de eu lá estar havia um muito bonito que era o de Santo Tirso, suponho que foi com o arquitecto Figueirinhas. Havia o de Negrelos, Vila do Conde, Beja, ainda colaborei nesse projecto. Tínhamos um que era um verdadeiro hospital, que nos tinha sido entregue [a parte de projecto], que era na Pasteleira, que não chegou a andar para a frente. Também a alteração [de um Posto Clínico] de Coimbra. Nesse deu-se um facto muito engraçado, é que nos fizemos estudos em que ficamos muitíssimo mais barato construir um de raiz do que estar a aproveitar as paredes que tinha que ser todas consolidadas. Fizemos essa proposta de fazer um edifício novo. Os dirigentes das Caixas de Previdência entraram em contacto com o Salazar, e o Salazar disse nessa altura que não era politicamente correcto construir um edifício novo. Porque tínhamos entrado na Guerra do Ultramar. Mais valia gastar mais dinheiro para fingir que era uma remodelação. [Na relação com o cliente] Havia um dia por semana em que recebia os cliente no escritório Germano de Castro, que era normalmente à quarta-feira, à tarde ou ao fim do dia. (...) Normalmente nessa época, os clientes respeitavam bastante o projecto do arquitecto.

GCP: No desenvolvimento dos projectos era frequente procurarem-se referências de outras obras? Como se processava essa pesquisa e partilha de obras no escritório?

AR: [O arquitecto Germano de Castro Pinheiro era] Muito permeável às ideias dos outros. E de muito bom trato. Era uma pessoa extremamente inteligente. Era uma pessoa muito perspicaz, inteligente, muito rápido a raciocinar. Foram coisas em que me fez muito bem trabalhar com ele. (...) Havia uma influência muito grande, principalmente na parte de habitação, da arquitectura italiana. Havia aquelas moradias muito bonitas feitas pelos italianos e a gente recebia aquelas revistas. Deu-se um episódio engraçado. Quando eu digo que a arquitectura é de facto uma questão de opção, e de facto já está tudo inventado. (...) O arquitecto tinha uma biblioteca, assinava sempre as revistas de arquitectura, não recordo quais. (...) Posso-me gabar também que tinha muita facilidade em desenvolver qualquer trabalho. Ele teve lá um colaborador [Arnaldo Araújo], que foi professor assistente na Escola de Belas-Artes, tinha sido professor primário e depois tirou o curso de arquitectura. (...) Isto não foi na minha altura, foi antes de mim, o arquitecto Germano de Castro é que me contava disso e depois eu vim a constatar quando ele [Arnaldo Araújo] foi meu assistente [professor]. (...) Não quer dizer que não fosse bom professor, era muitíssimo bom professor. Principalmente em certas matérias em que ele estava muito consciente, por exemplo na questão das escolas primárias, ele sabia tudo, e como tinha sido professor primário, sabia as necessidades das escolas e que normalmente as escolas não as satisfaziam.

GCP: Conheceu outros colaboradores do escritório?

AR: Não, o Figueirinhas já tinha saído quando lá trabalhei, foi para África trabalhar, salvo erro, para a Beira.»

GCP: Como é que era a rotina do arquitecto Germano no escritório?

AR: O arquitecto Germano de Castro durante o dia ia às obras, e normalmente aparecia no escritório, às vezes estava uma tarde inteira, nunca o dia inteiro, a não ser que houvesse muito trabalho, muita necessidade. Geralmente aparecia sempre ao fim da tarde, ficava umas horas a trabalhar no estirador, porque durante o dia ia à Caixa Têxtil, ia às obras acompanhar, portanto era mais ao fim do dia.

GCP: Era costume os arquitectos nessa altura fazerem desenhos rigorosos?

AR: Ele fazia, às vezes agarrava-se a isso, mas menos. Ele era uma pessoa muito expedita. Havia um tipo de casas, que não tem nenhum interesse arquitectónico, mas era o que se fazia e que tinham de ser legalizadas nas Câmaras, que eram as Casas dos Pescadores nas Caxinas. Eram casa normalmente com 4m, 4,5m ou 5m de frente. As possibilidades arquitectónicas daquilo eram mínimas e portanto era sempre, sempre a mesma coisa. Recordo-me que ele sentava-se no estirador e quase que desenhava logo directamente com a caneta, num dia desenrascava um projecto daqueles. (...) Essas casinhas eram todas idênticas. Fora isso, os colaboradores é que desenvolviam a parte de desenho. O seu

avô desenvolvia a lápis no estirador e depois passava para o desenhador para passar a tinta o projecto.»

GCP: Existiam na altura vários movimentos e iniciativas de arquitectos. Com que proximidade acompanhavam estes debates no quotidiano do escritório?

AR: [Os debates da época em torno da arquitectura moderna e da tradição] não se reflectiam muito, havia muita autonomia, embora tivesse havido aquela tendência de casas português suave com o Raul Lino, entretanto houve até um arquitecto, suponho que da Covilhã, que apresentou um CODA com uma casa português suave. O arquitecto Carlos Ramos felicitou-o por não ter pretendido fazer um projecto moderno, mas fez o que você sabe fazer. Era uma pessoa já de muita idade. Um dos grandes erros dos arquitectos daquela época é que defendiam tese 10, 15 ou 20 anos depois de já terem sido formados. Porque entravam nesta máquina de fazer projectos para construir e depois já não tinham tempo para fazer projecto para a tese.

GCP: Em que circunstância saiu do escritório do meu avô?

AR: Saí do escritório Germano de Castro Pinheiro] porque estava a trabalhar na Câmara, e já tinha constituído família. E estar a trabalhar a 20 escudos à hora era efectivamente pouco para estar a sustentar uma casa. A Câmara precisava de um arquitecto para trabalhar em urbanismo, nessa altura fui para trabalhar no projecto da Avenida da Ponte. E ainda continuei a trabalhar durante uns meses ou um ano no escritório do seu avô,

mas era muito cansativo e coincidiu depois com a mudança do escritório do seu avô para onde estão agora e foi aí que deixei de trabalhar com o arquitecto Germano de Castro. Quando saí não tinha, nessa altura, nenhum colaborador arquitecto. Tinha um desenhador que era o Carlos Alberto, e às vezes havia uns colaboradores esporádicos para terminar os projectos. Nos últimos tempos em que eu lá trabalhei havia a Fundação Salazar. E quem estava a frente da Fundação Salazar era o Presidente da República Américo Tomás. Os Quintas e Quintas da Póvoa de Varzim, eram o cliente principal, fizemos muitas ampliações, fizemos a casa do Aparício, a casa do Nelson, a casa da filha do Quintas, e o Bairro [Operário], ora era isso que eu ia contar. [...] Para a inauguração, fizemos um anteprojecto urbanístico e uma maquete. Foi exigido pela Fundação Salazar que para haver a inauguração e ir lá o Américo Tomás, tínhamos que fazer a cunhagem de uma medalha, fazer uma maquete e fazer um donativo à Fundação Salazar que na altura suponho que era de 100 ou 150 contos. Os Quintas tiveram que satisfazer essas três necessidades para que o Américo Tomás fosse lá cortar a fita da inauguração do Bairro.

GCP: Quais foram os projectos em que colaborou?

AR: Vários projectos de Postos Clínicos, o de Vila do Conde, o de Beja, íamos fazer uma torre para a sede das Caixas de Previdência em Portugal, que ia ser feita no Porto. Era uma torre de vinte e cinco andares, e que nos estava entregue o projecto e previsto no Plano Directo da Cidade. Não se desenvolveu porque entretanto desistiram, era para

ser no centro da Praça de Velásquez, aquele edifício redondo era um enquadramento daquela torre. Também urbanisticamente parece que não era muito correcto fazer essa torre no meio da Praça, mas estava prevista no Plano Directo do Auzelle. Ainda colaborei na Igreja de Rio Mau. Suponho que ainda comecei em 60 até 66. Colaborei na casa do Nelson Quintas. A Praia Azul fui eu que fiz o projecto, mas o arquitecto que estava na Câmara, que era o Sr. Altino, além de não ter pago o projecto, de a Câmara não ter pago o projecto, ele inverteu o projecto. Não considerou que o projecto tinha sido feito a pensar na insolação. Inverteu o projecto e mandou construir, e não pagou. Foi ele próprio, o Altino que era arquitecto. Foi uma atitude muito, muito incorrecta, e eu trabalhei nesse projecto. (...) Normalmente quem fazia os painéis lá para o escritório era o pintor Júlio Resende, ele colaborou em vários projectos. Tanto que o seu até deve ter um quadro oferecido pelo pintor Júlio Resende. (...) Raras vezes era utilizada a maquete, isso era mais para estudos académicos.»

(...) A sua avó era professora primária, mas ela tinha uma escola de rendas de bilros. O arquitecto Germano de Castro chegou a fazer desenhos de rendas de bilros para lá para a escola. Um dos trabalhos que foi encomendado para uma das filhas, suponho que, do Conde de Riba D'ave, era o trabalho mais difícil de rendas de bilros que era o trabalho que se chamava jogo a americana. Era uns individuais para a mesa de jantar, e fazia-se um de meses a meses lá na escola, um pano de 40cm por 30cm. E o desenho era do seu avô, era absolutamente extraordinário esse trabalho.»

(...) Acho que era de facto uma pessoa muito interessante, o arquitecto Germano de Castro era de facto uma pessoa muito interessante, muito inteligente, muito desenrascado, era uma pessoa típica da sua época. Eram muito poucos arquitectos, no Porto eram meia dúzia com escritório, e o arquitecto Germano era um deles que toda a gente conhecia, toda a gente conhecia o arquitecto Germano de Castro.

CRONOLOGIA

Data	Acontecimento	Observações	Local
10 Abr. 1913	Nasce Germano de Castro Pinheiro	Nasce na Rua do Banhos n.º73 sendo natural da freguesia de Buarcos, concelho da Figueira da Foz. Filho de Germano Sousa Pinheiro, aspirante de finanças com 27 anos de idade e de Irene Clementina de Castro, professora com 20 anos de idade.	Coimbra
1918	Edição do livro Casas Portuguesas, Raul Lino, Lisboa		Portugal
1920	Projecto Passos do Concelho do Porto, Porto, de Correia da Silva	«O edifício dos Paços do Concelho, projetado pelo Arq. Correia da Silva, começa então a ser construído em 1920. No entanto, e após inúmeras interrupções e alterações ao projeto inicial, introduzidas pelo Arq. Carlos Ramos, as obras só são retomadas em 1947, ficando concluídas 8 anos depois. Finalmente, em 1957, os serviços camarários são instalados no edifício.» (retirado do site da CMPorto) «A Avenida dos Aliados foi traçada pela mão do inglês Barry Parker em inícios do século XIX e edificada segundo o arquitecto portuense Marques da Silva, desde logo tomou a designação do boulevard do Porto. Era o maior espaço público urbano projectado no Porto até então.» (retirado do site: http://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt/2012/05/jardins-da-avenida-dos-aliados-porto.html)	Porto
1923-28	Projecto Caixa Geral de Depósitos, Avenida dos Aliados, de Porfírio Pardal Monteiro		Porto
1923-30	Projecto Sanatório Heliantia, Francelos, de Francisco Ferreira		Porto
1924-25	Projecto Café de Unie, Roterdão, de J. J. Pieter Oud		Roterdão
1925-31	Projecto do Capitólio, Lisboa, de Cristino da Silva		Lisboa
1925-37	Projecto do Instituto Superior Técnico, Lisboa, de Pardal Monteiro		Lisboa
1927	Início da publicação da revista Arquitectura		Portugal
1927	Projecto da Agência Havas, Lisboa, de Carlos Ramos		Lisboa

Data	Acontecimento	Observações	Local
1927-35	Projecto Pavilhão do Rádio do Instituto Português de Oncologia, Lisboa, de Carlos Ramos		Lisboa
1929-31	Projecto Villa Savoie, Poissy, de Le Corbusier		Poissy
1929-32	Projecto Liceu Filipa de Lencastre, Lisboa, de Jorge Segurado		Lisboa
1930-32	Projecto da Garagem do Jornal "O Comércio do Porto", Porto, de Rogério de Azevedo		Porto
1930-37			
1931	Projecto das Estações Sul e Sueste, Lisboa, de Cotinelli Telmo		Lisboa
1931	Projecto casa de Serralves, Porto, de José Marques da Silva		Porto
1932	Projecto Clínica Heliântia, Francelos, de Oliveira Ferreira		Francelos
1933	Criação do Secretariado de Propaganda Nacional (S.N.P.)	«A criação em 1933 do Secretariado de Propaganda Nacional, com o objectivo de mobilizar as artes plásticas para a visualização do regime, e a atribuição da sua liderança, controlada embora, a António Ferro, contribuirá, nessa perspectiva e paradoxalmente, para a afirmação dos artistas plásticos e arquitectos que, na linha do modernismo, serão por algum tempo os autores da maioria significativa das realizações públicas ou privadas. A utilização política da arte e, sobretudo da modernidade proposta por Ferro, não vem apenas do orphismo, do modernismo ou do futurismo em que se havia envolvido, vem também da sua admiração por Mussolini.» (retirado de FERNANDEZ, Sérgio, Percurso, Arquitectura Portuguesa 1930/1974, Faup publicações, 1988, p.16 e 17)	Portugal
1933	Projecto Farmácia Vitália, Porto, de Manuel Marques		Porto

Data	Acontecimento	Observações	Local
1933-35	Projecto Edifício do Frigorífico do Peixe, Porto, de Januário Godinho	«(...) Compõem-se basicamente por dois corpos de distintos usos que são coordenado como um todo no volume exterior. O que confere, para o tempo (início dos anos 30), uma inovadora e inusitada dignidade a uma construção eminentemente industrial. (...) O interior é claramente dominado pelas exigências funcionais e pela ligação profunda entre espacialidade interna e o sistema estrutural. (...) constitui a primeira obra referencial deste autor situada em pleno momento criativo da primeira geração moderna em Portugal.» (retirado do livro <i>Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970</i> , p.184)	Porto
1936	Casamento de Germano de Castro Pinheiro com Maria de Castro Flores Torres		
1937	Projecto Instituto Pasteur, Porto, de Keil do Amaral		Porto
1938	Projecto: Ao Bom Doce		Vila do Conde
1939	Início da II Guerra Mundial		Internacional
1939-40	Projecto Casa Honório de Lima, Porto, de Viana de Lima		Porto
1939-41	Projecto Coliseu do Porto, Porto, de Cassiano Branco	«Obra síntese que encerra o percurso moderno de Cassiano Branco, o edifício denuncia o interesse do arquitecto pelo movimento e ideia cinematográfica de espaço, na forma como cumpre um programa festivo e no modo como se encaixa na rua e na cidade, adquirindo o estatuto de referência urbana.» (retirado do livro <i>Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970</i> , p.190)	Porto
1940	Projecto: Posto de Turismo (Casa Bento Amorim)		Vila do Conde
1942	Projecto Pousada de São Gonçalo, Serra do Marão, de Rogério de Azevedo e Januário Godinho	«O edifício da Pousada do Marão encerra as duas vertentes que trespassaram a arquitectura portuguesa praticada durante a vigência do Estado Novo. Por um lado, este edifício integra em si a exaltação da ruralidade, quer pela localização, quer pela solução dos materiais e das técnicas construtivas empregues na sua construção (...). Por outro lado, a colaboração de Januário Godinho está bem patente nesta obra, tendo em linha de conta a preocupação com as preexistências, bem patentes na forma como o edifício se adapta à paisagem (...).» (retirado do livro <i>Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970</i> , p.194)	Serra do Marão
1943	Publicação do livro <i>Brazil Builds</i>	«...obras produzidas no Brasil, por influência de Le Corbusier, e divulgadas no livro "Brazil Builds", de 43, "cartilha obrigatória" de então, como diria Távora ou, na opinião de Maurício de Vasconcelos, "o nosso segundo Vignola". (FERNANDEZ, Sérgio, <i>Percurso, Arquitectura Portuguesa 1930/1974</i> , Faup publicações, 1988, p.57)	Brasil (intern.)

Data	Acontecimento	Observações	Local
1943	Morre Duarte Pacheco, Ministro das Obras Públicas	«Morto, em 43, Duarte Pacheco, o regime perde a figura de maior poder de realização numa altura em que as condições sócio-económicas estão perto de sofrer alterações significativas relacionadas com a evolução da guerra mundial.» (retirado de FERNANDEZ, Sérgio, Percurso, Arquitectura Portuguesa 1930/1974, Faup publicações, 1988, p.45)	Portugal
Anos 40	Trabalha como arquitecto da Companhia Mineira do Norte de Portugal		Norte de Portugal
30 de Maio 1943	Início do Estágio de Germano de Castro Pinheiro	Estágio no escritório de arquitectura de Aucíndio dos Santos.	Porto
10 Jun. 1945	Fim de Estágio de Germano de Castro Pinheiro	Estágio no escritório de arquitectura de Aucíndio dos Santos.	Porto
1 Set. 1945	CODA Germano de Castro Pinheiro	Concurso para Obtenção do “Diploma de Arquitecto” com a proposta “Construção de um Cineteatro numa Cidade do Norte do País”	ESBAP
1945	Fim da II Guerra Mundial		Internacional
1945	Projecto Palácio Atlântico, Praça D.João I, de ARS Arquitectos		Porto
1945-64	Projecto Conjunto Hidroeléctrico do Cávado, de Januário Godinho		Salamonde, Alto Rabagão, Pisões, Vila Nova e Caniçada
1945	Casa de Renda Económica, 7 maio - a Lei n.º 2007	«Estabelece as bases para a construção de Casas de Renda Económica, a promover nos centros urbanos ou industriais, devendo ser edificadas por sociedades cooperativas ou anónimas, especialmente constituídas para o efeito, por organismos corporativos ou de coordenação económica, instituições de previdência social, empresas concessionárias de serviços públicos, empresas industriais e outras entidades idóneas de direito privado; 1946, 25 abril – o Decreto-Lei n.º 35611 cria a Federação das Caixas de Previdência – Habitações Económicas (HE-FCP), com o intuito de canalizar os capitais das instituições de previdência (todas as caixas sindicais de previdência ou reforma dependentes do Ministério das Corporações e Previdência Social) para o fomento da habitação económica; 1947-1949 – primeira fase de construção de bairros habitacionais pela HE-FCP, através de fundos da Previdência e da disponibilização de terrenos pelas respetivas Câmaras, podendo as habitações vir a ser adquiridas em regime de propriedade resolúvel; (...)» (retirado de http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=26800 em 3 de Fevereiro de 2015)	Portugal
1945	Publicação do texto “O Problema da Casa Portuguesa” de Fernando Távora		

Data	Acontecimento	Observações	Local
1946	Projecto: C.S.I.T. Ramalho Ortigão (Pensão Pão de Açúcar)		Porto
1946-51	Projecto Edifício, DKW, Rua Sá da Bandeira, de Arménio Losa e Cassiano Barbosa	«(...) Esta obra concretiza de forma clara os pressupostos do Movimento Moderno, revelando acima de tudo uma "atitude de modernidade" no que à cidade respeita, capaz de interpretar as propostas latentes de um novo esquema de vida, e servindo-se para isso de novas soluções técnicas e formais, reveladas justamente no domínio expressivo do betão armado.» (retirado do livro <i>Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970</i> , p.202)	Porto
1946	Formação do Grupo ICAT (Iniciativas Culturais Arte e Técnica)	Organização Agrupada em torno de Keil do Amaral e apostada no debate que transforma a velha revista <i>Arquitectura</i> . A organização adquire a revista <i>Arquitectura</i> (a partir da segunda série do nº13)	Lisboa
1947	Início do programa de "Habitações Económicas" gerido pela Caixa de Previdência.	«As Habitações Económicas destinavam[-se] à promoção e financiamento do projecto e construção de "Casas de Renda Económica" ao longo de 25 anos (1947/1972)» (reirado de Actas do 1º CIHEL (2010), Maria Tavares, «Habitações Económicas – Federação de Caixas de Previdência: uma Perspectiva Estratégica.»)	Portugal
1947	ODAM (Organização dos Arquitectos Modernos)	Membros do O DAM: Acácio Couto Jorge, Adalberto Dias, Agostinho Ricca, Alfredo Ângelo de Magalhães, Alfredo Viana de Lima, António Matos Veloso, António Lobão Vital, António Corte Real, António Neves, Arménio Taveira Losa, Anselmo Gomes Teixeira, Artur Andrade, Cassiano Barbosa, Delfim Fernandes Amorim, Eduardo R. Matos, Eugénio Alves de Sousa, Fernando Campos, Fernando Eurico, Fernando Lanhas, Fernando Limpo de Faria, Fernando Távora, Fernando Tudela, João Carlos Segurado, João José Tinoco, João Andersen, João Archer de Carvalho, Joaquim Marques de Araújo, José Carlos Loureiro, José Borrego, Luís José Oliveira Martins, Luís Praça, Mário Bonito, Octávio Lixa Filgueiras, Ricardo Gil da Costa, Rui Pimentel	Porto
1948	Exposição 15 Anos de Obras Públicas 1932-1947	Juntamento com o 1º CNA "redundou numa entusiástica manifestação cultural e profissional da maior importância" segundo José Augusto França, <i>A Arte em Portugal no Século XX</i> , Lisboa, Bertrand, 1948	Lisboa
1948	Projecto Hotel Infante Sagras, Porto, de Rogério de Azevedo		Porto
1949-52	Projecto Mercado do Bom Sucesso, Porto, ARS Arquitectos		Porto
1949-56	Projecto Hotel Infante Sagras, Porto, de Rogério de Azevedo		Lisboa
1949-57	Projecto Igreja das Águas, Penamacor, de Nuno Teotónio Pereira	«Primeira Igreja moderna construída após a Igreja de Nossa Senhora de Fátima (Pardal Monteiro) e um dos primeiros projectos de um jovem autor para quem a linguagem arquitectónica sempre andou a par com a renovação dos programas e o empenhamento cívico.» (retirado do livro <i>Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970</i> , p.210)	Penamacor

Data	Acontecimento	Observações	Local
1949	1º Congresso Nacional de Arquitectura (CNA)		Lisboa
1949	Revista Arquitectura nº32 (arq. Germano de Castro Pinheiro assina texto conjunto)	Artigo "Exposição dos Arquitectos do Porto ao Presidente da C.M.P" Os arquitectos que assinaram o texto foram: Cassiano Barbosa, António A. Leone, Fernando Tudela, Cruz Lima, Mário Bonito, Mário Barbosa, António Neves, Delfim Amorim, Marques Araújo, Fernando Campos, António Matos Veloso, Agostinho de Almeida, Eugénio Alves de Sousa, João Andresen, Sequeira Braga, Limpo de Faria, Moreira Júnior, Eduardo Matos, Carlos Loureiro, Oliveira Martins, M. Marques Aguiar, Manuel Rodrigues, Dias da Costa, Viana de Lima, Arménio Losa, Fernando Moura, Alfredo A. Magalhães, Adalberto Gonçalves Dias, Benjamim do Carmo, António Nascimento, Júlio Afonso, Fernando Barbosa, Jerónimo Reis, F. Pitrez, Fernando Ferreira, Lobão Vital, Germano de Castro, Manuel Júlio, Aucíndio dos Santos, Santos Malta, Agostino Ricca, Manuel Paulo, Fernando Eurico, Gil da Costa, Celestino Castro.	
1949-55	Projecto Bairro das Estacas, Lisboa, de Ruy Athouguia e Sebastião Formosinho Sanches		Lisboa
1950-60	Colaboraram no escritório de Germano de Castro Pinheiro os arquitectos Arnaldo Araújo e Eduardo Figueirinhas durante este período		Porto
1950	Projecto: C.S.P.I.T. Miguel Bombarda		Porto
1951	Projecto: Colónia Balnear		Vila do Conde
1951	Projecto: C.S.P.I.T. São Mamede		Matosinhos
1951	Projecto Palácio de Cristal, Porto, de José Carlos Loureiro		Porto
1951	Projecto Mercado de Ovar, Ovar, de Januário Godinho	«Este mercado assenta numa proposta inovadora: um espaço aberto, pulverizado de construções pavilhonares, concebido como um moderno mercado de levante. Os volumes fixos constituem-se por estruturas desenvolvidas em curva e cobertas por uma laje de betão com o perfil em "borboleta brasileira" que recebem, sob a caleira central, a parede que abriga as canalizações que permite uma utilização de ambos os lados com as bancas de mercado. Obra de clara inspiração brasileira, utiliza recorrentemente grelhagens cerâmica, funcionando como transparentes separadores, e estruturas modulares curvas, para definir as zonas cobertas.» (retirado do livro <i>Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970</i> , p.226)	Ovar

Data	Acontecimento	Observações	Local
1952-59	Projecto Hotel Ritz, Lisboa, de Profírio Pardal Monteiro		Lisboa
1953	Projecto Bloco Costa Cabral, Rua da Costa Cabral, de Viana de Lima	«Inicialmente pensado como um conjunto de vários blocos, desenvolvia com sentido urbano as regras racionalistas e poderia ter representado na cidade do Porto o primeiro caso da grande escala moderna. Será apenas construído o bloco fronteiro à rua, modernamente recuado, criando um espaço verde de transição e protecção, assim separando peões e tráfego automóvel. (...)». (retirado do livro <i>Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970</i> , p.230) Classificado como MIP - Monumento de Interesse Público no site pode ser consultada a ficha: http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/328750/	Porto
1953-55	Projecto Bloco das Águas Livres, Lisboa, de Nuno Teorónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral		Lisboa
1953-59	Projecto Mercado de Vila da Feira, Vila da Feira, de Fernando Távora, Álvaro Siza, Fernando Lanhas e Alberto Neves	«No quadro da produção de prédios de rendimento em Lisboa durante a década de 50 constitui uma obra inovadora pelas soluções formais que desenvolve, pelas articulações tipológicas que propõe e pela proposta de ""cidade"" que equaciona. (...) Programática e formalmente inovadora, pensada como uma organização que se aproxima de uma pequena comunidade com serviços e espaços comuns, [...] propõem uma organização interna do fogo versátil, com um novo conceito mais informal de estar e receber. (...)» (retirado do livro <i>Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970</i> , p.234)	Vila da Feira
1953	IX CIAM	Classificado como MIP - Monumento de Interesse Público, consultar em http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/328059/	França
1954	Projecto Casa das Marinhas, Esposende, de Viana de Lima	«(...) O aproveitamento da morfologia do terreno, a inserção no contexto, definindo a frente de carácter urbano elevada sob plataforma em terraço fronteiriço à rua abrigando correnteza de lojas, refletem a ideia de criar um "lugar" em diálogo com o sítio e o castelo: "lá em cima e sempre presente". Se a construção parece remeter para os padrões do movimento moderno, a concepção global, organizada significativamente em torno de uma fonte que dá sentido ao pátio, representa uma evidente libertação dos princípios ortodoxos dos CIAM, propondo a noção de espaço aberto de acolhimento.» (retirado do livro <i>Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970</i> , p.238)	Esposende
1954-56	Projecto Edifício Parnaso, Rua Nossa Senhora de Fátima, de José Carlos Loureiro	Participam Viana de Lima, Fernando Távora, António Veloso e Arménio Losa. Realiza-se em Aix-en-Provence (França) dedicado ao estudo do "Habitat Humano"	Porto
1954-63	Projecto Pousada de São Teotónio, Valença do Minho, de João Andresen	«[...] não deixa dúvidas quanto à presença de uma dimensão nostálgica que a arquitectura sempre deixou nesta geração de arquitectos, mesmo antes da publicação do Inquérito a Arquitectura Popular Portuguesa.» (retirado do livro <i>Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970</i> , p.240)	Valença do Minho

Data	Acontecimento	Observações	Local
1954-64	Projecto Conjunto Hidroeléctrico do Douro Internacional, Picote, Miranda, Bemposta, de Archer de Carvalho, Nunes de Almeida, Rogério Ramos		
1955	Plano dos Olivais em Lisboa	«Na concepção do Plano de Olivais Norte, em Lisboa, operação destinada a albergar 8500 habitantes, retomam os princípios da Carta de Atenas. (...)» (FERNANDEZ, Sérgio, Percurso, Arquitectura Portuguesa 1930/1974, Faup publicações, 1988, p.113)	Lisboa
1955	Projecto: Posto Clínico de Negrelos		Santo Tirso
1955	Projecto: Posto Clínico de Santo Tirso		Santo Tirso
1956	X CIAM, Dubrovnik, tema do Habitat (participação portuguesa)	«Organizado pelo Team X , participam Viana de Lima e Fernando Távora. Apresentam o "Plano de uma Comunidade Rural", um projecto de aldeamento para a região de Bragança realizado com Lixa Filgueiras, em colaboração com Arnaldo Araújo, Carvalho Dias, Alberto Neves e o engenheiro Napoleão Amorim. O trabalho que terá então entusiasmado Aldo Van Eyck, decorre do "Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa", iniciado pelo sindicato Nacional dos Arquitectos no ano anterior e cujo resultado seria publicado em 1961 com o título Arquitectura Popular em Portugal. Távora integra a secção do CIAM destinada a desenvolver o conceito de "Cluster Planning".» (retirado do livro Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970, p.164)	Dubrovnik, Croácia
1956	Plano de Extinção da Ilhas do Porto, da qual fazem parte o projecto do Bairro da Pasteleira (600 fogos)	«Estado ou as autarquias, pressionados pelo grande défice de habitação social, défice esse que atinge, em 59, 360,000 fogos – número estimado por um grupo de trabalhos da Federação das Caixas de Previdência-Habitacões Económicas, de que fazem parte Teotónio Pereira e Silva Dias – ou pressionados pelos próprios investidores imobiliários, interessados em libertar os territórios centrais mais valorizados para neles construir edifícios compatíveis com mais altos rendimentos, o Estado ou as autarquias, dizíamos, serão forçados a encarar operações de alojamento de escala pouco habitual entre nós. Dar-se-á início, a partir de 55, em Lisboa, à operação dos Olivais e, no Porto, a partir de 56, ao Plano de Extinção das Ilhas.» (FERNANDEZ, Sérgio, Percurso, Arquitectura Portuguesa 1930/1974, Faup publicações, 1988, p.111)	Porto
1956-60	Projecto Quinta da Conceição, Matosinhos, de Fernando Távora		Porto

Data	Acontecimento	Observações	Local
1956-63	Projecto Hotel do Mar, Sesimbra, de Francisco Conceição Silva	«Projectado para se inserir na vila piscatória de Sesimbra, o Hotel do Mar adapta-se ao acidentado do terreno e ao aglomerado urbano já existente, implantando-se no terreno virado a sudoeste, como se de um anfiteatro se tratasse. A planta do edifício cria gradações de corpos quase alveolares numa alternância de volumes onde jogam os quartos, piscinas e jardins suspensos. (...) Numa linguagem moderna que busca a resposta de uma unidade de lazer, este edifício foi pioneiro na construção hoteleira da segunda metade do século XX.» (retirado do livro <i>Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970</i> , p.254)	Sesimbra
1956-63	Projecto Casa de Chá, Matosinhos, de Álvaro Siza Vieira		Porto
31 Out. 1957	Comissão Municipal de Turismo de Vila do Conde	Tomada de posse de Germano de Castro Pinheiro como vogal na sequência da saída do Sr. Comandante Ramos Lopes;	Vila do Conde
1957-61	Projecto Escola Primária do Cedro, Vila Nova de Gaia, de Fernando Távora	«A Escola Primária do Cedro, idealizada por Fernando Távora, propõe a arquitectura como projecto de comunicação, pressupondo o encontro inevitável do autor e os condicionamentos concretos do lugar. Integrada na antiga Quinta do Cedro em Vila Nova de Gaia, a escola organiza-se tomando como centro axial o amplo corpo da sala polivalente, superiormente iluminada por um engenhoso sistema de captação de luz, simultaneamente de quadrantes opostos, que lhe confere grande expressão volumétrica e proporciona uma peculiar ambiência interior. (...)» (retirado do livro <i>Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970</i> , p.248)	Vila Nova de Gaia
1958	Revista <i>Arquitectura</i> nº62	Capa e Artigo do Centro Médico-Social de Negrelos do Arquitecto Germano de Castro Pinheiro	
1958	Projecto: C.S.P.P.I.T. Bloco Soares do Reis		Vila Nova de Gaia
1958-59	Projecto Federação da Caixa de Previdência, Barcelos e Vila do Conde, de Nuno Teotónio Pereira	«Das enunciações deixadas em suspenso no 1º Congresso Nacional de Arquitectura de 1948, surgia uma nova dimensão ética do exercício da profissão. Debatiam-se, então, na esteira da Carta de Atenas, temas de carácter social e repensavam-se os princípios de uma arquitectura que fosse capaz de dar resposta ao enunciado "problema da habitação", que assumira a sua verdadeira extensão após o inquérito às condições habitacionais, realizado com recenseamento populacional de 1950. / Eis a conjuntura em que o arquitecto Nuno Teotónio Pereira, funcionário da Federação das Caixas de Previdência, ensaiava, em 1958, novos esquemas habitacionais. No grupo de casa de renda económica que projecta para a cidade de Barcelos, toma como princípios regedores a orientação das casas, a independência dos fogos e a distribuição racional do espaço, optando por uma solução em banda, de baixa densidade de fogos sobrepostos, com entradas independentes, que ao provocarem descontinuidade na fachada nascente, garantem maior penetração de luz na habitação. / Na solução de Vila do Conde, recorre a duas tipologias de habitação: grupos de casas geminadas em banda, com sobreposição dos fogos em dois pisos e blocos de quatro pisos. / Em qualquer dos casos opta por uma abordagem humanizada do espaço, que nada retira do modelo dos grandes edifícios-máquina corbusianos, procurando, pelo contrário, privilegiar o que há de permanente ou recorrente na prática construtiva regional (...) e que é manifesta numa intuída identificação da arquitectura ao lugar.» (retirado do livro <i>Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970</i> , p.250)	Barcelos e Vila do Conde

Data	Acontecimento	Observações	Local
1959-69	Projecto Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, de Pedro Cid, Alberto Pessoa, Ruy Athouguia		Lisboa
1960-64	Projecto Auto-Silo, Porto, de Alberto Pessoa		Porto
1960	Coloquio os Problemas do Habitat	«Com a participação do sociólogo Pierre Chombart de Lawe. Analisam-se neste encontro as mais recentes intervenções no domínio da habitação social: o Plano de Extinção das “Ilhas” no Porto, o Plano dos Olivais-Norte em Lisboa e as obras da Previdência espalhadas pelo país, apontando vários tipos de organização de fogos e de morfologias urbanas, reequacionando-se os valores do quarteirão, dos blocos-torres, do sistema distributivo das galerias ou da tipologia tradicional da casa-pátio.» (retirado do livro Verdes Anos?) «É sobretudo Nuno Portas quem desenvolve os contactos com figuras destacadas das ciências sociais, nomeadamente com Imbert e mais tarde, com Heri Lefèvre (1901-1991) e Manuel Castels (1942-).» (retirado do livro Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970, p.166)	Lisboa
1960	Colaboração no escritório de Germano de Castro Pinheiro do arquitecto estagiário Alexandre Rodrigues		Porto
1960	Projecto: Casa do Castanhal		Matosinhos
1960	Projecto: Posto Clínico de Vizela		Vizela
16 Fev. 1960	Comissão Municipal de Turismo de Vila do Conde	Toma posse como vereador no lugar de Presidente da Comissão Municipal de Turismo;	Vila do Conde
1961	Projecto: Casa na Póvoa ao Mercado Municipal		Póvoa do Varzim
1961	Projecto da Faculdade de Economia do Porto, Porto, de Viana de Lima		Porto
1961	Projecto Estádio de Bagdade, Iraque, de Keil do Amaral e Carlos Manuel Ramos (a convite da fundação Calouste Gulbenkian).		Bagdade, Iraque

Data	Acontecimento	Observações	Local
1961	Projecto Convento das Irmãs Franciscanas de Calais, Gondomar, de Fernando Távora		Gondomar
1961	Início da Guerra Colonial		Portugal /África
1961	Publicação de Inquérito em dois volumes com o título "Arquitectura Popular em Portugal"	Proposto por José Huertas Lobo e Francisco Keil do Amaral num texto publicado em 1947 na revista Arquitectura: Revista de Arte e Construção editada pelo grupo ICAT.O inquérito abrangeu Portugal Continental dividido em seis regiões exploradas por equipas de três arquitectos.	Portugal
1961-66	Projecto de Leça da Palmeira, Leça da Palmeira, de Siza Vieira		Leça da Palmeira
1961-70	Projecto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa, de Nuno Portas e Nuno Teorónio Pereira, com Vasco Lobo, Vítor Figueiredo, Pedro Vieira de Almeida, Luís de Almeida Moreira, Luís Vassalo Rosa, Duarte Cabral de Mello, Miguel Aragão, Júlio de Saint-Maurice e Michel Chalbert		Lisboa
1962-66	Projecto Centrodo Perpétuo Socorro, Porto, de Luís Cunha e Vasco Macieira Mendes		Porto (Rua de Costa Cabral)
1963	Projecto: C.I.C.T.M. Quintas e Quintas		Póvoa do Varzim
1964	Comissão Local Vilacondense	Convite dirigido a Germano de Castro Pinheiro a presidir a esta Comissão que pretendia levar a cabo melhoramento na vila. Não existe mais registo para além do pedido de parecer à Comissão de Turismo sobre este assunto e sua conveniência.	Vila do Conde
1965-69	Projecto Edifício Franjinhas, Lisboa, de Nuno Teorónio Pereira e João Braula Reis		Lisboa
1967	Projecto: Centro Paroquial de Caxinas		Vila do Conde
1968	Projecto: Igreja do Rio Mau		Vila do Conde

Data	Acontecimento	Observações	Local
1968	Entrada do filho homónimo do arquitecto para o escritório.		
1969	Projecto: Casa na Póvoa II		Póvoa do Varzim
1969	Morre o arquitecto Carlos Ramos		
1971	Projecto: Bloco Habitacional (clientes: Maria Costa e Mariana Brandão)		...
3 Jun. 1971	Comissão Municipal de Turismo de Vila do Conde	Data da última acta em que Germano de Castro Pinheiro participa ainda como Presidente, e a partir da qual se verifica uma interrupção ou modificação na actividade da Comissão que se prolongou até ao dia 3 de Janeiro 1977, data em que são retomados os registos já sobre Presidência do Dr. António José de Lima Saraiva Dias (possivelmente devida às alterações do regime político em Portugal).	Vila do Conde
1972	Fim do programa de Habitações Económicas, promovido pela Caixa de Previdência.		
1972	Projecto: Café Bar Maresia		Póvoa do Varzim
1973	Projecto do Bairro da Quinta da Malagueira, Évora, de Álvaro Siza	Fundo de Fomento à Habitação	Évora
1973	Projecto: Centro Paroquial (reabilitação de edifício)		Vila do Conde
1974	Projecto: Habitação Manuel Rodrigues Mendes		...
1974	Projecto: Armazém União Fruteira Portuguesa		Lourinhã

Data	Acontecimento	Observações	Local
1975	Morre o arquitecto Francisco Keil do Amaral		
1978-83	Projecto: Loteamento		Vila do Conde
1979-2000	Projecto: Irque, blocos habitacionais		Póvoa do Varzim
1979	Projecto: Habitação e Consultório		...
1980-86	Projecto: Supermercado Vilares		Porto
1981	Projecto: Superminho		Braga
1981	Projecto: Habitação Manuel António Oliveira		...
1981	Projecto: Habitação Rodrigo Almeida		Vila do Conde
1982	Projecto: Habitação Rodrigo Almeida		Vila do Conde
1982	Projecto: Habitação Manuel Rocha		Gondomar
1983	Projecto: Habitação José Acciaiuoli Catalão		Porto
1983	Projecto: Habitação Graciano e Álvaro Lima Quintas		Póvoa do Varzim
1984	Projecto: Habitação Alímpio Monte		Póvoa do Varzim
1985	Projecto: Habitação Carlos Graça e Acácio Lobo		Vila Nova de Gaia
1986	Projecto: Habitação Francisco Silva		Barcelos
1992	Falecimento de Germano de Castro Pinheiro	Falece em Vila do Conde, vila onde estabeleceu a sua morada.	Vila do Conde
2002	Guia de Arquitectura Moderna do Porto	Integrado o projecto C.S. P.I.T. São Mamede da autoria de Germano de Castro Pinheiro.	Porto

Material Arquivo

Ref.	Nome	Peças Desenhadas						Peças escritas	Fotos actuais		Fotos época		Outras referências	
		Planos	Cortes	Alçados	Perspectivas	Unidades	N.º Peças Desenhadas		Unidades	Unidades	Unidades			
	Processo de Aluno ESBAP							Fichas de inscrição; Certificado de nascimento; Certificado de exames; Pedido de admissão; Matrículas; Pedido de Tirocínio; Programa de CODA; Certificado de Estágio; Pedido de Diploma;	29			1	_Arquivo de Belas-Artes	
	Comissão de Turismo de Vila do Conde							Actas das Reuniões					Arquitecto Germano pertenceu a esta comissão enquanto vogal, e a partir de 1960 como presidente.	
0503	Casa de Chá Bom Doce	1	5	4	0	10	3	Livro de inauguração da obra; Requerimento para construção (ampliação); Memória Descritiva (Cassiano Barbosa)	72	exterior	5	exterior interior construção	3 3 1	_Recorte de Jornal _Projecto de ampliação do Arquitecto Cassiano Barbosa (ano 1968)
0501	Posto de Turismo (Casa Bento Amorim)	4	1	5	0	10	2			exterior	6	exterior	1	_Alguns elementos cedidos pelo Arquivo Centro de Memória do processo PO S/Nº 1939 _ACTAS da Comissão de Turismo a que presidiu Germano de Castro Pinheiro
0502	Pensão Pão de Açúcar	10	1	0	0	11	11	Memória Descritiva; Requerimento	9	exterior interior	8 9			
0594	Lino Alves Oliveira	3	1	1	0	5	2	Requerimento; Caderno de Encargos; Memória Descritiva	6					
0595	Manuel António Santos	1	1	3	0	5	1	Requerimento; Caderno de Encargos; Memória Descritiva	5					
0596	Confeitaria Pinto	2	1	1	0	4	1	Requerimento; Caderno de Encargos; Memória Descritiva	4					
0597	José Moreira Guimarães	2	2	3	0	7	2	Aditamento; Requerimento						
0598	Manuel Gonçalves de Azevedo	4	2	4	0	10	2	Requerimento; Memória Descritiva; Pedido de Licença	3					
0599	Esmeralda de São José da Silva	1	1	1	0	3	1	Requerimento	2					
0600	Porfírio Francisca Nunes	3	1	1	0	5	1	Requerimento; Caderno de Encargos	3					
0601	Sociedade Belamar Lda.	2	2	2	0	6	3	Requerimento; Caderno de Encargos	3					
0602	Fábrica de Chocolates Imperial Lda.	2	2	5	0	9	2	Requerimento; Caderno de Encargos; Memória Descritiva	6					
0603	José Azevedo Maia	2	1	4	0	7	2	Memória Descritiva; Correspondência com a Câmara	4					
0604	Silva e Moreira	2	1	3	0	6	1	Memória Descritiva; Caderno de Encargos;	7					
0605	Herdeiros de José Luiz Cardoso	3	2	1	0	6	1	Requerimento; Caderno de Encargos; Memória Descritiva	8					
0606	José de Sousa Ramos	3	1	3	0	7	5	Requerimento; Caderno de Encargos; Memória Descritiva	15					
0607	Casa António Francisco de Oliveira	1	0	4	0	5	1	Requerimento; Memória Descritiva	3				_Arquivo Centro de Memória PO 240.1949	
0504	Bloco Miguel Bombarda	11	5	7	4	27	15	Requerimento; Termo de Responsabilidade; Memória Descritiva	7	exterior interior	9 8	pré-existência	1	_Alguns elementos cedidos por Arquivo Geral do Porto, Licença de obra nº495/1952 e 265/1965
0505	Blocos Nova Sintra	39	7	28	0	74	34	Memória Descritiva	5			pré-existência	1	_Alguns elementos cedidos por Arquivo Histórico do Porto, Processo nº 8.322/51
0562,2	Casa Pedro Hispano 2	7	2	3	0	12	4	Memória Descritiva	5					_Elementos cedidos pelo Arquivo Geral do Porto
0608	A. Ferreira e Barreto					0	0							
0609	Posto Abastecedor de Gasolina	2	1	4	0	7	1	Requerimento; Memória Descritiva	3					_Arquivo Centro de Memória PO 218.1950
0610	Artur Ribeiro Lopes	0	0	0	0	0	0							_Arquivo Centro de Memória PO 4445.1950
0636	José Monteiro de Oliveira	2	1	2	0	5	2	Requerimento; Memória Descritiva	3					_Arquivo Centro de Memória
0506	Bairro São Mamede	27	10	14	0	51	12							_Guia de Arquitectura Moderna do Porto (F.F e M.Cannatá), projecto nº 38 _Reabilitação de fogos pela MatosinhosHabit
0507	Colónia Balnear	2	0	0	3	5	2							_Alguns elementos cedidos pelo Arquivo Centro de Memória

Ref.	Nome	Peças Desenhadas						Peças escritas	Fotos actuais		Fotos época		Outras referências
		Planos	Cortes	Alçados	Perfis	Unidades	N.º Peças Desenhadas		Unidades	Unidades	Unidades	Unidades	
0590	João Morais Almeida	4	4	2	0	10	6	Centro de Memória de Vila do Conde no processo PO 506/61 e PO 506/51					
0611	Casa Bento dos Reis Pinheiro	2	1	2	0	5	1	Requerimento; Memória Descritiva	3				_Arquivo Centro de Memória PO 186.1951
0561	Escadas Praça São João	4	5	1	0	10	3						_Alguns elementos cedidos pelo Arquivo Centro de Memória
0588	Casa António Ferreira da Costa	2	1	4	0	7	2						_Arquivo Centro de Memória
0612	Casas Felismina das Dores da Costa Nunes Bastos e Anibal P. Leite Bastos	5	2	5	0	12	2	Requerimento; Memória Descritiva	6				_Arquivo Centro de Memória PO 20.1953 e PO 321.1952
0613	Serafim Moreira Ramos	2	1	2	0	5	1	Requerimento; Memória Descritiva	3				_Arquivo Centro de Memória PO 143.1953
0614	Casa João Ferreira Terroso	2	1	3	0	6	1	Requerimento; Memória Descritiva	3				_Arquivo Centro de Memória PO 46.1954
0615	Casa Balbina Rosa de Jesus	2	1	3	0	6	1	Requerimento; Memória Descritiva	3				_Arquivo Centro de Memória PO 137.1954
0616	Casa Artur Ferreira da Costa	3	1	4	0	8	1	Requerimento; Memória Descritiva	2				_Arquivo Centro de Memória PO 140.1954
0617	Brazelina da Costa e Silva					0							
0508	Posto Clínico Santo Tirso	8	3	9	0	20	17						_CODA de Eduardo Figueirinhas (Arquivo FAUP)
0509	Posto Clínico de Negrelos	9	1	14	4	28	12						_Revista Arquitectura nº62, Setembro 1958 (Capa+Artigo página 24-29) _Entrevista Arq. Nuno Portas
0572	Casa Germano de Castro Pinheiro	3	0	3	0	6	1	Memória Descritiva; Pedido de licença; Termo de Responsabilidade; Comunicações com Câmara (total c/16 pág. A4)	9		interior exterior	1 3	_Alguns elementos cedidos pelo Arquivo Centro de Memória do processo PO 210/72
0618	Victor Manuel Torres Pedras	0	0	0	0	0							
0619	Mateus Francisco Milhazes	1	1	3	0	5	2	Memória Descritiva e Requerimento	3				
0620	Dario Valongueiro	2	1	4	0	7	1	Memória Descritiva e Requerimento	3				
0621	Arminda Ferreira da Costa	2	1	4	0	7	1	Memória Descritiva e Requerimento	2				
0510	Casa José Rocha Silva	6	3	7	0	16	6						_Processo nº 67410 Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner
0585	Arranjo do Adro da Igreja de Balasar	3	3	2	1	9	8	Memória Descritiva (s/d) c/54 pág. A4	1				_Capa nº8 de Processos Antigos
0622	António Vaz	2	1	2	0	5	1						
0623	José Moreira Maciel	1	1	2	0	4	1	Memória Descritiva e Requerimento	4				
0511	Bloco Soares dos Reis	6	2	9	2	19	10						_Processo nº72453 Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner
0624	Maria Laura Dias de Azevedo Machado	2	1	4	0	7	4	Memória Descritiva e Requerimento	3		EXTERIOR	2	
0625	Angelina Gonçalves Ferreira Lopes	2	0	1	0	3	1	Memória Descritiva e Requerimento	4				
0626	Adelina Gomes Saraiva	3	1	1	0	5	1	Memória Descritiva e Requerimento	2				
0627	Francisco André Ferreira	1	1	1	0	3	1	Memória Descritiva e Requerimento	2				
0628	Mário Diogo Ferreira André	1	1	2	0	4	1	Memória Descritiva e Requerimento	3				
0629	Joaquim Gomes de Oliveira	1	0	4	0	5	1	Memória Descritiva e Requerimento	3				
0630	Rosa da Conceição Pinho	1	1	4	0	6	3	Memória Descritiva e Requerimento	3				
0631	Manuel Vinhas de Oliveira	1	0	4	0	5	1	Memória Descritiva e Requerimento	3				
0632	António Eusébio Frasco e Sebastião da Silva Frasco	2	0	3	0	5	1	Memória Descritiva e Requerimento	3				
0633	Maria Gavina Gonçalves	2	1	1	0	4	1	Memória Descritiva e Requerimento	3				
0634	Carlos Pinto Ribeiro	1	0	4	0	5	1	Memória Descritiva e Requerimento	3				
0635	José Joaquim Eusébio Júnior	0	0	0	0	0	0						
0512	Posto Médico de Vizela	2	2	2	1	7	6			exterior interior	9 3	exterior	2

Ref.	Nome	Peças Desenhadas					Peças escritas		Fotos actuais		Fotos época		Outras referências
		Planos	Cartes	Alçados	Perspetivas	Unidades	N.º Peças Desenhadas	Unidades	Unidades	Unidades	Unidades		
0513	Casa do Castanhal	12	5	7	1	25	23				exterior interior	6 2	_CODA de Alexandre Rodrigues (Arquivo FAUP, Classificação final de 18 valores) Júri: Arq. Carlos Ramos; Arq. Filgueiras; Arq. Viana de Lima _Entrevista ao Arq. Alexandre Rodrigues
0637	Albano dos Santos Pereira Ramos	3	1	2	0	6	1	Memória Descritiva e Requerimento	3				
0638	Manuel Teixeira Fontainhas	2	1	2	0	5	1	Memória Descritiva e Requerimento	1				
0639	Albina Ferreira da Costa e Silva						0						
0640	Edmundo Augusto Carneiro						0						
0514	S.M.S. Beja	7	1	5	1	14	13						
0515	Casa A.A.A. Quintas	3	0	3	0	6	2			exterior	11		
0589	Olívia Pereira de Carvalho	3	2	3	0	8	1						
0589	Olívia Pereira de Carvalho	3	2	3	0	8	1						
0641	Póvoa Exportadora Lda.						0						
0642	Zacarias da Silva Pereira						0						
0643	António Gomes Moreira						0						
0644	António Gomes Marafona						0						
0645	Fernando Sobral de Sousa						0						
0646	Firma Gavina da Silva						0						
0647	Reinaldo Graça da Silva						0						
0648	Claudino da Cruz Viana						0						
0649	António Gonçalves Torres (repetido no ON-0672)						0						
0650	José Martins Neves						0						
0651	Albano Ramos						0						
0652	Luis Francisco da Costa						0						
0653	Joaquim Alves da Silva						0						
0654	Raul Tavares						0						
0655	Vicente Gomes Marafona						0						PO 1065A.1961
0581	Casa António Carvalho Nunes	3	1	3	1	8	2						
0656	Manuel de Jesus Bicho						0						PO 128.1962
0657	Jerónimo do Carmo Bicho						0						PO 130.1962
0658	Manuel de Azevedo Torres						0						PO 154.1962
0659	Joaquim Alves da Silva						0						PO 155.1962
0660	António Fernandes Terroso						0						PO 157.1962
0661	Fernando Manuel Soares Ramos						0						PO 237.1962
0662	Brizida Maria Marques Moita						0						PO 405.1962
0663	Armindo Milhazes Postiga ou Almeida Milhazes Postiga						0						PO 406.1962
0664	Maria Arminda Pontes Costa Cardoso Silva e Outros						0						PO 441.1962
0665	Manuel de Azevedo Torres						0						PO 442.1962
0666	José Gonçalves Ramos						0						PO 443.1962
0667	António Vaz						0						PO 444.1962
0668	Maria do Resgate Vaz						0						PO 445.1962
0669	António Vianez						0						PO 516.1962
0670	José Jesus de Braga						0						PO 517.1962
0671	Luis Fernandes Caseira						0						PO 643.1962

Ref.	Nome	Peças Desenhadas					Peças escritas		Fotos actuais		Fotos época		Outras referências	
		Planos	Grifes	Alçados	Perfis	Unidades	N.º Peças Desenhadas	Unidades	Unidades	Unidades	Unidades			
0672	António Gonçalves Torres (repetido no ON-0649)					0							PO 708.1962	
0673	Diamantino Filipe Ramos					0								
0674	Bernardino Rodrigues Maio					0							PO 727.1962	
0675	António Luis Alves das Neves					0							PO 1012.1962	
0676	Manuel Pereira de Araújo					0							PO 1022.1962	
0677	é o mesmo que 0581					0							PO 1754.1962	
0678	José Ribeiro de Almeida					0							PO 4134.1962	
0516	Bairro Operário Quintas e Quintas	20	6	24	2	52	36	Acta de Reunião; Memória Descritiva; Cálculos; Comunicações com a Câmara (total c/21 pág. A4)	8	exterior	9	exterior	9	_Capa nº12 de Processos Antigos
0679	António Carvalho Nunes					0							PO 11.1963	
0680	José Furtado Ferreira					0							PO 40.1963	
0681	Manuel Coentrão Viana					0							PO 178.1963	
0682	José Macieira Milhazes					0							PO 179.1963	
0683	Manuel José da Conceição Cruz					0							PO 489.1963	
0684	Marília Ferreira Campos					0							PO 655.1963	
0685	Francisco Gomes Laranjeira					0							PO 658.1963	
0686	João da Alívia Cascão					0							PO 476.1963	
0687	Fernandino da Cunha Castro Duque					0							PO 488.1963	
0688	Fernando da Costa Serrão					0							PO 776.1963	
0554	Bloco Maria Isabel Couto	0	0	0	0	0	0							
0560	S.M.S. Vila do Conde	3	7	7	0	17	8				exterior	1	_Alguns elementos cedidos pelo Arquivo Centro de Memória no processo PO 170/64	
0689	António Augusto Monteiro					0							PO 689.1964	
0690	José Pontes Maravalhas					0							PO 692.1964	
0691	Isabel Braga da Cunha					0							PO 316.1964	
0692	Victorino Gomes de Azevedo					0							PO 815.1964	
0693	Manuel da Agonia Nunes Pontes					0							PO 874.1964	
0694	António José de Sousa Pereira					0							PO 256.1964	
0521	Posto Médico Póvoa de Varzim	2	4	7	1	14	16	Memória Descritiva		exterior interior	4 2			
0522	Sede Caixa Sindical Viana do Castelo	2	4	7	1	14	9							
0523	Edifício Habitacional Maria Costa e Mariana Brandão	5	9	3	0	17	10							
0524	Balcão Caixa Previdência do Porto	2	8	5	0	15	6							
0525	Café, Bar e Piscina Maresia	13	14	17	2	46	18	Memória Descritiva	8	exterior	7			
0526	Centro Paroquial de Vila do Conde	16	11	10	0	37	18							
0527	Casa Póvoa II	0	0	0	0	0	0			exterior interior	13 16	exterior	1	
0528	Casa Fernando Pereira	6	9	12	0	27	8							
0529	Casa Rui Faria	9	2	10	0	21	8			exterior interior	21 38			
0530	União Fruteira Portuguesa	4	5	11	0	20	12							
0531	Casa Manuel R. Mendes	2	2	3	0	7	1							
0532	Casa José Abel Nogueira	10	8	4	0	22	68				exterior	2	_Capa nº4 Processos Antigos Quarenta e nove das Peças Desenhadas são pormenores	

Ref.	Nome	Peças Desenhadas						Peças escritas		Fotos actuais		Fotos época		Outras referências	
		Planos	Cartes	Alçados	Perspetivas	Unidades	N.º Peças Desenhadas			Unidades	Unidades	Unidades			
0533	Loteamento Manuel Morais e Irmãos	5	1	3	0	9	5								
0534	Casa e Consultório Duarte Bompastor	10	2	6	0	18	4								
0535	Casa Manuel Paralvas	5	3	5	0	13	4								_Alguns elementos cedidos pelo Arquivo Centro de Memória no processo PO 185/1979
0536	Remodelação Casa Francisco Quintas	1	2	1	0	4	1								
0537	Casa Manuel Quintas	40	24	46	0	110	46	(total c/57pág. A4)							
1006	Blocos Irque	29	12	23	2	66	110								
1083	Supermercados Villares	24	18	6	2	50	33	Memória Descritiva; Pedido de Licença; Termo de Responsabilidade	4			exterior	2		_Capa nº13 de Processos Antigos
1011	Superminho	27	17	15	4	63		Memória Descritiva (1971)	1						
0538	Casa Rodrigo Almeida	8	1	2	0	11	3								_Nº de Processo no Arquivo Centro de Memória: PO 449/77
0539	Casa Manuel A. Oliveira	5	5	3	0	13	3								
0579	Casa Alberto Queiroga Figueiredo	3	3	2	0	8	5								_Capa nº1 de Processos Antigos Mais vinte e cinco Peças Desenhadas relativas a Pormenores e Saneamento
0587	Casa Fernando Costa	4	2	3	0	9	3	Memórias Descritivas (total c/8 pág. A4)	1						_Capa nº 9 de Processos Antigos Mais seis Peças Desenhada relativas a saneamento e abas. de águas
0540	Casa Manuel Rocha	5	2	6	0	13	4								
0541	Casa Laurindo Ferreira	3	1	2	0	6	2	Pedido de licença; Termo de Responsabilidade	2						_Capa nº8 Processos Antigos
0542	Casa Maria Glória Ferreira	2	2	4	0	8	1								
0543	Edifício Rua Marchal Saldanha	18	3	11	1	33	26			exterior interior	11 16				
0544	Casas Graciano e Álvaro Quintas	19	7	16	0	42	34	Memória Descritiva; Aditamento	11						_Dezassete Peças Desenhadas relativas a Pormenores, Águas e Saneamento
0545	Casa José Eduardo Gomes de Sá	2	2	6	1	11	6	Memória Descritiva	2						
0546	Casas Carlos Graça e Acácio Lobo	7	2	6	0	15	3	Deferimento; Termo responsabilidade; Memória Descritiva; Orçamento	4						_Capa nº 6 de Processos Antigos
0566	Habitções António Gonçalves Gomes	6	0	7	1	14	12								
0592	Casa Antonieta Cunha	11	7	10	0	28	12								
0547	Casa Francisco Silva	3	2	4	0	9	3								
0548	Habitções Camilo Oliveira ??	6	2	2	1	11	6								
0552	Casa Póvoa III	3	3	4	0	10	3			exterior	1				_Capa nº4 Processos Antigos
0549	Impetus	20	19	15	2	56	32	Memória Descritiva; Orçamento; Engenharias; Correspondência com a Câmara (total c/20 pág. A4)	8	exterior interior	34 27				_Capa nº3 de Processos Antigos
0593	Fábrica de Confeções Póvoa	0	0	0	0	0	0			exterior	29				
0550	Cabeleireiro					0	0			exterior interior	1 2				
0551	Casa Póvoa de Varzim	0	0	0	0	0	0			exterior	4				
0553	Clube Desportiva da Póvoa	0	0	0	3	3	3								
0555	Estádio Varzim Sport Club	0	0	0	0	0	0			exterior	8				
0556	Fábrica Póvoa	0	0	0	0	0	0			exterior	2				
0557	Póvoa Mar	2	4	2	0	8	6								
0559	S.M.S. São João da Madeira	5	6	4	0	15	9								
0562,1	Casa Pedro Hispano 1	0	0	0	0	0	0			exterior	1				
0563	Casa Manuel Bragança	3	2	8	0	13	3								
0564	Casa Manuel Linhares	0	0	0	0	0	0			exterior	6				

Ref.	Nome	Peças Desenhadas						Peças escritas	Unidades	Unidades	Unidades	Unidades	Unidades
		Planos	Grifes	Alçados	Perfis	Unidades	N.º Peças Desenhadas						
0565	Edifício Manuel Figueiredo Flores	2	2	4	0	8	4						
0567	A.M.S.G. ??	5	2	2	0	9	5						
0568	Casa Álvaro Bouça	5	1	2	0	8	3						
0569	Casa Aparício Quintas	11	4	12	0	27	20	(total c/12 pág. A4)					_Capa nº2 de Processos Antigos
0570	Casa Ary Almeida Costa	4	1	4	0	9	2						
0571	Casa Dr. S.A.	4	0	0	0	4	1						
0573	Casa João Almeida	3	2	4	0	9	4						
0574	Casa José Costa Linhares	4	2	3	0	9	5						
0575	Jazigo	0	0	0	0	0	0		exterior	8			
0576	Garagem de Linhares	0	0	0	0	0	0		exterior	26			
0577	Clinica Matosinhos	0	1	4	0	5							
0578	Casa José Silva Duarte	3	2	4	0	9	5						
0580	Casa Cândido A. Miranda	6	4	4	0	14	5	Memória Descritiva; Pedido de licença; Termo de Responsabilidade; Orçamento; Ficha técnica; Caderno de encargos etc. (total c/54 pág. A4)	16				_Capa nº2 de Processos Antigos
0582	Casa Artindo F. de Sousa	3	3	1	0	7	1						
0583	Arranjo Praia Vila do Conde	5	1	2	2	10	7						
0584	Casa Marques de Sá	3	0	3	0	6	2						
0591	Loja de Fotografia Carlos Adriano	1	1	4	1	7	6						
						Total: 11817	Total: 971				Total: #	Total: 31	Total: 2

